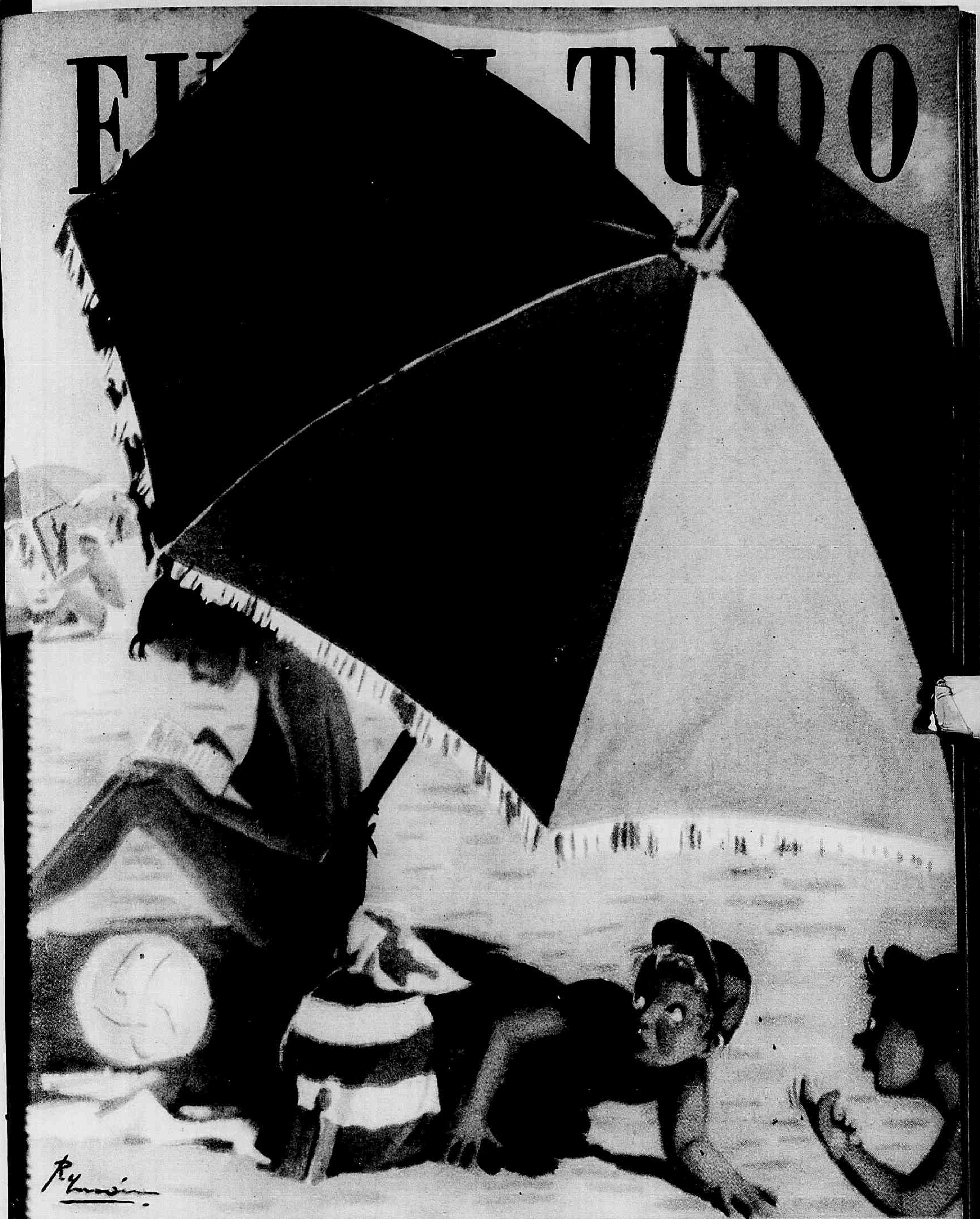
1954

NOVEMBRO - N.450

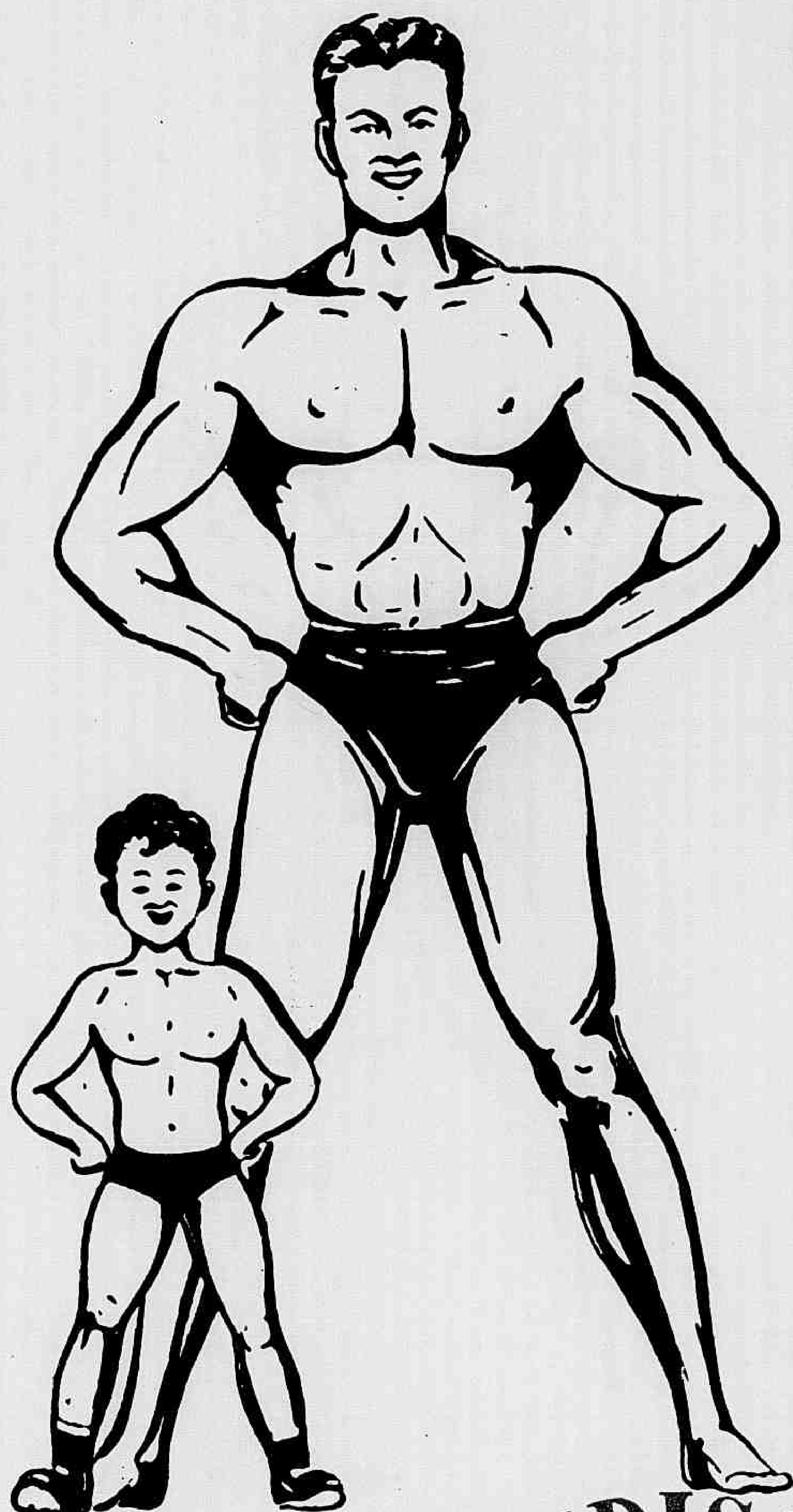




INIMIGOS INVISÍVEIS: OS VIRUS ★ A MULHER É MAIS FIEL QUE O HOMEM? ★ A EUROPA MUDARÁ DE CLIMA.



ARROZINA



O alimento ideal dos bebês



JÁ ALIMENTOU DUAS GERAÇÕES DE CAMPEÕES



Encontra-se ARROZINA em tôdas as farmácias e drogarias do Brasil



Instituto Dietético Infantil S.L.

FÁBRICA: AV. ODILA, 1549 - Cx. Postal, 4334 - ESCRITÓRIO: R. MARIA PAULA, 136
FONE: 33-4263 - SÃO PAULO ★ FILIAIS NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL

REPRESENTANTES:

RIO DE JANEIRO
Rua do Lavradio, 178-A
BAHIA — SERGIPE
Rua Júlio Adolfo, 3 — 2.º (Salvador)
PERNAMBUCO — PARAÍBA — R. G. NORTE
ALAGOAS
Rua Velha, 56 (Recife)
CEARÁ
Rua General Sampaio, 1.075 (Fortaleza)

PIAUÍ — MARANHÃO
Rua General Sampaio, 1.301 (Fortaleza)
PARÁ
Rua 28 de Setembro, 63 (Belém do Pará)
AMAZONAS
Rua Marcílio Dias, 226 (Manáus)
RIO G. DO SUL
Rua Luiz Afonso, 300 (Pôrto Alegre)
MINAS GERAIS
Rua Acre, 114 (Belo Horizonte)



insinuante troca ou devolve a importancia com o mesmo sorriso com que lhe vende.

177 — Cr$ 300,00. — Lindo sapato de camurça preta com verniz. Um deslumbramento!

178 — Cr$ 398,00. — Belíssimo sapato com plástico vidrado e pelica ouro, salto de alumínio. Uma maravilha!

179 — Cr$ 300,00. — Belo sapato de pelica envernizada. Um encanto!

Remetemos para todo o Brasil.
Porte por par: Cr$ 10,00.
Não fazemos reembôlso postal.

insinuante
É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA SEMPRE AS SUAS ORDENS.

RUA DA CARIOCA, 46-48
SETE DE SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. À natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.



COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS



RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelos telefones 20, 4 e 29. Aguas da Prata é servida pelas magníficas emprêsas de ônibus EXPRESSO BRASILEIRO VIAÇÃO LTDA. e VIAÇÃO COMETA S. A.

DESCONTO ESPECIAL DURANTE OS MESES DE MAIO A DEZEMBRO



EXCELENTE BAR



AMPLA VARANDA



SALAO DE REFEIÇÕES

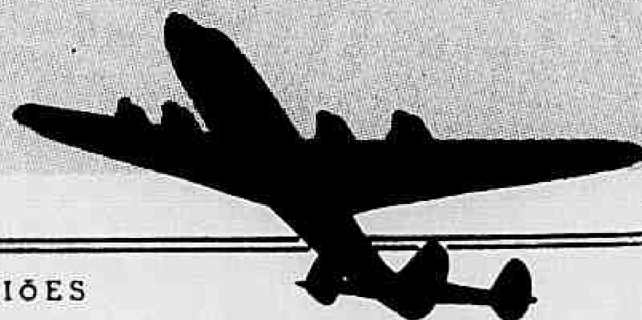




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas via São Paulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas via B. Horizonte

(do aeroporto a Aguas da Prata em 30 minutos de automóvel)

NOTAVEL!

O ANUÁRIO do ESPORTE Ilustrado







Cr$ 20,00





1951

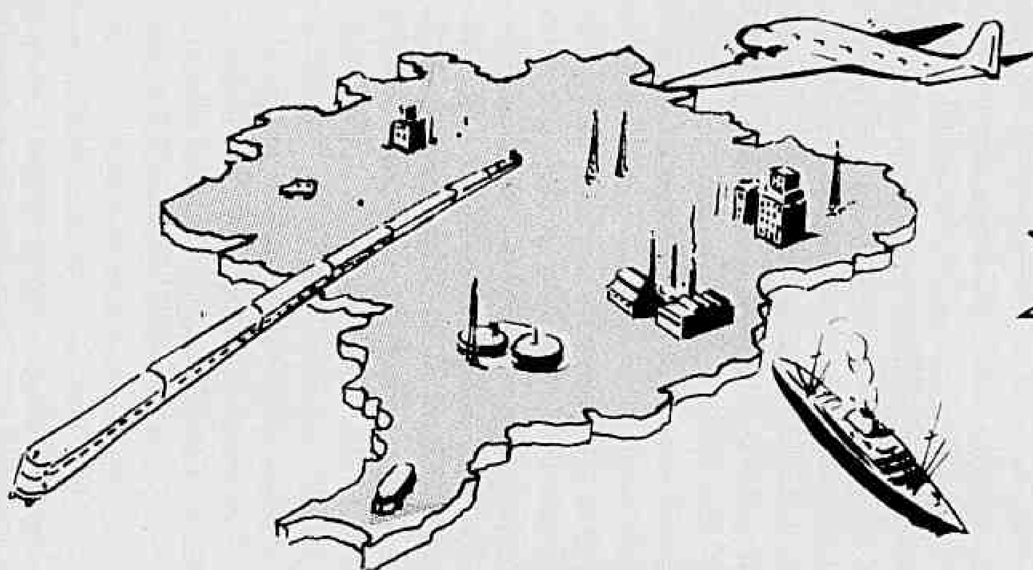
1952

1953

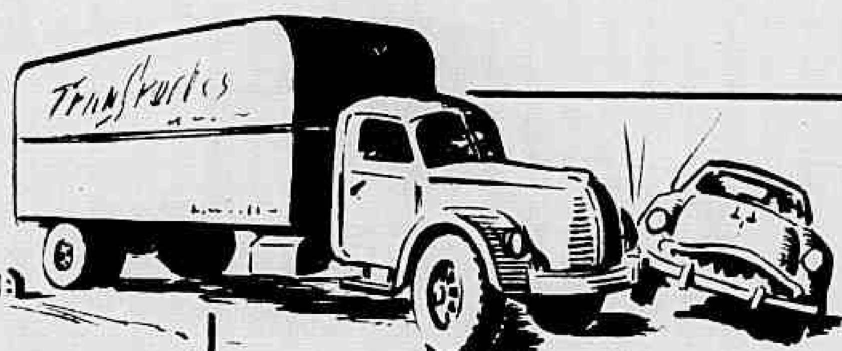
1954

A VENDA EM TODO O BRASIL

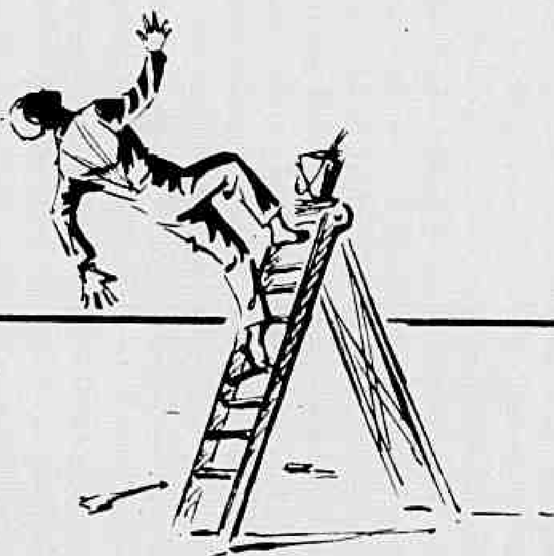
A FORTALEZA
COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS



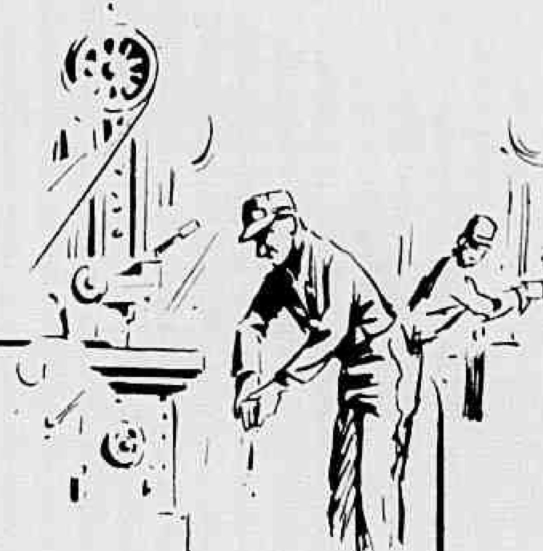
TRANSPORTE



AUTOMÓVEIS



ACIDENTES PESSOAIS



ACIDENTES DO TRABALHO



INCÊNDIO



CASCOS

SÔBRE TODOS NÓS...

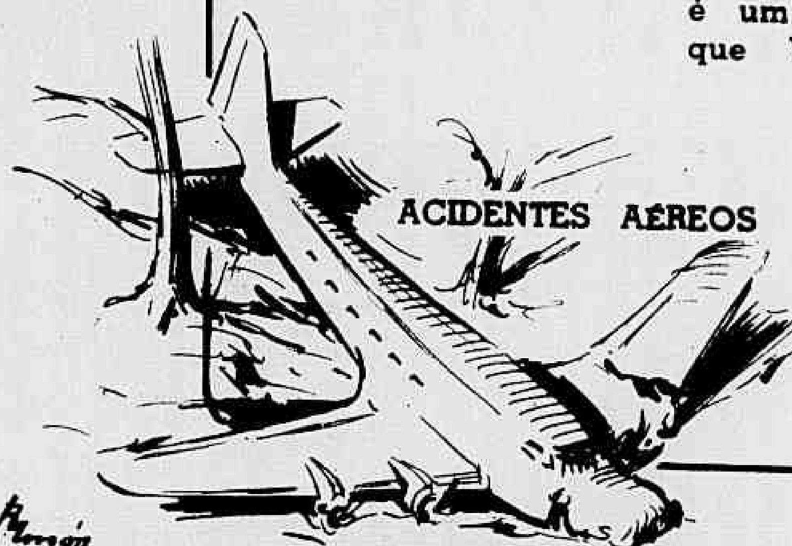
...como a espada de Dámocles, pesam as incertezas do destino... mas quando a Fatalidade quiser desferir golpes contra a sua pessoa, contra os que dependem de suas atividades ou danificar seus bens... defenda-se com apólices de "A FORTALEZA" — companhia que opera com eficiência e idoneidade — e que lhe garante **pronta liquidação dos sinistros, sempre em dinheiro à vista e sem desconto.**

"A FORTALEZA"

JÁ INDENIZOU A VÁRIOS DE SEUS SEGURADOS, COM DESEMBARAÇO E RAPIDEZ, EM MAIS DE

Cr$ 120.437.248,80

Uma apólice de seguro de "A FORTALEZA" é um título de garantia e previdência que V. S. deve adquirir hoje mesmo.



ACIDENTES AÉREOS



LUCROS CESSANTES



RESPONSABILIDADE CIVIL

Capital e reservas mais de Cr$ 30.000.000,00

SEDE
RUA DA ASSEMBLÉIA Nº 72 — 5º Pavimento — Telefone: 32-6868 — RIO

SUCURSAL DE SÃO PAULO
RUA BARÃO DE PARANAPIACABA, Nº 24 — 6º Andar

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO, ARTISTICO, HISTORICO E LITERARIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Publicidade: — J. M. Costa Júnior, L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Publicidade em S. Paulo: W. Farinello, Rua S. Bento, 220 — 3º andar — Telefone: 2-1512. Distribuição e venda em São Paulo: Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 50,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

Aventura À MEIA-NOITE



Uma** lenda **dizia que havia um tesouro** enterrado **na ilha. Mas o tesouro que ali encontraram Tom e Bárbara foi ainda mais precioso que o dinheiro!

Conto de HERBERT DALMAS

NO seu último dia em Northport, que tinham escolhido para passar as férias, Tom e Bárbara levaram alguns sanduíches para o promontório que favorecia uma linda vista sôbre a baía e Bárbara ficou observando em silêncio, enquanto Tom terminava o quadro a óleo, iniciado três dias antes. A tarde era maravilhosa — suave, azul e ouro. Meia dúzia de pequenas embarcações pontilhavam a água tranquila; cêrca de meia milha além, a ilha de Palev, com a sua cabana semi-desmoronada, formava uma saliência verde e granito na superfície do mar.

Depois do ligeiro lanche, conversaram. Tinham feito isso muitas vêzes — desde o instante em que se haviam encontrado na agência dos correios, três dias depois da chegada de Tom ao lugarejo. Seus olhares se encontraram e quase imediatamente entraram a conversar, um com o outro, como se fôssem velhos conhecidos.

Agora, limpando os dedos da gordura do sanduíche, Tom dizia:

— Mas, ainda não nos conhecemos bastante. O casamento, após tão pouco tempo, seria perigoso. Devemos dar tempo ao tempo... Só assim chegaremos a pesar a realidade e, então, o casamento será coisa sólida e perfeita.

— Compreendo — concordou Bárbara.

— Algumas vêzes, penso que sou ainda muito moço e por isso mesmo romântico. Não posso afirmar que isso seja realmente amor. Aconteceu... tão depressa... quase sem uma razão... como uma tempestade de verão...

Lançou um olhar esticado sôbre o mar, como alheio a tudo o que o cercava,

prisioneiro apenas dos seus próprios pensamentos.

— "... *embora uma linda tempestade"* — concluiu.

Bárbara tocou, de leve, numa de suas mãos, num gesto de entendimento, e êle sorriu.

— Além do mais — continuou — mesmo que já fôsse tempo de pedir você em casamento, ainda teria que lutar contra o meu orgulho. Porque a verdade é esta: poderíamos viver com o que ganho, imagino; mas, com todo o dinheiro que você tem, seria um disparate. E, se eu passasse a viver com o mesmo padrão de vida a que você está acostumada — e forçosamente graças a êsse dinheiro — eu não poderia ser feliz.

Bárbara, novamente, apenas com um movimento de cabeça, significou que concordava.

NÃO sei se você compreende — voltou êle a explicar. — De algum modo penso que cresci numa espécie de neurose. Não gosto do meu trabalho porque êle me afasta dos meus quadros — dos meus quadros, que são o que verdadeiramente desejo fazer. Ora, se você garantir minha existência, com o seu dinheiro, inevitàvelmente voltarei meu ressentimento para você. Assim é que trabalha o espírito humano!

— Sim — concordou Bárbara uma terceira vez.

Olhava agora para a ilha de Paley e seus grandes olhos azuis escuros ficaram imobilizados, enquanto ela pensava. Depois falou:

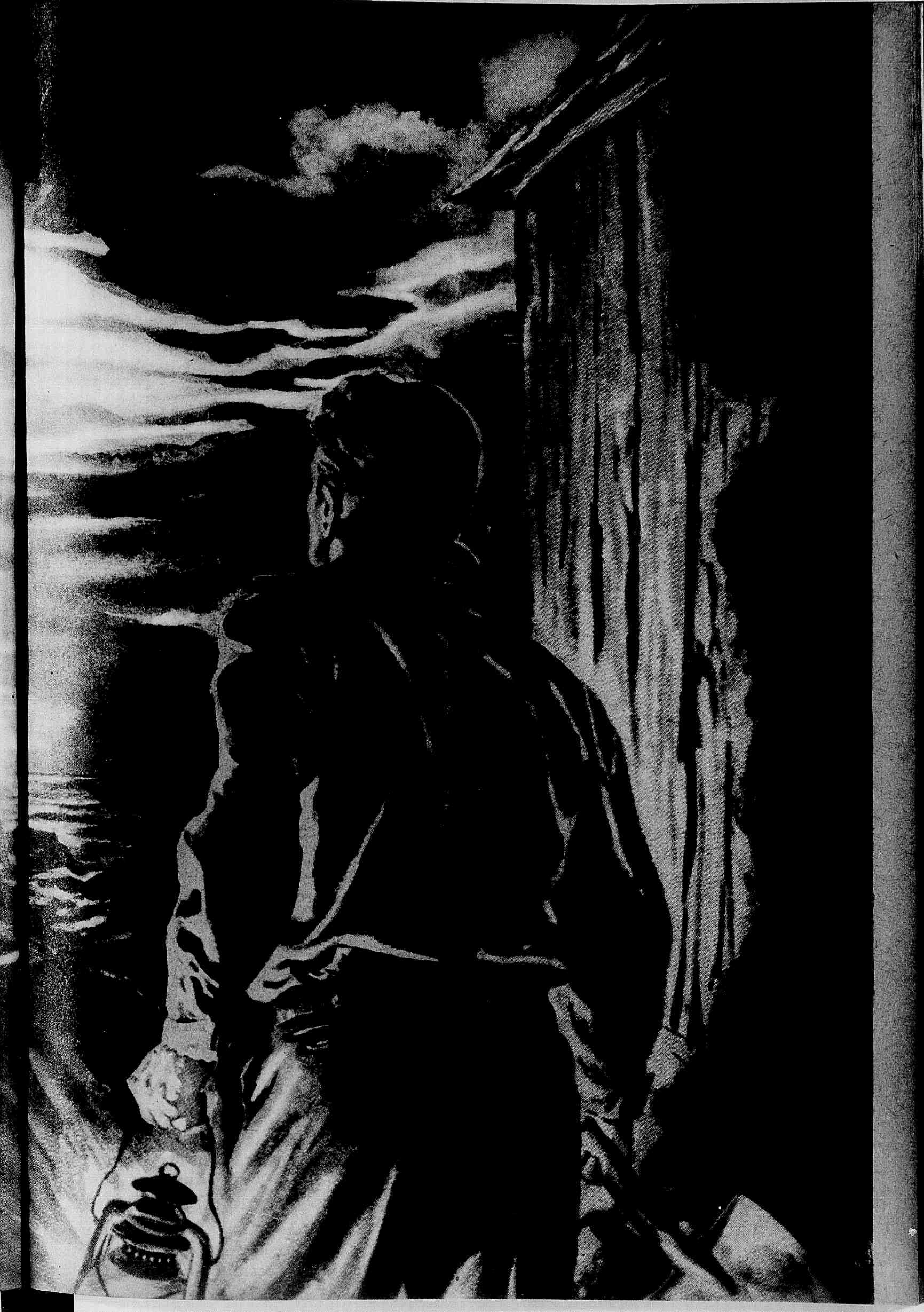
— Ninguém pode escapar ao seu próprio meio... Àquele em que nasceu e foi criado. Não posso escapar ao meu. Acabo acreditando que me casarei mesmo com Paul Adams. É o homem com quem papai e mamãe gostariam que eu casasse... E se êles assim haviam escolhido, devo aceitar! Êsse é o hábito em Boston. Muitos gracejam dêsses velhos costumes, mas acatam-no — e são felizes! — concluiu.

— Naturalmente, êles têm êsse direito — declarou Tom.

— Paul e eu somos muito amigos um do outro — falou Bárbara. — Apenas...

Sua voz falhou.





— Apenas... quê? — interrogou Tom.

Ela sorriu e depois disse:

— Nada... Já está ficando tarde. A sra. Haverhill se assustará se eu me atrasar para o jantar.

A sra. Haverhill estava no jardim, podando as roseiras, quando êles chegaram ao casarão que o povo do lugar chamava de Costein Place e que a sra. Haverhill ocupava nove meses em cada ano. Para ali fôra, a fim de trabalhar para os Costein, trinta anos atrás, quando êles haviam comprado a casa. Ela era, então, uma moça alta e que enviuvara aos vinte e cinco. Quando o juiz Costein faleceu — e dois anos mais tarde sua espôsa — a sra. Haverhill passara a ser mais que uma "nurse" para a pequenina Bárbara, então entre os nove e os dez anos. Nos dois primeiros anos, Bárbara não voltou a Boston até que uns tios decidiram que Bárbara viveria em sua companhia, durante o inverno, aproveitando para cursar um colégio. Porém, Northport sempre fôra o seu lar — e a sra. Haverhill fazia parte dêle.

TOM gostara de a ter ali, para um final "adeus". Pretendia tomar o trem de cinco e meia, na manhã seguinte, e a presença da sra. Haverhill tornaria tudo mais sereno, sem os arrebatamentos próprios da mocidade.

Atravessou Elm Street, na direção da pensão da sra. Landry, onde tinha um quarto. Fechou a porta, cautelosamente, encostou o quadro à parede, e tratou de retirar do armário sua valise. Depois de meia hora de arrumações, foi até à janela e olhou através a cortina de árvores na direção de Costein Place. Escurecia depressa e havia luz na janela de Bárbara.

Voltou ao interior e apanhou o quadro que terminara aquêle dia. Sustentando-o na melhor posição, estudou-o com expressão preocupada durante um momento; repentinamente desceu os braços com violência, quebrando o quadro contra um dos joelhos. Depois, em silêncio, com os lábios apertados, foi atirar os pedaços raivosamente num canto.

Então, saiu e desceu a escada. A sra. Landry surgia nesse momento no *hall*, vindo da cozinha.

— Vou sair — anunciou êle.

— Não vai jantar?

— Não, obrigado — respondeu com tôda a polidez que pôde, entre os dentes. — Não tenho fome.

Tendo falado, saiu e caminhou. Não poderia dizer quanto nem para onde, mas caminhou, sentindo as longas pernas doloridas, mas não pensando nelas, não pensando em coisa nenhuma. Quando regressou passava das dez.

A sra. Landry bateu à sua porta com uma bandeja.

— Obrigado — disse êle. — Creia que não quis ser indelicado...

— Não tem importância — disse ela. — Era uma mulher alta, com o corpo direito, cabelos brancos e olhos eternamente moços e encantadoramente azuis, talvez de sempre ter vivido à beira-mar, olhando para o mar. — Aliás, eu vim procurá-lo também para outra coisa...

Voltou-se e caminhou até à escrevaninha de estilo bem antigo, que ornava um canto do dormitório.

— É uma coisa que desejava saber do senhor, antes de nos deixar... Há uma velha crença, na minha família, de que isto aqui contém algum segrêdo... — prosseguiu. — Neste desenho... E penso que o senhor, sendo arquiteto, talvez consiga decifrar sua significação. Talvez não tenha importância e essa crença tenha nascido ùnicamente porque meu avô tinha paixão pelas histórias de piratas e vivia sonhando com coisas extraordinárias.

Sorriu e retirou-se, deixando Tom só.

Êste se aproximou da secretária. Um desenho? Onde? Se havia algum segrêdo, por certo que o decifraria... Com isso gastou bem uns quinze minutos e, afinal, pôde afastar um florão de madeira. Nada havia sob êle de extraordinário, senão um velho pedaço de papel, amarelado. Nêle, a tinta desmaiara bastante, porém o que estava escrito, em letra caprichosa, era legível.

"Enterrei uma caixa a sete pés de profundidade, junto da cabana, na ponta do extremo norte da ilha de Paley. Só eu conheço o segrêdo. Ali estão cinquenta mil dólares, para você!"

A data era 4 de setembro de 1843.

O primeiro movimento de Tom foi o de abrir a porta e correr a despertar a sra. Landry, porém logo decidiu que não havia razão para despertar suas esperanças. Melhor seria investigar e, depois, relatar-lhe tudo. Havia material suficiente no depósito do jardineiro: ferramentas e uma lanterna; e a passagem para a ilha de Paley era facílima.

ENCALHOU a canoa na areia, subiu pela praiazinha curta e íngreme e depois, com inesperada excitação mediu cuidadosamente a distância e começou a cavar o solo.

Ao fim de meia-hora felicitou-se por nada haver falado com a sra. Landry a respeito do papel. Naturalmente, não havia nenhum tesouro.

Caminhou até à outra ponta da ilhota, onde havia uma cabana arruinada. A luz estava sôbre a linha do horizonte, cheia e amarelada, lançando sua claridade, num rastro espelhado e maravilhoso. Nêle se destacava uma ponta de rocha, no extremo da ilha. Alguém estava sentado sôbre essa pedra.

Tom se aproximou com ansiedade crescente. Depois, chegando bem junto dessa silhueta, disse simplesmente:

— Olá!

Bárbara se voltou imediatamente, com um gesto de surprêsa. Mas logo a seguir se acalmou, dizendo:

— Olá, Tom. Por que veio também?

— Estive... trabalhando, um pouco além. Investigando, tôlamente, a respeito de uma velha lenda.

— Aquela é a sua canoa? — perguntou ela, apontando para uma embarcação, que, pesada e quase totalmente invadida pela água, era levada pela correnteza preguiçosa, a uns cem metros da rocha. Tom correu para investigar e logo voltou, envergonhado e irritado.

— Sim... É a minha canoa. Devia estar furada ou, então, escorregou da areia.

— Poderemos usar a minha — disse Bárbara. — Está prêsa entre as pedras, do outro lado.

Um tanto pessimista, Tom foi investigar.

— Também foi levada! — disse êle, ao voltar, não escondendo o pânico que o invadira e, ao mesmo tempo, começando a retirar a suéter.

— Que vai fazer? — perguntou Bárbara.

— Apanhar minha canoa.

— Não!... — exclamou ela, impedindo-o com a voz e o gesto.

— Por que não? — disse êle, rindo. — Já nadei duas vêzes essa distância...

— Não. Não quero — disse ela, peremptòriamente. — Está escuro... e isto é o oceano!

Olhava para êle, com um arzinho assustado e súplice.

— Está bem... — concordou, afinal. Depois, ficou olhando para ela, em silêncio. Finalmente:

— Por que você veio até cá?

— A sra. Averhill estêve contando uma história a respeito desta ilha e desta cabana arruinada. Dizem que é mal-

DIVÓRCIOS À AMERICANA



QUANDO se tem dinheiro, nos Estados Unidos, custa muito caro brigar com a espôsa. É claro, também não deve ser barato viver em paz com ela. Porém, isso já é outro assunto... Vejam só o que custa ao riquíssimo Winthrop Rockefeller sua desavença conjugal: Bárbara, a espôsa dissidente, a quem os familiares chamam de «Bobo» (que nos Estados Unidos não ofende), exige de seu marido a bagatela de seis milhões de dólares, para resolver «amigàvelmente» o divórcio. «Bobo» está agora em Reno, onde essas coisas se fazem com facilidade. Terá que residir ali seis semanas, requisito exigido para gozar dos direitos que sua situação requer. Sua chegada despertou curiosidade geral, segundo mostra a fotografia acima.

assombrada ou coisa parecida... e que se alguém vier até aqui, à meia-noite, quando à lua-cheia... poderá ver a pessoa com quem vai casar...

— Pensei que você já soubesse com quem vai casar... — disse Tom.

Os olhos de Bárbara baixaram ligeiramente, enquanto os cantos de sua bôca imitavam êsse movimento.

— Não sei nada... — disse ela, com voz débil.

— Está bem... Está tudo bem.. *querida*!

Havia uma rocha de superfície lisa, boa para repousar. Bárbara e Tom foram sentar ali, ela com as pernas encolhidas e a cabeça repousando num ombro de Tom. Observaram a lua subindo para o céu. Bárbara nada dizia. Parecia esperar que êle falasse.

— Creio que a lenda é verdadeira... — disse Tom. — Isto é... Se, realmente, você quer casar comigo. A verdade é que nada mais sei do que falei com você, esta tarde...

— Também eu, Tom! E, se pensamos da mesma maneira... é sinal de que o nosso casamento será perfeito.

Depois dêsse terno entendimento, trataram de descobrir um meio de fazer sinais com a lanterna. Porém, tão logo êles se ergueram a primeira coisa que viram foi a canoa de Bárbara, novamente encalhada, poucos metros além do lugar primitivo. E quando, dirigindo-se com a luz da lanterna, passaram junto da velha cabana, Tom pôde ver uma coisa, que anotou na memória para investigar depois...

A sra. Landry não tardou com a refeição da manhã, quando êle desceu. Como quem não quer nada, êle foi logo dizendo:

— Suponho que vivendo, como a senhora tem vivido, à beira-mar, pode manejar uma canoa muito bem...?

A dona da pensão sorriu, com bondade.

— Lydia Haverhill e eu podemos manejar embarcações tão bem como qualquer homem em Northport!

— Outra coisa... Encontrei o papel, sob o florão da escrevaninha... Estava datado de 1843. No entanto, num marco de pedra, junto da cabana, indicando a data de sua construção, pude ler, ontem, uma data bem diferente... Era 1899.

— Deveras? — exclamou a senhora Landry. — Mas o que interessa é saber se o senhor encontrou... *encontrou o que procurava*... Foi feliz?

— Sim. Encontrei — afirmou Tom.

— Oh! Como estou satisfeita — disse a dona da pensão, servindo o café. — Lydia Haverhill encontrou, ao chegar a casa, ontem, Bárbara chorando em seu leito. Conversaram longamente...

Tom pigarreou, mas nada disse.

— Suponho que o senhor e Bárbara conversaram muito, lá na ilha... — insinuou a sra. Landry.

— Não muito... Apenas sôbre um assunto.

Ela moveu a cabeça, aprovando.

— O senhor é um bom rapaz. Na minha opinião, quando duas pessoas moças ficam sós, devem conversar apenas sôbre *êsse* tema. Tenho a certeza de que vão ser felizes!

PARA A NOIVA DO "GANGSTER"



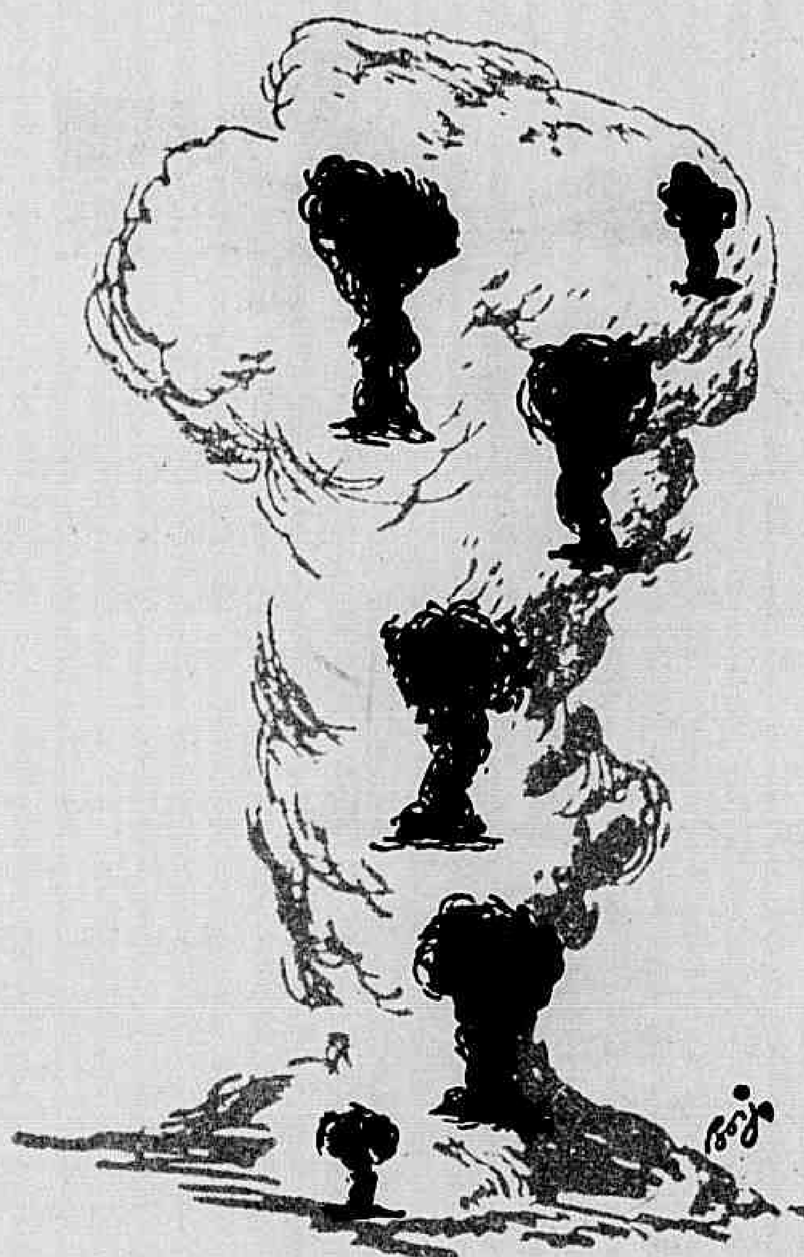
A couraça que exibe a linda operária, é um colête de segurança realmente eficaz, que acaba de ser experimentado em Chicago, a Cidade do Crime. Sôbre êle foram disparadas balas de calibre 38, sem que sofresse o menor dano. Pesa apenas quilo e meio e, segundo dizem os técnicos, é bastante confortável Foi fabricado na máquina que é manejada pela operária.

A MAIOR DE TÔDAS AS EXPLOSÕES

EM 1883, a ilha de Cracatoa, no Estreito de Sonda, voou pelos ares. Sob muitos aspectos, êste fenômeno natural foi o mais importante e, certamente, o mais impressionante do século.

Até 1883, Cracatoa e suas duas vizinhas, as ilhas Lang e Veriaten, foram exatamente iguais às outras ilhotas tropicais que, aos milhares, pontilham o mar equatorial, situado entre Sumatra e Nova Guiné. Jamais alguém tivera o trabalho de explorar aquêle pequeno grupo. Sòmente pescadores nativos paravam, às vêzes, ali, a fim de passar a noite.

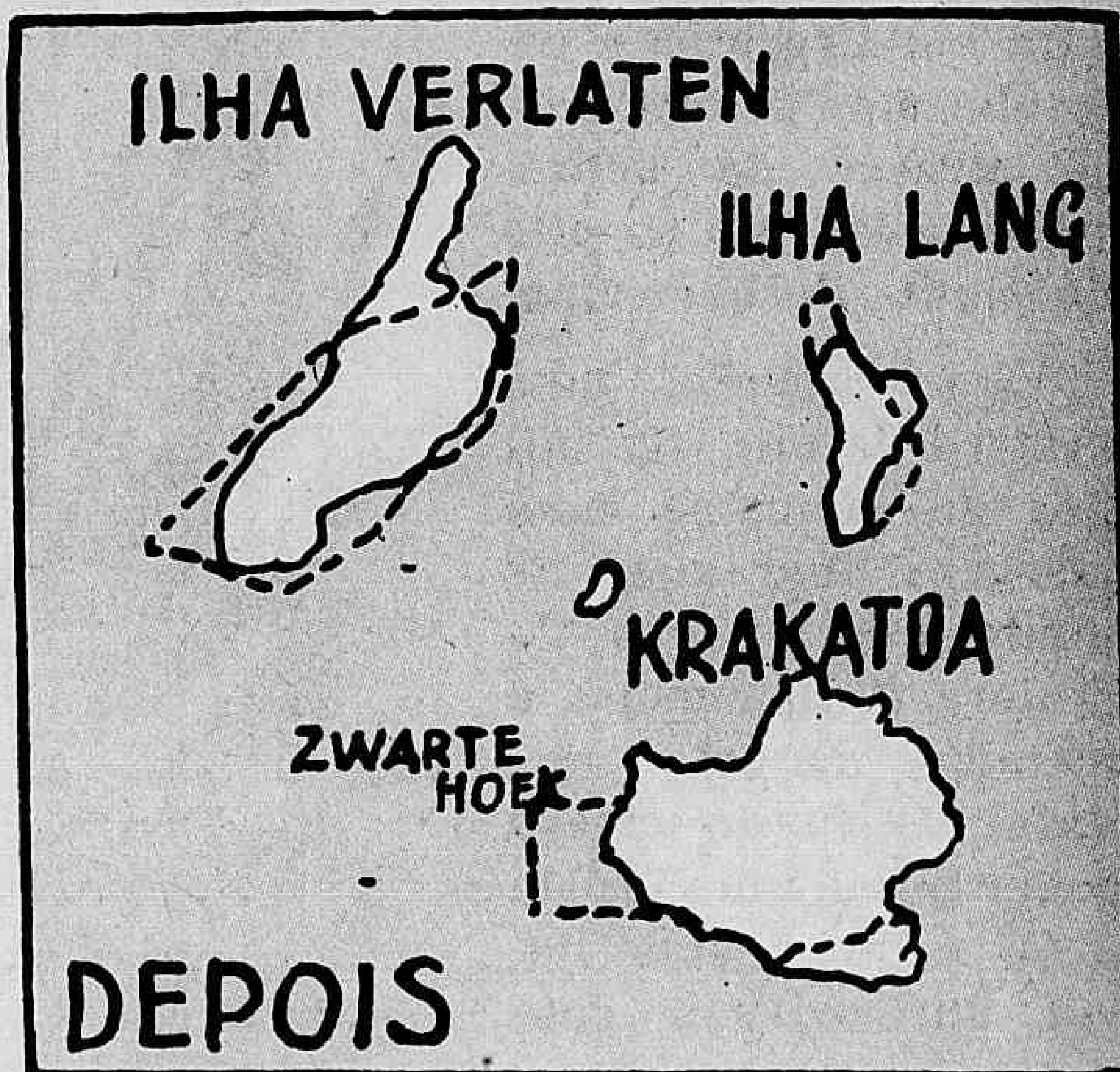
Pelos esboços que foram desenhados, de bordo dos navios, sabe-se que Cracatoa era imperfeitamente retangular, quanto à forma, medindo mais ou menos cinco milhas de comprimento, no rumo norte-sul, e com três milhas de largura no ponto mais amplo. Apresentava três picos vulcânicos, sendo mais elevado o monte Rakata, de 2.620 pés de altura, que se localizava no extremo sul. O pico imediato, situado mais ao norte, era o monte Daman, com uma altitude de 1.500 pés e que se erguia quase no centro da ilha. Perto da extremidade setentrional estava um pico ainda menor, o monte Perboewatan.



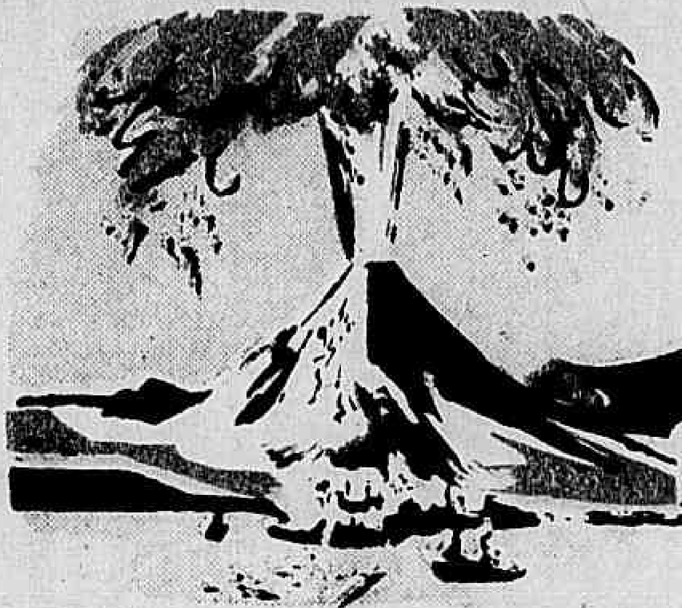
COMPARADAS COM A DE CRACATOA, TÔDAS AS EXPLOSÕES ATÔMICAS, JUNTAS, SERIAM IRRISÓRIAS. — O QUE PROVA QUE O HOMEM, APENAS PÀLIDAMENTE, IMITA A NATUREZA.

Por volta de 1880, tremores de terra começaram a ser ocasionalmente sentidos em uma vasta área das Índias Orientais Holandesas, sem que houvesse, entretanto, uma atividade vulcânica definida. Na manhã de um domingo (20 de maio de 1883), sons parecidos ao do fogo de artilharia foram ouvidos nas cidades de Batávia e Buitenzorg, em Java, estremecendo as portas e janelas, durante horas. Um navio de passageiros, que tinha passado pelo Estreito, comunicou que a agulha da bússola fôra



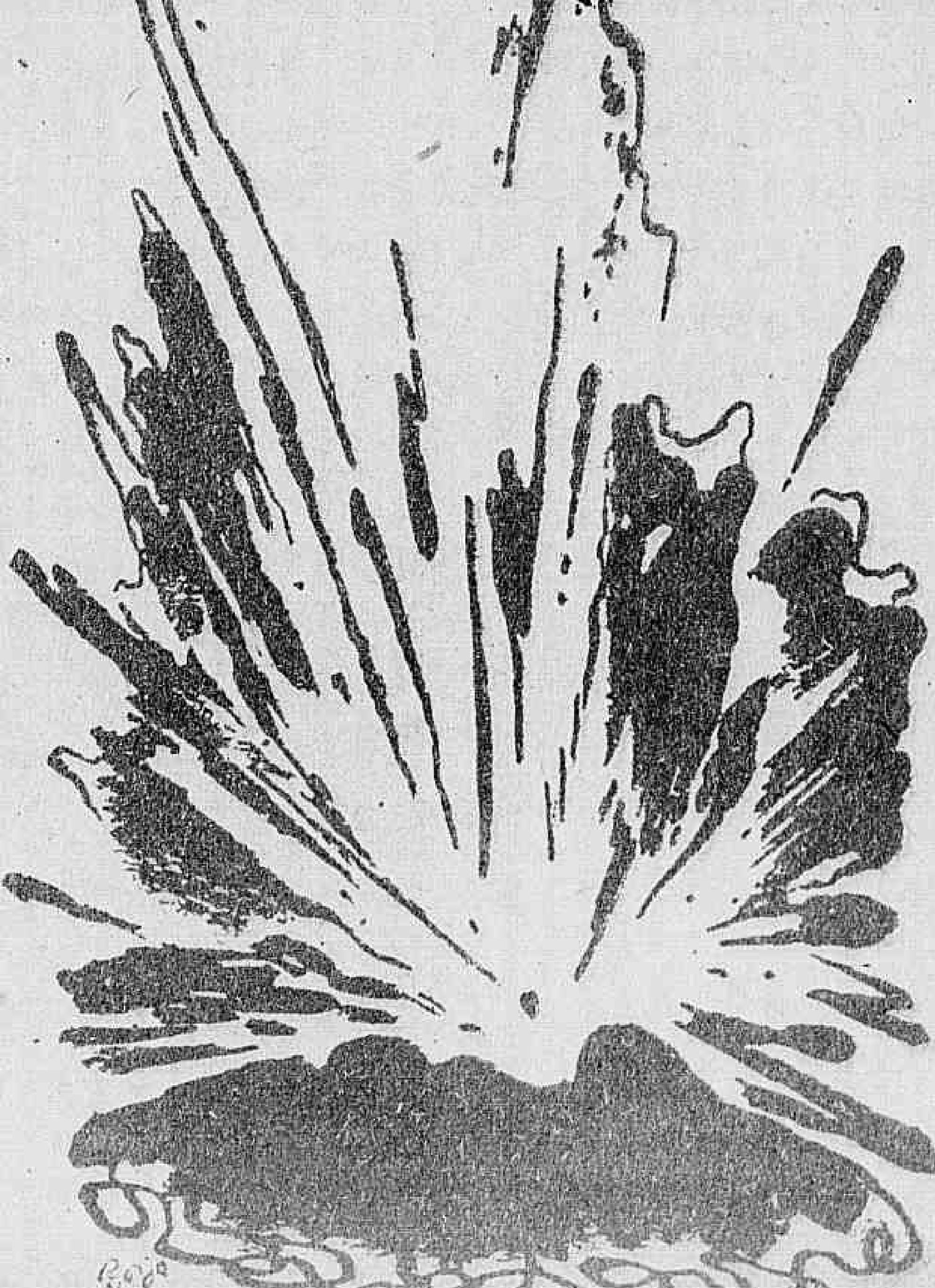


violentamente sacudida, naqueles momentos.



Na manhã seguinte, uma ligeira queda de cinzas vulcânicas se verificou em Buitenzorg, cem milhas a leste de Cracatoa. Simultâneamente, cinzas caíram em Telockbetoeng, um pôrto do extremo sul de Sumatra. Ao entardecer do mesmo dia, uma coluna de vapor se ergueu da ilha de Cracatoa, primeiro indício da origem do fenômeno vulcânico, o qual provocou apreensão em todos os habitantes das terras mais próximas. Nos poucos dias seguintes, a atividade decresceu e alguns curiosos decidiram visitar a cena. Fretaram um pequeno vapor e chegaram a Cracatoa na manhã de domingo, 27 de maio, exatamente uma semana depois das primeiras explosões. Viram, então, que o monte Perboewatan estava em erupção, com uma coluna de fumaça de duas milhas de altura.

Cada cinco a dez minutos, havia uma ruidosa explosão que atirava pedra pome para o ar e descobria a lava na cratera, porque depois dos estouros, a nuvem de vapor se iluminava e incandescia durante segundos. A barulheira era suficiente para não deixar que a descarga de um rifle chamasse muita atenção, entre os espectadores. O grupo de visitantes verificou que tôdas as ilhas estavam cobertas por uma fina poeira branca parecida com a neve. Com mais coragem que bom-senso, os visitantes desembarcaram em Cracatoa e caminharam penosamente através de pedra-pome sôlta, até ao alto do monte Perboewatan.



Viram, então, uma cratera de uns três mil pés de diâmetro, com margens íngremes, de modo que o chão da cratera tinha apenas a metade daquela medida. O fundo estava coberto por uma crosta preta e, no centro, havia um orifício com uns cento e cinquenta pés de diâmetro, do qual provinha o vapor, com tremendo barulho.

Durante a semana seguinte, a intensidade da erupção diminuiu ainda mais, crescendo sùbitamente, porém, em 19 de junho. Em 24 de junho, a coluna de vapor que se erguia do monte Perboewatan foi reforçada por outra que emanava, agora, do monte Daman. Isto permaneceu durante todo o mês de julho de 1883.

Navios que cruzavam o Estreito, constatavam incessante atividade e uma cerrada chuva de poeira e pedra-pome; acentuadas quedas de poeira se estenderam até Telockbetoeng, ao norte e distante cinquenta milhas. Durante os três dias que precederam o domingo 26 de agôsto, todos os navios que passavam pelo estreito comunicavam, sem exceção, que a atividade vulcânica registrava um aumento incessante, embora gradual.

A uma hora da tarde daquele domingo, houve ruidosas explosões, claramente ouvidas em Buitenzorg, a cem milhas de distância. Às duas horas da tarde, o capitão Thomson, do navio "Medea", o qual estava então a setenta e seis milhas, a nordeste de Cracatoa, observou uma imensa massa negra de nuvens, "erguendo-se como fumaça". Calculando a altura da melhor maneira que pôde, êle estimou-a em dezessete milhas. As detonações ocorriam então a intervalos de mais ou menos dez minutos e tinham aumentado o seu ruído, sendo ouvidas em pontos a cento e cinquenta milhas de distância das ilhas.

Às cinco horas da tarde, o ruído terrível e rolante podia ser ouvido em tôda Java e, a igual distância, em qualquer direção Exatamente naquele ins-

tante, um navio britânico, o "Charles Bal", comandado pelo capitão Watson, estava a só dez milhas de Cracatoa. As ilhas cobriam-se de escura e densa nuvem, explosões se repetiam com intervalos de segundos e os estrondos ensurdeciam.

O capitão Watson não ousou prosseguir e ordenou o recolhimento das velas, o que foi feito sob forte chuva de cinzas. Das cinco às seis horas da tarde, o navio foi bombardeado com pedaços de pedra-pome grandes e quentes.

O capitão W. T. Wooldridgs, do navio "Sir Robert Sale", observa simultâneamente a erupção de uma distância de quarenta milhas. O céu, informou êle, mais tarde, tinha "a mais terrível aparência, cobrindo-se a densa massa de nuvens de uma tonalidade escura, com violentos clarões de reâlmpago". Às sete horas da noite, o estreito inteiro estava sob forte escuridão, quebrada de tempos em tempos apenas por descargas da eletricidade atmosférica.



Durante a noite, não se pôde dormir, fôsse em Batávia, em Buitenzorg ou em Telockbetoeng. Não se notava, porém, qualquer tremor de terra; tudo que havia era escuridão e estrondo. O capitão Watson, do "Charles Bal", não podia fazer navegar o seu navio, que estava "balouçando", doze milhas a leste de Cracatoa. Em seu redor reinava "um ar quente e sufocante, sulfúreo e com cheiro de carvão em brasa".

Havia, ainda, uma forte chuva de carvões — acrescentou. Procurando, então, verificar se havia água suficiente sob a sua quilha, o capitão ordenou a imersão de uma sonda, em meio à intensa escuridão, às vêzes suavizada por relâmpagos. A sonda marcou trinta braças de água, mas voltou quente para bordo!

O capitão Watson narrou também ter visto "correntes de fogo" subirem da ilha para o céu, enquanto no extremo sul da ilha percebia-se "um constante rolar de bolas de fogo branco" — lava que escorria ou redemoinhava, pelas encostas do monte Rakata abaixo. O navio "Gouverneur General London", comandado por T. H. Lindeman, tinha alcançado Telockbetoeng às 17,30 horas da noite, mas, considerando impossível a atracação, ancorara na baía, a alguma distância do cais, o qual havia procurado atingir e onde *amarrava* o navio de guerra holandês "Beronw". Durante a noite, uma chuva de lama cobriu mastros, cordoalha e convés. Parecia fosforescente e surgiu nos mastros e cordas, amedrontando os nativos.

"Raios caíram no mastro grande, cinco ou seis vêzes".

Embora não se pudesse dormir naquela noite, em uma área de trezentas milhas de diâmetro, tudo isso tinha sido sòmente a "fase preliminar". A primeira das explosões maiores ocorreu na manhã de

segunda-feira, às cinco e meia, hora local. Foi tão incrìvelmente estrondosa que o seu som abafou os infindáveis estouros seguidos de jatos de vapor, como se tudo tivesse estado em silêncio. Explosão igual foi ouvida às seis horas e quarenta e quatro minutos.

Às dez horas e dois minutos, houve mais uma, sobrepujando tôdas as anteriores. Outra detonação, violentíssima, ocorreu cinquenta minutos mais tarde.

Estas quatro explosões, especialmente a terceira, marcaram o desaparecimento da Ilha de Cracatoa. Mais de dois terços de sua área total se destruíram; os montes Perboewatan e Danan desapareceram totalmente; o monte Rakata, queimado em seu centro, conservou metade do seu seu primitivo cone como um rochedo íngreme. Calcula-se que quatro e meia milhas cúbicas de lava e pedra-pome foram lançadas ao ar.

As ondas de som alcançaram primeiramente as vizinhas partes de Sumatra e Java. A seguir, atingiram Teleckbetoeng vinte e cinco minutos depois da explosão da ilha. Foram precisos cinquenta e cinco minutos para que o estrondo chegasse à Batávia. Umas três horas depois da explosão, veio a escuridão. A nuvem se espalhara de tal maneira, que os habitantes de Telockbetoeng, Batávia e Buitenzorg necessitavam de lâmpadas para enxergar durante o dia.

Com a nuvem, surgiu uma chuva de lama. As tripulações dos navios "Charles Bal" e "Sir Robert Sale" assoberbaram-se na tarefa de limpar a lama do convés, com rapidez igual à da queda. A bordo do "Gouverneur-General London", que estava ancorado, mediu-se o ritmo quando a sua densidade atingia o máximo. Em dez minutos, acumulara-se no convés uma crôsta de lama com seis polegadas de espessura!

Além do lôdo, recebeu o "Sir Robert Sale" uma saraivada de pedras-pomes do tamanho de abóboras. Em Java, a precipitação de blocos de pedras-pomes matou diversos nativos.

Lògicamente, a nuvem não se propagou com a rapidez do som. E as consequentes marolas foram ainda mais lentas. A principal onda, que, segundo se calculou, atingira oitenta pés de altura perto de Cracatoa, correu entre as ilhas Lang e Verlaten, açoitou a ilhota "Polish hat" e arrancou, ao norte, uma quarta ilhota, chamada Sebusi.

Atingiu as costas das grandes ilhas vizinhas, ao cair da tarde, ostentando ainda cinquenta pés de altura depois de percorridas cinquenta milhas! Em Telockbetoeng, o "London", estando ancorado a alguma distância do cais, cavalgou a onda, o mesmo sucedendo a outro navio menor.

Entretanto, duas escunas e o navio de guerra "Beronw", atracados, foram erguidos e atirados terra a dentro. Encontrou-se depois o "Beronw", trinta pés acima do nível do mar, e a quase duas milhas de distância da costa!

Um morro próximo ao pôrto serviu para uma medição bastante útil; contando setenta e oito pés de altura, acima do nípel do mar, foi coberto pela água até seis pés de distância do seu tôpo. A imensa onda, chocando-se contra as costas de Java e Sumatra, atirou em terra firme milhares de canoas nativas. Desmantelou aldeias indígenas e mesmo construções mais sólidas, tais como dois faróis. Uma estimativa, concluída meses mais tarde, revelou que cento e sessenta e três aldeias nativas tinham sido arrasadas e trinta e seis mil e trezentas e oitenta pessoas haviam morrido afogadas.

Enquanto isto, as ondas de som continuavam a expandir-se. Java, Sumatra e Bornéo inteiras ouviram o grito de agonia de Cracatoa. É lógico que ninguém sabia do que se tratava. Em Macassar (Ilhas Célebes) imaginou-se que as explosões eram pedidos de socorro de algum navio, ao largo. Dois navios foram mandados para procurar a embarcação em perigo. Naturalmente, regressaram sem resultado positivo, porque a origem dos ruídos estava a novecentas e sessenta e nove milhas de distância!

Na Baía de Lúcia, Bornéo, vários nativos culpados de assassinato, mas ainda em liberdade, abandonaram sua aldeia e fugiram, supondo que os espíritos do mal os estavam perseguindo. Todos êles ignoravam a existência da Ilha de Cracatoa,

a mil cento e dezesseis milhas de distância do local de seus crimes.

Pulando do superfície para a baixa estratosfera, como fazem as compactas ondas de som, o estrondo da catástrofe se abateu sôbre Timor, distante mil trezentas e cinquenta e uma milhas dos vulcões em atividade, chegou às Planícies de Vitória, na Austrália Ocidental, onde o povo, surpreendido, passou a indagar "quando haviam chegado tropas às redondezas e por que a artilharia se exercitava."

Os habitantes de Daly Waters, Austrália, tiveram o sono interrompido. Imaginaram que alguém estava dinamitando pedra — o que não era uma conjetura totalmente errada, pois explodira uma rocha, embora isto tivesse ocorrido a duas mil e vinte e três milhas dos seus dormitórios.

E o chefe de Polícia da Ilha Rodriguez, James Wallsi, anotou o "distante ruído de armas possantes, provindo do leste". Sòmente muito mais tarde, soube êle que tinha sido em Cracatoa, situada a duas mil novecentas e sessenta e oito milhas, seguindo-se uma grande rota curva, e que os estrondos ouvidos tinham viajado quatro horas. A onda marinha, muito diminuída, seguiu a onda sonora, com dias de intervalo. Na baía da Mesa, África do Sul, a cinco mil e cem milhas de Cracatoa, aquela mesma onda mediu dezoito polegadas. Com instrumentos *científicos*, foi sentida na costa francesa e na Califórnia.

Na Europa, sabia-se que *algo sucedera em qualquer parte,* muito antes da chegada do primeiro relatório. Dez horas após a explosão, os sismógrafos dos observatórios russos, alemães, franceses e britânicos, registraram bruscos saltos em seus cilindros esfumaçados ou rolos de papel. Os observatórios foram registrando na ordem mencionada porque tal foi o rumo seguido pela onda de pressão, através da Índia.



A esta altura, Washington obtivera resultado parecido, por meio da onda de pressão que viajava sôbre o Oceano Pacífico e o continente norte-americano. Esta onda continuou a se expandir até à Europa, onde chegou dezesseis horas depois da que foi mencionada.

Na Europa, os sismógrafos registravam novos saltos, trinta e quatro e trinta e seis horas depois dos primeiros; é que as ondas tinham contornado a Terra *e estavam voltando!* Lentamente, elas se enfraqueceram e aos poucos tornaram-se imperceptíveis. O último indício sísmico que, *com segurança,* pôde ser atribuído a Cracatoa, obteve-se em 4 de setembro de 1883!

Um dos mais interessantes aspectos do complexo conjunto de acontecimentos foi o *proceder* das pessoas imediatamente vizinhas à catástrofe. A ilha explodiu com um estrondo que pôde ser ouvido em uma área quatro vêzes maior do que os Estados Unidos, criando ondas sonoras e de pressão notadas em todo o planêta. Todavia, o capitão Watson, do "Charles Bal", depois de ziguezaguear a noite inteira, apenas a doze milhas do centro da explosão, conduziu o navio através de uma chuva de lama e pedra-pomes, entre relâmpagos e ondas de oitenta pés de altura, e calmamente alcançou o mar de Java.

Os navios "Sir Robert Sale" e "Narham Castle", procedentes daquele mar, simplesmente aguardaram até ser possível a entrada no estreito.

Entrementes, o "Gouverneaur-General London" fêz uma investigação preliminar. O comandante, depois que as grandes ondas passaram e que a luz diurna reapareceu, decidiu completar o roteiro que fôra interrompido, dirigindo-se ao pôrto de destino, em Java. Forçou

caminho entre as pedras-pomes que flutuavam ao largo da baía e velejou ao redor do grupo Cracatoa, a fim de alcançar Java. Pelo seu relatório, soube-se que a maior parte de Cracatoa desaparecera e que não havia mais colunas de fumaça ou vapor sôbre a ilha.

As pedras-pomes boiaram até o Oceano Índico, sendo encontradas por inúmeros navios. Em dezembro de 1883, apareceram flutuando na longitude de Ceilão, permanecendo geralmente um pouco ao sul do equador. Em novembro de 1884, passaram as ilhas Rodrigues, Maurício e Reunião, e deram à costa oriental de Madagascar.

Durante todo êsse tempo, o mundo apreciou espetaculares crepúsculos, os quais nunca tinham sido vistos nos tempos históricos.

Nas primeiras semanas, após a explosão, em volta do estreito de Sonda, o sol se mostrava, às vêzes, azul ou verde. Mais tarde, em qualquer parte, o céu ficava invulgarmente luminoso, *brilhando muito tempo depois de anoitecer.*

★ ★

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA



GRACIELA ELIZALDE

TENHA ou não a leitora uma família grande, sem dúvida alguma há muitas ocasiões em que um fogão comum parece pequeno para preparar a comida, quando tiver de oferecer, um jantar a muitos convidados ou mesmo quando alguns parentes ou amigos aparecerem de surprêsa e ficarem para almoçar ou jantar. Nessas ocasiões, qualquer dona de casa lamenta não possuir um forno suficiente para caber os assados ou bolos que preparou.

Os engenheiros da General Electric devem ter tido em vista êsse problema quando desenharam os modelos de fogão de forno duplo, para 1954. O modêlo «Mainliner» é especialmente indicado para os lares norte-americanos, onde em geral é a própria dona de casa que cozinha, mas, mesmo nos países onde as criadas ainda não se tornaram muito raras, o «Mainliner» e o modêlo de luxo «Liberator» serão, sem dúvida, recebidos de braços abertos.

O novo fogão da G.E. tem um forno principal e um outro forno acessório de duas prateleiras. Tive ocasião de ver, em casa de uma amiga, os dois fornos serem usados simultâneamente. No maior, estava sendo assado um peru e sendo cozidos legumes, ao passo que no menor estavam sendo assados bolos e tortas.

No que diz respeito ao peru, devo observar que ficou particularmente delicioso e, assim resolvi pedir à minha amiga a receita do recheio que reproduzo abaixo para as minhas leitoras.

RECHEIO DE ARROZ COM SAUTERNO

1/4 de xícara de passas.
3 colherinhas de sopa de manteiga.
1 dente de alho picado.
1 1/3 de xícara de arroz branco.
2 xícaras de água.
3/4 de xícara de vinho Sauterno.
Uma pitada de pimenta.
3/4 de uma colherinha, das de chá, de sal.
1/8 de colher, das de chá, de noz.
1 colher, das de chá, de açúcar.
1/3 de xícara de castanha do Pará picada.

Derreta-se a manteiga numa frigideira e ajunte-se o alho, deixando-se dourar durante cêrca de cinco minutos, depois do que se retira o alho. Mistura-se o arroz, com a água até que o arroz fique bem úmido e leva-se ao fogo vivo, movendo-se o arroz uma ou duas vêzes com um garfo, bem devagar, não se mexendo pròpriamente. Ajuntam-se os demais ingredientes, inclusive as passas, tampa-se a panela e tira-se do fogo. Deixa-se esfriar durante dez minutos, depois coloca-se o recheio, em colheradas, num peru pequeno (de dois e meio a três quilos) ou numa galinha. Não aperte muito o recheio.

★

RESERVADO

A cena (autêntica) ocorreu em Stuttgart, Alemanha. Uma jovem senhora de uma elegância um tanto vistosa, desce do trem que chega de Hamburgo. Caminha pela plataforma, deixando atrás de si um rastro perfumado e também uma atmosfera de bom-humor: todos os que a seguem, soltam estrepitosas gargalhadas.

Explicação: a bela viajante leva, prêso a seu suntuoso casaco de peles, um pequeno cartaz sôbre o qual se lê: — **«Reservado às tropas de ocupação»**... e que, ao passar diante de um dêsses compartimentos, ficara prêso, acidentalmente, ao seu agasalho.

POR QUE NÃO FAZEM...

UM DISPOSITIVO do tipo «zipper» para prender os tapêtes nos cantos das salas, substituindo o velho processo das ripas e tiras de metal, difíceis de pregar e despregar? O mesmo dispositivo poderia ser aproveitado para cortes junto dos pés dos móveis. Assim seria possível retirar os tapêtes, para limpeza, sem haver necessidade de remoção dos móveis, geralmente pesados.

★

UM APARELHO (Oh! Por que não fazem?) para encaixar na cabeça, como os medidores de crânio usados nas chapelarias, para permitir a qualquer pessoa cortar o cabelo em casa, sem auxílio de outras mãos? Máquinas muito mais difíceis têm sido conseguidas.

★

UM NOVO TIPO de esparadrapo, cuja matéria colante tivesse a propriedade de amolecer os pêlos, para que o ato de arrancá-lo se tornasse menos doloroso?

CAMISAS com punhos sobressalentes e que possam ser simplesmente abotoados, para substituir os que se rasguem. Em geral, uma camisa ainda poderia resistir mais tempo, desde que fôsse possível mudar-lhe os punhos roídos com facilidade... e sem que se tivesse que cortar um bom pedaço da fralda para confeccionar novos.

★

UMA PASTA para sapatos que proporcionasse brilho à simples passagem, evitando o exaustivo trabalho de polimento por meio de escôvas?

★

UMA POLTRONA realmente para repouso, que pudesse ser colocada no local mais agradável da casa e que pudesse oferecer, sem necessidade de grandes movimentos, depósitos para jornais, livros, telefone, rádio, cigarros, fósforos, agulhas e linhas para costurar, bebidas... e outras utilidades?



SÃO COISAS DA VIDA...

UM JORNAL de Memphis (Estados Unidos) publicou o obituário de Thomas Jefferson Simmons, um de seus antigos repórteres, e que escreveu a própria história «a fim de evitar trabalho aos seus colegas».

GEORGE HUNTER, de 82 anos, e sua espôsa, de 80, caminharam mais de 400 milhas, desde Dallas até Baton Rouge, porque não «estavam habituados a pedir carona à beira das estradas».

OS BOMBEIROS foram chamados depressa a um restaurante londrino, a fim de dominar um indivíduo que ali penetrara e que, declarando que não tinha dinheiro, apoderou-se da mangueira contra incêndios, do estabelecimento, intimou o gerente a servir-lhe um lauto almôço «se não queria que êle **lavasse** todo o estabelecimento e os demais clientes, a jatos dágua».

O CONSELHO MUNICIPAL de uma pequenina cidade francesa acaba de votar uma lei que proíbe a qualquer indivíduo... «deitar-se num caixão funerário, a menos que esteja realmente morto».

UM FUNCIONARIO do escritório encarregado de registro de nascimentos e mortes, de Nápoles, fêz meticulosamente o registro da própria morte e, a seguir, matou-se com um tiro no coração.

UM HOMEM explicou à polícia de Paris porque havia escolhido para assaltar uma loja de calçados... justamente vizinha à delegacia. «Eu não queria dar aos senhores o incômodo de locomover-se até muito distante...»

UMA MULHER de Detroit explicou ao juiz, ao qual solicitara o divórcio, que seu marido não a beijava alegando que tinha mêdo dos micróbios e que não a deixava sentar-se no seu colo «para não estragar o vinco das calças».

Estômago? Intestino?

O que significam AS DORES "de ventre"

AO leitor, como a tôda gente, deve ter acontecido, uma vez por outra, sentir dores no ventre e sempre desejou, com certeza, saber o que tais dores significavam. Seria o estômago? O intestino? Como saber? O próprio médico, quando chamado a pronunciar um diagnóstico sôbre uma moléstia do tubo digestivo, encontra dificuldades numerosas, devidas à vizinhança e à interdependência dos órgãos.

Nenhum dêstes, de fato, é absolutamente distinto, do ponto de vista anatômico ou fisiológico. As perturbações do estômago têm repercussões em todos os níveis do intestino delgado e do intestino grosso; afetam o "peristaltismo" (movimentos automáticos do intestino) da mesma forma que as secreções do mesmo. Ao contrário, as perturbações do intestino têm, muitas vêzes, repercussões gástricas.

Se juntarmos às enfermidades dêsses diversos órgãos as das glândulas digestivas, que deitam seus sucos no duodeno e podem, por sua vez, repercutir tanto no intestino quanto no estômago, teremos uma idéia da complexidade dessas perturbações.

Entre os elementos que podem informar sôbre o estado do tubo digestivo, o mais importante é a *dor*. Porém, é preciso indicar cuidadosamente o local e os caracteres. *As respostas nítidas e inteligentes do enfêrmo são de enorme ajuda para o médico.*

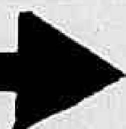
SAIBA DESCREVER A SUA DOR — *A priori* parece fácil, principalmente para um adulto, dizer exatamente *onde* sofre. No entanto, a dificuldade é muito maior do que se pensa: a dor, que começa às vêzes sôbre um ponto fixo, não tarda a irradiar sôbre um espaço mais ou menos extenso. E nada é, então, mais difícil de dizer do que *de onde ela vem*.

Quando a dor é constante, o doente sente uma sensação de mal-estar difuso, impossível de localizar. Quando é aguda, tem êle a impressão de sofrer de todo o abdome. Consegue-se, às vêzes, localizar melhor a dor no início da crise, quando ela ainda não teve tempo de irradiar.

É ainda mais difícil determinar o *tipo* da dor. Sensação de *torsão*? De *queimadura*? De *pêso*? As palavras não têm a mesma significação para todo o mundo, e uma sensação é dificilmente definível... Muitas vêzes, o médico tem que contentar-se com saber que se trata de *uma dor aguda* ou de *uma impressão de incômodo mais ou menos vago*.

A HORA TEM SUA IMPORTÂNCIA — Nas enfermidades do aparelho digestivo, é muito importante saber *a que momento do dia o doente sofre*. É de maneira contínua? Há recrudescência logo *após* as refeições? Neste caso, ocorre, algumas vêzes, que o enfêrmo sofra *até* a refeição seguinte, e que o fato de alimentar-se acalma a dor.

De outras vêzes, o enfêrmo sofre violentamente *antes* de procurar o "toilette", podendo acontecer, ainda, que sofra *depois*.



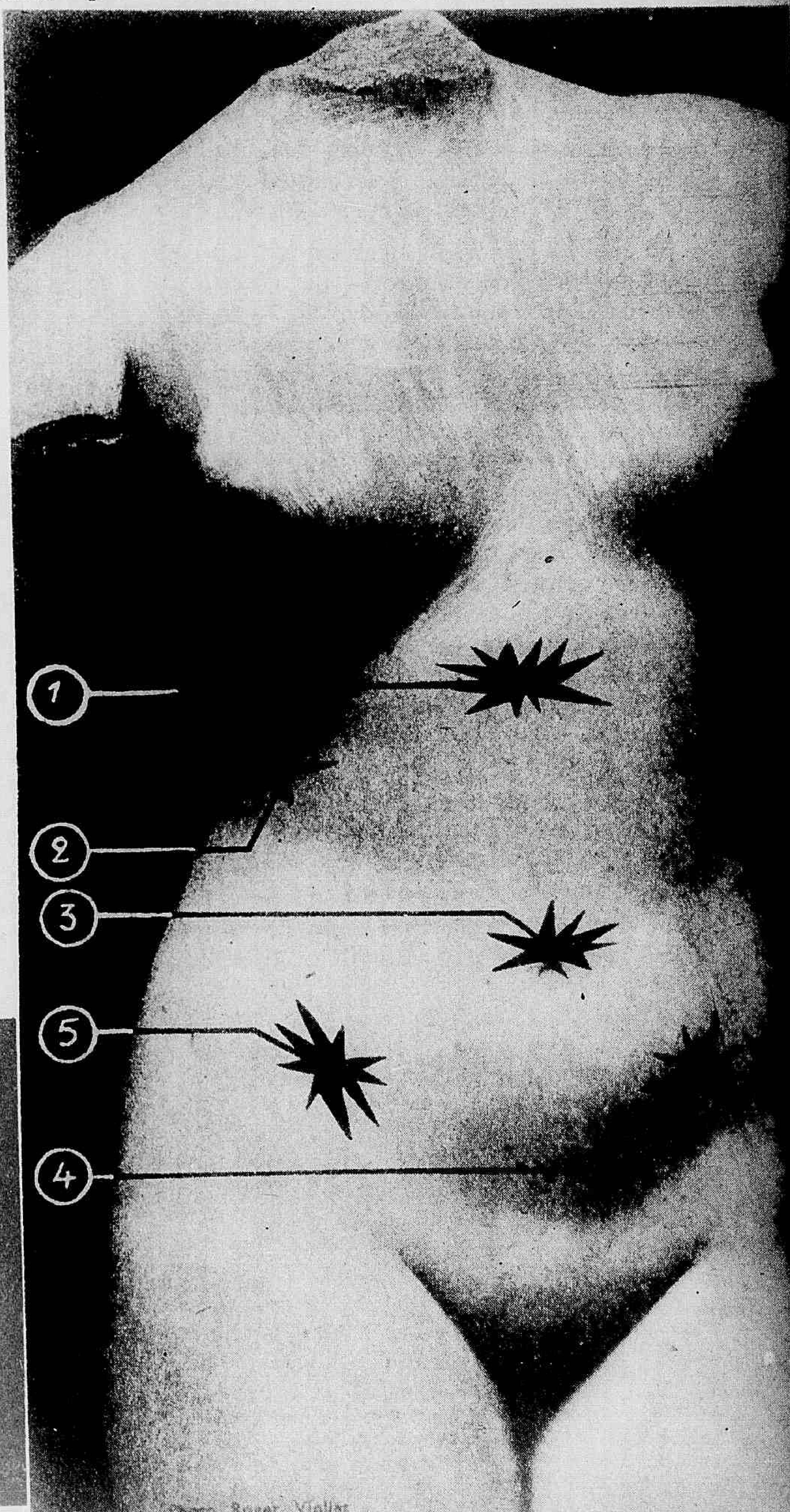
Alguns enfermos sofrem de mal-estar contínuo, sensações anormais, como um pêso, uma distensão ou mesmo náuseas, etc.

Para uns, a sensação é mais desagradável durante o dia, enquanto que para outros, durante a noite. Há, ainda, os que sofrem de acessos, cuja duração varia de alguns minutos a algumas horas. Tais acessos, por sua vez, podem voltar diàriamente ou a intervalos mais ou menos regulares, indo de alguns dias a alguns meses. No intervalo dos acessos, o doente pode sofrer "um pouquinho" ou mesmo nada...

Tudo isso tem sua importância para o médico!

AS CÓLICAS DO TUBO DIGESTIVO — Quando um enfêrmo sofre de cólicas na cavidade epigástrica (cavidade do estômago), com irradiações nas costas, o médico pensa numa úlcera gastro-duodenal. Nesse caso, a dor é sempre "periódica": reproduz-se quotidianamente, em hora fixa, principalmente durante o dia. Persiste nesse ritmo durante uma ou várias semanas, depois desaparece completamente durante vários meses, às vêzes vários anos, para reaparecer da mesma maneira.

VOCÊ PODE AJUDAR SEU MÉDICO — As dores localizadas nas costelas, do lado direito, irradiando para o ombro direito,



1 — A dor na «cavidade epigástrica» pode revelar uma úlcera gastro-duodenal

2 — Dor sob o rebordo costal direito é sinal de moléstia do fígado ou da vesícula biliar

3 — Na região umbical, a dor pode ser sinal de uma enfermidade do pâncreas

4 e 5 — Nas pequenas cavidades laterais do baixo abdome (da esquerda ou direita), a dor provém, em geral, de um espasmo do intestino grosso. Do lado direito também pode ter por causa a apehdicite

provêm, geralmente da vesícula biliar. Nesse caso, os acessos sobrevêm principalmente à noite, cêrca de uma ou duas horas da manhã e são assaz violentos para despertar o enfêrmo. Êsses acessos se reproduzem durante uma semana, depois desaparecem. Mas, em seu lugar, ficam mal-estares mais ou menos vagos: náuseas, enxaquecas, digestões difíceis. Os acessos reaparecem, aliás, com grande rapidez.

Os acessos muito agudos, localizados exatamente no umbigo e irradiando pelas costas, provêm quase sempre do *pâncreas*.

Quanto às dores localizadas sob o umbigo, provêm em geral do *intestino grosso*. São menos nítidas do que as outras: o enfêrmo tem a impressão de sofrer em todo o ventre. Sente, algumas vêzes, *como uma "barra" na altura do umbigo* ou, ainda, uma dor na fossa ilíaca, direita ou esquerda. Ora, as crises seguem de perto a refeição, ora sobrevêm muito tempo depois, cêrca de três a cinco horas da manhã, por exemplo. Podem ocorrer quando o enfêrmo se encontra no "toilette", como *antes* disso ou *depois*. Sua periodicidade é de oito dias no máximo, mas são, em geral, desencadeadas por fenômenos exteriores: abusos alimentares, falhas do regime, resfriados, emoções, etc.

São acompanhadas de uma sensação de distensão, provocada pelos gases intestinais, e que desaparecem tão logo êstes são evacuados ou deslocados.

As dores na fossa ilíaca são um sinal quase certo de apendicite crônica ou aguda. Nesse caso, são acompanhadas, quase sempre, de náuseas.

É DIFÍCIL INTERPRETAR A DOR — Se as dores apresentassem *sempre* um caráter nítido, o diagnóstico seria fácil. Mas pode ocorrer que um tubo digestivo não esteja isolado: uma úlcera pode muito bem *coexistir* com uma "colecistite" (inflamação da vesícula biliar) ou uma colite (inflamação do intestino grosso). As dores, neste caso, ficam superpostas e entrecruzadas.

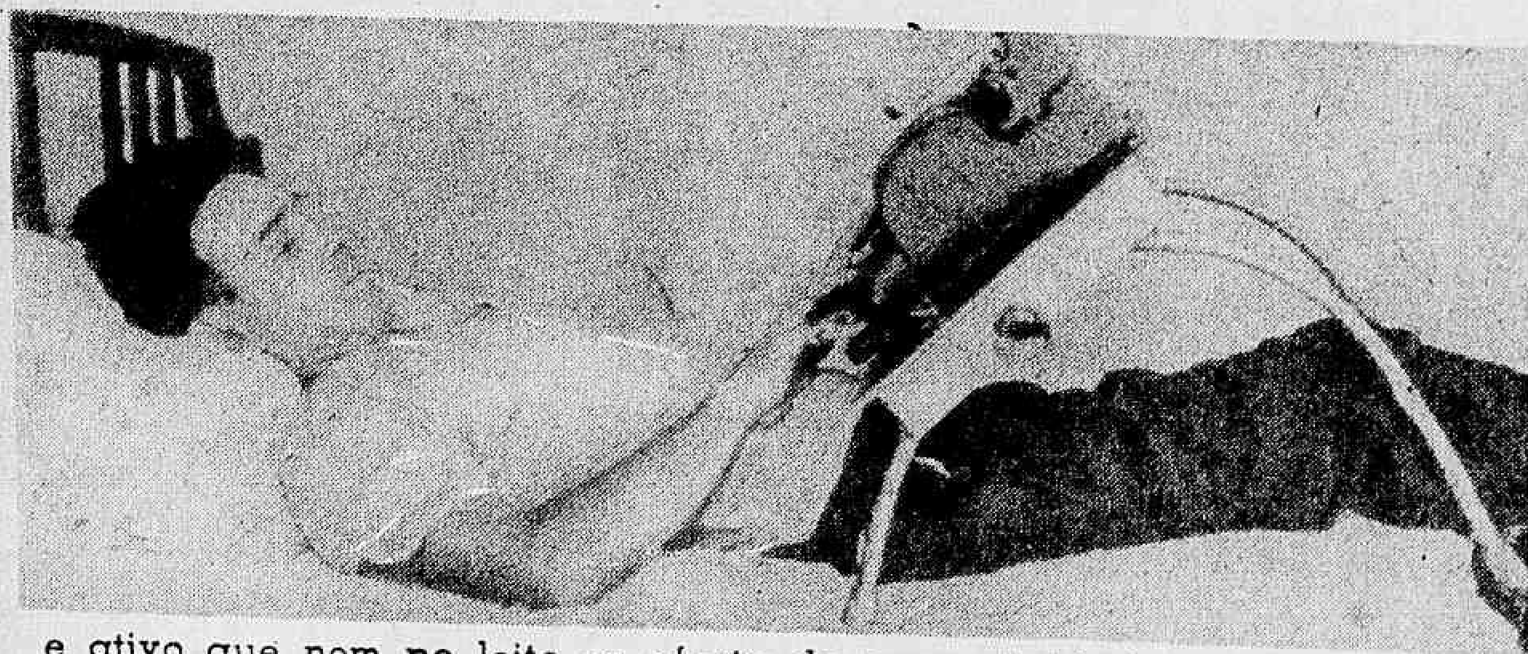
Além disso, devemos considerar os órgãos *não digestivos*. Uma dor que parece, à primeira vista, provir do intestino ou do duodeno pode ter sua origem no rim ou no uretere. Na mulher, em particular, as perturbações genitais provocam algumas vêzes espasmos de colite.

Quanto ao câncer, reveste êle tôdas as formas possíveis de dores, e seu diagnóstico só pode ser feito por um exame radiológico.

APESAR DE TUDO ISSO, a dor permite, segundo verificamos, formar certos diagnósticos, que serão indicados pelo exame clínico. Além disso, o elemento "dor" constitui sempre uma indicação, um sinal de alarma. É, pois, indispensável, para um enfêrmo que sofre do estômago ou do abdome, estudar êle mesmo sua dor; determinar tanto quanto possível o local e os caracteres, principalmente o *horário* e a *periodicidade*. Com isso facilitará o trabalho do médico e lhe permitirá encontrar mais depressa o caminho da cura.

* *

PARA OS TRABALHADORES E PARA OS PREGUIÇOSOS, TAMBÉM



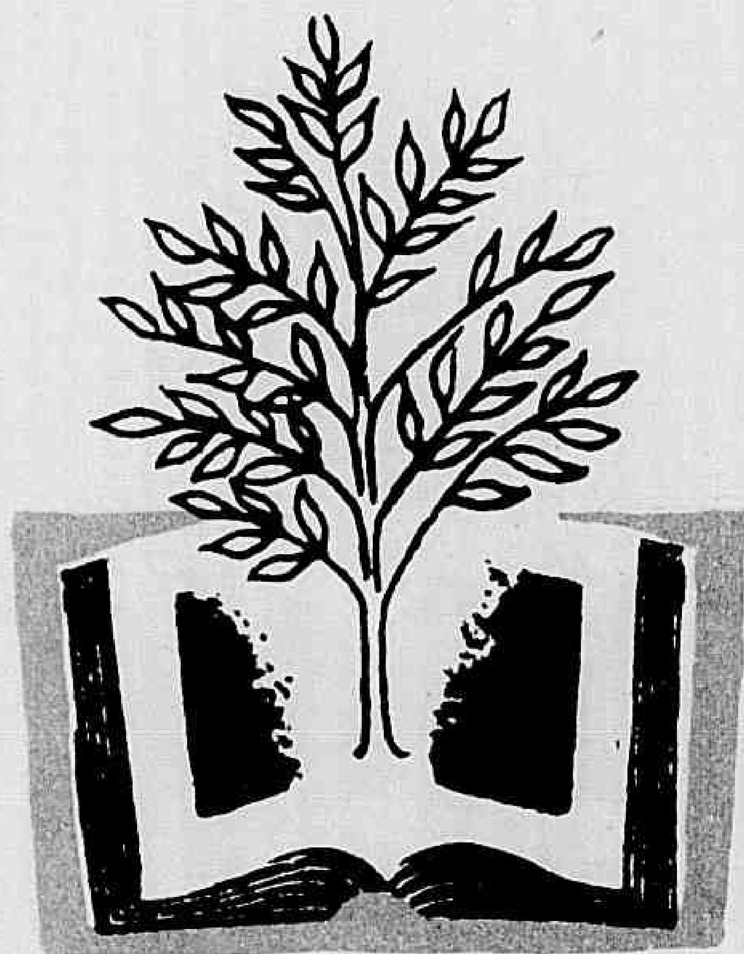
COM tantos inventos a vida está cada vez mais difícil. A cama é para descansar, e, assim, não venham com facilidades para que trabalhemos deitados. O telefone na mesinha de cabeceira, tão cômodo, quantas interjeições violentas provoca quando sua campainha trila a desora! Agora é a máquina de escrever que levam para cima do lençol! E acabamos sem saber se o homem de agora é tão trabalhador e ativo que nem no leito se afasta de suas atividades ou se tão preguiçoso que nem para trabalhar se anima a levantar. Em todo caso, êste invento da máquina de escrever, com seu leve suporte, constitui boa solução para o enfêrmo, obrigado a estar na posição horizontal sem poder cessar seu trabalho intelectual.

PODE O ARTISTA CAPTURAR O ESPETÁCULO DA VIDA?

OS MITOS ESCOLÁSTICOS E A REALIDADE

Por DE MATTOS PINTO

MÍSTICA idéia, cuja essência mal sabemos definir, sentimento demasiado sensível para que possamos resumi-lo em experiências de técnica, a estrutura íntima da humanidade desafia as medidas empíricas. A alma que os sábios estudam nos laboratórios, certamente real, sofre com a decomposição do espírito de método, analisada pelas rígidas leis e por suas limitadas interpretações.



E a lei científica que determina a alma, deforma as paixões e fixa os sentimentos, imobilizando assim o que distingue a vida e forja a própria natureza do impulso passional, petrificando o seu caráter móbil e incessantemente transmutativo. Dessa oposição que se forma o psicólogo fala nesses dois estados de passionalidade, nem sempre perscruta a alma que os movimenta, obsecado pela ânsia de expressar com imutáveis leis, a mobilidade dos sentimentos. Não há duas psicologias, pois as fúrias humanas identificam-se em si mesmas, em tôdas as partes do mundo, através de tôdas as raças. A maneira de sentir essas paixões varia e essa variegante sensibilidade de indivíduo para indivíduo, no turbilhão das circunstâncias, forma o maravilhoso fundo artístico, cuja beleza e contraste se anima a literatura entre os povos. Poder-se-ia receber a singular impressão de que se digladiam duas psicologias: — a dos criadores literários e outra de cria-

entre a realidade sensível e o conceito mental dessa mesma realidade, origina-se a dualidade existente entre a vida que se vive e a existência que se racionaliza.

Quando o psiquiatra decreta que certo indivíduo introspectivo age como um tímido, comumente se esquece de que a timidez e a impulsividade projetam-se como dois aspectos antagônicos de um só ciclo: a emoção. E não haja dúvida quanto a êsse fator básico, que arremessa os homens ora na mais frenética raiva, ora na mais esquizofrênica timidez. O violento joga os seus vícios como um emotivo que se expande e o tímido move-se como um emotivo que se concentra. Quando



dores científicos. A primeira reivindica as suas glórias com Esquilo e Sófocles, Aristófanes e Terêncio, Goethe e Molière, Jean Racine e William Shakespeare, Eurípides e Pirandello.

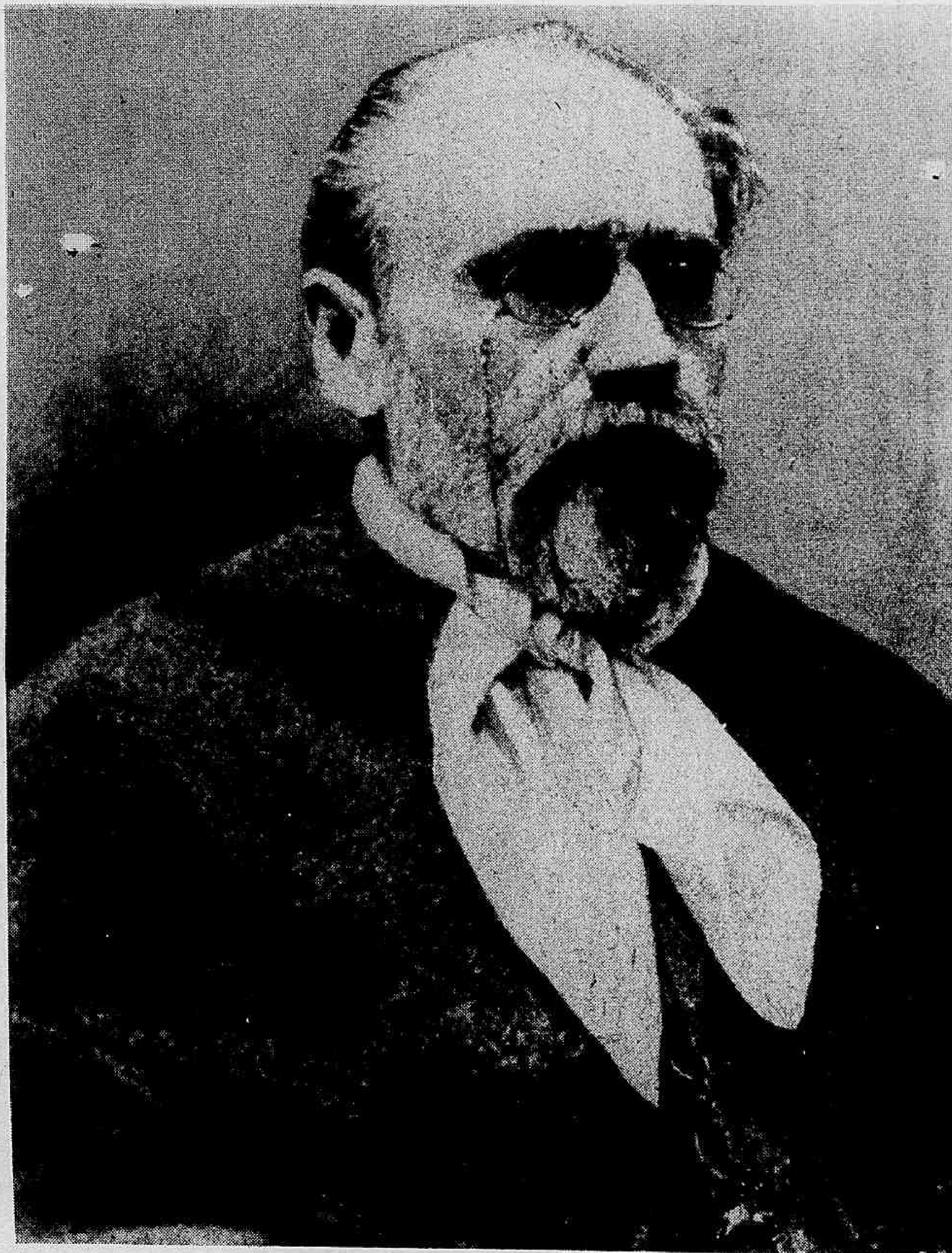
A segunda disputa a verdade com as privilegiadas inteligências de Sócrates e Aristóteles, Sêneca e Platão, Francis Bacon e David Hume, René Descartes e Benedictus de Spinoza, Nicolas de Malebranche e Auguste Comte. Uma pinta com imagens, descreve com símbolos e evoca com sugestões. A outra anatomiza a alma, separa com a lógica os efeitos mórbidos e normais, investiga com fatos e conclui com deduções sensoriais.



O romancista e o psiquiatra

marcham com objetivos diversos e capturam com flagrantes opostos o movimento das paixões humanas.

A MOBILIDADE DAS ALMAS — A criação artística e literária inspira-se na



O naturalismo de Emile Zola rebelou-se contra o lirismo desenfreado dos românticos, dando grande relêvo à vida quotidiana com tôdas as suas miudezas egolátricas. Partindo de uma idéia original de Honoré de Balzac, fundador do realismo literário no século XIX, Emile Zola pintou com brutalidade verbal a luta dos indivíduos e a fragmentação de uma família no meio social.

vida, como símbolo da sugestividade com que o artista se arroga em criador desafiando a própria natureza. A obra-prima deve projetar a lúcida impressão da existência e dos descuidos que a vivificam, agitando os corações e transviando os caracteres. As tragédias clássicas de Sófocles e de Eurípides, só perduram por evocar sentimentos eternos como a própria eternidade do destino. A arte mais perfeita pertence ao artista mais sábio na ciência de evocar o perene movimento da vida, não apenas do mundo contemplável pelos olhos, mas da existência abismal do mundo interior. Leon Tolstoi e Charles Dickens, Fyodor Dostoievski e Guy de Maupassant, o romântico Victor Hugo e o naturalista Emile Zola, o erradio Maximo Gorki e o feérico Alexandre Dumas, pressentiram a transformação do romance de psicologia individual, evoluindo para a amplitude dos mundos sociais. Porém, como criar o personagem no romance de modo a sentir-se a ação como indivíduo particular e como participante da sociedade? Eis a oscilante interrogação entre as doutrinas literárias.

O romance deve objetivar finalidade moral e perseguir dilemas esotéricos? Ou como a vida, deve ser casual e desconsertante, imprevisto e descontínuo? /

Na Academia Francesa, na hora da sua recepção, Dumas Filho confessou-se prisioneiro de inferioridade básica, na manifestação do pensamento.

Declarou-se, como romancista, submetido a uma só causa: o amor. E quando o censuraram de introduzir a cortezã no teatro francês, alegando-se que as jovens não poderiam ver e ouvir algumas das suas peças, redarguiu o artista que respeitava muito as moças para as convidar a ouvir tudo quanto poderia dizer e respeitava muito a sua arte para a reduzir ao que elas poderiam ouvir. A estética evolui com as três idades da vida, salientava Joseph-Antoine Milsand. Na infância vivemos dominados pelas nossas inclinações, na

adolescência nos subjuga a inteligência e a preocupação de julgar as coisas, depois vem o desabrochar da consciência, quando nos desiludimos da idolatria por nossas idéias. Enfim, culmina o período onde rasgamos com a análise a nossa própria natureza.

Quando ouvimos os tratados dos moralistas, reconhecemos que os seus raciocínios éticos podem ser exatos sob o prisma da dialética, porém falham pretensiosamente na irrisória vaidade de administrar os atos humanos. O espírito discute os preceitos e investiga os dogmas da ética, mas nunca penetra humanamente nos resíduos da alma que se apaixona.

Replicando ao discurso de Dumas Filho, dizendo não ser necessário relembrar as comédias de Terêncio, para desculpar as suas ousadias literárias, o historiador Othenin D'Haussonville justificava a sua arte de se haver baseado nos costumes e nas audácias da imaginação. A literatura deve se inspirar nos fatos objetivos da ciência para ser imortal? Ou deve ser como quer Maurice Maeterlinck, uma janela aberta sôbre a misteriosa noite da alma? Felix Le Dantec nutria o sonho de imaginar que só as verdades científicas, expressas em linguagem matemática, podem ser as únicas verdades eternas. Mas o artista se rebela contra a rigidez geométrica e tenta recrear a plasticidade universal da vida, recompondo os sonhos perdidos nas encruzilhadas do destino. A inspiração mobiliza os personagens sem se preocupar com as justificativas da sorte, enquanto a psicologia ousa capturar os motivos dos fracassos e vitórias. Com certo misticismo, Maurice Maeterlinck prefere a teoria de que a pequenez ou grandeza da vida depende da altitude do espectador que contempla a criatura humana.

A mobilidade passional escapa às leis envolventes do espírito, cioso dos axiomas, apegado ao materialismo. O criador deve ser móbil e intuitivo, sutil e livre, a fim de abranger a variedade das familiais individuais e as diferenciações temperamentais. A inteligência aspira a com-



Jean-Baptiste Poquelin-Molière, o maior poeta cômico de todos os tempos, criou, num século de convencionalismo, uma obra de espírito moderno, repudiando os moldes da literatura clássica. Satirizou a linguagem pretensiosa do Preciosismo e fustigou implacàvelmente as deformações do caráter humano. Molière compreendeu a influência deformadora da sociedade sôbre o indivíduo, passando assim a ser um intérprete eterno da arte humana. (Retrato de Molière, de autoria do pintor Pierre Mignard — Pertencente a Comédia Francesa.)

preensão de tôdas as coisas e de outra maneira não poderia ser, quando pela criação e pela compreensão, revela-se o esplendor mental que chamamos de Arte.

O LABIRINTO DAS TESES — No século XVIII, o filósofo Ernest Bersot divisava, como objetivo das manifestações artísticas, uma viva simpatia pela natureza humana e a universal obsessão da humanidade. Naquele tempo, a sensibilidade florescia sempre acompanhada de lágrimas. O exagerado sentimentalismo da época feria a todos e Voltaire sintetizava-o num único exemplo. O duque de La Ferté aproximou-se certo dia do abade Servin e lamentou, em voz desolada: "Ah! Não conhecestes meu filho, que morreu



O poeta trágico Jean Racine movimentou com feliz inspiração, a beleza do teatro clássico, sob a disciplina da regra das três unidades. A sua poesia expressa os grandes impetos das paixões humanas.

na idade de quinze anos!". Comovido, o abade Servin pôs-se a chorar e com tal excitação que faz o duque soluçar por sua vez. A excentricidade baseia-se no fato de que êsse aristocrata de La Ferté não ter nenhum filho morto e o relato não passava de fantasia. A sensibilidade se resumia na lágrima durante o século XVIII. O marquês de Croixmare chorava abundantemente, quando lia "A Religiosa", em que Diderot exaltava o sentimento em tôdas as coisas. O poderoso Denis Diderot, não obstante sua extensa cultura, enternecia-se pungentemente à vista das paisagens do pintor Claude Vernet, meditando na grandiosidade da natureza. Soluçava ainda quando olhava os bustos dos sábios de Atenas e Roma. O próprio Denis Diderot confessava que tudo o tocava e tudo o afetava profundamente, o que condizia com a universalidade da sua mente. Lágrima e emoção unificavam-se para os literatos da fase espiritual, que precedeu o realismo terrífico da Revolução Francesa. E passado o fastígio da guilhotina decepando cabeças de aristocratas e as vitórias romanescas das guerras napoleônicas, o artista sentiu-se deslocado na alvorada de uma nova sociedade. E agora, como deve pensar e sentir, compreender e amar, o homem recentemente abalado pela destruição do passado político? Sacudida por inexorável egolatria econômica e sublevada pelo avanço das doutrinas sociológicas, a sociedade contemporânea imprimiu ao espírito verdadeiros distúrbios morais. O espetáculo do mundo moderno maltrata os olhos da criatura sensível, com uma agonia que se renova e que se agiganta intensamente tôdas as vinte e quatro horas. Em cada rua febricitante, há um drama financeiro e uma tragédia erótica. Nos transeuntes que se atropelam raivosos, estuam as reivindicações da dor. Diante da balbúrdia generalizada, os interêsses e as paixões deformam as criaturas e a sensibilidade se altera no mais alto grau de comoção. Distorçada pela insaciável ambição, o artista perde o equilíbrio interior e tresvaria em doutrinas esotéricas. A própria cultura hesita em descobrir novos rumos para a civilização industrial e sua literatura de choques passionais.

A arte se embaralha no labirinto das teses estéticas, que pretendem usurpar a livre inspiração dos artistas. O romance

de atritos psicológicos, cuja fabulação gira em tôrno dos litígios de quatro ou doze personagens, descreve a tragédia sexual dos temperamentos desajustados e nada expressiona do busílis social, que ondula pelas ruas e repercute em cada lar como uma revolucionária ventania.

O superado Dumas Filho reservava-se o direito de fazer girar, em volta do amor, os vícios e os caracteres, as taras sociais e os impactos morais, pugnando pela regalia de impelir até às últimas consequências dentro da ficção, o ciclone dos desejos. E discursava gravemente sôbre as realidades do mundo imaginário. Para Othenin D'Haussonville, uma peça teatral só obtém a admiração do público, quando joga simultâneamente com a paixão indomável e a mais límpida candura, verdade essa tanto utilitária como estética, para os hábeis manipuladores de fabulações e de cenarizações.

O LASTRO DOS INSTINTOS — Poderemos descobrir no atômico século XX, uma realidade ainda mais total do que o realismo de Honoré de Balzac e o naturalismo de Emile Zola? A ciência favorecerá a arte na interpretação das simultaneidades de caracteres contraditórios, fragmentados pelo tempo e espaço da sorte quotidiana.

Já no século passado, os irmãos Edmond e Jules de Goncourt escreveram, inspirados no ambiente de "La Charité", o romance "Irmã Filomena", baseado num fato narrado por Louis Brouilhet. Um físico do mesmo hospital serviu de modêlo ao "Jack", de Alphonse Daudet. A fabulação e as cenas de "Amôres de Um Interno", Jules Claretie recolheu-os entre os anormais da "Salpêtrière", o famoso laboratório das misérias humanas, onde pontificava o neurologista Jean-Martin Charcot.

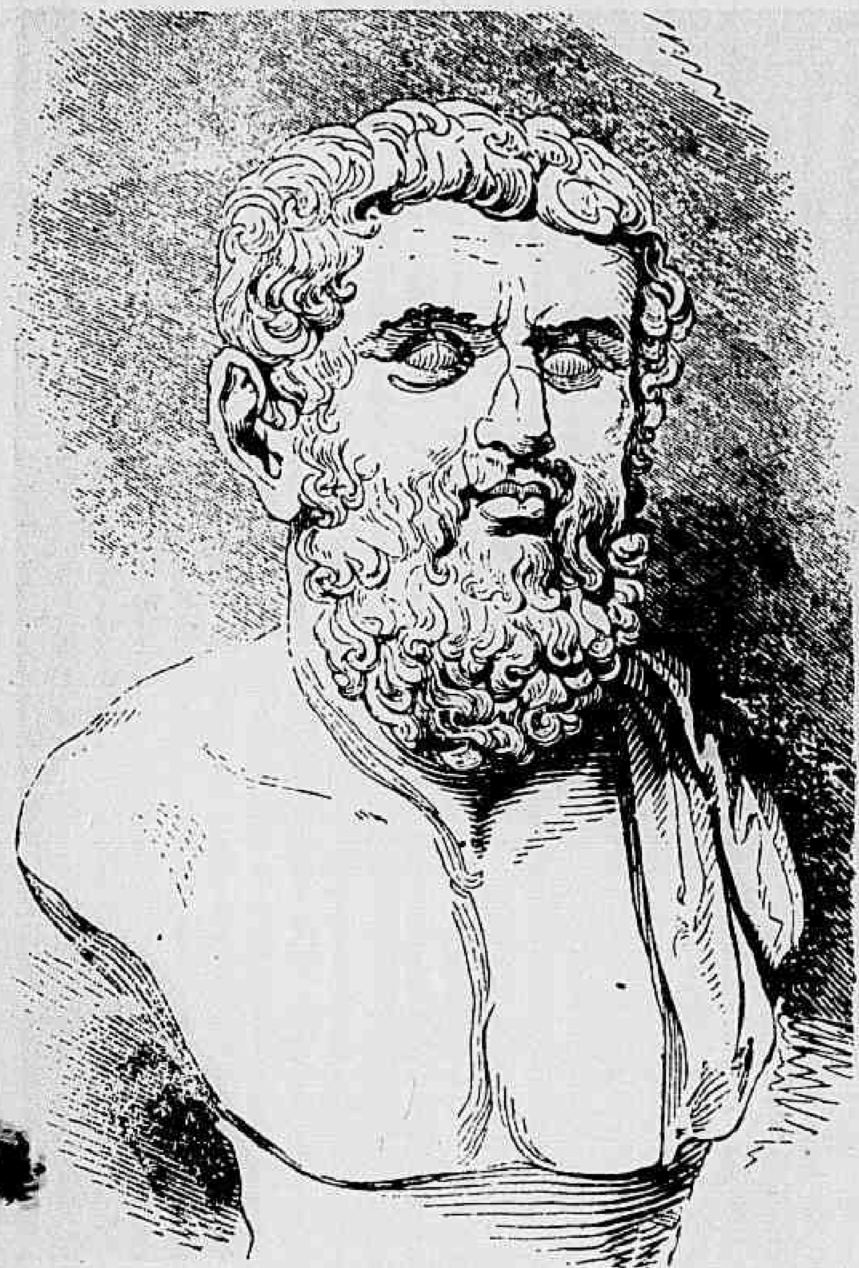
Os romancistas começavam a desconfiar dos poderes da imaginação pura, traspassando as fronteiras do fabulismo romanesco e capturando fragmentos de realismos inexplorados pelos novelistas das gerações mortas. Raul Voivenel chamou a atenção para a influência dos estudos médicos na criação literária, indiciando as inéditas agudezas reveladas pela



Estátua do trágico Eurípedes, no Museu do Vaticano. Amigo de Anaxágoras e de Pródico, Protágoras e Sócrates, o grande poeta trágico Euripedes representa a fase áurea da literatura grega, quando a inspiração começa a se deslocar do culto da vida heróica, para a análise do mundo passional quotidiano. Humanizou as figuras míticas e previu, em longínqua era, o desenvolvimento do teatro moderno.

psiquiatria. O convício de artistas com sábios, ou mesmo de escritores de culturas diversas entre si, pode aperfeiçoar a técnica e a orientação dos futuros criadores. Resta saber como a imaginação literária deverá assimilar as verdades materialistas, que a ciência revela nas suas pesquisas práticas e descobrir o impulso espiritual do pragmatismo. Há notável divergência entre os conhecimentos instrumentais e os conhecimentos morais. Os primeiros buscam a exatidão do mundo objetivo com as suas dimensões

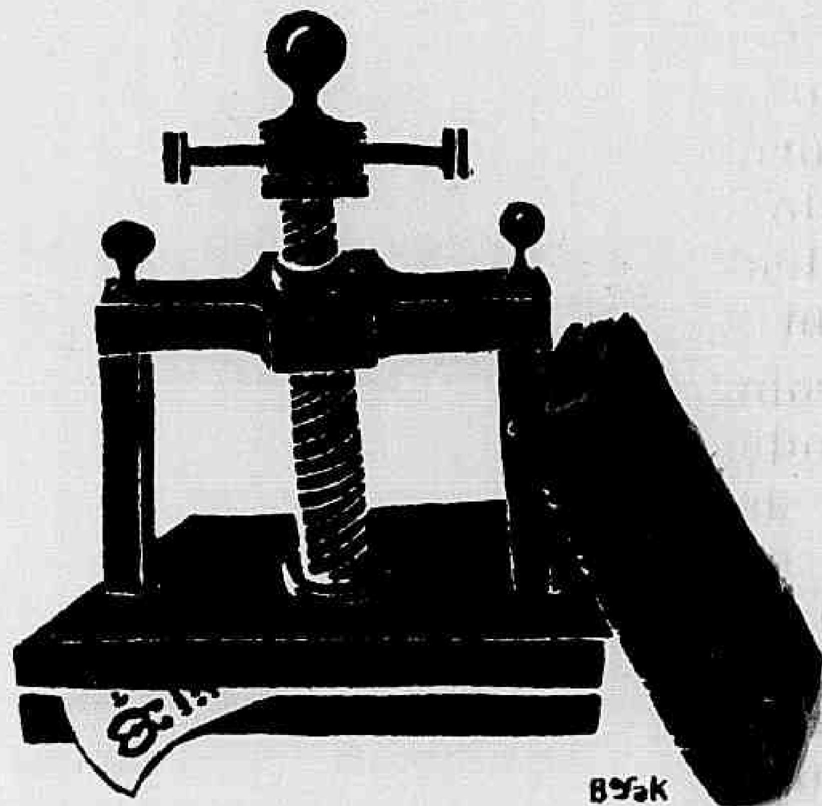
geométricas, com os seus conceitos utilitários e com os princípios da física. Os segundos investigam os movimentos imponderáveis, que regem o domínio das paixões e as leis que estruturam a dissemetria dos caracteres. Como fundir essas duas substâncias do saber humano, de maneira a extrair das suas fontes a verdade comum e indissolúvel? Poetas e novelistas pugnam contra os obstáculos de traduzir em melodia e em prosa, a filosofia matemática de Albert Einstein, cujos cálculos abalam a realidade do mundo exterior e revoltam-se contra a filosofia glandular de Nicola Pende, cujos métodos de análise nos instruem como os sentimentos mais nobres agarram-se a certos determinismos biológicos.



A literatura grega, sôbre cujas fontes se expandiu a arte clássica do Ocidente, contempla com imortal admiração o poder criador de Sófocles, cujas tragédias iniciaram a pintura dos caracteres humanos. Atribuem-lhe diversas inovações na representação teatral da sua época.

A êsse fato, já por si próprio transcendental pelas suas consequências revolucionárias, acrescente-se a circunstância de que cada indivíduo tende a construir o seu mundo subjetivo, rebelde aos imperativos sociais. A impenetrabilidade dos caracteres começa a diluir-se com os assaltos da psicanálise, que dilatou os poderes da psicologia clássica. Ainda há uma volumosa massa popular devotada à ficção pura, em cuja trama só impera a fantasia. Mas o romance do século XX marcha para a simultaneidade psico-social, em cujo desfecho o personagem deixará de ser curiosa individualidade e em que o fabulista anatomiza os vícios, exagera e deforma a análise introspectiva. O romancista abrangerá o homem como personalidade humana e como elemento social, extrairá da sua simultaneidade a nova arte. Descobrindo a vida imemorial do gênero humano, que precedeu os tempos culturalistas, a seleção natural de Charles Darwin revelou a existência do extenso e profundo lastro de animalidade e de instintos zoológicos no homem. Mas também expôs luminosamente, a tremenda energia do espírito, cuja batalha contra os impulsos hereditários ainda prossegue nos tempos atuais. E a literatura pouco extraiu das revelações do darwinismo, embaraçada pelos axiomas da moral clássica. A arte poderá culminar numa verdadeira ciência de representação plástica, quando a possibilidade de ser artista supõe o poder de amar o total e o particular, sentir outros destinos temperamentais e avaliar os invisíveis acontecimentos, que se desenrolam no teatro da consciência. O idealismo não poderá florescer ignorando as múltiplas divisões biológicas da vida humana, cuja repercussão afeta a conduta de homens e mulheres. Os romances de David Herbert Lawrence tentaram fundir as aspirações da inteligência e as ruturas do instinto, numa única perspectiva de beleza.

O cientista decompõe os estados dalma para entrever a origem do ódio e da ambição, da perfídia que mata silenciosamente, e do amor, que fere com blandícias, da egolatria e da fé. A arte recompõe a multiplicidade dos afetos e das cóleras, com o fim de estabelecer a invisível harmonia do mundo passional, tão importante para a felicidade das criaturas como o mundo da energia

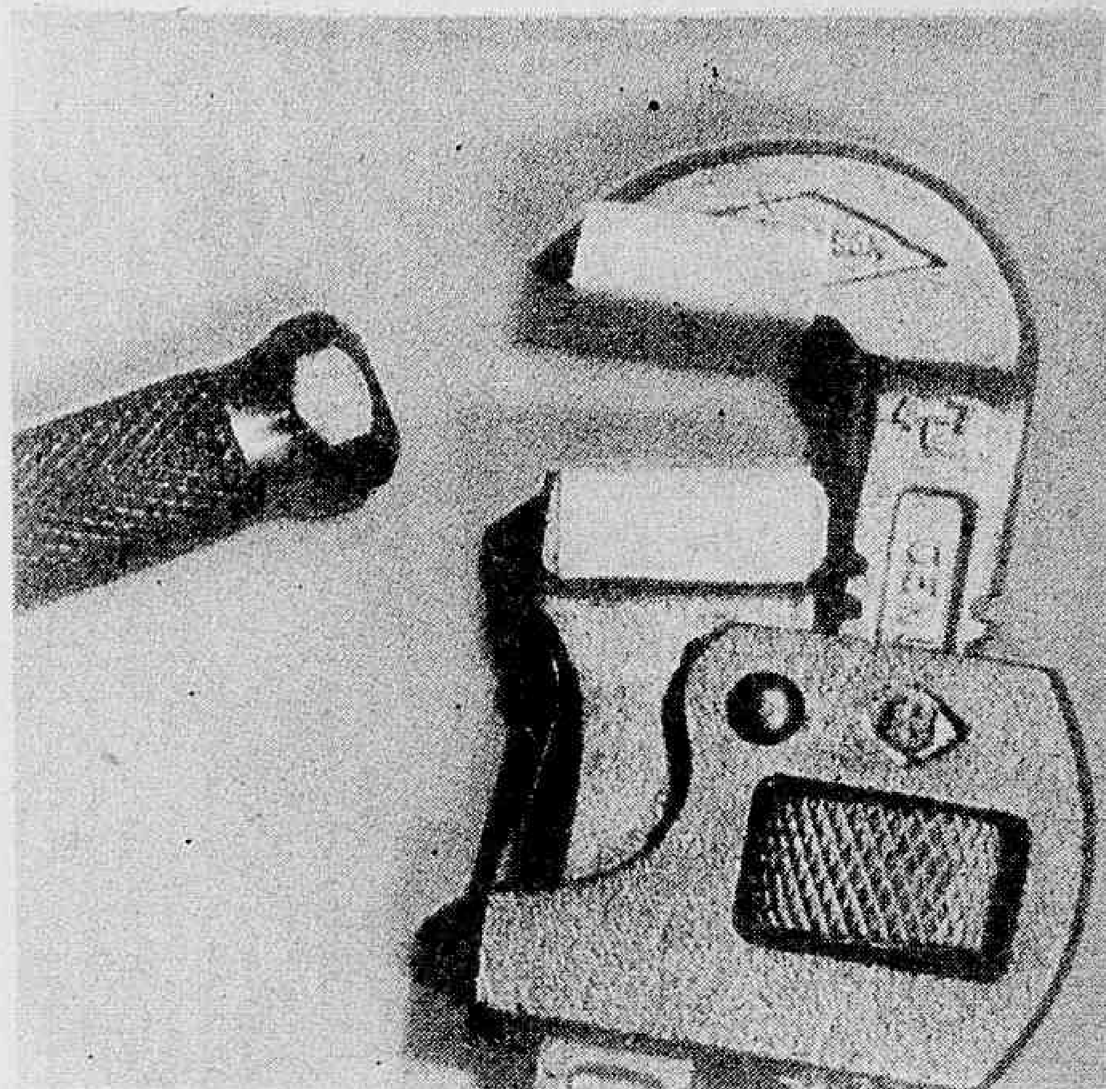


nuclear. Enriquecido pela psiquiatria, sabem os fabulistas do século XX que o homem não dispõe de uma personalidade estática e mecânica, marchando incólume sob os temporais psicológicos e sociais. As verdades clínicas invadiram as tramas episódicas, que divertiam as gerações passadas. Reconhece Robert-Guillou que a arte não pode ser um fim em si própria, mas um meio para objetivar um alvo espiritual. As transformações econômicas sepultaram os ociosos da aristocracia, que poderiam ler os refinamentos do preciosismo moderno. E se ninguém pensa em padronizar a linguagem para facilitar a compreensão das massas populares, pode-se ao menos invocar a consciência da língua de que fala Marcel Cohen, para retratar a crise da literatura, hesitante entre novo idioma expressional e a descoberta de nova humanidade. A literatura pode capturar o espetáculo onímodo da vida com todos os seus aspectos dissimétricos, ou deve se resignar aos flagrantes restritos e individuais? Gerações de artistas batalham e continuarão na pugna de encerrar êsse problema.

O PERIGO DO CULTURALISMO — O feérico paradoxo de Oscar Wilde, para quem a vida imita a arte, pode transportar a literatura de ficção a um domínio fantástico, despojado de conteúdo vital. As correntezas da existência transcendem as ramificações artísticas, que se bifurcam em escolas literárias. A literatura moderna choca-se com as fracassadas tentativas de espiritualizar o homem, cujo satanismo passional exasperou os ideais dos clássicos. Tôdas as sátiras de Gilbert Keit Chesterton não destruirão o brutal fato de que a humanidade não nasceu e evoluiu sôbre um berço olímpico. Platão qualificava as idéias como autênticas realidades, podendo ser dado como o precursor helênico de Jean-Paul Sartre.

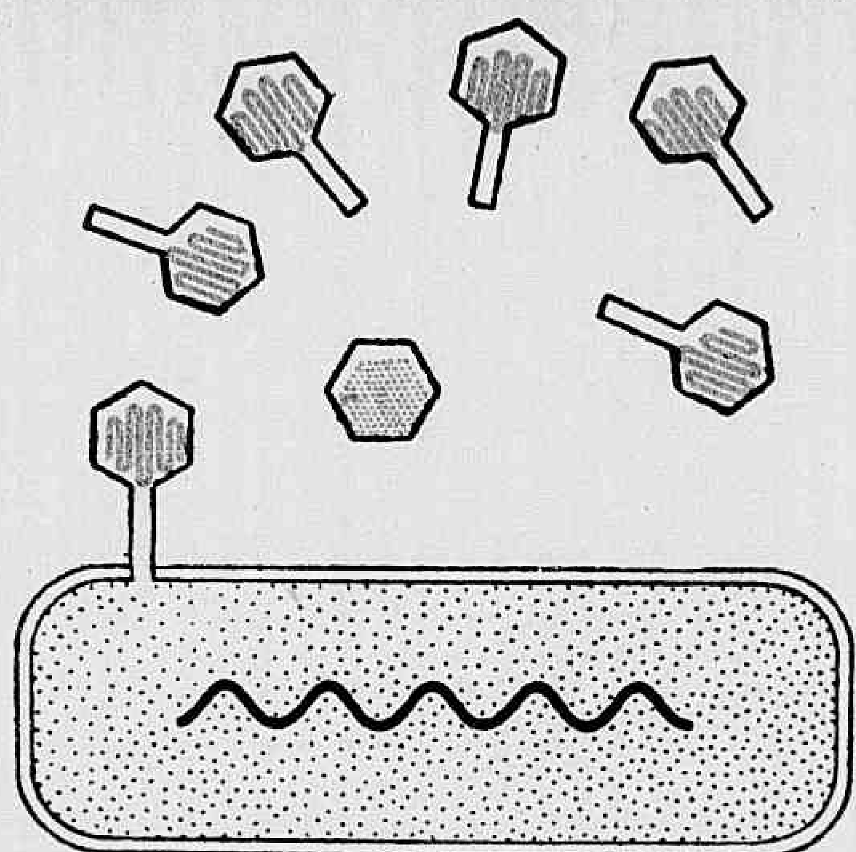
A arte literário arrisca-se a distanciar-se da vida corrente e palpável, quando se impregna de teorias e avança cegamente para o culturalismo, em que a ficção opera com valores puramente abstratos e utópicos. Com tôdas as discórdias dos seus intérpretes, o existencialismo reaviva a urgência de regressar aos fatos vivos.

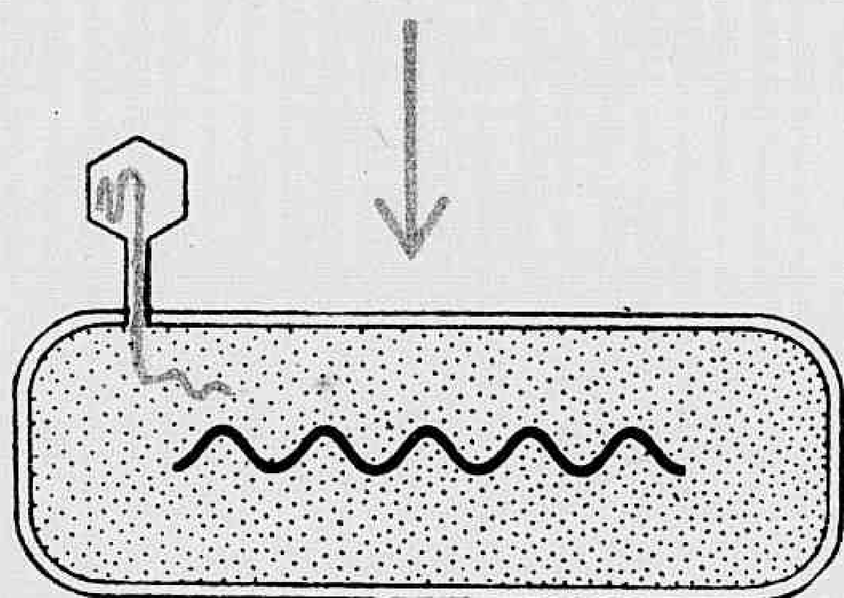
APRENDAM A TRABALHAR

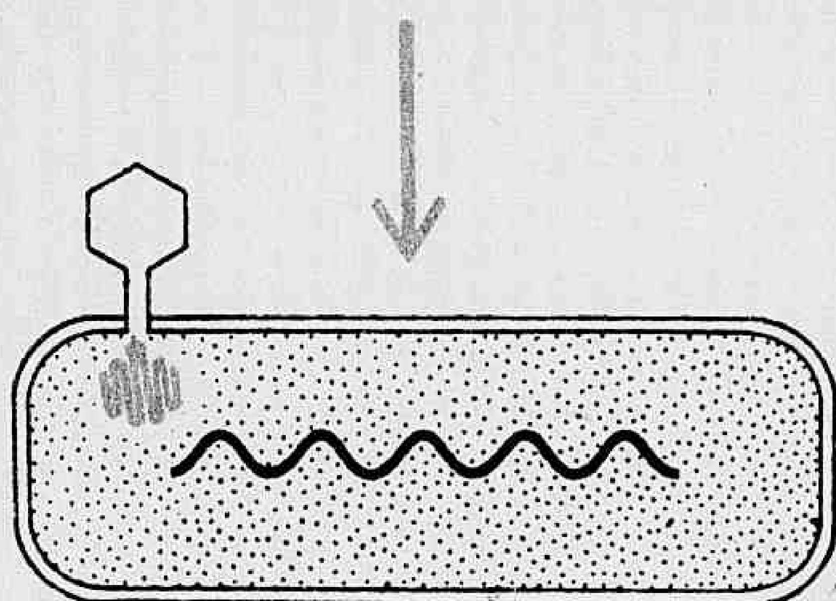


QUANDO se usa uma chave-inglêsa, para agir sôbre algum parafuso ou porca, convém proteger a operação, forrando as duas faces da chave com esparadrapo forte. Além de evitar desgaste ao metal das duas peças, dá maior segurança e vigor à ação.

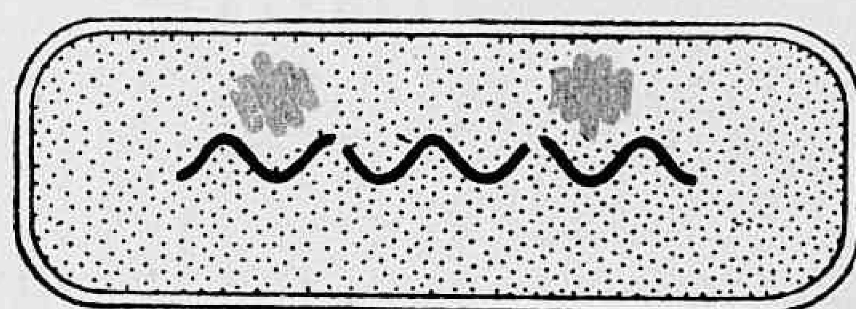
Opondo a filosofia existencialista ao frenesi verbal dos filósofos especulativos, Soren Aaby Kierkegaard lançou em campanha o dualismo entre o conhecimento e a realidade. Se os existencialistas impugnam as essências e aceitam a vida como uma realidade, a filosofia de Karl Jasper reintegra os fatos históricos como uma parte da história natural e da evolução da natureza do homem. Poderão os escritores prosseguir impassíveis na tua tôrre de marfim, lapidando estilos clássicos, linguagens românticas, verbalismos naturalistas e gíria freudiana, enquanto a ciência liberta a energia nuclear e desvenda a civilização atômica? A humanidade jamais saberá dispensar o ideal, mas convém denunciar com Karl Jasper o perigo mortal do mito, cujo descontrôle pode projetar uma civilização de imagens e de miragens. E a literatura pode desnaturar-se com as utopias escolásticas, provocando reações semelhantes à fúria de Soren Kierkegaard contra os excessos verbalistas do hegelianismo. O culturalismo pode degenerar em outra decadência análoga ao fenômeno do Preciosismo, que já uma vez deformou o expressionismo literário dos clássicos.





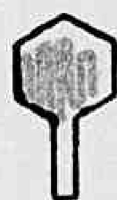


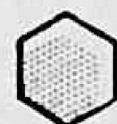






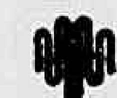
SIGNIFICADO DOS SÍMBOLOS


Bacteriófago


Bacteriófago incompleto


Invólucro proteínico


Material genético (DNA) do bacteriófago


Proteína do bacteriófago


Cromosoma da bacteria

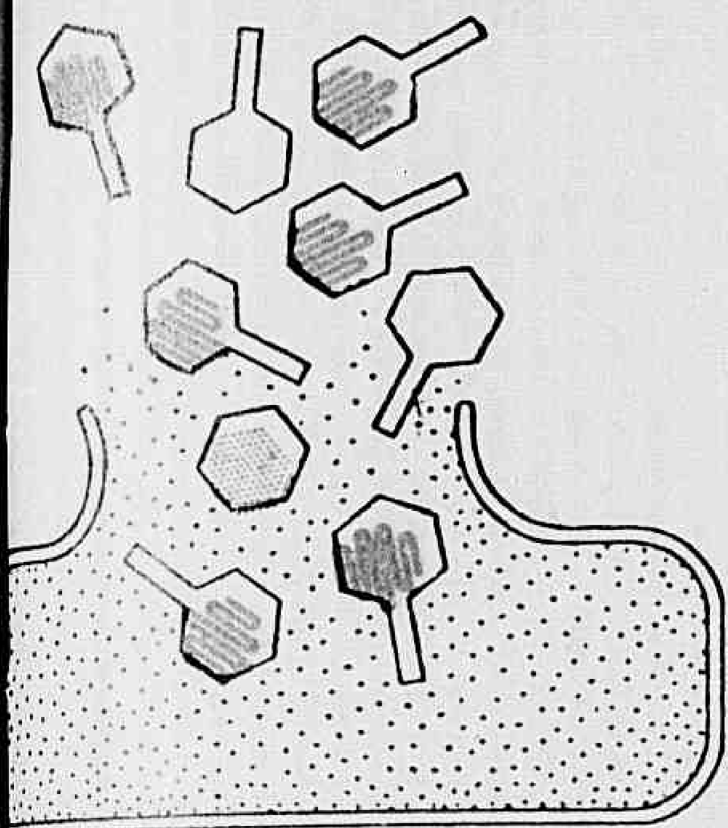
OS VÍRUS, INVISÍVEIS INIMIGOS

Inimigos do homem, dos animais, das plantas e das bactérias, os vírus são os menores organismos que conhecemos. Só através do seu estudo podemos debelar uma série de medonhas enfermidades que ainda fogem ao nosso contrôle.

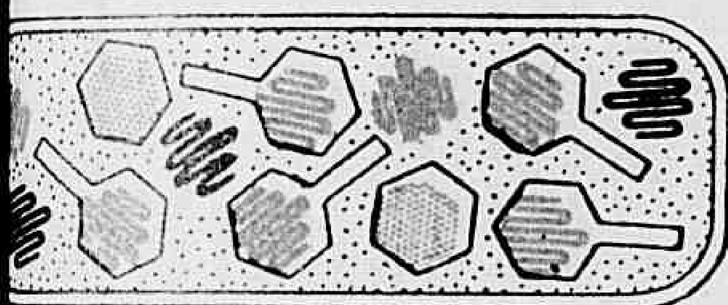
INIMIGOS terríveis do homem, dos animais e das plantas são os vírus os agentes infecciosos que produzem a influenza, a encefalite, a varicela, a febre amarela no homem, a afta epizoótica nos bovinos, a raiva no cão, a laringotraqueíte nas galinhas, a "ferrugem" do bicho da sêda, o "mosaico" na planta do tabaco e do tomate; todos pertencem a êsse vasto e ainda misterioso grupo dos vírus.

Durante parte do seu ciclo vital, os vírus são minúsculas partículas, que só podem ser medidas em milionésimos de milímetro "milimicron) e apenas podem ser vistas, indiretamente, através da fotografia pelo microscópio eletrônico; ao contrário, no curso de outra fase de sua atividade, os vírus desaparecem, perdem o próprio traço no interior da célula em que se hospedou.

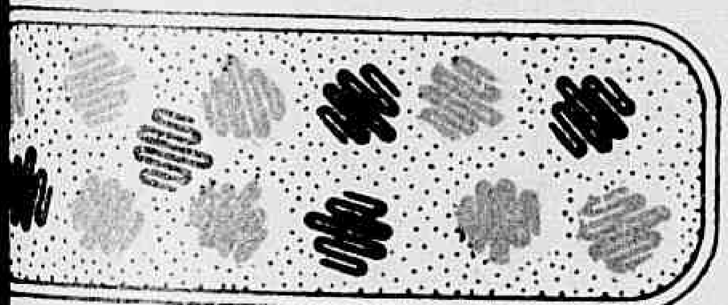
No limite inferior entre o vivo e o não-vivo, os vírus fornecem aos biologistas









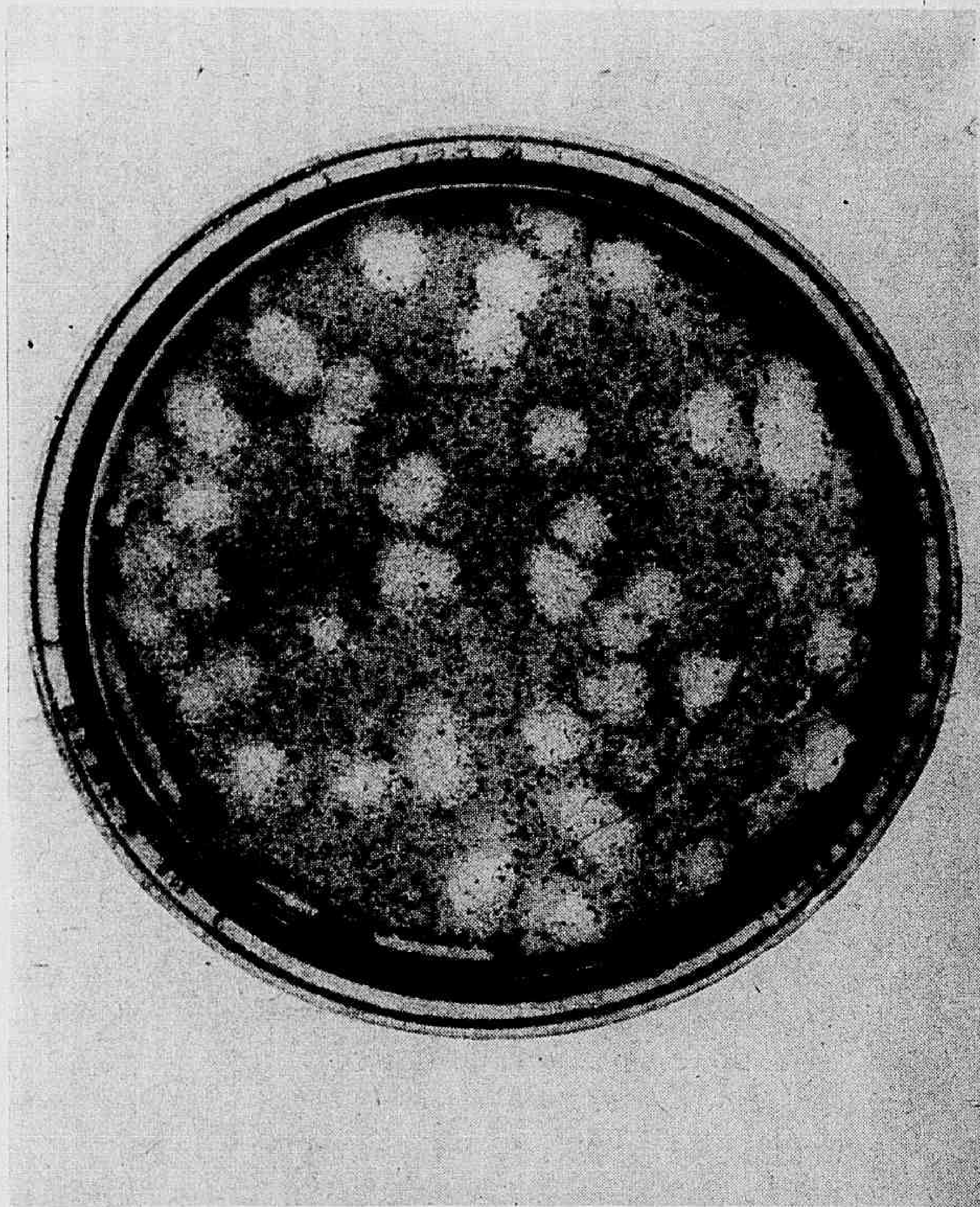


dados de fundamental importância relativamente à mais típica e distintiva propriedade dos organismos: *a reprodução*.

Durante os últimos dez anos êsses estudos progrediram ràpidamente, sobretudo no setor que poderia parecer menos interessante para o homem, o do vírus bacteriológico, também chamado bacteriófago.

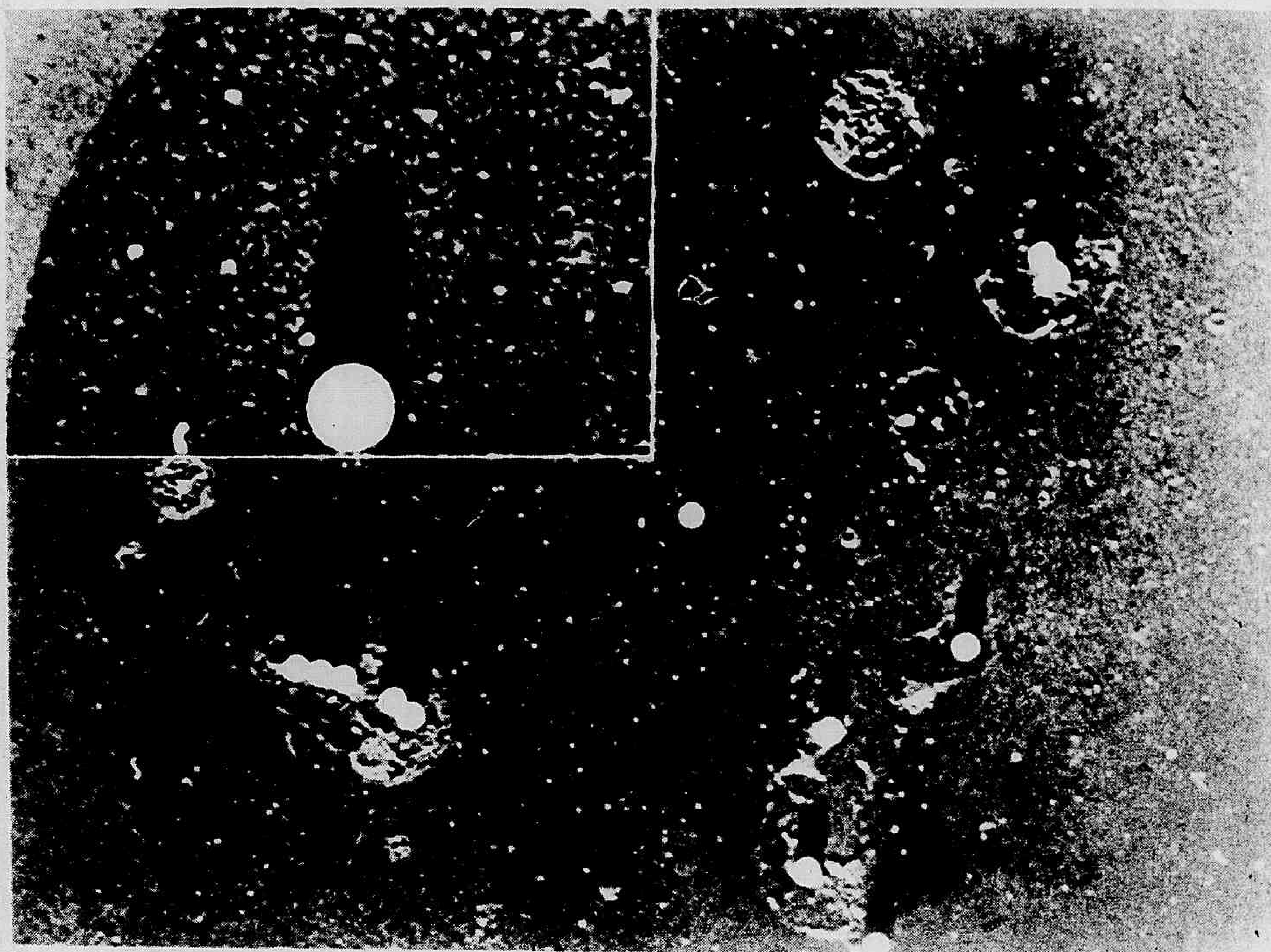
Hoje começam os sábios a compreender, por exemplo, como uma partícula dos vírus da poliomielite possa atacar uma nossa célula nervosa e destruí-la, provocando a chamada paralisia infantil e, se, dêsse estudo, pudermos alcançar um importante desenvolvimento em futuro próximo, até poder exterminar essa e outras temíveis moléstias, essa vitória ficaremos devendo, em boa parte, ao conhecimento conseguido por intermédio dos bacteriófagos.

A história do ciclo vital do bacteriófago ou, abreviadamente, "fago", parece muito simples, atualmente. Mas, quando se pensa que foi necessário reconstruir



Ao alto, à esquerda, a começar na página 32: — esquema do desenvolvimento e multiplicação do bacteriófago, no interior da célula bactérica A fotografia da página 35 mostra algumas fases dêsse ciclo No clichê (fotografia) menor, ao alto, ao contrário, é a primeira cultura em vidro, obtida de uma simples partícula dos vírus de encefalite do cavalo, conseguida pelo professor Dulbecco, do Californian Institute of Tchnilogy A foto mostra duas placas de vidro, entre as quais se desenvolveu um extrato unicelular dos fibroplastos derivados de embriões de pinto (pontinhos negros) as placas indecisas e mais claras são produzidas pelo desenvolvimento do vírus, que já destruiu grupos de células.

tudo para saber como uma partícula invisível, mesmo com os mais poderosos microscópios óticos, conseguia penetrar e destruir uma simples célula bactérica(por



Eis a primeira fotografia tomada com o microscopio eletrônico do vírus da poliomielite — Tipo II — obtido pelos pesquisadores Bachrach e Schwerdt, da Universidade da Califórnia. O leitor pode observar na fotografia acima doze partículas do vírus. No canto alto, à esquerda, outras partículas de menor engrandecimento pode ser confrontada com uma esfera polistirênica de 260 milimicron de diâmetro.

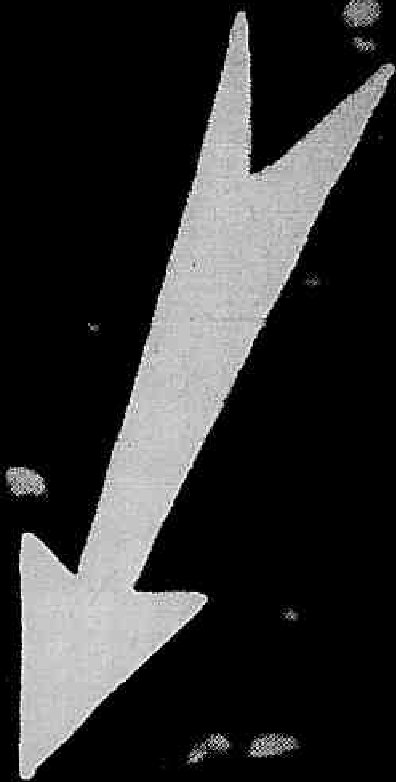
sua vez de dimensões mínimas alcançando apenas alguns milésimos de milímetro) então podemos fazer uma idéia do esfôrço e da habilidade exigidos.

Um bacteriófago típico, por exemplo o "T2", que é capaz de destruir o bactério Esqueripsicoli, é constituído de uma cabeça e uma cauda. A cabeça, de forma prismática, hexagonal, mede 95x65 milicrons; a cauda é longa de 150 e espêssa de 10 milimicrons. A parte externa da cabeça, como da cauda, é feita de proteína, enquanto o interior da cabeça é constituído de uma substância basilar para todos os processos de reprodução, o ácido *subsiribonucleico,* também chamado DNA.

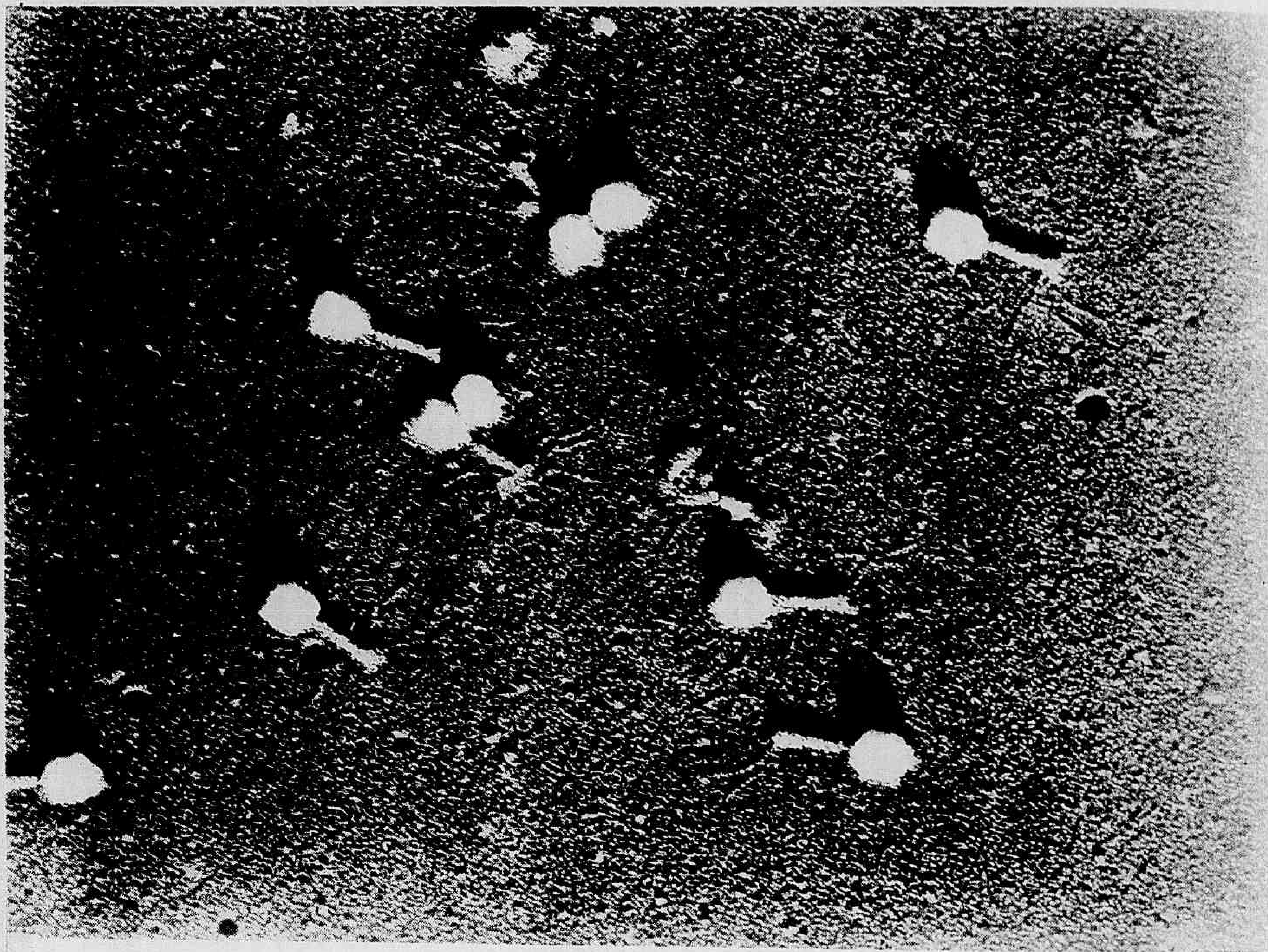
Numa gôta dágua podemos encontrar milhões ou bilhões dessas partículas, as quais, nesse estado, são de todo inertes, podendo parecer material inorgânico, como grânulos minúsculos de poeira. Enquanto não entram em contacto com bactérias, as partículas do *fago* nada fazem; não se movem nem se reproduzem, suportando valentemente maus tratos sem sofrer dano. Mas, se juntarmos a gôtinha dágua, que contém miríades de *fagos* a uma cultura de bactérias do tipo justo, isto é: das que possam ser atacadas pelo "T2" eis que as partículas convergem para a superfície da célula bacteriófaga e a ela se aderem pela cauda; os bacteriófagos, em têrmos técnicos, não se deixam absorver pelo bactério. Depois disso, o material genético, contido na cabeça de um bacteriófago se injeta, através da cauda, que funciona como diminuta seringa, no interior do bactério; no exterior dêste último ficam os destroços do envolucro do *fago,* justamente a sua porção proteica.

A partir dêsse momento, o *fago* perde a sua identidade, como partícula e também

Bacteriófagos que atacam uma célula bactérica; trata-se do «T2» (indicado pela seta), capaz de destruir o bactério «Escherichiacoli». O «T2» adere com a cauda à superfície da vítima; a seguir o material genético, contido na cabeça do bacteriófago, através da cauda, que funcionava como seringa, penetra no bactério, ficando de fora a porção proteica. O que ocorre no interior da vítima não sabemos. Mas se assim deixarmos, ao fim de 21 minutos, o bactério infectado se alisa, desfazendo-se e dêle emerge uma geração de uma centena de novas partículas iguais à inicial, com cabeça e cauda, capazes de infectar outras células (foto inferior). Em poucos minutos o espantoso ciclo vital do bacteriófago se completa. As duas fotos foram obtidas com microscópios eletrônico, no Instituto Superior de Saúde, de Roma







Numa gôta d'água podemos encontrar bilhões de partículas. Essa é do tipo bacteriófago, o «T2», que, aumentado 14 000 vêzes, mostra uma cabeça hexagonal e uma cauda. A parte externa da cabeça e da cauda é formada de proteína, enquanto o interior da primeira é constituído de ácido subsiribonucleico. A fotografia que publicamos foi obtida no Centro de Microscopia da Universidade de Gênova.

o poder de infectar outra bactéria: se abrirmos uma célula bactérica, mal verificando o ataque do *fago*, não se consegue mais identificá-lo nesse material saído do bactério e pronto a danificar um outro bactério são. Mas, se o deixarmos estar pelo espaço de 21 minutos, o bactério infectado se alisa, se desfaz e disso emerge uma geração de uma centena de novas parcelas em tudo iguais à inicial, com cabeça e cauda, capazes de infectar outras células bactéricas.

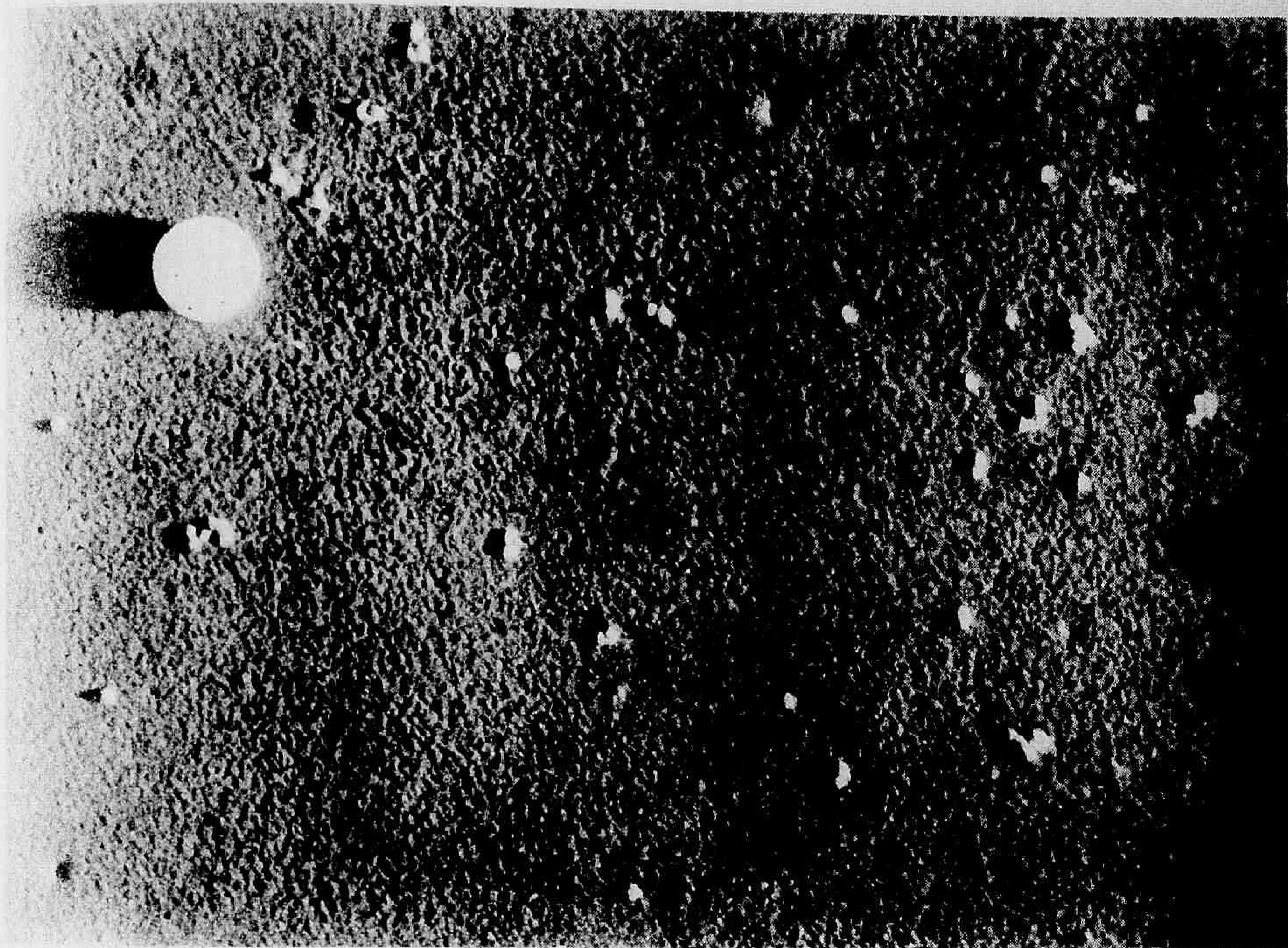
Em poucos minutos o inteiro ciclo vital do bacteriófago foi realizado e, dada a sua rapidíssima multiplicação, uma vez que uma simples partícula de *fago* se introduziu numa cultura com bilhões de bactérias, esta pode ficar destruída completamente em poucas horas.

Que ocorre durante êsses vinte e um minutos no interior da célula bactérica? Como, da porção do DNA de um simples bacteriófago podem ser formados centenas de outros, novos e completos?

A esta pergunta não estão os cientistas ainda em grau de responder com segurança. Parece, por outro lado, que a introdução dos ácidos nucleicos do *fago*, entrando no bactério transforma substancialmente os processos fisiológicos normais dêste último, orientando-o em nova direção.

Isto significa que para compreender o mecanismo da reprodução do vírus devíamos levar em consideração a característica da célula atacada; em outras palavras, não podemos limitar êsses estudos com o exame apenas das propriedades do *fago*, sendo conveniente, ao contrário, estudar o sistema bactério-bacteriófago em todo o seu complexo.

Nesse ponto, também deveríamos desviar por um minuto a nossa atenção do vírus para examinar, um pouco, como os



Nesta fotografia estão reproduzidas numerosas partículas de um outro tipo (MEF-I) do vírus da paralisia infantil, extraídos do tecido de entre o qual o vírus fôra cultivado. Ainda nesta foto a esfera maior mede duzentos e sessenta milimicron. Essa é uma preciosíssima dos atuais progressos na luta que os cientistas de todo o mundo vêm empreendendo com denôdo e sem esmorecimentos contra a poliomielite.

outros organismos se reproduzem. Êstes são, todos, compostos de uma ou mais células. As células de cada organismo têm a capacidade de absorver do ambiente em que se encontram as substâncias de cada tipo, de incorporá-las e de transformá-las para sintetizar matéria viva com característica específica.

Se considerarmos, para apontar o caso mais simples, um organismo unicelular, como um infusório ou uma alga ou um bactério, veremos que, graças a essa assimilação de substâncias do exterior e à síntese dos novos compostos, a célula aumenta de volume, cresce. A um certo momento, divide-se em duas novas células, que possuem tôdas as características da célula-máter.

A extraordinária especificação de cada organismo é controlada por minúsculas partículas — da mesma ordem de grandeza do vírus e também ainda menores — os *genes*, que se encontravam no interior do núcleo celular.

As duas células derivadas da cisão da célula-máter possuem igual corrente de *gene*. Estas possuem as mesmas próprias e inconfundíveis características biológicas e químicas.

Os genes não se encontram desordenadamente espalhados no interior do núcleo celular, mas, ao contrário, ordenados em cadeia visível ao microscópio: os *cromosomas*. Êstes corpos (cromosomas) são constituídos de ácidos nucleicos e de proteína, os dois grupos de substância que já havíamos encontrado no bacteriófago. Resumindo: tôdas as células se reproduzem por cisão, e tôda característica e tôda a especificação, derivam dos *genes* constituídos dos materiais núcleo-proteínicos.

Voltemos, agora, ao nosso sistema bactério-bacteriófago.

Se introduzirmos uma célula Esqueríquia coli num terreno cultural apropriado, assimilará variadas substâncias, e, utilizando-as, não sintetizará novamentemente. Mas crescerá para dividir-se em duas novas bactérias iguais à precedente. Das duas células, por sucessivas divisões, serão formadas quatro, depois oito, dezesseis e assim por diante e, finalmente, tantas de acôrdo com a quantidade do material nutritivo contido na cultura.

O BERÇO REAL



NÃO se trata de um casal feliz, que contempla o berço do filhinho que vai chegar. São Eleanor Parker e Robert Taylor, que, durante o repouso da filmagem do Vale dos Reis, visitam o palácio do ex-rei Faruk e se detêm diante do berço que serviu ao filho de Narriman.



UM joalheiro londrino, Roland Dening, por haver gritado uma única vez para sua própria espôsa: — «Em casa quem manda sou eu!» — foi acusado, perante um tribunal de «crueldade» e contra êle não tardou a ser confirmada a sentença de divórcio. Inùtilmente, o pobre joalheiro tentou desculpar-se. Os juízes estabeleceram que êle havia revelado, com a tal frase, um temperamento «odiosamente ditatorial».



O que impera no mundo é a mulher. Ela é a soberana: tudo fazemos pela mulher e para a mulher. Ela é a grande mestra, a educadora do homem; ensina-lhe as virtudes amáveis, a delicadeza, a discrição e êsse soberano temor de ser importuno. — Anatole France

VITALIDADE EXTRAORDINÁRIA — Entretanto, introduzindo-se um bacteriófago na cultura bactérica, como vimos, as coisas mudam. Em vez de obter duas células de outra, precedente, obteremos uma centena de novos *fagos*.

Embora não se saiba, ainda, com exatidão, como essas coisas ocorrem, acredita-se que os ácidos nucleicos do bacteriófago, introduzidos na célula bactérica, substituem os *genes* desta, dirigindo e controlando a assimilação e a síntese das novas substâncias, sendo que, em vez de maior quantidade de material bactérico sejam formados ácidos nucleicos e proteína, tendo a característica específica do bacteriófago.

Ao término dos vinte e um minutos da infecção da célula bactérica, em vez de iniciar-se a divisão da mesma em duas, ter-se-á formado centenas de novos bacteriófagos *maduros*, os quais estarão prontos para iniciar novo ciclo infeccioso.

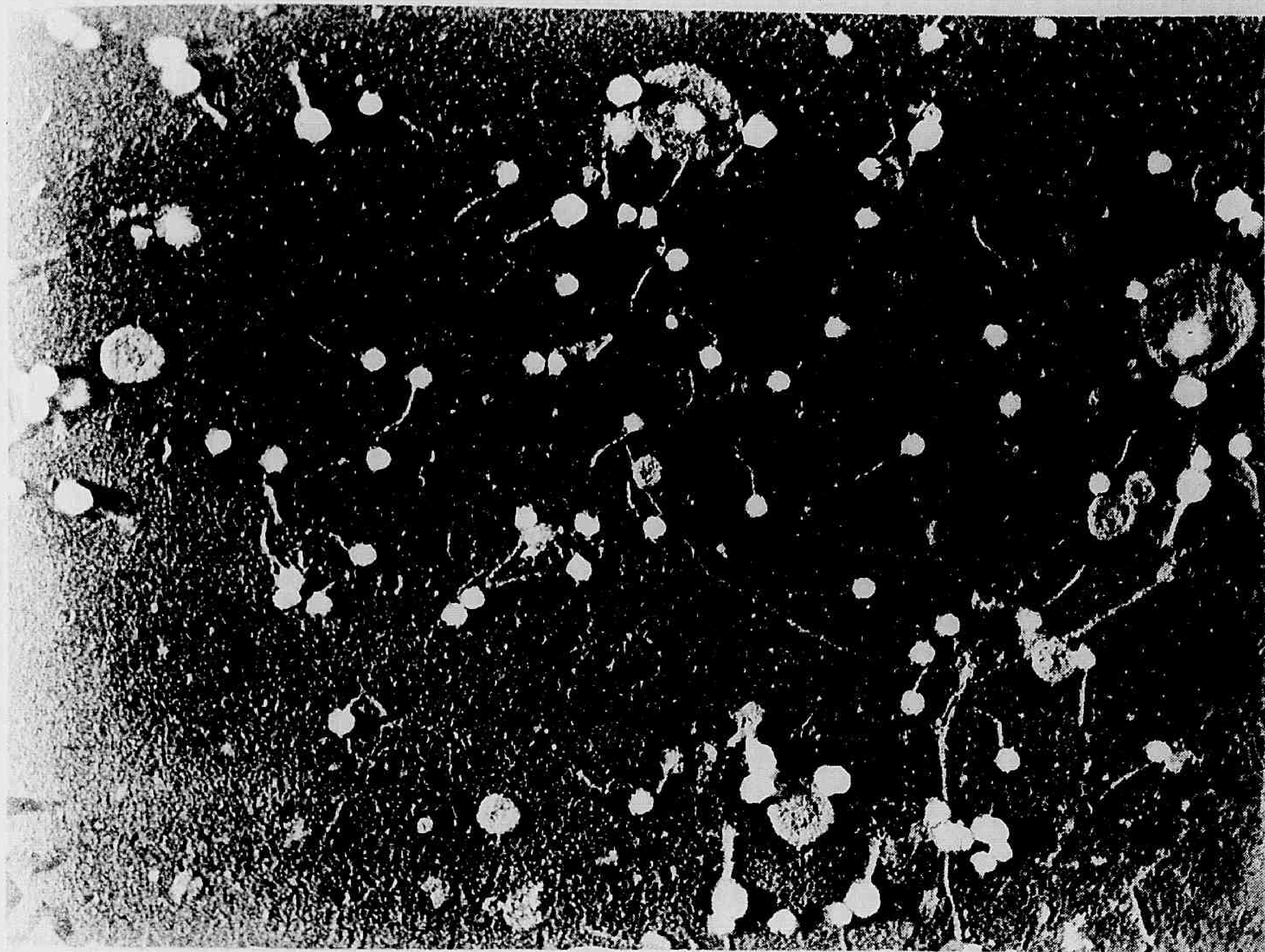
A descoberta do extraordinário ciclo vital do vírus bactérico não é devido a uma só ciência, mas à *parceria* — digamos assim — biológica e física, responsáveis pelo superamento das sucessivas etapas no difícil caminho.

A maior parte das descobertas teve lugar nos Estados Unidos, devendo-se tal esfôrço feliz a numerosos cientistas.

UMA NOVA TÉCNICA — Sôbre o vírus parasita dos animais, das plantas e dos homens sabemos muito menos que sôbre os bacteriófagos.

Isto é devido à maior dificuldade técnica de obter dados *quantitativos* sôbre a multiplicação de simples partículas do vírus no interior de uma célula simples.

Mais recentemente, porém, Renato Dulbecco, do Californian Institute of Technology, de Passadena, no Estado da Cali-



Bacteriófagos de várias dimensões: o «T2», com a cabeça hexagonal e o «lambda», menor e com a cabeça esférica. A cabeça do primeiro bacteriófago mede apenas 95 milimicron e a cauda tem o comprimento de 150 e a espessura de 10 milimicron. A fotografia, de grande nitidez (aumento de 100.000 vêzes) foi obtida no Centro de Microscopia Eletrônica da Universidade da cidade de Gênova, Itália.

fórnia, conseguiu cultivar vírus animal e do homem, como o da encefalite e da poliomielite, em simples célula dos tecidos animais, cultivados em vidro.

A cultura dos vírus animais preparada desssa maneira assemelha-se muito à do vírus bactérico. Podemos realmente esperar que a genética do vírus animal se desenvolve tão ràpidamente como a do vírus bactérico.

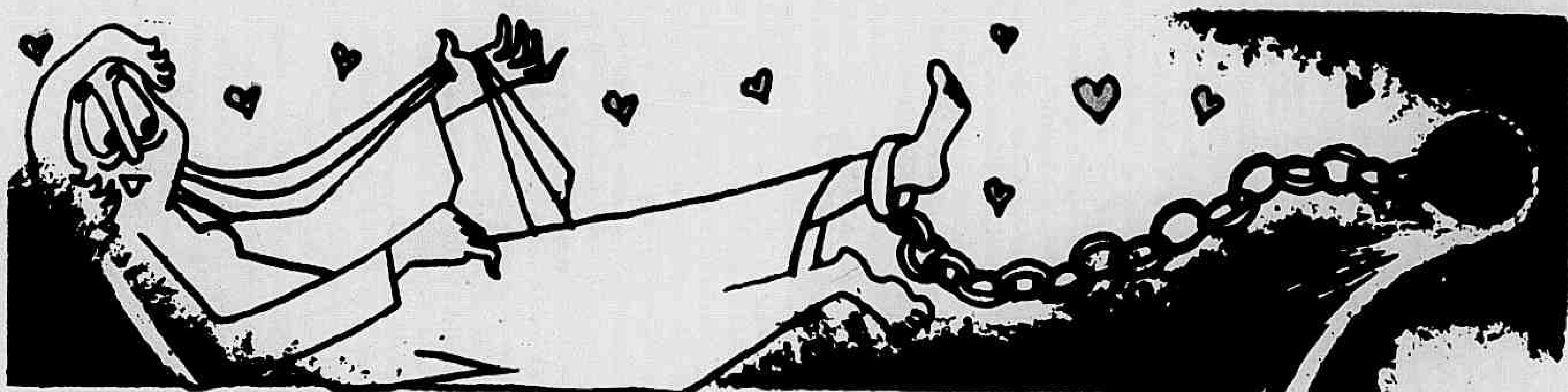
Os primeiros resultados obtidos com a nova técnica indicam que os mecanismos fundamentais da multiplicação do vírus, no interior da célula animal, são muito parecidos com aquêle já descrito. Por exemplo, o número de partículas de vírus que podem ser conseguidas de uma simples célula animal, cultivada em vidro, é muito próximo ao encontrado no sistema bactérico-bacteriófago.

No caso do vírus do homem, no entanto, os cientistas esbarraram diante de enorme dificuldade para purificar a partícula. Apesar disso, não tardaram a conseguir fotografar, com o microscópio eletrônico, o vírus da paralisia infantil!

O estudo do vírus parasita das plantas, que se colocou durante vinte anos ou mais à frente de todos os demais setores de pesquisas, está hoje, ao contrário, colocado nos últimos postos, qualificado como o de menor progresso, comparado com os referentes aos vírus bactérico e animal.

Do ulterior desenvolvimento dêste fascinante capítulo da nova biologia podemos esperar grandes coisas, tais como compreender como se realiza a misteriosa reprodução da matéria viva, e talvez explicá-la em têrmos químicos e físicos exatos; eliminar (provàvelmente) da face da terra uma série de temíveis moléstias que ainda fogem ao nosso contrôle, entre elas o câncer.

A MULHER É MAIS FIEL QUE



O HOMEM? -- Respondem os médicos

NA mulher, o *sentimento domina sempre a sexualidade*; por outra parte, os impulsos do instinto sexual se atenuam mais depressa nelas que os do sentimento.

Nelas, de fato, o instinto sexual é muito "graduado" e comporta uma grande parte de afeição; só atinge, em geral, uma satisfação completa depois de longos meses ou anos de vida conjugal.

No homem, ao contrário, o instinto sexual é vegetativo e biológico.

A mulher baseia o casamento sôbre o sentimento de amor firmado sôbre o valor moral e a estima. Como se sabe, o sentimento de amor sôbre o valor profundo é muito mais estável que se fôsse baseado sôbre o instinto puro.

A mulher é dotada de instinto maternal e o filho prende poderosamente a mulher ao lar. Para a mulher, a fidelidade do coração é inseparável da fidelidade dos sentidos. É para ela ponto de honra não trair a fé jurada. Mau grado uma vida sexual sem atrativos, mau grado os choques que possam chegar a cenas violentas, mau grado as dificuldades materiais, mau grado as infidelidades repetidas do marido, ela conserva puro e inalterável o amor que lhe dedicou.

A mulher faz questão de conservar-se virgem. Êsse "capital", que conservou intacto, só o pode oferecer uma vez. Se éla soube privar-se "antes", por que se abandonaria "depois"?

Por tudo isso, concluem os médicos que a mulher é mais fiel que o homem.

★ ★

São coisas da vida...

NA PEQUENINA cidade de Plessville, nos arredores de Quebec (Canadá), reside o senhor Omar Tardiff, orgulhoso pai de vinte e cinco filhos. Seus vizinhos mais próximos, por sua vez, são pais de 23, 23, 20, 19 e 18 filhos.

★

A CARPA, em boa saúde, respira oito vêzes mais ràpidamente que um homem de saúde normal. 144 vêzes contra dezoito inalações por minuto.

★

A ENERGIA radiada sôbre uma cidade como o Rio de Janeiro, pelo sol de verão, em dia claro, é equivalente à energia produzida por uma centena de quedas dágua iguais à do Niagara.



AS BALEIAS sao animais inteligentes. A prova disso está em que, uma vez por ano, procuram a superfície dos mares que estejam bem escarpados para lavar muito bem o enorme dorso, no qual se acumularam conchas e algas durante os doze meses.

★

CYRUS M'CORMICK inventou a máquina segadora, para a lavoura, aos 22 anos de idade. George Westinghouse inventou o freio de ar aos 21. Leon F. Douglas inventou caixa para receber níqueis dos telefones públicos aos dezenove.

★

A MÉDIA de velocidade permitida aos motoristas nas estradas norte-americanas é de 50,7 milhas. Nove Estados, entretanto, não estabelecem limites, podendo os que dirigem automóveis «encostar o pé na tábua», à vontade.

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

— Pode-se recusar um ramo?... — prosseguiu, compondo as flôres — Ela afasta-se livremente, tal como o meu primo Annibal, disposta a ir para onde lhe apetecer, para casa do seu apaixonado, de uma amigo, para sua própria casa, mas também com a liberdade de ficar, se quiser!

Gonzaga estendeu o ramo. Todos os convivas recuaram, tremendo.

— E fica? — perguntou Chaverny, por entre dentes.

— Fica! — pronunciou o príncipe friamente.

Chaverny ergueu-se, exclamando:

— Essas flôres estão envenenadas?

— Senta-te — retorquiu Gonzaga a rir — Estás embriagado!

O marquês passou a mão pela fronte, inundada de suor.

— Sim, devo estar embriagado, de contrário... — e ao dizer isto vacilou, a cabeça andava-lhe à roda.



— Êle não está bom... — murmurou Gonzaga — por isso perdoo-lhe, mas se houvesse algum dentre vós...

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em uma tarde de outono de 1699, em uma estalagem próxima ao castelo, Peyrolles, secretário de Gonzaga, com o fim de atacar e assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Passepoil, que têm um único ídolo na vida: o jovem cavalheiro Henrique de Lagardère, o maior espadachim de França. Nesse dia, aparece, também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, sendo recebido festivamente pelos espadachins, lhe comunica estar de viagem para o exílio, porém, que, antem, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, porém, junto às muralhas e vê quando o secretário diz ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles então, julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha», mandando-o esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers, entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo, antes, ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Esopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas, apresentar a Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na França, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua do Chantre. Começada a reunião, Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, Aurora anuncia que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao endereço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim, atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada de seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali! Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe a revelação que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assusta Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de d. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta, com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pajens que a esperavam, embaixo, com duas liteiras, sendo uma para ela própria e outra para d. Cruz. Enquanto se veste, chegam dois perso-

— Ela aceita — balbuciou Navailles por descargo de consciência — aceita a mão de Chaverny.

Isto era, evidentemente, um tímido protesto. Era pouco, mas os outros nem isso fizeram...

Gonzaga sabia que doravante poderia fazer o que quisesse. Todos êles seriam seus cúmplices... Tornou a colocar o ramo no mesmo lugar em que estava.

— Basta, quanto a êste assunto — disse — sei que estamos de acôrdo. Mas há qualquer coisa de mais grave. Ainda não deram as nove horas...

— Monsenhor teve notícias? — perguntou Peyrolles.

— Nada. Apenas tomei as minhas precauções; o pavilhão está guardado. Até no vestíbulo os criados estão armados.

— E aquêles dois?... — perguntou Navailles.

— Cocardasse e Passepoil?... Não lhes dei qualquer destino especial. Aguardam como nós. Estão ali...

E designava a entrada da galeria, onde se tinham apagado os lustres depois da sua chegada. A porta ficara aberta de par em par, também desde êsse instante.

— Mas... que esperam eles e nós? — perguntou Chaverny em cujo olhar, de súbito, brilhou um clarão de inteligência.

— Não estavas presente, ontem, quando recebi esta carta, primo? — perguntou Gonzaga.

— Não. Por quem esperam?

— Por uma pessoa que deve vir ocupar aquêle lugar — replicou o príncipe desig-

---

nagens, Cocardasse e Passepoil, que encontram alguma resistência da parte de Berrichon e sua mãe, que serviam a Lagardère. Mas, dominam a situação, embora de algum lugar, na sala, um rosto os fitasse, um rosto muito pálido, o do corcunda. Êste lhes fala como se fôsse o patrão e, apesar de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até à liteira, que parte para o palácio do príncipe, onde todos se espantam porque horas a fio o regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta, como ocorreu o assassinato de Nevers. A seguir, solicita e consegue do regente um salvo-conduto, prometendo levar a palácio, naquela noite, o próprio Lagardère, o vingador de Nevers. Mais tarde, todo de negro, o corcunda se intromete numa brilhante roda de fidalgos, aos quais impressiona com relatos que a todos assombra, parecendo conhecer a vida de todos êles e suas ligações com o falecido duque de Nevers. Peyrolles corre a prevenir Gonzaga do que discursava o corcunda, porém o príncipe fica ou finge ficar satisfeito, declarando que o aleijado apenas o ajudava, proporcionando-lhe o ensejo de apanhar Lagardère e apresentá-lo ao regente e a viuva de Nevers como o assassino do duque. A êsse tempo, no jardim do palácio, o grupo de loucos, formado por Oriol, Noce, Girone, Choysi, Navailles e Chaverny descobrira o lindo dominó guardado por Cocardasse e Passepoil e decidira raptar a bela criatura. Já conseguiam o que desejavam quando um dominó alto, vestido de negro, surgiu e, num relance, desbaratou os atacantes, desaparecendo com Aurora antes de que surgissem os guardas. Pouco depois, no salão, Gonzaga estando entre seus comparsas, tendo ao lado a princesa de Gonzaga, que fôra a viúva de Nevers, ouve junto de si uma voz anunciar: Aqui estou. Era Lagardère, que afastando-se do grupo aperta-lhe o punho e, apontando para a cicatriz na palma da mão de seu inimigo, diz: — «Fui eu quem fêz isto. Nevers será vingado». A seguir, volta ao encontro da princesa, a quem relata tôda a longa aventura, desde o drama dos fossos de Caylus. Não se entendem, porém, e Lagardère receia que a mãe de Aurora não seja sincera. Promete-lhe, porém, entregar Aurora, no correr da festa do regente. De fato, a viúva de Nevers pretendia prender Lagardère e recuperar a filha e, para isso, tôdas as luzes do jardim logo se apagam e Cocardasse e Passepoil ouvem a guarda confabular sôbre o cêrco e prisão do seu ídolo. Mas o próprio Lagardère surge das sombras e entrega Aurora aos dois espadachins, ordenando-lhes que a levem a determinada sala do palácio e a entreguem ao regente «em nome do Cavalheiro Lagardère». Pouco depois, sessenta homens cercam e prendem Lagardère. Infelizmente, os guardas de Gonzaga se apoderam de Aurora, antes desta ser entregue onde devia. Lagardère é levado à presença do Regente e da princesa de Gonzaga. A princesa, não tendo recebido a filha, ataca o cavalheiro e êste é obrigado a entregar a espada ao regente. Ao retirar-se, porque tinha o salvo-conduto, é interceptado por Gonzaga, que aponta-o ao regente como o matador de Nevers. Êste se defende e pouco depois espera-o fora da sala e diz que Aurora já está em seu poder... e também os documentos provando sua identidade. Lagardère consegue escapulir ao cêrco dos homens de Gonzaga e desaparece no jardim do palácio. Ouvem-se gritos e a guarda sob sôldo de Gonzaga vem anunciar que matou Lagardère. Quando o vão mostrar, porém, o corpo desapareceu e surge o corcunda vangloriando-se de haver atraído o cavalheiro... Êste fôra levado para ser atirado ao rio. Horas depois, o corcunda ferido, pois era o próprio Lagardère, cuida de suas chagas. No dia seguinte, recebendo seus homens no seu escritório, Gonzaga é surpreendido por uma pedra atirada do jardim e que vem cair a seus pés. Era uma lista dos antigos cúmplices matadores de Nevers, e agora acrescida com o seu próprio nome. Então, Lagardère estava vivo... ou seria algum cúmplice, para amedrontar o príncipe? Cocardasse e Passepoil, porém, ganham esperanças. Na mesma tarde, realiza-se o leilão de títulos, promovido pelo regente, e o corcunda ganha bom dinheiro, emprestando as costas como mesa para assinatura dos cheques. Ali ouve Gonzaga afirmar aos cortesãos que se Lagardère não estivesse morto, todos, êle e seus amigos, correriam perigo e a seguir dá a entender que se livrará de Aurora de Nevers, casando-a com o único do seu grupo ao qual no fundo também temia: Chaverny. Logo o corcunda faz um pedido ao príncipe de Gonzaga. Quer ser convidado para a ceia que o príncipe oferecerá na mesma noite, ceia que tem por fim concretizar um plano diabólico, que o poria, de uma vez, livre de Aurora e de Chaverny, em quem não confiava muito, casando um com o outro. Pouco depois, Passepoil e Cocardasse, interrogados, confirmam a morte de Lagardère. Mal acabam a «narrativa» uma pedra, atirada do jardim, entra pela janela, contendo um aviso... de Lagardère, de que, aquela noite, estaria presente à ceia! Na noite da festa surge o corcunda e aproveitando o entusiasmo de Chaverny força-o a beber, até embriagá-lo.

nando a cadeira que estava vazia, desde o comêço da ceia.

— E a rua e os jardins, o vestíbulo e as escadas, tudo isso cheio de gente, por causa de um homem só? — pronunciou Chaverny com um gesto de desprêzo.

— É que êsse homem chama-se Lagardère!

— Lagardère! — repetiu Chaverny — Odeio-o!... Teve-me na mão, vencido, e, largou-me por piedade.

Gonzaga curvou-se para ouvir melhor, abanou a cabeça e depois disse:

— Senhores, julgam suficientes as precauções tomadas?

Chaverny encolheu os ombros e principiou a rir.

— Vinte contra um! — murmurou Navailles — É absolutamente honesto!

— Querem que lhes diga a minha opinião? — perguntou o príncipe — Pois bem: tenho a impressão de que não há nada que impeça Lagardère de comparecer! Conheço-o! Êle disse: "Às nove horas, estarei convosco!" Às nove horas veremos Lagardère face a face... Não há exército que o impeça de comparecer à entrevista combinada. Virá pela chaminé? Saltará pela janela? Surgirá do chão? Não sei... mas à hora aprazada, nem antes, nem depois, êle virá sentar-se à mesa! E essa hora aproxima-se!...

O príncipe dirigiu o olhar para o relógio que estava prestes a marcar as nove horas. Todos os convivas foram buscar as espadas, que estavam em cima dos móveis.

— Onde vais? — perguntou Gonzaga a Peyrolles, que se dirigia para a galeria.

— Vou fechar a porta — respondeu o prudente *factotum*.

— Deixa a porta. Disse que ficaria aberta de par em par e assim ficará. É um sinal, meus senhores. Se os dois batentes se fecharem, regozijem-se, isso quer dizer: "O inimigo sucumbiu". Mas enquanto estiverem abertos, velem!

Peyrolles foi colocar-se na última fila, perto de Oriol, de Taranne e dos financeiros.

Junto de Gonzaga, encontravam-se Choisy, Navailles, Nocé, Gironne e os demais fidalgos. Chaverny estava do outro lado da mesa e mais perto da porta. Todos tinham a espada na mão e os seus olhares àvidamente fixados na galeria sombria.

Evidentemente, esta inquietante e solene expectativa dava bem a idéia do homem por quem esperavam. O relógio fêz aquêle ruído característico do instante em que vão soar as horas.

Gonzaga, que tinha a ponta da espada fixa no sobrado, pegou no seu copo e com ar fanfarrão, no momento da primeira badalada, exclamou:

— À saúde de Lagardère! Copo numa das mãos e espada na outra!

Ergueu a taça.

— Copo numa das mãos e espada na outra! — repetiram os outros, em côro, mas surdamente.

Em seguida ficaram mudos, com as taças a transbordar e de espada na mão. Aguardavam, de olhar alerta e ouvido atento... Durante êste longo silêncio, produziu-se um ruído de ferros no lado exterior.

O relógio continuava a bater lentamente... Dir-se-ia que levava um século a bater as nove badaladas. À oitava badalada o ruído cessou e à nona, os dois batentes da porta fecharam-se bruscamente. Ouviu-se então um *hurra!* prolongado; as espadas baixaram-se.

— Lagardère morreu! — gritou Gonzaga.

— Lagardère morreu! — repetiram os



— Isso mesmo, covarde! Apela para a Enciclopédia!

outros, engolindo o conteúdo das taças de um só trago.

Apenas Chaverny não se moveu e ficou silencioso.

De repente, porém, viram o príncipe estremecer no instante em que levava o seu copo aos lábios. No meio do salão, tudo quanto se encontrava em cima do corcunda oscilou e ergueu-se; ora, Gonzaga não tornara a pensar no corcunda. Ignorava, além disso, o que se passara e dissera: Não sei se descerá pela chaminé, se saltará pela janela ou se surgirá do chão, mas à hora aprazada, estará entre nós!". Assim, ao ver aquela massa que se movia, deixou de beber e pôs-se em guarda. Uma gargalhada sêca e estridente, saiu de entre os casacos.

— Sou dos vossos — disse uma vòzita aguda — aqui me têm! Aqui me têm!

Mas não era Lagardère, Gonzaga principiou a rir e murmurou:

— É o nosso corcunda!

Êste saltou, aproximou-se da mesa, pegou num copo e, misturando-se com os convivas, disse:

— Por Lagardère! O poltrão soube que eu estava aqui e não ousou vir!

— À saúde do corcunda!... — gritaram em côro, a rir.

— Ah! Meus senhores — disse Esopo com simplicidade — qualquer pessoa que não conhecesse, como eu, a vossa valentia, diria que estavam cheios de mêdo! Mas... que desejam aquêles dois bravos?

E apontava para Cocardasse e Passepoil, imóveis como duas estátuas, diante da porta da galeira, e com um ar triunfante.

— Vimos apresentar as nossas cabeças! — disse o gascão hipòcritamente.

— Reparação de honra! — exclamou Gonzaga, alegremente — Dêem um copo de vinho àqueles dois bravos: beberão conosco!

Chaverny olhava para êles com aquêle desprêzo com que se olha para o carrasco e afastou-se da mesa quando êles se aproximaram.

— Palavra de honra — disse para Choisy, que se encontrava próximo dêle — parece-me que se o tal Lagardère viesse, me teria a seu lado!

— Silêncio! — disse Choisy.

O corcunda, que ouvira, designou Chaverny com o dedo a Gonzaga e perguntou-lhe:

— Meu senhor tem confiança naquele homem?

— Não — respondeu o príncipe.

Cocardasse e Passepoil bebiam, enquanto o primeiro tornava a contar a história do anfiteatro de Val-de-Grâce e Passepoil falava acêrca do fato branco ensangüentado.

— Mas tudo isto é uma infâmia! — exclamou Chaverny dirigindo-se a Gonzaga — É evidente que se fala aqui de um homem assassinado!

Cocardasse, insolente e irônico, apresentava nesse instante o seu copo a Chaverny que se desviou com horror.

— É boa! — exclamou Esopo — Aquêle fidalgo parece-me ter singulares repugnâncias!

Os outros convivas estavam mudos. Gonzaga pôs a mão sôbre o ombro de Chaverny.

— Toma cuidado, primo... bebeste de mais! — murmurou.

— Pelo contrário, Monsenhor — disse-lhe o corcunda ao ouvido — Eu acho que seu primo não bebeu o bastante. Acredite-me... percebo do assunto!

Gonzaga fitou-o desconfiado.

O corcunda ria e sacudia a cabeça como um homem muito seguro de si.

— Está bem — disse Gonzaga — talvez tenhas razão. Entrego-te!

— Obrigado, Meu senhor — respondeu Esopo.

Depois, aproximando-se do marquês com o copo na mão, acrescentou:

— Dignar-se-á beber comigo?

Chaverny principiou a rir e estendeu o seu copo.

— Pelo seu casamento, lindo noivo! — exclamou o corcunda.

Sentaram-se diante um do outro, cercados já pelos padrinhos e juízes de campo. O duelo Báquico ia principiar.

Naquele salão todos sentiam os corações um pouco aliviados! Lagardère morrera, visto ter faltado à sua palavra, pois Lagardère vivo e não comparecendo à entrevista combinada, era impossível!

O próprio Gonzaga já não tinha dúvi-

das e se ordenara a Peyrolles que fôsse fazer uma ronda e inspecionar as sentinelas, era por um excesso de prudência italiana... As precauções nunca serão demais... Aquêles homens estavam pagos pela noite tôda, por conseguinte, não custava nada conservá-los nos seus postos. Quanto maior era o mêdo, maior a alegria. Enfim, era o verdadeiro comêço da festa e o pobre Oriol fôra escolhido para vítima: era êle quem expiava a fraqueza geral. Só Oriol tremera, só êle tivera mêdo, pelo menos era o que todos os convivas diziam.

— As senhoras! — gritavam de todos os lados — Por que não se mandam entrar as senhoras?...

A um sinal de Gonzaga, Nocé foi abrir a porta do *boudoir* e o enxame feminino entrou. Tôdas falavam ao mesmo tempo, lastimando-se da longa expectativa, rindo e gritando.

Nivelle disse ao príncipe, designando Dona Cruz:

— Aqui tem uma pequena curiosa! Fui tirá-la de junto da porta umas dez vêzes... queria espreitar pelo buraco da fechadura!

— Oh! meu Deus! — exclamou Gonzaga com o ar mais inocente dêste mundo — Que julgava poder ver?... Se as afastamos foi no vosso próprio interêsse. Já sei que não gostam de discussões de negócios...

— Vamos, finalmente, assistir aos esponsais? — perguntou a bela Fleury.

— Minhas senhoras — disse então o príncipe, beijando as pontas dos dedos de Dona Cruz — não queremos ter segredos para convosco. Se durante alguns momentos nos privamos da vossa presença, foi para regularizar os preliminares desse casamento que deve realizar-se esta noite.

— É então verdade que vamos assistir a essa comédia? — gritaram algumas.

— Trata-se de uma união séria — protestou Gonzaga, gravemente, como se não bastasse ver o ambiente, para essas palavras terem um verdadeiro desmentido.

Então, curvando-se para Dona Cruz, acrescentou:

— É tempo de ir prevenir a sua amiga.

A cigana olhou-o inquieta, murmurando:

— Monsenhor fez-me uma promessa...

— E o que prometi, cumprirei... — respondeu Gonzaga.

Acompanhou Dona Cruz até à porta e uma vez ali, acrescentou:

— Ela pode recusar, manterei o que disse, mas para seu bem e de outra pessoa cujo nome não quero pronunciar, oxalá que aceite!

Dona Cruz ignorava o destino de Lagardère, e Gonzaga contava com isso.

— Monsenhor — insistiu a pobre moça com ar de súplica — não duvido que tenha motivos nobres e dignos de si para proceder dessa maneira, mas desde ontem que se passam coisas bastante estranhas. Pela amizade que me consagra e pela compaixão que deve sentir por essa criança a quem tanto estimo, peço-lhe que me diga uma palavra, uma só palavra que possa esclarecer-me e servir-me de argumento contra as suas resistências. Sentir-me-ia mais forte se lhe pudesse dizer a forma por que êsse casamento pode salvaguardar a vida daquele a quem ela ama...

Gonzaga interrompeu-a e disse em tom de censura:

— Não tem confiança em mim?... E ela não tem confiança em si... Eu afirmo, acredite! Dona Cruz afirme, ela acreditará também. E não se demore — terminou,



— E' do apartamento de baixo! Vocês podem contar essas anedotas mais alto? Daqui só ouvimos as gargalhadas!

dando às palavras um tom mais imperioso — estou à sua espera.

Fêz um cumprimento, e Dona Cruz retirou-se. Naquele momento havia grande barulho no salão, mas eram clamores alegres e gargalhadas.

— Bravo, Chaverny! — diziam uns.

— Êles ainda acabam por se matar! — gritavam as vozes femininas.

— O corcunda é um verdadeiro demônio! — diziam outros.

E êles lá estavam, diante um do outro — Esopo e o marquês — e junto dêles uma dúzia de garrafas vazias, testemunhando a sua valentia.

Chaverny estava lívido. Os olhos injetados de sangue pareciam querer saltar-lhe das órbitas. No entanto, estava acostumado a êstes duelos e, apesar da elegância da sua figura e da pouca capacidade aparente do estômago, era um bebedor temível.

O corcunda, pelo contrário, mostrava um rosto animado e os seus olhos brilhantes, tinham uma cintilação extraordinária Agitava-se... falava, o que, como todos sabem, é mau. A conversa embriaga quase tanto como o vinho. O campeão da garrafa deve ser mudo, quando se trata de um desafio sério.

— Aposto cem pistolas pelo marquês! — exclamou Navailles — O corcunda vai ficar outra vez debaixo dos casacos.

— Aceito! — ripostou Esopo, vacilante.

— Aposto a minha carteira pelo marquês! — exclamou a formosa Nivelle.

— Quanto está dentro da carteira? — perguntou o corcunda.

— Cinco ações das azuis... tôda a minha fortuna!

— Aceito... Mais vinho! — pediu Esopo mostrando entusiasmo.

— O homenzinho ainda acaba por se afogar! — disse Cocardasse que não largava o corcunda com o olhar — Existe só um homem que vi beber assim!...

Esopo levantou-se. Todos julgaram que ia cair, no entanto, foi sossegadamente sentar-se em cima da mesa passeando em volta um olhar cínico e irônico.

— Não têm copos maiores do que êstes? — perguntou, atirando com o dêle para longe — com estas casquinhas de noz podíamos estar aqui até amanhã!

VI

O TRIUNFO DO CORCUNDA

Encontramo-nos de novo no aposento do rés-do-chão onde vimos Aurora e Dona Cruz, nas primeiras horas da ceia.

O barulho que vinha do primeiro andar redobrara havia alguns instantes. Era o combate singular entre Chaverny e o corcunda, mas Aurora não prestava atenção a coisa alguma. Meditava... os seus lindos olhos, cansados de tanto chorar, perdiam-se no vácuo.

E era tal a sua abstração que nem sequer notou o ligeiro ruído produzido por Dona Cruz, ao entrar no quarto. Esta, aproximou-se em bicos de pés e beijou-lhe os cabelos. Aurora voltou a cabeça lentamente. O coração da cigana confrangeu-se ao ver aquelas pobres faces pálidas e os olhos sem brilho.

— Venho buscar-te — disse ela.

— Estou pronta — respondeu Aurora.

— Refletiste? — perguntou Dona Cruz, que não esperava semelhante resposta.

—Tenho rezado e quando rezamos as coisas escuras tornam-se claras.

Dona Crúz aproximou-se vivamente e perguntou:

— Conta-me o que adivinhaste!

E nestas palavras havia mais interêsse do que curiosidade.

— Estou pronta para morrer — respondeu Aurora.

— Mas não se trata de morrer, minha querida irmãzinha!

— Há muito tempo — interrompeu Aurora em tom de desânimo — que me ocorreu esta idéia pela primeira vez... Eu é que faço a sua infelicidade, eu é que sou o perigo que o ameaça constantemente. Eu é que sou o seu anjo mau! Se não fôsse eu, seria livre, viveria tranqüilo e seria feliz!

Dona Cruz escutava-a, mas não a compreendia.

— Porque razão não fiz ontem o que

meditei hoje? — prosseguiu Aurora enxugando uma lágrima — Porque não fugi de casa? Porque não morri ainda?

— Que estás a dizer? — exclamou a cigana.

— Tu não podes compreender, Flor, a diferença que há entre ontem e hoje! Vi entreabrir-se o paraíso... tive a visão de uma vida deliciosa e cheia de alegria... Êle amava-me, irmãzinha!

— E só o sabes desde ontem? — perguntou Dona Cruz.

— Se o tivesse sabido antes, Deus sabe se teríamos tentado os inúteis perigos desta viagem. Eu duvidava... tinha mêdo...

— Mas que resolveste! — interrompeu a ciganinha.

— Obedecer para o salvar! — respondeu Aurora.

Dona Cruz ficou encantada.

— Vamos! — exclamou — O príncipe está à nossa espera!...

Depois, interrompendo-se sùbitamente, enquanto uma nuvem lhe toldava o sorriso, disse:

— Sabes que passo a minha vida a ser heroína por tua causa?... Não amo como tu, evidentemente, mas amo à minha maneira e encontro-te sempre no meu caminho.

O olhar surpreendido de Aurora interrogava-a.

— Não te inquietes demasiado — disse a cigana a sorrir — Não morro de paixão, prometo! Espero amar assim muita vez ainda antes de morrer, mas a verdade é que se não fôsses tu não teria renunciado tão fàcilmente ao rei dos cavaleiros andantes, ao teu lindo Lagardère! Além disso, depois dêle, o único homem que me fêz palpitar o coração foi êsse estouvado do Chaverny...

— O quê?... — exclamou Aurora.

— Bem sei que a sua maneira de proceder parece leviana, mas... que queres?... à exceção de Lagardère, não gosto de santos! Êsse monstro do marquês enlouqueceu-me...

Aurora pegou-lhe na mão, sorrindo, e disse:

— Irmãzinha: as tuas palavras nada representam comparadas com o teu coração. Possuis aquelas delicadezas altivas das nobres raças...

Dona Cruz mordeu os lábios e murmurou:

— Parece que não acreditas no meu elevado nascimento!

— Eu é que sou Aurora de Nevers — respondeu-lhe a amiga, com tôda a calma.

A cigana abriu muito os olhos e perguntou se fora Lagardère quem lho dissera.

— Não — respondeu Aurora — foi essa a sua única falta em tôda a vida. Se mo tivesse dito...

— Mas então quem foi?... — perguntou a cigana.

— Ninguém. Fui eu que adivinhei... Desde ontem, os diversos acontecimentos que se passaram na minha infância esclareceram-se para mim. Recordei-me, comparei; as conseqüências vieram por si próprias. A criança que dormia nos fossos de Caylus, enquanto lhe assassinavam o pai, era eu!

"Vejo ainda o olhar do meu amigo quando visitamos esse lugar funesto! Êle pediu-me para beijar o rosto de mármore do duque, no cemitério de Saint-Magloire... E Gonzaga... cujo nome me persegue desde a infância... êsse Gonzaga que me vai dar o último golpe, não é o segundo marido da duquesa de Nevers?!



— Decididamente, você nunca saberá escolher uma roupa sem a minha ajuda!

— Mas era êle quem me queria restituir a minha mãe! — interrompeu a cigana.

— Minha pobre Flor, eu bem sei que era impossível explicarmos tudo. Somos crianças e Deus conservou-nos o nosso bom coração: como podemos, pois, sondar um abismo de perversidades?... E para que serviria?... O que Gonzaga queria fazer de ti, ignoro-o, mas tu eras um instrumento nas suas mãos. Desde ontem que o compreendi e desde que estou a falar, tu própria o notas...

— É verdade — murmurou Dona Cruz, que tinha as pálpebras semi-cerradas e o sobrolho franzido.

— Só ontem, Henrique, disse amar-me...

— Só ontem? — repetiu a cigana no cúmulo da surprêsa.

— E porquê? — continuou Aurora — Havia então algum obstáculo entre nós? E que obstáculo havia senão a honra escrupulosa do homem mais leal que existe no mundo? Era a grandeza do meu nascimento, a opulência da minha herança, que me afastavam dêle!

Dona Cruz sorriu. Arora olhou-a bem de frente e a expressão do seu rosto encantador resplandecia de severa altivez.

— Deverei arrepender-me de ter falado assim? — murmurou.

— Não te zangues comigo — disse a cigana lançando-lhe os braços em redor do pescoço — sorri-me ao pensar que se fôsse eu não teria adivinhado essa espécie do obstáculo... não sou princesa.

— Prouvera a Deus que comigo acontecesse o mesmo! — exclamou Aurora com as lágrimas nos olhos — A grandeza dá alegrias e sofrimentos também.

Carinhosamente, fechou a bôca da amiga que a ia interromper e prosseguiu;

— Estou absolutamente calma. Se falei em morrer, não penses que farei seja o que fôr para apressar essa hora... O suicídio é um crime que me fecharia as portas do céu. Não, outros se encarregarão de pôr têrmo ao meu sofrimento. Não é coisa que adivinhe, sei-o.

Dona Cruz estava pálida.

— Que sabes tu? — interrogou em voz alterada.

— Estava aqui sòzinha — respondeu Aurora — e refletia no que te disse e noutras coisas mais. As provas abundavam. É por eu ser Aurora de Nevers que ontem me raptaram; é por eu ser Aurora de Nevers que a princesa de Gonzaga persegue Henrique com o seu ódio. E sabes uma coisa, Flor? Foi êste último pensamento que me deu coragem. A idéia de me encontrar entre minha mãe e êle... ambos inimigos!... atravessou-me o coração como uma punhalada. Chegara a hora de escolher. Desde que conheço o nome de meu pai, sinto que tenho a alma dêle. O dever surge-me pela primeira vez e a sua voz... a voz do dever... é já em mim tão imperiosa, como a voz da própria felicidade... Ontem, não me parecia que houvesse nada capaz de me separar de Henrique, na terra; hoje...

— Hoje?... — repetiu Dona Cruz, vendo que ela hesitva.

Aurora desviou o rosto para enxugar uma lágrima. Dona Cruz olhava-a, comovida, abandonando as ilusões que Gonzaga lhe despertara, sem esfôrço nem pena. Era como uma criança que sorria, no momento de despertar, às quimeras de um lindo sonho.

— Minha irmãzinha — prosseguiu a ciganita — acredito que sejas Aurora de Nevers, mas pronunciaste há pouco palavras que me inquietam e causam pavor.

— Que palavras? — perguntou Aurora.

— "Outros se encarregarão disso"...

— Eu estava aqui sòzinha... — disse Aurora — tinha a cabeça a escaldar e a febre deu-me coragem. Saí dêste quarto, tomei o caminho que me tinhas ensinado e encontrei-me no *boudoir* onde tínhamos estado as duas. Aproximei-me da porta por detrás da qual os homens te chamavam. O barulho cessara. Espreitei... já não havia mulher alguma na sala...

— Tinham-nos afastado... — disse Dona Cruz.

— E sabes porquê, minha querida flor?

— Gonzaga disse-nos... — principiou a cigana.

— Ah! — disse Aurora estremecendo — êsse homem que parecia comandar os outros era Gonzaga?

(Cont. no próximo número)



ADÃO

Conto de
KURT VONNEGUT, JR.

ERA meia-noite, numa Maternidade de Chicago. — "Sr. Sousa — veio dizer a enfermeira — sua espôsa acaba de ter uma menina. Poderá ver a criança dentro de vinte minutos."

— Sei, sei, sei — disse o sr. Sousa, um homem com jeito de gorila, como se já estivesse habituado àquelas comunicações em horas de fatigante vigília. Estalou dois dedos antes de exclamar:

— Menina! Assim, são sete, agora! Sete filhas, que agora tenho! Uma casa cheia de mulheres! Eu! Um homenzarrão dêste tamanho! E que ganho? Filhas! Eu, que podia ganhar uns dez homens do meu tamanho!

— Sr. Knechtmann — disse a enfermeira, para o outro homem na sala-de-espera. — Sinto muito, mas não há novidade, por enquanto, para o senhor. Sua espôsa continua esperando...

Sorriu com seu rostinho gordo e retirou-se. Sousa torceu o corpanzil, para ficar de frente para Knechtmann.

— Um homenzinho do seu tamanho, é só dizer que prefere um filho e, zás, o filho chega. Se quiser um time de futebol... pronto! Êles vão chegando... Um, dois, três... até onze!

Disse tudo com brutalidade e saiu da sala. O homem que deixou na sala, agora só, era Heinz Knechtmann, passador de roupa numa lavanderia especializada em lavagem a sêco; um homenzinho de físico enfezado e um defeito na espinha que o obrigava a curvar o corpo, mesmo sentado, e a caminhar vagarosamente. Seu rosto era alongado — e nêle chamavam a atenção o nariz muito grande e os lábios muito finos — porém, marcado por uma bem-humorada humildade que chegava a lhe dar certa beleza. Os olhos eram grandes e castanhos, profundos e ornados por longas pestanas. Tinha só vinte e dois anos, mas parecia ter muito mais. Por assim dizer, havia morrido um pouco, cada vez que um membro de sua família tinha sido levado para algum local ignorado e executado pelos nazistas,

"Uma cidade imensa e sufocante pode modificar o caráter de um homem. Só o milagre ou a mágica ou — mais que tudo isto — as palavras de uma mulher, podem chamá-lo ao seu próprio rumo."



até que, com 10 anos, sòmente nêle, num corpo enfêrmo, persistiu o nome e a alma de um Knechtmann. Êle e sua espôsa, Avchen, tinham crescido por trás de uma cêrca de arame farpado.

E agora ali estava, naquela sala de paredes lisas, esperando. Doze horas tinham passado desde o meio-dia, quando ali chegara com a mulher, já assaltada pelos dolorosos sinais do parto. Ali estava, calado, ouvindo apenas os ruídos da rua distante, muito distante. Aquêle seria o seu segundo filho. A última vez que assim havia esperado tinha sido num depósito de palha úmida, num campo de concentração, na Alemanha. O filho, Karl Knechtmann, assim chamado em homenagem ao pai de Heinz, tinha morrido e, com êle, mais uma vez, morrera o nome de um dos mais virtuosos violoncelistas de todos os tempos.

Na sua prolongada mudez, durante essa segunda e ansiosa vigília, o espírito de Heinz recordava com emoção e orgulho os nomes familiares, nomes de parentes já mortos, todos, mas que bem poderiam renascer com a criança que estava para

vir ao mundo — caso vivesse. Peter Knechtmann, o cirurgião; Kroll Knechtmann, o botânico; Friederich Knechtmann, o teatrólogo. Todos amigos e respeitados tios. Ou, se fôsse uma menina — e se vivesse — poderia ser uma Helga Knechtmann, como a própria mãe de Heinz... e poderia tocar harpa tão bem quanto a avó e, como esta — ao contrário do que era êle próprio — ser linda! Porque todos os Knechtmann, mulheres, eram lindas como os anjos — se não uns verdadeiros anjos. Assim tinha sido, pelo menos, durante centenas de anos.

— Sr. Netman — disse a enfermeira com a sua pronúncia norte-americana mais simplística. — É um menino e sua espôsa passa muito bem. Está repousando, agora. Poderá vê-la amanhã, cedo. Poderá ver o menino dentro de vinte minutos.

— Pesa quatro quilos e cem gramas! — disse a enfermeira, voltando a sorrir, alargando ainda mais o seu rostinho redondo. E depois saiu, rinchando os sapatos.

— Knechtmann — murmurou Heinz, erguendo-se e caminhando silenciosamente para a porta por onde ela desaparecera. — O nome é Knechtmann!

Parou, e seu rosto se contraiu num curto sorriso, espontâneo e triunfante. Tornou a pronunciar o nome com a exagerada pronúncia dos velhos tempos, como um mestre-de-cerimônias anunciando a chegada de uma notabilidade, com um som gutural e rolante, desagradável para os ouvidos americanos:

— "KhhhhhhhhhhhNECHTmannnnnn."

— Sr. Netman?

Um jovem médico, com faces coradas e cabelos ruivos surgiu à porta da sala-de-espera. Tinha os olhos fatigados e falou, depois de um longo bocejo.

— Dr. Powers! — gritou Heinz, avançando e aprisionando entre as suas mãos

Foi assim que Heinz e Avchen cresceram. Por trás de uma cêrca de arame farpado. E foi ali que seu primeiro filho nasceu...

a que o médico lhe oferecia. Graças a Deus! Graças a Deus... e ao senhor!

O médico sorriu preguiçosamente.

— Nada de anormal, hein?

— Anormal? Oh! Não, não... Tudo ótimo. Se estou com esta cara é porque tive trinta e seis horas extenuantes.

Fechou os olhos, encostando-se à porta.

— Nenhuma complicação com sua espôsa — disse, com voz morosa. — Ela é bem conformada e pode ter muitos filhos mais...

— É assim, hein? — disse Heinz, com ar incrédulo.



O médico bateu repetidas vêzes com a palma da mão contra a própria fronte.

— Oh, minha cabeça! Estou fazendo confusão... Sousa... Estou confundindo sua espôsa com a sra. Sousa. Foram dois partos quase juntos... Netman! O senhor se chama Netman. Desculpe. Sua espôsa é uma senhora que teve uma complicação do pélvis.

— Quando criança teve má nutrição — explicou Heinz.

— Exatamente. Pois a criança nasceu normalmente, mas, se sua espôsa tiver que esperar outro filho, melhor será

que façamos uma cesariana. Será mais garantido.

— Não sei como lhe agradecer! — disse Heinz, apaixonadamente.

O dr. Powers apertou os lábios e lutou para conservar os olhos abertos.

— Hn, hunnn — disse êle, apenas. — Boa-noite e felicidades.

Rodou nos calcanhares e desapareceu no corredor.

Segundos depois, a mesma enfermeira introduziu a cabeça pela porta entreaberta.

— O senhor pode ver o bebê, agora, sr. Netman...

— Doutor... — disse Heinz, apressando-se pelo corredor, desejando apertar outra vez a mão do dr. Powers, para que soubesse o quanto estava agradecido. — Foi a coisa mais feliz que já aconteceu comigo!

A porta do elevador correu entre os dois, impedindo que o dr. Powers articulasse qualquer resposta.

POR êste corredor... — indicou a enfermeira. — Vire, depois, à esquerda, até ao fim, e ali encontrará um *hall*, onde há uma larga vitrina do "berçário". Escreva seu nome num papel e introduza-o pela abertura de vidro.

Heinz caminhou sem encontrar qualquer pessoa até chegar ao berçário. Mas ali, junto de uma larga vidraça, viu várias dezenas, entre homens e mulheres, aconchegados em *boxes* formando fileira, diante do local onde estavam os bebês, em berços pequeninos, uns azuis, outros rosas.

Heinz escreveu o próprio nome nas costas de uma fatura da lavanderia e introduziu o papel por uma janelinha. Uma enfermeira muito gorda e plácida apanhou o papel, leu o nome com aparente dificuldade e, sem olhar para Heinz, sorriu ligeiramente, fazendo com a cabeça um sinal para que aguardasse um pouco o *instante do êxtase*.

Foi para junto de um bercinho azul, munido de rodas e empurrou-o até junto da vidraça. Depois, afastou-se, sem esconder seu sorriso.

— Olá! Olá, Knechtmannzinho! — murmurou Heinz, envolvendo num olhar cheio de amor a coisinha avermelhada, entre os lençóis do berço. Sua voz, que pensava ter sido cautelosa, ecoou no fundo do corredor e voltou aos seus ouvidos, fazendo-o corar e olhar para os lados, timidamente. Bateu as pálpebras, para impedir que as lágrimas inundassem seus olhos e repetiu, agora bem baixinho:

— Knechtmann! Peter, Kroll... Friederich... E também há um pouco de Helga em você. Você é uma centelha abençoada de todos os Knechtmann, e representa um tesouro! Tudo está salvo com você, meu queridinho!

— Por favor, fale mais baixo... — disse uma enfermeira, cuja cabeça apareceu, inesperadamente, pela porta entreaberta de um quarto próximo.

— Desculpe — pediu Heinz. — Desculpe, por favor...

Ficou depois em silêncio e contentando-se com bater ligeiramente com a ponta de um dedo contra a vidraça, tentando chamar a atenção do recém-nascido, sem qualquer idéia da hora e, ao fim de mais alguns minutos, a enfermeira gorda veio apanhar o berço, recolhendo-o ao lugar primitivo, entre os demais.

Heinz exultava quando caminhou para o elevador e cruzou a portaria do Hospital; mas ninguém parecia notar sua passagem e nem sequer lhe concedia um olhar. Passou diante de uma série de cabines telefônicas e numa delas viu um soldado com o qual havia passado algumas horas, na sala-de-espera.

— Sim, mamãe... Três quilos e novecentas gramas. Cabelos como os de Buffalo Bill. Não... Não... Ainda não tivemos tempo para pensar num nome para êle... É você, papai? Obrigado. Sim... Ela e o garôto estão passando bem; muito bem. Três quilos e novecentas gramas. Não... Nenhum nome, ainda... É você, minha irmã? Está acordada, ainda a esta hora? Não. Ainda não se parece com nenhum de nós! Quero falar com mamãe, outra vez... É você, mãe? Hein? Não se preocupe, por favor. É um lindo garôto. Apenas muito cabeludo... Parece um Buffalo Bill... Mas fica tão engraçado! Sim. Três e novecentas!"

Havia outros mais, no mesmo estilo. Mas sobravam ainda outras muitas cabines

vazias, prontas a transmitir notícias felizes para tôdas as partes da terra. Heinz bem que gostaria de poder intrometer-se numa delas e dar a maravilhosa notícia. Mas não havia uma só pessoa a quem chamar. Ninguém esperava por suas notícias.

HEINZ se acalmou um pouco e seguiu pela rua, arrastando os passos, até um bar tranquilo. Diante do balcão alto e iluminado fracamente estavam apenas dois homens, frente a frente. O *barman* e o sr. Sousa.

— Que deseja tomar?

— Desejo pagar um *drink* para... o senhor e aqui o sr. Sousa — disse Heinz com um estranho apêrto no coração. — Quero o melhor *cognac* que tiver. Minha espôsa acaba de ter um bebê.

— Oh! Um bebê, hein? — disse o *barman*, aparentando interêsse.

— Quatro quilos e cem gramas! — anunciou Heinz.

— Tanto assim? — perguntou o *barman*. — Como é que o senhor sabe?

— Netman — indagou Sousa. — Menino ou menina?

— Homem! — disse Heinz orgulhosamente.

— Não posso compreender uma coisa assim! — disse Sousa, sem esconder sua amargura. — Os homens pequeninos sempre ganham filhos! Sempre!

— Filho ou filha... — disse Heinz — é a mesma coisa, contanto que sejam sadios e vivam. Lá no hospital, na sala-de-espera, é que temos ensejo de compreender essa maravilha. Um milagre que se renova, interminàvelmente... renovando o próprio mundo.

— Espere um pouco até ter sete, Netman — disse Sousa, com sua brutalidade habitual. — Então venha me falar em milagres!

— O senhor tem sete? — indagou o *barman*. — Pois saiba que tenho mais um que o senhor. Sim! Tenho oito! — exclamou, enquanto enchia os três cálices.

— Pois merece o título de campeão — concedeu Sousa.

Heinz apanhou seu cálice.

— Longa vida, muita saúde e muita felicidade para... para Peter Karl Knechtmann — disse êle, com voz vibrante e falando depressa, muito excitado por haver, finalmente, tomado uma decisão.

(*Continua no fim da revista*)



PREPAREM UM BONITO NATAL



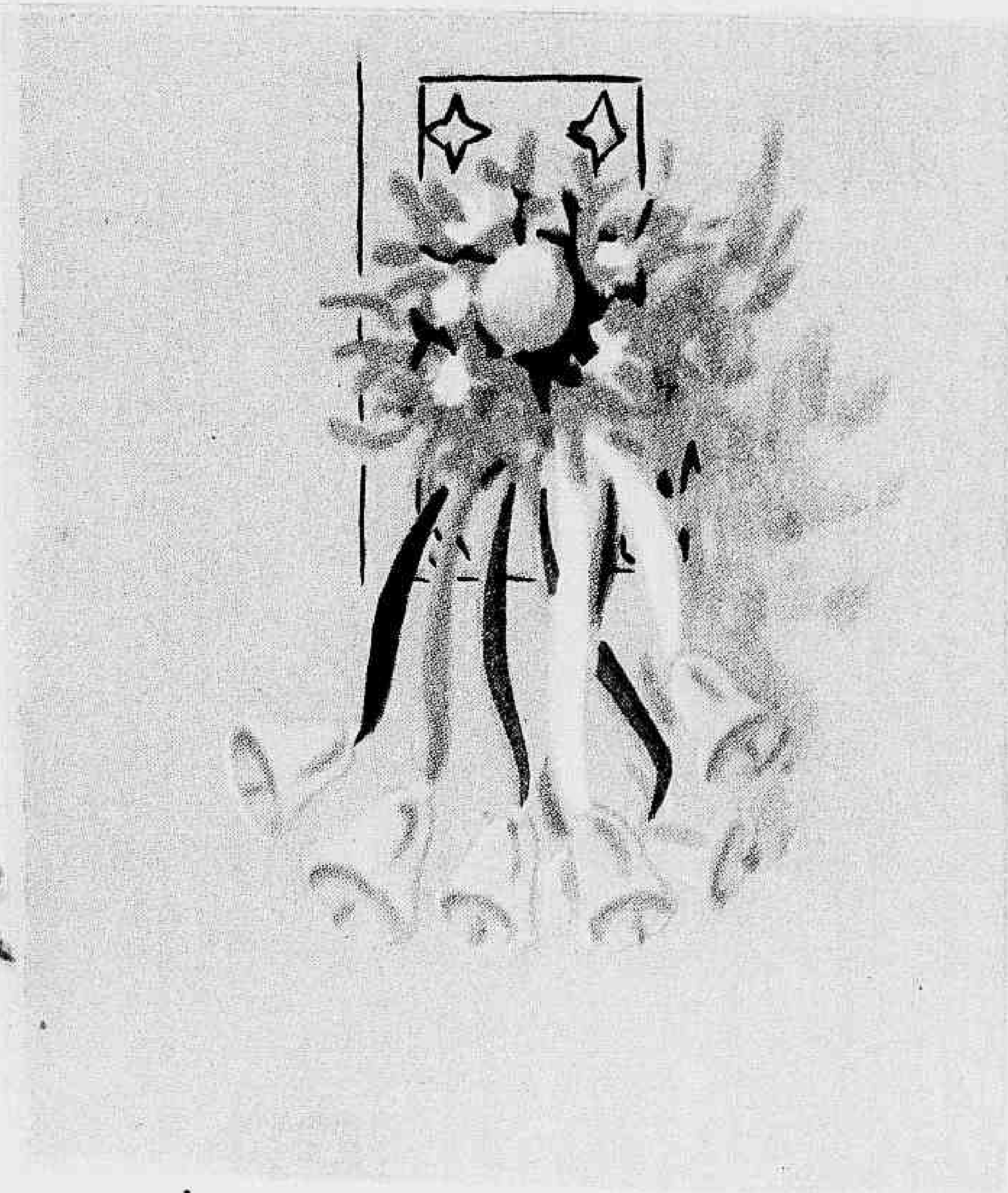
VAMOS apresentar sugestões com bastente antecedência, a fim de que as leitoras não tenham que estar quebrando a cabeça e trabalhando à última hora. De fato, um Natal pode ser mais alegre e mais bonito, se cuidarmos de pequeninos detalhes caseiros, preparando ornamentos próprios para a maior festa do ano e que, com pouco esfôrço e despesa irrisória, formam um conjunto maravilhoso. Temos, aqui, quatro conselhos que não dependem de grande habilidade e podem constituir até mesmo uma excelente distração para as horas de lazer.



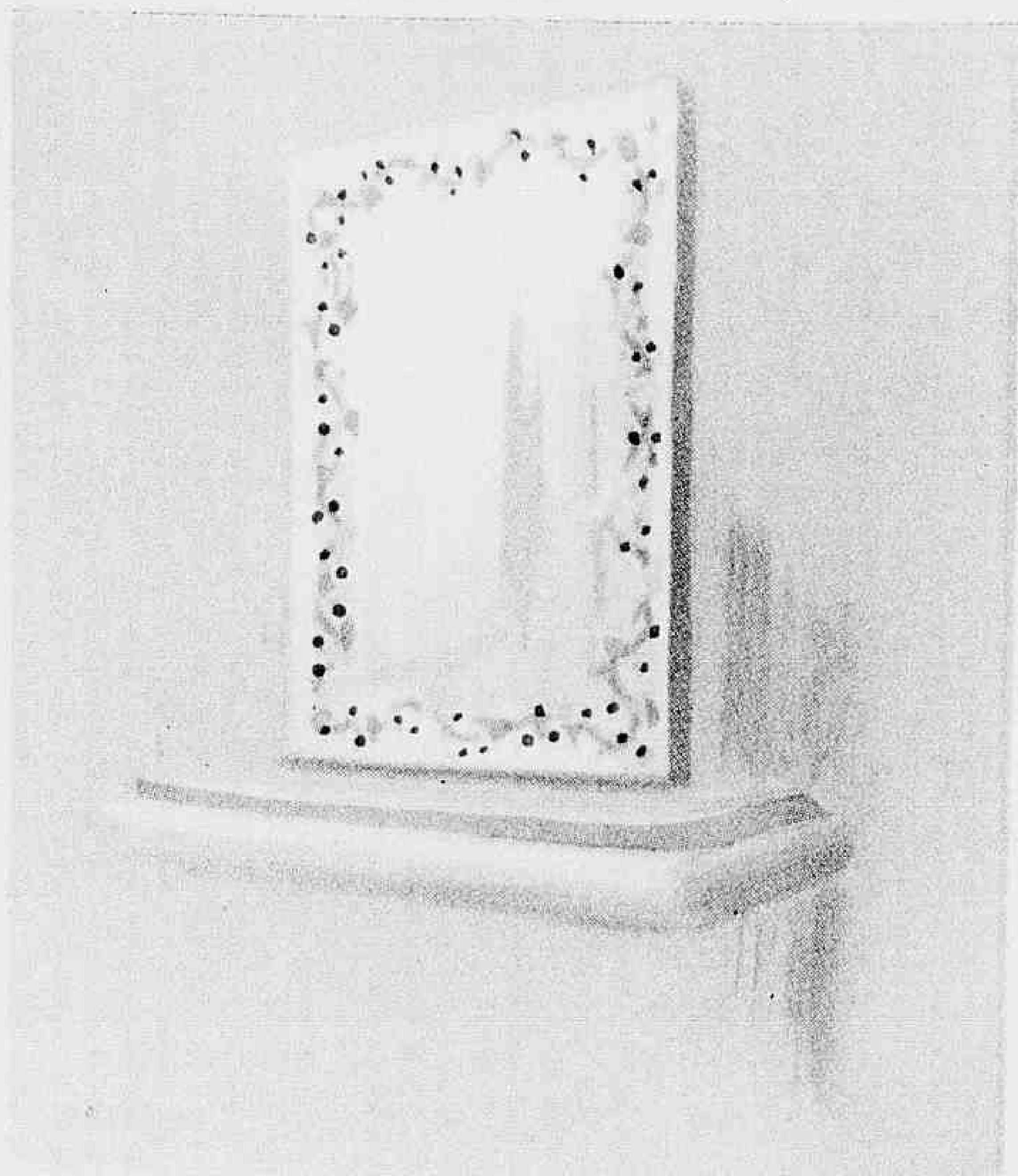
Três velas, três cones, seis estrelinhas dourada e alguns galhos de pinheiro.



Coloquem uma escadinha salpicada de estrêlas para apanhar os presentes.



Nas maçanetas das portas, galhos de pinheiros e fitas com sinozinhos dourados.



Alegrem os espelhos da casa com um festão de fita de papel picado de estrêlas.

NEGÓCIOS DA *Broadway*

Urbano estava (mais uma vez) "atrapalhado" com uma bonita mulher. Desta vez, o "obstáculo" era a carreira de uma atriz...

Novela de LUCILLE CAMPS

ALGUÉM bateu, discretamente, à porta de Urbano Justin, no último andar de um luxuoso hotel, justamente às quatro da tarde, e Harriet perdeu apenas alguns segundos, levantando-se, atravessando o salão e compondo uma fisionomia de aparente calma.

Ficou olhando para Althea por alguns instantes. Era uma pequena de estatura abaixo de mediana, vestindo um espêsso casaco de peles e mascando vigorosamente uma bala de borracha. A seguir, com um gesto lento e gracioso, estendendo o braço, falou:

— Sou a sra. Justin... Queira entrar, por favor...

Althea ficou pálida, com os lábios entreabertos, e em seus olhos havia pânico.

— Não esperava encontrar-me aqui, não é verdade? — disse Harriet, com sua voz mais glacial. — Na verdade, nem sabia mesmo da minha existência... até êste momento! Não é isso?

Althea engoliu duas vêzes em sêco, antes de poder balbuciar, com os lábios tremendo, o corpo todo sacudido pelo mêdo:

— Talvez fôsse melhor...

Deteve-se e começou a recuar. Porém, Harriet abriu mais ainda a porta, e apontou para duas poltronas, dispostas confortàvelmente diante da lareira:

— Gostaria de conversar com você.

E segurando a atarantada visitante por uma das mãos, arrastou-a para o interior, até junto de uma pequenina mesa, onde havia uma garrafão de licor, alguns cálices e uma caixa de cigarros.

— Aceita um drinque? Um cigarro?

Maquinalmente, Althea acedeu, com um convulsivo movimento de cabeça, enquanto seus olhares percorriam todo o salão, como pássaro pilhado num alçapão.



Com voz fria, Harriet falou: — Justin é um homem importante... E eu não pretendo divorciar-me dêle!

MUITO calma, absolutamente senhora de si mesma, Harriet serviu o drinque.

— Você deve compreender, meu bem... Justin é um homem importante... Uma das mais gloriosas figuras do teatro... E eu não pretendo divorciar-me dêle!

Althea levou uma das mãos enluvadas ao coração, num gesto desesperado, como se quisesse acalmar as suas desencontradas batidas.

— Divórcio? — repetiu, com voz agoniada.

Levantou-se, automàticamente, e caminhou em passos rápidos até à janela, que se abria para o abismo, no fundo do qual

uma multidão de anõezinhos lutava pela conquista do tráfego contra ônibus e automóveis mirins.

— Não sei o que a senhora quer dizer com isso... Sra... Sra. Justin.

Harriet pousou seu cálice sôbre a mesa que tinha diante dos joelhos e, erguendo-se também, caminhou para a outra:

— Também tenho dificuldade de explicar... De fato, tem havido muitas outras.. .Muitas outras pequenas... *como você*, compreende? Isto é culpa da natural sedução de Justin, que para muitos não passa de um solteirão e...

A essa altura, rugas se formaram em sua fronte, como se não pudesse conter a dolorosa emoção.

— Pode acreditar, meu bem — prosseguiu com voz amistosa. — Não estou querendo feri-la... Estou, ao contrário, querendo ajudá-la... Tentando fazer você compreender...

Althea se afastou da janela, lentamente, caminhando outra vez para o meio do salão e detendo-se diante do biombo chinês.

— Sou apenas caixa num restaurante, próximo daqui... e quando o sr. Justin sentou numa das mesas... A senhora sabe como isso acontece... Pensei que podia despertar sua atenção e ingressar no teatro... e... Oh! Creia que lamento muito!

Seus ombros tremeram ligeiramente, enquanto seus olhos dirigiam para Harriet uma súplica muda, porém eloquente.

— Lamento, sinceramente... *pela senhora*.

Sua voz desceu até um sussurro e morreu completamente. Depois, voltou-se e caminhou, de vagar, como uma pessoa humilhada e vencida, atravessou o salão, fechando a porta vagarosamente, sem ruído.

No curto silêncio que se seguiu, Harriet fechou os olhos e estremeceu ligeiramente com os aplausos fortes e repentinos, saídos de trás do biombo chinês.

BRAVO! — exclamou Justin, surgindo ao mesmo tempo de trás dessa vistosa trincheira. — Algum dia, minha querida, você será uma atriz!

— Acha que... Acha que eu ganharei o papel? — perguntou Harriet.

— Só tenho uma palavra!

Foi servir-se de licor e levantou a mão que empunhava o cálice, num gesto de saudação a si mesmo. Depois tornou a olhar para Harriet, com uma expressão indulgente.

— Creio que você há de concordar comigo. A cena de hoje foi uma boa idéia! De fato, essa pequena estava ficando cacete, não me deixando mais comer em paz. Depois deu para telefonar... Um inferno!

Enquanto Harriet ajustava o chapéu, diante do espelho, êle retirou do bôlso um lenço imaculado e limpou as cinzas da mesinha de coquetel.

— Começaremos os ensaios na próxima semana e você estará preparada para outro papel. Lamento que êste seu primeiro papel seja apenas de umas três linhas...

Tornou a servir-se de licor.

— Mas, quem pode saber o que está para acontecer nessa longa caminhada... antes de atingir a Broadway? — concluiu.

Harriet se voltou lentamente para êle. A pose, a estudada serenidade fugira de seu rosto; apenas deslumbramento havia em seus olhos, quando exclamou:

— Broadway!

Quando chegou à calçada, diante do hotel, Harriet ainda tinha lágrimas brilhando na ponta das pestanas e seus lábios tremiam. Sentiu, neste momento, que alguém tocava num dos seus braços.

— "Pegou", afinal, o papel?

Harriet respondeu maquinalmente, com um movimento de cabeça. Depois...

— Oh! É você, Althea! Você... fêz isso por mim !

— Mas não diga nada ao Eddie! — recomendou Althea, em tom de cumplicidade. — Êle não gostaria de saber que eu fui ao apartamento de um homem... e especialmente de um ator!

— Althea! Ainda não posso acreditar como isto aconteceu!

— Por que não? Era muito simples! Urbano Justin almoçava no meu restaurante e escolhia a mesa diante da minha "caixa" porque, justamente, ficava com um espelho pela frente. E passava o tempo

tôdo tão entretido, olhando-se ao espelho, que eu não tinha uma oportunidade para explicar-lhe que tudo quanto eu queria era uma entrevista *para você mesma*!

SE êle viesse a saber da nossa combinação... Não sei o que faria! Quando me ofereci para êste papel particular, explicando-lhe que talvez pudesse libertá-lo... de você, nem sei por que aceitou.

— Êle imaginou que eu o perseguia por estar apaixonada pelos seus encantos. Mas, se telefonei foi porque êle deixou de aparecer no restaurante em que estava sempre querendo conseguir a entrevista para você. Oh! *Vê lá* se eu troco o *meu* Eddie por êle! Um ator!

Interrompeu-se para olhar para Harriet. E moveu a cabeça, como alguém que não compreende o que vê:



— Você quer saber? Quando você chegou, no verão passado, depois de terminar o curso de arte dramática, não pude acreditar que chegasse a ser alguma coisa. Quase não saía de casa, não fumava, não tinha namorados nem nada!

Mastigou com mais entusiasmo o seu *chiclet*, antes de concluir, sincera:

— Mas depois que a vi, há pouco, mudei de pensar; acho que você será uma grande artista... Sabe que cheguei a pensar que você fôsse, realmente, a espôsa dêle?

— Mas você também foi magnífica, meu bem! — afirmou Harriet. — Pois se chegou a enganar o próprio Justin! Creia que pode ter orgulho de haver representado com muita arte!

— Hmm... Nada disso! Para mim, isso não serve.

Ficou alguns instantes, pensativa. Depois, coçando vigorosamente o nariz, concluiu:

— Bem. Agora tenho que me encontrar com Eddie.

Olharam-se um instante, com olhos em que havia amizade, piedade e mesmo compaixão, mas não compreensão. Depois sorriram, entrelaçaram os braços e desceram a rua, perdendo-se na multidão.

★ ★

A "BOA RESPOSTA" DO MÊS



A espôsa estava verbalmente rememorando o que havia feito durante o dia, detalhe a detalhe, enquanto o marido, pacientemente, mas com esfôrço, adiava o sono e o fechar os olhos. Descreveu, a seguir, a longa caminhada, que tinha feito, a fim de fazer as compras indispensáveis. Ao terminar, fêz uma série de perguntas sôbre o dia do marido e como decorrera o joguinho de «bridge», com os colegas de escritório, entrando a dar palpites e emitir censuras, embora não obtivesse resposta. Finalmente, mudando de um assunto para outro, enquanto se levantava para apagar a luz, indagou, depois de mergulhar o marido em total escuridão: — João! Você desligou a televisão?

— Desliguei, querida.

— E colocou a mobília da varanda dentro da sala?

O marido grunhiu uma resposta afirmativa, pedindo a Deus que fôsse a última. Porém, ela, virando-se tornou a acender a luz e, hesitante, indagou: — Você fechou a janela do banheiro?

— Fechei... — disse o marido quase num gemido.

Mas não era o fim. Ela ainda indagou, em dúvida: — Tem certeza, então, de que tudo **está fechado**?

A resposta do marido, embora já tivesse a cabeça sob os cobertores, foi **bastante clara**:

— Sim, querida. Espero que **tudo** esteja **fechado**!

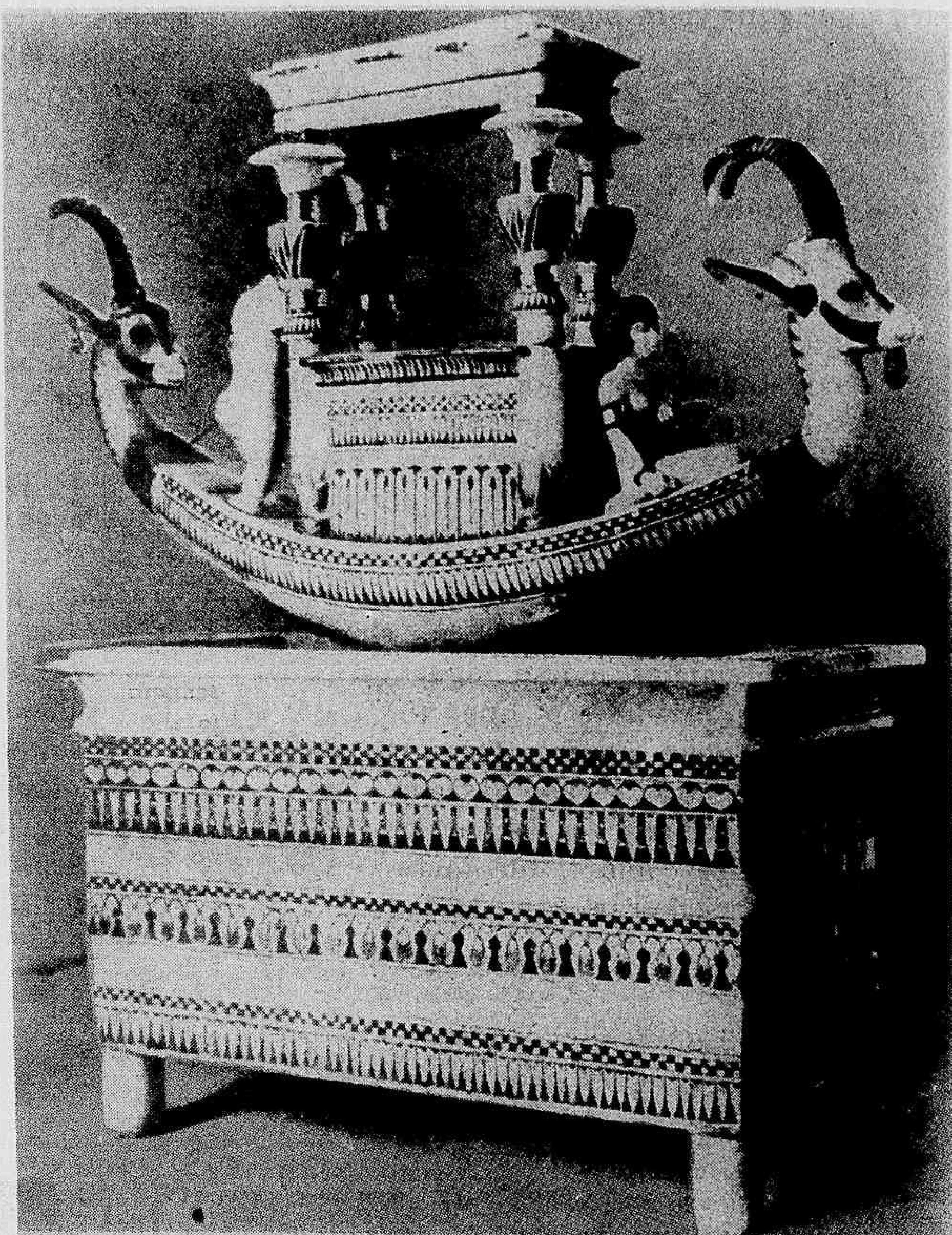
O BARCO DE CHEOPS E A MALDIÇÃO DE TUT

A morte, com asas velozes, cairá sôbre aquêle que tocar no túmulo do faraó.

Esta antiga maldição egípcia, que, segundo o folclore local era parte das superstições invocadas pelos antigos para proteger as múmias e relíquias de seus reis, é recordada, agora, por ocasião do recente achado do barco funerário de Cheops, o rei que mandou construir a Grande Pirâmide, primeira maravilha do mundo. Os arqueólogos comparam tal fato com o descobrimento do túmulo de Tut-Ank-Amon, em 1923. Ninguém sabe quantas das pessoas que, de um ou outro modo, intervieram nos trabalhos com lord Carnavon e Harold Carter, sucumbiram a uma morte súbita, inexplicável. Doze anos depois, tinham morrido vinte e nove!

Que é o que move êsses exploradores em sua infatigável busca de velhos segredos dos reis egípcios? Um estudante nos deu a explicação:

"Todos nós vivemos rodeados de cinco mil anos de história. A grandiosa tarefa dos arqueólogos é fazer que tornem a brotar aquêles mananciais, que se conheçam as coisas esquecidas, que viva o morto, que corra outra vez o arroio histórico".



O barco funerário de Cheops, obra admirável em que revelam os progressos dos artífices egípcios. Está espantosamente bem conservado, em seus mínimos detalhes e até nas côres.

No caso do barco funerário de Cheops, o que se descobriu data aproximadamente do ano 2.800

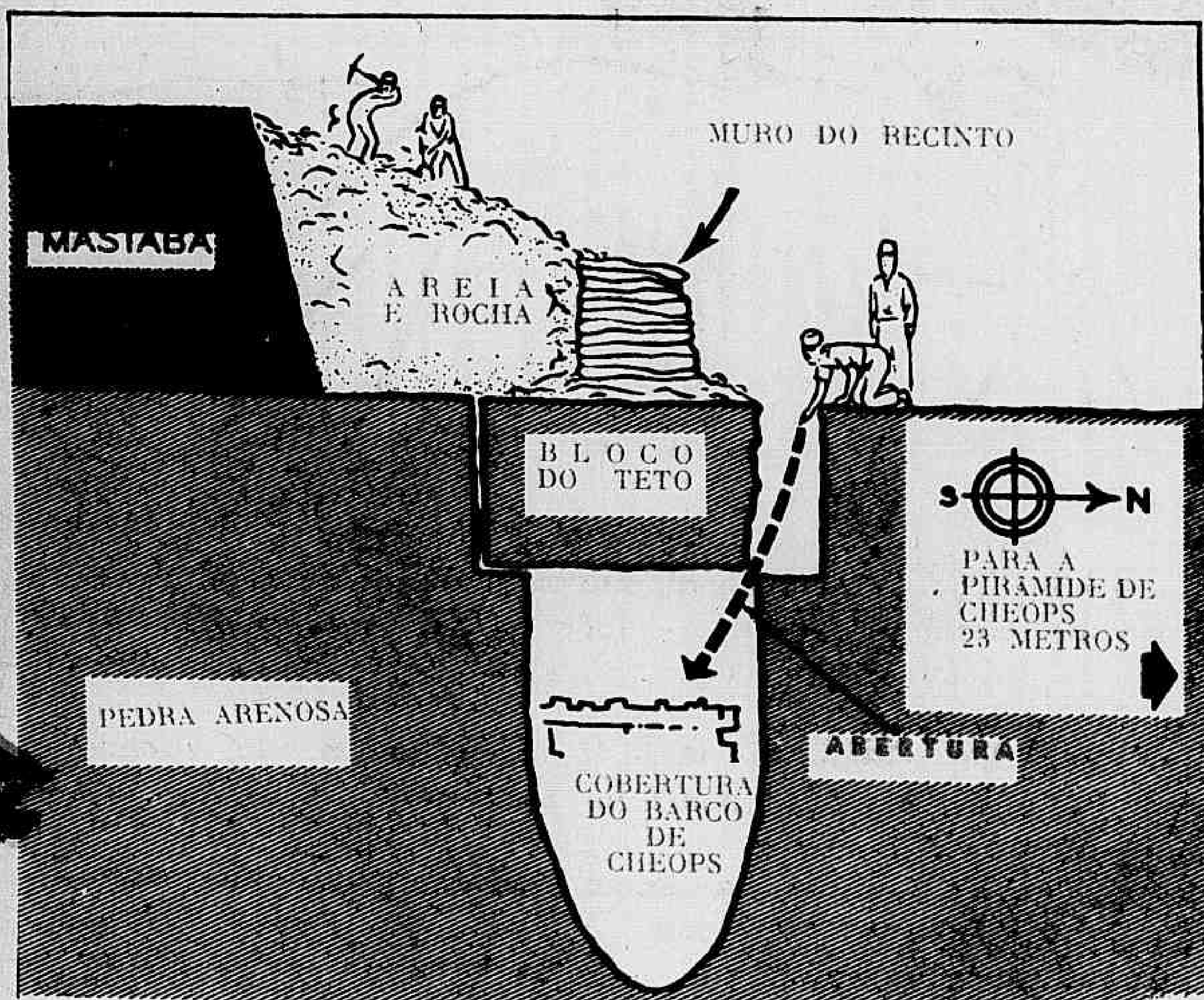


Diagrama do local onde foi encontrado o barco funerário, próximo da grande pirâmide de Cheops, no qual se pode apreciar o tamanho que tinha o barco por comparação com as pessoas



Estátua de Cheops, em madeira. Encontra-se no Museu do Cairo e é peça de grande valor histórica.

antes de Cristo, isto é: de uns 4.700 anos!

Segundo o egiptólogo, professor Kamal-El-Malhak, trata-se do descobrimento muito mais importante que todos os realizados até hoje e só comparável ao do túmulo de Tut-Ank-Amon.

No século IX, o califa árabe Al Mamun gastou uma fortuna fabulosa pretendendo arrancar os tesouros que devem estar enterrados com Cheops, em seu túmulo, no interior da pirâmide. Mas achou apenas o sarcófago vazio. As jóias, o ouro, tinham desaparecido — provàvelmente roubados pelos antigos ladrões dos túmulos egípcios. Os arqueólogos se maravilham ante a pirâmide que Cheops mandou construir em Gizeh. Tem 233 metrso na base, elevando-se a 144: ocupa 12 acres e contém 2.300.000 blocos de pedra, cada um dos quais pesando duas toneladas e meia.

Na época do rei Tut não eram essas pirâmides tão complicadas. Ao contrário, as riquezas se encontram dentro do seu túmulo. Uma dessas riquezas consistia no barco funerário.

EXPLICAÇÃO DIFÍCIL

DESDE que Albert Einstein revelou ao mundo as quatro equações misteriosas que completam sua famosa teoria da relatividade, de tôdas as partes surgiram artigos e livros sob os títulos mais tentadores: «A Teoria de Einstein ao Alcance de Todos» ou «Em Três Minutos a Teoria da Relatividade não Mais Terá Segredos para Você», etc.

O indivíduo compra, lê, toma várias aspirinas... e para êle tudo continua como estava. Porque... **Einstein tem o seu segrêdo e a ciência tem o seu mistério.** Além do mais, o grande sábio há de ser o primeiro a sorrir diante dos vãos esforços dos que tentam colocar suas descobertas ao alcance da mediocridade ou mesmo do politécnico...

Mais recentemente, o sábio compareceu a uma reunião íntima, no gênero das que costumam ser realizadas na alta-sociedade norte-americana: nada além de quarenta pessoas. Lá para as tantas a dona da casa, corando de emoção, pediu:

— Mestre... Não poderia o senhor, simplesmente empregando palavras que todos compreendam, explicar em que consiste a sua teoria?

O mestre sacudiu a juba prateada, como se essa sugestão fôsse do seu inteiro agrado e então respondeu:

— Minha senhora. Prefiro, antes, contar-lhe uma pequenina história. Certo dia, em que me achava sentado junto de um de meus amigos, cego de nascença, confiei-lhe:

— Bem que gostaria de beber um pouco de leite, perguntou êle.

— Que é leite? —

— Um líquido branco.

— Um líquido, sei o que é. Mas... branco?

— O branco é a côr das penas do cisne.

— Penas, sei o que são. Mas... cisne?

— O cisne é um animal de pescoço encurvado.

— Um pescoço, sei o que é. Mas... encurvado?

Então apanhei o braço do meu amigo e forcei-o a dobrá-lo e a mão, para que tomassem uma linha idêntica à do pescoço do cisne.

— Ah! — exclamou o meu amigo cego. — Perfeito! Agora, já sei o que é um copo de leite!

— Foi só isso! — concluiu Einstein, que acrescentou, muito sério: — Quer, ainda, que lhe explique o que é a relatividade?

Academia de Acordeon
MASCARENHAS
A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli
RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

A EUROPA DE CLIMA

BOMBAS ATÔMICAS NO

M
S
P

DESDE há muito tempo, sábios e investigadores atômicos inglêses e norte-americanos vivem preocupados, procurando encontrar solução segura para o problema que resultaria em consequência de um metódico bombardeio do Pólo Norte com bombas atômicas da mais alta potência.

Êsse problema, realmente, merece a mais prolongada meditação, porquanto seriam êsses bombardeadores inglêses e norte-americanos os primeiros a sofrer com as consequências.

Que ocorreria, de fato, se as gigantescas massas de gêlo fôssem esfaceladas e derretidas pelas enormes ondas de calor?

Segundo os derradeiros cálculos, previstas tôdas as hipóteses e medidas tôdas as fôrças em choque, poderia ser conseguido, para o velho e fatigado continente europeu, um jovem clima tropical, exuberante e renovador da terra e dos homens.

Mais ainda. A Groenlândia, que é, atualmente, um território estéril e quase inútil, aparecendo no mapa-mundi mais como um marco geográfico e nada mais, seria convertida em um paraíso verde, capaz de abrigar vários milhões de invivíduos, vivendo pròsperamente, pois que o seu solo, agora coberto por imenso e espêsso manto gelado, poderia ser cultivado e desabrocharia em frutos abençoados e vigorosos por se tratar de um solo virgem e superregado.

Convém notar que aquêle bombardeio tremendo não se efetuaria de fato sôbre o Pólo pròpriamente dito, mas apenas sôbre as massas de gêlo que o circundam.

Para que o leitor possa ter uma idéia do tamanho daquelas massas de gêlo, é bastante esclarecer que a "manta" que cobre a Groenlândia seria mais que suficiente para cobrir completamente: a Dinamarca, a Alemanha, a Inglaterra, a Holanda, a Bélgica, o Luxemburgo, a Suíça, a Itália, a Áustria, a Hungria, a Polônia e os Bálcãs com um tapête de



DOIS MIL METROS DE ALTURA! E devemos levar em conta que a Groenlândia é, apenas, uma pequena parte do Pólo!

Se êsse arrojado e perigoso plano será pôsto em prática, sòmente o futuro o poderá dizer. Para começar, o estado atual da Natureza parece opor-se a essa tentativa, pôsto que com isso os homens provocariam, talvez, apenas enormes catástrofes — das quais não teriam sequer tempo para arrependimento. Em segundo lugar, na atualidade, isto dependeria de consulta geral a todos os povos da terra, pôsto que nos animais ninguém pensaria — e isso seria grave êrro porque de muitos dêles dependemos para viver. Tal medida só poderia ser adotada em último recurso, para garantir a sobrevivência da espécie humana, quando a terra

MILHARES DE "ICEBERGS" BLOQUEARÃO AS ROTAS DE NAVEGAÇÃO.

MUDARÁ

SE LANÇAREM PÓLO NORTE



se visse três quartas partes coberta pelos gelos polares, em razão do progressivo resfriamento de sua crosta. Isto, porém, é problema que devemos deixar para os nossos irmãos de daqui a muitos milhares de anos.

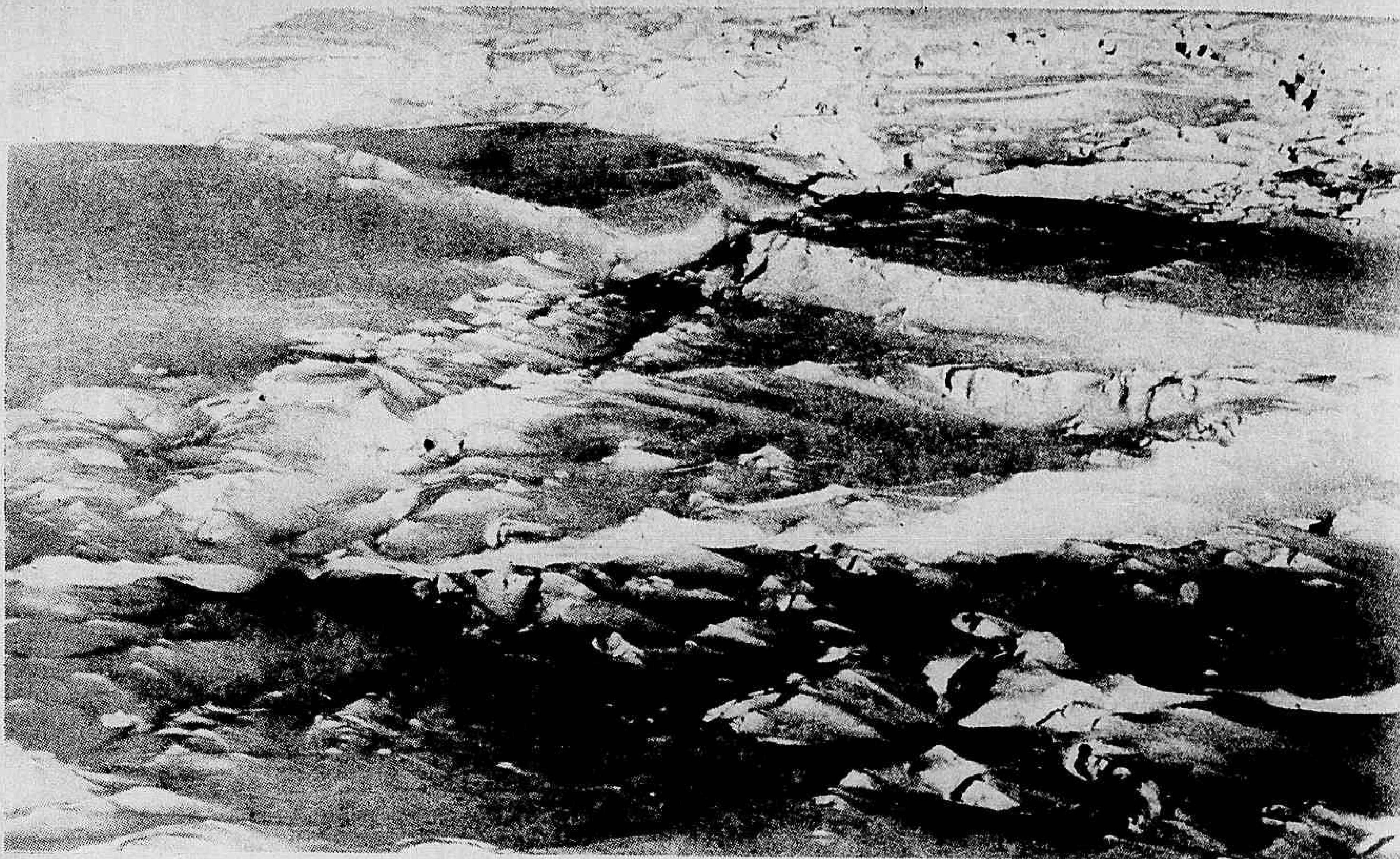
Ano após ano, as geleiras polares se abrem por efeito dos ventos (e porque atingiram a regiões mais temperadas) e lançam ao mar "icebergs" gigantescos, que acabam derretendo-se sob a ação do sol e dos ventos menos frios abaixo do círculo polar.

Ora, se fôsse efetuado, realmente, êsse bombardeio atômico, o número de "icebergs" aumentaria de tal maneira, que tôdas as atuais rotas de navegação ficariam bloqueadas e a própria Corrente do Gôlfo (Gulf Stream) ficaria gelada. Que sucederia, então?

Isso é fácil de prever. Faltando na Europa êsse "calorífico" natural, que tem sua origem no Gôlfo do México, o continente europeu passaria desde logo a sofrer as inclemências do inverno ártico, o qual duraria até que se fundisse a maior parte do gêlo polar e a corrente do gôlfo recuperasse sua temperatura habitual e benfazeja.

A partir de então, tudo melhoraria para a Europa, que passaria a gozar de um clima verdadeiramente tropical. Mas a que preço? Nem podemos afirmar que ainda restaria qualquer sinal de vida

PRIMEIRO UMA TERRÍVEL ONDA DE FRIO — DEPOIS, UM CLIMA TROPICAL.



Ninguém é capaz de calcular as enormes riquezas em matérias-primas, ocultas sob a capa de gêlo dos polos.

animal ou vegetal, da primitiva que ali fôra conhecida, depois dessa prolongada catástrofe natural e da tremenda radioatividade ali reinante.

Cabe ainda perguntar se seria possível qualquer espécie de vida nas regiões "liberadas" dos gelos com o bombardeio de milhares de bombas atômicas, dado que o lançamento de uma só dessas bombas, pela radioatividade que gera, pode destruir a vida humana nc local em que sejam lançadas.

E há, ainda, o problema, muito sério, dos animais marinhos, como, por exemplo, as baleias, que poderiam ser totalmente aniquiladas ou, pelo menos, sofrer os efeitos nocivos da radioatividade. E não devemos sequer pensar na sorte dos utilíssimos animais terrestres, que, sem sombra de dúvida, teriam deixado de existir durante o período glacial do Velho-Mundo.

Outro fator que deve ser levado em consideração é o seguinte:

O gêlo, convertendo-se em água, por certo que aumentaria o nível médio dos oceanos de cêrca de trinta metros!

Já imaginaram, alguma vez, os leitores, as consequências dêsse fato? Pois vamos raciocinar com calma: com a elevação do nível do mar de cêrca de trinta metros, muitas cidades costeiras ficariam totalmente submergidas, enquanto que outras, numerosas, do interior, passariam a ser portos de mar.

Como todos sabem, as grandes massas de ar quente, que se encontram no Equador, correm na direção dos polos. Entretanto, em seu caminho, encontram pesadas massas de ar frio, das regiões polares, e que, por sua vez, descem na direção do Equador.

É graças a êsse encontro, a essa luta entre as duas massas de ar diferentes, que a Europa deve o clima que tem e que a torna sadia e rica.

Desde o instante em que deixassem de existir essas grandes massas de ar polar, intensamente frias, o clima da Europa passaria a ser tropical, segundo tôdas as probabilidades.

A preservação do continente europeu contra a invasão, a descida geral das geleiras polares, é devida a um misterioso milagre, que bem poderíamos apontar como impôsto pelo Criador.

Realmente, se a água, como todos os líquidos, obedecesse à lei geral que força todo o líquido a diminuir de volume (concentrar-se) ao ser solidificada (tornada gêlo) os "icebergs" não flutuariam e muito menos desceriam para as regiões



Após as explosões atômicas sôbre as regiões polares, as rotas de navegação ficariam bloqueadas pelo gêlo.

mais temperadas, quando são derretidos pelos ventos e pelo calor do sol. Ao contrário, mergulhariam infalivelmente. Ano a ano novos blocos de gêlo, desprendendo-se, iriam sobrepor-se aos anteriores, não se diluindo jamais e, em breve, as geleiras polares avançariam, uma ao encontro da outra, até cobrir tôda a terra e assim acabando com tôda a espécie de vida, animal e vegetal. Porém, solidificando-se, a água foge à lei geral e, ao contrário, aumenta de volume, contendo gotículas de ar e, assim, flutuando... para ser, ano a ano, transformada em gêlo, destroçada e novamente derretida.

A que se deve essa exceção salvadora da vida humana? Ao acaso... ou a uma Vontade Superior?

Porém, no caso em apreço, ninguém pode afirmar que o lançamento de bombas atômicas na região polar causaria os efeitos que acima aponta-os como prováveis, baseados na opinião dos sábios e é muito possível que, na prática, ocorresse justamente o contrário daquilo que se aguardaria: o clima europeu poderia passar a ser o das estepes ou o dos desertos.

O que está fora de qualquer dúvida é que o Ártico é uma região de grande futuro. Já agora constitui uma rota aérea magnífica e como um "frigorífico gigante" poderia prestar ao mundo inestimáveis serviços. Isto, sem contar com as imensas riquezas em matérias-primas, que os cientistas supõem sepultadas sob a densa camada de gêlo polar.

Não existe, portanto, uma necessidade imperiosa de libertar os gelos por meio de bombas atômicas. Mas nunca será possível ao homem pôr um limite à sua temeridade.

Ninguém sabe o que vai acontecer amanhã.



NOMES CURIOSOS

VELHO costume australiano é o de dar aos filhos os nomes segundo a ordem em que nascem. Primeiro, Segundo, Terceiro, Quarto, etc. Entre os latinos também se usou chamar aos filhos Primus, Secundus, Tertius, Quartus... Os gregos empregaram os nomes de Protos (primeiro), Déuteros (segundo), Tritos (Terceiro), etc. No Uruguai, um sr. Bonomi também adotou o sistema de numerar os seus filhos (que foram muitos) seguindo a ordem de nascimento, conforme foi feito por conhecida família brasileira, do Nordeste — e com o interessante da numeração ser feita em francês. Porém, o mais curioso foi o de um habitante de Washington, que tendo, nos primeiros nove anos de casado, oito filhos, numerou-os cuidadosamente de um a oito. Porém, passados seis anos, sua espôsa lhe deu mais um filho... que deveria ser o **Nono**. Entretanto, achando que a conta já se ia tornando excessiva, o bom homem decidiu chamar êsse filho de **«Enough»**, o que significa, numa tradução livre: **É bastante! Chega!**

"SE EU FÔR ELEITO..."



PODE um candidato pagar uma bebida qualquer para o eleitor? Eis aqui certas *regras* que devem ser observadas.

Qualquer coisa pode acontecer durante o calor de uma campanha eleitoral. Os fatos abaixo servem de exemplo:

"EU PAGO!" — Se um candidato oferece uma bebida ao eleitor, estará, assim, *comprando* o seu voto?

— Não! Êle obedece *apenas* à generosa hospitalidade que deve ser tradicional a todos os políticos.

★

SEM IMPOSTOS... — Vale a pena eleger-se um candidato que afirma não querer receber salário, enquanto o orçamento não estiver elaborado?

— Não, pois isto seria o mesmo que afirmar: "Se eu fôr eleito, abolirei a cobrança dos impostos!"

★

FEITAS PARA SEREM QUEBRADAS — Pode o eleitor acionar aquêle a quem elegeu, por não cumprir as promessas feitas durante a campanha eleitoral?

— Não, porque os candidatos eleitos "devem procurar prover o bem-estar do povo e da nação"; se seu ponto de vista fôr errado, tem êle o direito de mudar de opinião.

★

DESPROVIDO DE CULTURA... — Pode-se considerar um eleitor não capacitado para exercer essa obrigação civil, por ter dificuldade em falar e ler corretamente?

Não, porque sua deficiência é a mesma que a de muitos "homens cultos" e "letrados".

★

A CAMA ATESTA A RESIDÊNCIA — Se um cidadão reside na linha divisória de dois municípios, em qual dêles deve votar?

Naquele em que está situado seu quarto de dormir, pois "o homem vive onde dorme".

★

NADA DE SUCESSÃO... — Se o candidato vitorioso morre durante as eleições, deve o seu pôsto ser ocupado pelo adversário derrotado?

— Não. Os eleitores não podem ser dirigidos por um homem que não julgaram capaz de exercer o cargo.

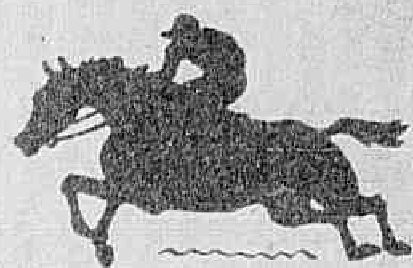
★

"ÔLHO POR ÔLHO..."



GEORGE Desmond, um africano do Kenia, puniu com a morte a víbora que o havia picado. Trabalhava num campo quando foi agredido pelo réptil. Louco de raiva, atirou-se contra o animal, segurando-o com as duas mãos e estraçalhou-o completamente a... dentadas. Ôlho por ôlho... Resultado: a víbora morreu e George, tendo corrido, em seguida, para o ambulatório de sua aldeia, foi tratado como era devido e pôsto fora de perigo.

A PISTA DIABÓLICA



A MAIS ESPETACULAR CORRIDA DE OBSTÁCULOS DO MUNDO

NOS principais prados de corridas do Brasil, o Hipódromo Brasileiro, da Gávea, na capital do país, e o Hipódromo de Cidade Jardim, em São Paulo, o público tem presenciado cenas dramáticas de "rodadas" de animais e jóqueis, de consequências trágicas às vêzes, com a morte do ginete e do animal, como as ocorrências que ainda estão na lembrança de todos, e nas quais perderam a vida os jóqueis Cândido Moreno e Bernardino Cruz, e quando o chileno Cabrera e o supercampeão das estatísticas, Luís Rigoni, estiveram entre a vida e a morte.

Os jornais atacam os mentores dessas associações hípicas, acusando-os de permitir uma raia mal traçada, com uma certa curva absolutamente condenável, principalmente para os páreos de pequeno percurso, em que as "largadas" são feitas a poucos metros da volta perigosa.

Isto, aliado ao fato da inscrição de inúmeros parelheiros, animais fogosos e lançados imediatamente a tôda velocidade, tem servido de assunto para os acusadores.

Entretanto, os nossos prados estão longe de apresentar os riscos de outros hipódromos, existentes nos maiores centros turfísticos do mundo. Vamos citar, como exemplo, a pista do prado de Aintree, cognominada "A Pista Diabólica". Cada primavera, centenas de milhares de apaixonados pelas corridas de cavalos se dirigem para aquela cidade, nos subúrbios do pôrto de Liverpool, no Lancashire, Inglaterra, para assistir à prova denominada "Grand National", que é corrida na pista mais acidentada do mundo. Traçada em forma de triângulo, uma elevada tribuna de tijolos vermelhos domina de um dos lados tôda a vasta área. Ali se sucedem 16 temíveis obstáculos — 14 dos quais devem ser saltados duas vêzes — distribuídos em dois circuitos de 7.216 quilômetros. Valas de até 1,80 metros de largura estão abertas, ameaçadoras, antes ou depois da maioria dos obstáculos, cujas dimensões são de uns 1,50 de altura por 1,25 de largura. Os poucos cavalos que não ficam caídos e



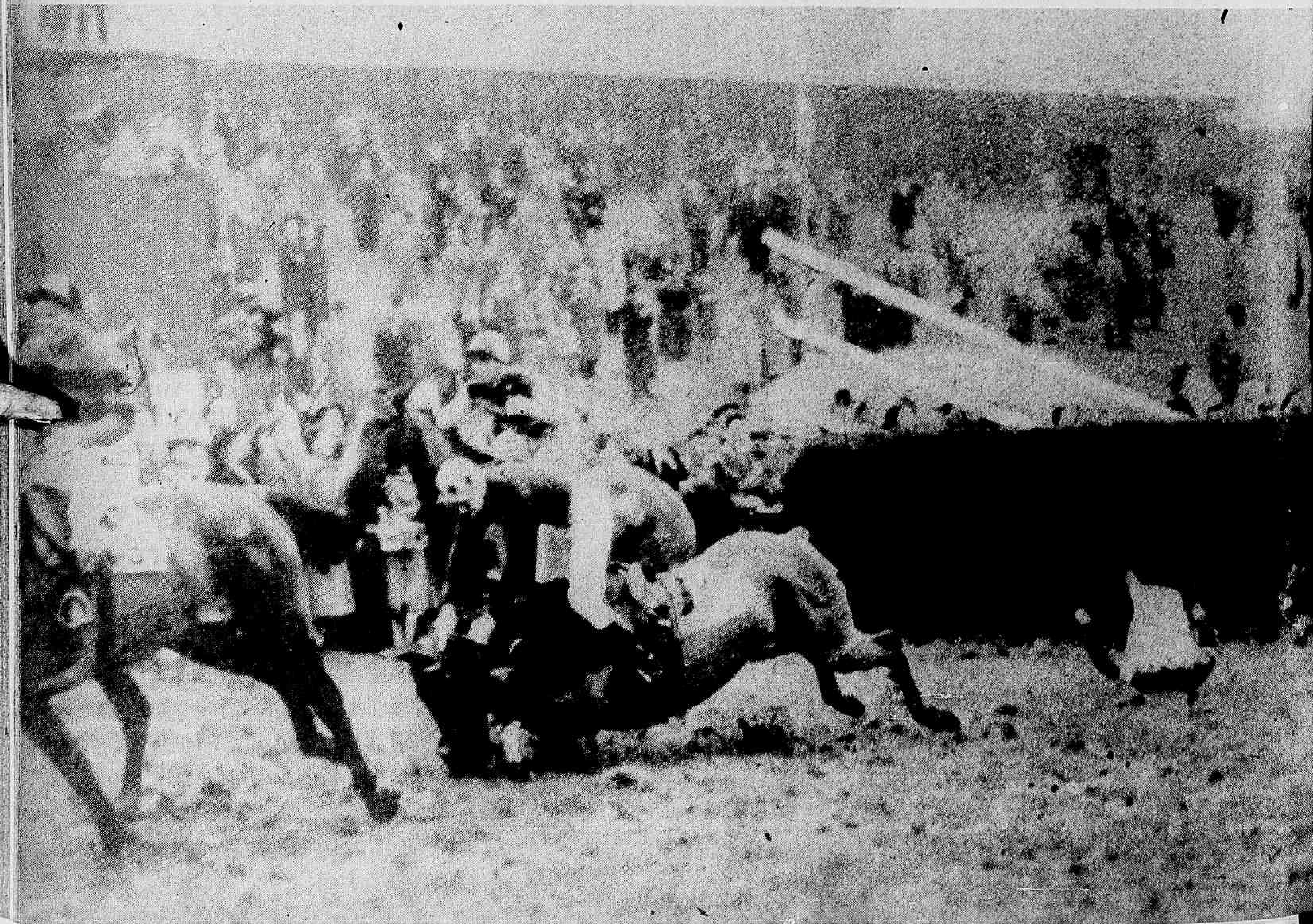
eliminados no curso da prova, alcançam a meta em cêrca de dez minutos, correndo a uma velocidade aproximada de 47 quilômetros por hora.

Como era de rigor, antanho, nas competições entre os nobres, os cavalos são lançados através de uns duzentos metros de terreno acidentado e cinquenta de terra arada. Cada jóquei trata de ganhar a vanguarda do pelotão e dar à sua cavalgadura uma perspectiva clara do obstáculo a vencer. Porém, enquanto assim se esforçam, muitos dêles são arrancados da sela...

Pouco mais além, a pista começa a estreitarse... e surge mais um obstáculo e, logo a seguir, um temível fôsso... e mais duas barreiras de



A corrida, a quinhentos metros da «saída»: um pelotão, depois de enfrentar uma sebe de espinhos com um metro e quarenta de altura... e logo o público assiste a três quedas dramáticas





O pelotão se dividiu para evitar os cavalos que caem. Ao centro (fundo) a cambalhota espetacular de um jóquei. À esquerda: «Alberoni», um dos favoritos começa a cair, arrastando o jóquei.



espinhos para transpor! Após mais cinco ou seis perigosas sebes, surge, finalmente, como remate assustador, o arroio Bechar, que é a vala mais funesta do diabólico percurso.

Trata-se de uma barreira de um metro e meio de altura por um de largura, na parte superior, e que se levanta em uma de suas margens. Nessas condições, a menos que o salto seja executado com grande cálculo e perfeição, é quase certo que o cavalo cairá com as patas traseiras dentro do traiçoeiro arroio.

Mas, ainda não é tudo. Mais além está a "volta do Canal". Não se trata de uma vala que exija o máximo de precisão no salto, mas, em compensação, obriga a realizar uma "virada" relâmpago, para a esquerda, mal se

a transpôs, se se quer evitar um esbarro terrível com o barranco fronteiro, cuja consequência poderá ser fatal.

Tantos são os cavalos cujo fogoso brio ali termina, em estertores lamentáveis, que a direção do hipódromo ali mandou instalar um guindaste provido de cabo de aço e construiu uma rampa especial para proceder a retirada dos animais mortos ou agonizantes.

Depois de transpor mais seis obstáculos — entre barreiras e fossos — os cavalos que ainda restam na pista, avançam para as duas únicas valas que devem ser vencidas de uma só vez: uma descoberta e limitada, do lado oposto ao salto, por uma cêrca ponteaguda e um alagado de uns 4,60 metros, defendida ainda por um gradil de espinhos com um metro de altura. Apesar da cova não ser tão ampla como o alagado, sua negra e aberta entranha encerra mais perigos que a fossa alagada, tanto para o cavalo quanto para o seu ginete. O menor êrro de cálculo e ambos irão cair, irremediàvelmente, entre os espinhos da cêrca.

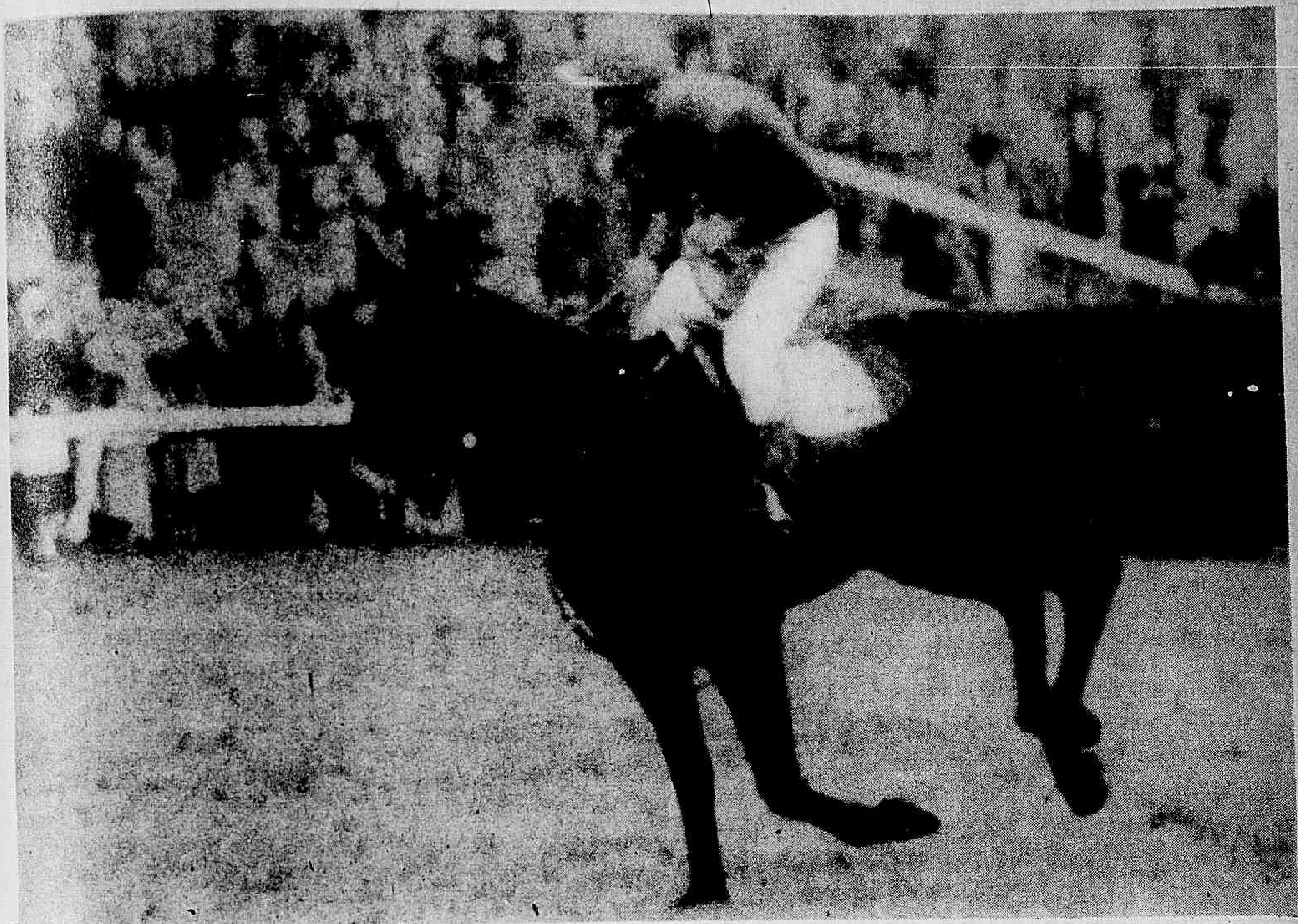
O percurso total da pista oferece uma contra três probabilidades contra qualquer cavalo que intervenha na competição.

Em 1928, dos 42 que saíram do ponto de "largada", apenas dois chegaram à meta. *Tiperary-Tim* — sôbre o qual as apostas foram pagas na proporção de 100 por 1



A segunda sebe foi fatal para «Dominick's Bar», que caiu para logo morrer, enquanto «Samperion» e «Leslie» prosseguem.





Milhares de pessoas viram esta cena: ao centro, o jóquei de «Tudor Line» procura evitar dois companheiros caídos e seus respectivos cavalos. À direita, um terceiro jóquei, caído, procura fugir da pista.



— e *Billy Barton*, de procedência norte-americana. Entre todos os obstáculos da pista de Aintree, os jóqueis são unânimes ao afirmar que o de número 28 (o antepenúltimo) é o pior. Devemos esclarecer que êsse obstáculo é o de número 14, na primeira passagem, pois que do total de 16 obstáculos sòmente 2 não são galgados duas vêzes. Entretanto, na primeira passagem, aquêle obstáculo não é tão ruim, porque os animais ainda levam "sobras", como se diz em conversa de turfe, e, já na segunda vez, chegam à barreira quase sem fôrças.

Uma vez galgado êsse obstáculo — e depois de transpostas outras duas valas, estas sem grandes complicações — resta apenas percorrer a esticada reta final.

Entretanto, o fôsso de 1,80 metros que circunda o obstáculo, pelo lado oposto, constitui uma armadilha que, surgindo repentinamente, negra e ameaçadora, ante os olhos do já trôpego animal, quase sempre põe um ponto final em seu entusiasmo, por mais fogoso que possa ter sido ao iniciar a prova.

O conhecido compositor inglês, Bruce Hobbs — que quando moço foi jóquei e ganhou, com 16 anos de idade, o "Grand National" de 1938 — opina que o maior perigo é constituído pelos cavalos soltos, cujos jóqueis caíram. Êsses animais ficam pela pista, desorientados, cruzando em todos os sentidos, constituindo assim novos e perigosos obstáculos, inteiramente fora do programa.

Ocorreu, uma vez, que um animal, espantado e nervoso, arremeteu contra os demais competidores, causando cenas realmente dramáticas. Os incidentes ocorridos durante os primeiros anos da clássica competição estão revestidos de detalhes verdadeiramente novelescos.

Por exemplo, o cavalo *Mofiaa*, de raça neo-zelandesa, naufragou quando era conduzido para a Inglaterra e pôde alcançar a margem do Canal da Mancha a nado. Uma semana depois, entretanto, vencia o "Grand National", muito à frente dos adversários.



Em outra ocasião, a vitória correspondeu a um cavalo que tinha servido como animal de tração em Birmingham.

Por sua vez, o "Grand National" de 1952 foi vencido por *Teal*, um cavalo que pagou 100 por 7! Superou na prova a 47 cotadíssimos competidores. Mas acontece que trinta e sete dos que largaram caíram no caminho; cinco jóqueis foram parar no hospital e um animal teve que ser sacrificado. Na tarde em que foi disputada a famosa prova, o ambiente, velado por espêssa neblina, impediu que a multidão de 250.000 espectadores pudesse ver os pormenores em cêrca de metade da emocionante carreira. *Teal* cobriu a distância em 6 minutos, 20 segundos e dois quintos!

Mais trágica, ainda, foi a última disputa do "Grand National", na tarde de 27 de março de 1954, quando se desenrolou êsse famoso *steeple-chase* sôbre 4 milhas e 856 jardas. Os 30 terríveis obstáculos dessa prova promoveram êste ano um verdadeiro massacre. Dos 29 participantes, 9 animais apenas passaram pela linha de chegada. Quatro morreram: *Dominick's Bar*, morto instantâneamente, após a queda na segunda barreira; *Paris-New York*, com uma perna quebrada; *Legal Joy*, com as vértebras cervicais quebradas; e *Corney Burrow*, que caiu na antepenúltima barreira, que é, justamente, apontada como a pior de tôdas. Os três últimos foram sacrificados. Ganhou *Royal Tan*, montado por Bryan Fyfe. Estava cotado a oito por um.

Essa hecatombe emocionou a Inglaterra. Na manhã seguinte, dois deputados pediram a abertura de um inquérito. Aguarda-se, agora, longa discussão no Parlamento, a fim de regulamentar mais severamente essas corridas, que ano a ano vão fazendo vítimas entre jóqueis e cavalos.

Mais recentemente, lord Ammon, presidente da "Sociedade

Para a Reforma do Steeple-Chase" interpelou a Câmara dos Lordes; ao mesmo tempo, o general Medlicot (conservador) falava na Câmara dos Comuns.

Por seu lado, a "Sociedade Real de Proteção aos Animais", que mandara seis de seus funcionários, como "olheiros" para setores estratégicos do percurso, protestou, enèrgicamente, contra o perigo dos obstáculos... e a crueldade com que eram castigados os cavalos nessa corrida.

A sra. Mirabe Tophan, organizadora dessa famosa corrida, recusa, entretanto, modificar as condições da prova.

— Se modificássemos o percurso do "Grand National" — declarou ela — a prova passaria a ser uma corrida comum e perderia sua razão de ser!

A verdade é que o "Grand National" é jôgo de azar, tanto para os proprietários de cavalos e seus treinadores, como para os jóqueis e os muitos milhares de entusiastas admiradores das corridas de cavalos e que, no prado ou a muitas léguas de distância, apostam nos animais de sua preferência.

* *

O MISTÉRIO DAS GALAPAGOS

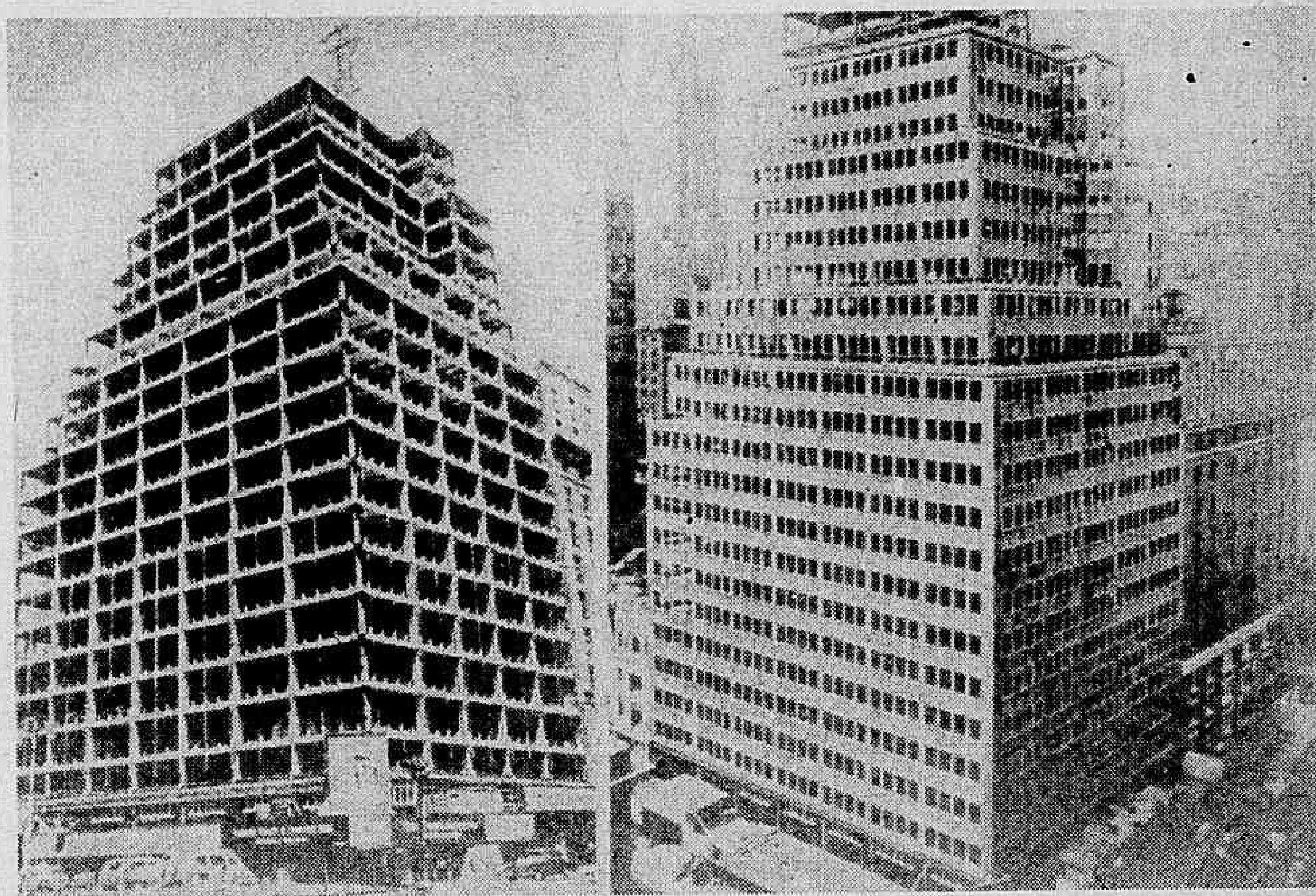
TARTARUGAS gigantescas, com 300 ou 400 anos de idade, e estranhas aves que não podem voar têm chamado a atenção dos cientistas para as Ilhas Galapagos, situadas no Pacífico, no largo do litoral do Equador.

A última expedição que visitou aquelas ilhas — situadas a 600 milhas do litoral — teve também finalidades científicas, mas um tanto diferentes. Foi ela chefiada pelo antropólogo norueguês Thor Hoyerdahl que, juntamente com um grupo de outros cientistas escandinavos, navegou numa balsa através do Pacífico do Sul, desde a costa ocidental da América do Sul até a Polinésia, com a finalidade de provar que aquelas ilhas foram povoadas por imigrantes procedentes da América do Sul.

Agora, Hoyerdahl está procurando novas provas para a sua teoria. Acha êle que a falta de água impediu a colonização definitiva das Ilhas Galapagos, mas que os habitantes pré-colombianos da costa ocidental da América do Sul visitavam o arquipélago, de tempos em tempos, como acontece com os pescadores, em nossos dias.

O arqueólogo escandinavo efetuará escavações, para descobrir relíquias que aquêles visitantes possam ter deixado e, principalmente, monumentos de pedra, semelhantes aos que foram descobertos na Ilha da Páscoa e que, segundo se diz, já foram vistos nas Galapagos.

TRABALHO DE UM SÓ DIA



ESTAS duas fotografias foram tomadas com nove horas e meia de diferença, mas o edifício é o mesmo na primeira como na segunda. A esquerda o vemos tal como estava quando entraram os operários para trabalhar, na manhã de 21 de junho último.

Ainda não tinha todos os andares e qualquer um diria que lhe faltava muito para estar terminado. No entanto, sessenta e um homens, em nove horas e meia deram grande avanço na obra.

A direita, vemos que já estão levantados os vinte e dois andares e completadas as fachadas. Esta última operação, que normalmente e com materiais comuns teria requerido oito a dez semanas de trabalho, foi feita em tão breve prazo, mediante fôlhas de alumínio pré-fabricadas, cada uma das quais tem a altura de dois andares e se encaixa e se fixa na seguinte com facilidade, segurança e rapidez.

*

ANÚNCIO...

EM Nova York, para dar mais fôrça ao seu anúncio, um «speaker» de Televisão cortou com uma faca um colchão de molas, a fim de mostrar aos telespectadores quão bem feito era o produto. Ao chegar a sua casa, entretanto, teve a desagradável surprêsa de saber que seus dois filhos, entusiasmados com sua demonstração, tinham feito o mesmo com todos os colchões do lar.

ESTAMPAS NORTE-AMERICANAS

O "CARA E COROA"



A reação que se processa no pai norte-americano que se vê sem de grande desgôsto; muito pelo contrário, fica satisfeitíssimo por

A CARA: — Ser criança, menino principalmente, nos Estados Unidos, é ser tudo. Ter todos os direitos e poucos dos deveres a que estão obrigados os seus maiores. O menino norte-americano não é uma esperança para o futuro, mas uma realidade manifesta e os maiores o olham com certo ar de respeito e admiração.

Tanto se falou, ali, da juventude pujante, do esfôrço que o jovem Estado da União foi capaz de fazer em face dos velhos e, às vêzes, carcomidos países europeus, que os norte-americanos chegaram a supervalorizar sua juventude e mesmo sua meninice. Um menino se considera capaz de compreender tudo desde muito cedo, pelo menos do ponto de vista sentimental, senão do científico.

O médico não o perde de vista na escola — obrigatória dos seis aos quatorze anos na maioria dos Estados; em muitos casos é vigiado por um psicanalista, que estuda, constantemente, suas reações e age sempre que julga necessário.

A liberdade da criança é considerada indispensável, a fim de evitar uma coação interior que possa ser prejudicial mais tarde. A retenção, a "inibição" são fantasmas dos quais fogem os pais norte-americanos como do demônio e assim a criança vive tão livre como possível, sem chegar ao direito de destruir o que lhe fica ao alcance das mãos.



— Vejo que você trabalhou muito para esta composição, menino. Infelizmente, o tema era: — «Presidente Monroe» e não «Marylin Monroe»!

Uma vez, comentando um europeu diante de uma senhora norte-americana o bom comportamento de um menino, filho de um alemão, que pedia permissão para ir ao jardim e tirava o chapéu ao entrar onde já se achava o pai, ela moveu a cabeça com ar de desaprovação:

— Disciplina demasiada. As crianças se sentem oprimidas, e quando atingirem a idade adulta, tôda essa energia que forem forçados a ocultar tão zelosamente e por tanto tempo, estalará. Essa é a razão porque os europeus sofrem os horrores de tantas guerras seguidas.

— Então — insinuou o europeu — a senhora acredita que brigamos quando maiores porque não pudemos fazê-lo quando crianças?

— Mais ou menos parecido... Aqui as crianças — meus filhos, por exemplo — fazem o que acham que devem fazer.

DO MENINO NORTE-AMERICANO



despertador e com a mesa bem arrumada não costuma ser vislumbrar uma futura vocação mecânica em seu filho...

Nunca são atemorizados por seus pais. No extremo da pedagogia norte-americana, que cuida da criança como ouro, está a escola, que preconiza a abolição total da proibição. Suas teorias rezam que dizer a um menino: "Não faça isso!" é promover-lhe um sentimento de culpabilidade, de complexo de inferioridade, enfim, que pode prejudicar — e muito — a sua vida futura. Os professôres dessa escola, portanto, substituem a absolutamente necessária interdição de fazer algo — urgente na mais liberal das classes — pela abertura de uma nova via para seu desejo. Isto é: tratam de evitar a seu jovem coração a barreira infranqueável de um "não" e a dedução de que errou.

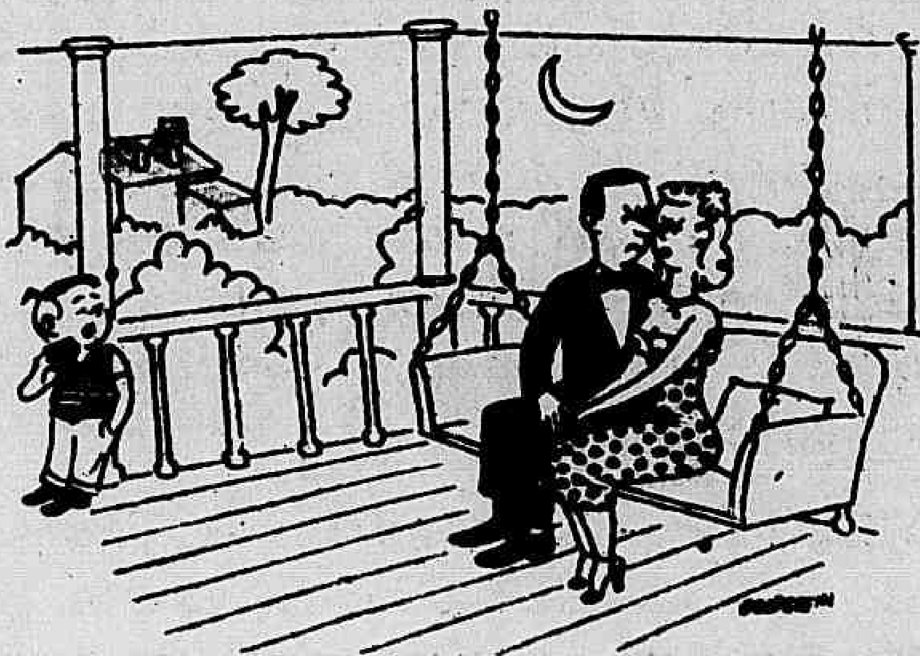
Por isso, os partidários dessa escola jamais dizem a uma criança: "Johnny, não bata em Ann!... Dizem, simplesmente: — "Johnny. Está vendo? Eu beijo Ann!".

É preciso repetir, como matraca, que os Estados Unidos são imensos para não cair na imperfeição de generalizar defeitos ou qualidades. No caso das escolas, o arco da pedagogia vai desde a que adota o sistema que acabamos de mencionar até à que ainda castiga as crianças, colocando-as de cara para a parede e, inclusive — segundo denunciou a revista "Look" — onde os alunos apanham de vara.

Em princípio, porém, devemos citar, como exemplo, as cada vez mais extensas doutrinas modernas, que fazem do menino um caso tratado como um leve e perigoso vidro capaz de quebrar — por dentro, em sua alma, ao mais leve choque ou "schock", segundo a elasticidade da palavra no "Webster's Dictionary". Nas escolas se tem em conta mais a formação que a educação, entendendo, pela primeira, o desenvolvimento mental, e pela segunda, a erudição.

Todos os professôres tendem a intensificar na criança norte-americana o que consideram características do povo: o sentido da responsabilidade e o da colaboração social. Ensinam-lhe, antes mesmo da geografia, como comportar-se com seus vizinhos e amigos; a aprender que o homem depende do homem.

A criança, desde cedo, tem que enfrentar uma responsabilidade e acredita ser capaz de suportá-la... desde que tem o uso da razão. Nas cercanias dos colégios sempre há, organizando os demais, um menino com passadeira de



— Então? Quebro o encanto... ou vou tomar sorvete na esquina?



— Aqui está o boletim. Pode ver minhas notas... De qualquer maneira, já estou enjoado de televisão.

couro branco, atravessada sôbre o jersey normal. É o encarregado de parar a circulação caso não haja o guarda do tráfego.

Mas não é só. Nos espetáculos infantis, cuida da "fila" com absoluta seriedade, sendo também obedecido e bastante invejado. Quanto a seus folguedos, o menino norte-americano sofre o mesmo influxo que qualquer outro, no mundo, que tenha forjado seus desejos à luz das novelas de aventuras e os filmes do Oeste e seu sonho consiste em um par de botas de meia cara, com esporas e dois revólveres na cintura, um pouco caídos, como corresponde a um "gun-man". Se, além disso possui um "poney", seu entusiasmo não tem limites; porém como isso não está ao alcance de tôdas as fortunas e de todos os asfaltos, contenta-se chamando de cavalo a sua bicicleta, com a qual circula pelos pátios e calçadas, emboscando-se, às vêzes, para "assaltar" os transeuntes.

Ficar aborrecido por uma brincadeira de criança, nos Estados Unidos, é uma das maiores grosserias que um cidadão pode cometer, de acôrdo com sua especial educação, e quem ralhar com um garôto por uma coisa parecida, atrairia em dez segundos a aversão e a condenação de todos os vizinhos.

A CRUZ (de espinhos) — A educação sexual, nos Estados Unidos, muito progrediu nos últimos anos, mas sem chegar a alcançar um êxito total. Restam ainda muitos milhões de pais e mães que se negam a enviar o filho a um colégio onde lhes expliquem cuidadosamente uma série de problemas que, em muitas idades, não têm nenhum interêsse. Os católicos, por exemplo, não aceitam a educação sexual, e os mentores dessa religião, nos Estados Unidos, revelaram seu ponto de vista de uma forma absoluta.

Se a educação sexual, em seu aspecto positivo, não alcançou ainda o beneplácito da maioria dos norte-americanos, seu "sucedâneo", isto é, a mentira, mais ou menos engenhosa, sôbre a origem humana, está pràticamente derrotada. O gigantesco megafone que representam os jornais e revistas do país não cessam de advertir. "Se nosso filho pergunta, devemos responder normal e simplesmente. Não devemos enganar a criança, porque não tardaria a desconfiar de nós."

E, realmente, o problema da confiança é importantíssimo numa vida como a norte-americana, onde se procura sempre — e se pede — ao menino principalmente, que seja leal e não minta.

Se, ali, o menino é tratado como homem, é preciso acostumá-lo à outra parte da sociedade com a qual terá que conviver; daí que na imensa maioria das escolas exista a co-educação, que não é baseada apenas em cursar a mesma aula, mas sim a passar reunidos as festas do ano e inclusive organizar jogos entre meninos e meninas, nos quais não podem faltar as danças.

Êsse é um esfôrço difícil, porque a coexistência em uma mesma classe, de ambos os sexos, não acalma e, mesmo, talvez, agrave o ressentimento e a indignação que os meninos sentem pelas meninas quando



— Sua mãe saiu. Dêsse modo, posso conversar com você sem mêdo de que me contradigam...

ainda não vêem nelas mais que umas rivais e inimigas. Nesses sentimentos, pais e professôres vêem um perigo para a estabilidade social, para a compenetração, e fazem todos os esforços no sentido de limar as asperezas, recorrendo, se preciso, aos velhos, porém eternos eternos símbolos do cavalheirismo e da proteção aos mais fracos e desvalidos, únicos argumentos que podem aproximar um menino europeu, americano ou chinês, a uma menina da sua idade.

Não há nada perfeito na humanidade, e por isso tampouco na dos meninos norte-americanos. Tôdas as vantagens que até agora verificamos partem do princípio de considerá-los homem em potência, capazes de raciocínio e de responsabilidade. Pois bem: sêres assim dotados não podem perder seu tempo em um país onde o trabalho foi colocado num trono de beleza e o dever é algo mais que a palavra enfática de um discurso.

Todos os homens trabalham nos Estados Unidos, podemos dizer "grosso modo". E como o menino norte-americano é um homem, também trabalha.

Com os conceitos de honradez e lealdade, com as idéias de colaboração social, de amor ao próximo, inculcam no menino, desde pequenino, os deveres econômicos. O dinheiro — dizem-lhe — é muito difícil no mundo. Os pais o gastam com os filhos, para dar-lhes uma educação e, por isso, devem ficar muito gratos. Porém todo o mundo, de qualquer lugar, idade e circunstância, pode trazer um grão de areia para uma economia familiar, que as "saídas" tornam difícil, e muito especialmente para a diversão. Dito de outra forma; que o pai tem a obrigação de pagar o alimento, a cama, a escola do menino, mas não é obrigado a facilitar o seu cinema dos sábados, seus jornaizinhos infantis ou seus sorvetes de chocolate. Isso o próprio menino tem que ganhar com o seu esfôrço à saída da escola; com isso, além de conseguir mais entradas para o cinema, reconhecerá as dificuldades que a vida há de proporcionar-lhe mais tarde. Saberá quanto representa cada quarto de dólar quando se o ganhou, textualmente, com o suor do rosto.



— Atenção, ouvintes. Voltamos a anunciar: Devido ao mau tempo, os colégios não darão aulas hoje e amanhã...



Ela havia dito: — Não. Não podes sair. Chove a cântaros e terás que brincar dentro de casa.

Entretanto, o horário das aulas não permite ao menino norte-americano um esfôrço continuado, porque é o mesmo da indústria e do comércio de sua cidade. Tem que procurar seu *modus vivendi* no trabalho avulso; o mais fácil e mais simples é o de vendedor de jornais. Milhões de meninos norte-americanos vendem jornais ou assinaturas dos mesmos, à saída das aulas, tanto que a lenda dos milionários que assim iniciaram sua carreira deixa de sê-lo para converter-se na revelação banal de que "também êles", quando meninos, se entregavam a êsse mister com outros garotos de família talvez abastada.

No inverno, o menino pode limpar a neve da porta do vizinho; no verão, cortar a grama com a máquina ceifadora ou trabalhar como apanhador de bolas num campo de tênis ou de carregador num campo de gôlfe. Ao voltar para casa, depois de uma jornada de labor,



— Claro que quero ir dançar com você. Mas, não me chamo Bárbara. Isto faz diferença?

ouvirá sempre os cumprimentos da família, satisfeita de que seu filho já esteja no caminho que deverá seguir a vida tôda: o do esfôrço.

Em outro aspecto, a cruz do menino que descrevemos está na obediência tanto maior quanto mais assombrosa é sua aparente independência. O menino norte-americano vai para a cama cedo. Normalmente, janta às sete, dedicando-se a brincar, ler ou trabalhar até às nove.

Em resumo: o menino norte-americano é franco, aberto e simpático, se não é grosseiro, pesado e insuportável.

Esta aparente incongruência tem sua explicação. A amplitude de critério dos educadores, a insistência que revelam em evitar ao menino a coação ambiente e permitir-lhe ser tal como realmente é, sem temor ao castigo, evitam, por um lado, o menino hipócrita, receioso, que se nega a recitar sua poesia e teme os estranhos. Mas, ao contrário, consegue-se o tipo alegre e despachado, que não vacila em abordar qualquer desconhecido, na rua, e perguntar o que deseja saber.

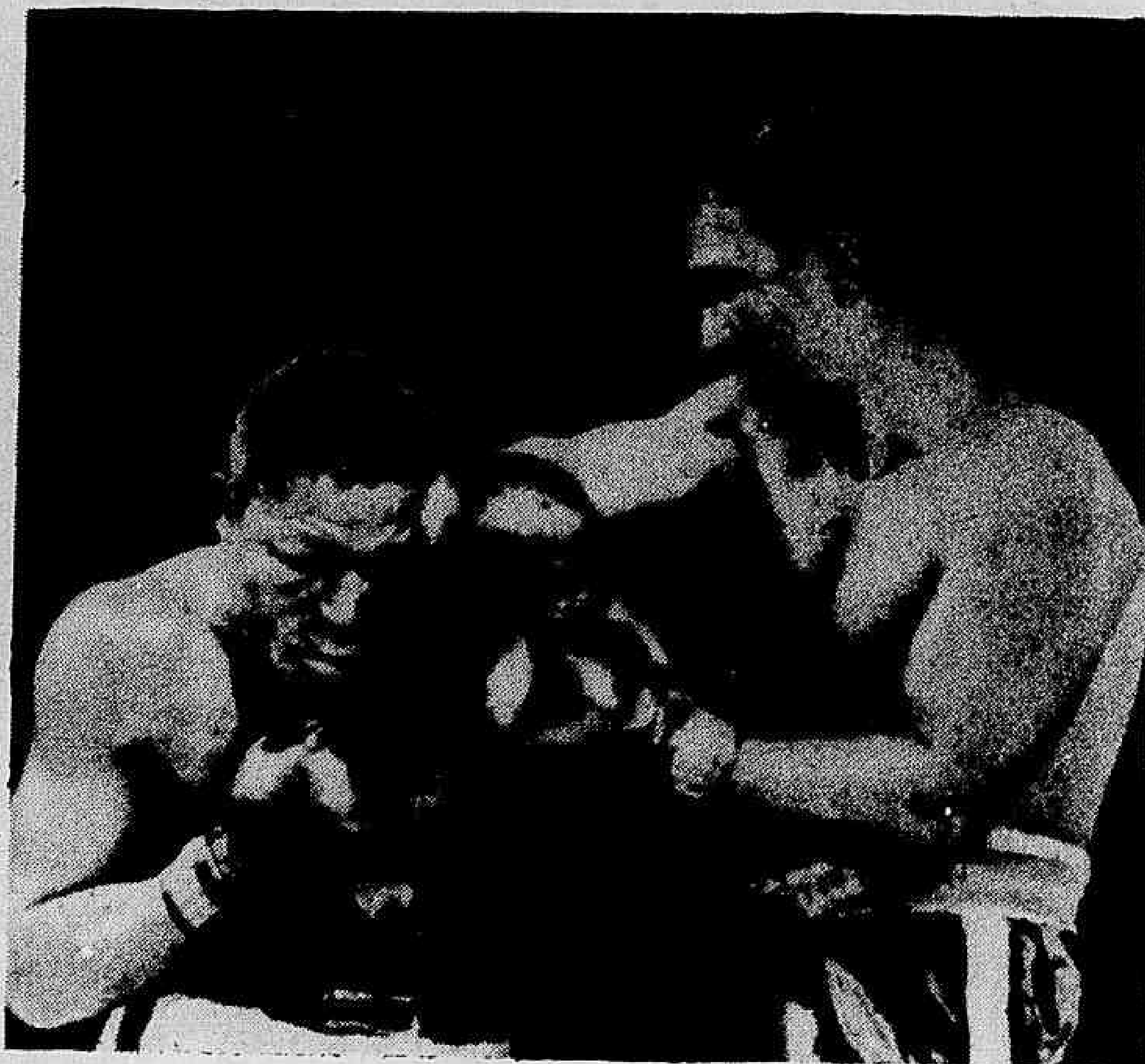
Porém essa própria segurança, essa confiança em si mesmo, quando se manifesta num espírito antipático e realmente incômodo, tem como resultado êsse verdadeiro espanto de menino que algumas películas popularizaram e do qual é melhor fugir quanto antes, porque age contra o forasteiro desprevenido, protegido pela impunidade que Sua Majestade a Criança tem nos Estados Unidos da América do Norte.



— O meu também me está ajudando. É! Ah, ah, ah... Isto não é nada. O meu nem sequer sabia o que era um denominador comum!







E O MARCIANO VENCEU...

VITÓRIA suada foi a do campeão do mundo, o ítalo-americano Rocky Marciano (à direita) contra seu desafiante e ex-campeão Ezzard Charles.

Na primeira luta, após quinze assaltos, Marciano venceu por pontos, embora tivesse recebido terríveis golpes do contendor. Foi essa a primeira luta que Rocky deixou de vencer por "knock-out".

Mas, já agora, na segunda, embora sangrando muito, de um ferimento no nariz, Rocky voltou a impor a fôrça dos seus murros, derrubando o adversário, definitivamente, no oitavo "round".

VAI FALTAR ÁGUA NA TERRA?

São necessárias 30 toneladas de água para fazer nascer um alqueire de trigo

CERTOS geógrafos pretendem que a terra está secando, e invocam como prova os desertos da Ásia central, que foram, outrora, terras "de leite e de mel".

A revista norte-americana "Potencialidade", dedicada à mecânica, alia-se contra os que adotam essas sombrias predições, num artigo de fundo, consagrado ao exame dos recursos hidrográficos nos Estados Unidos.

Segundo êsse relatório, a alimentação do mundo, em matéria de água, permanecerá constante, a despeito dos desertos novos que se vão formando, graças a um gigantesco mecanismo, que distila a água dos prodigiosos reservatórios constituídos pelos oceanos, utilizando para tanto o sol como fonte de energia e os ventos como meios de transporte.

Como a distribuição dessa água, ora evaporada, ora condensada, segundo um ciclo incessante, varia — por assim dizer — a cada minuto, sua conservação e utilização racional apresentam problemas que relevam do engenheiro.

Nos Estados Unidos, por exemplo, sôbre o total da precipitação — têrmo que compreende as chuvas, neves, nevascas e rocios — 72 por cento retornam à atmosfera. Os 28 por cento restantes constituem as águas de curso e de infiltração, das quais 12 a 15 por cento são utilizadas, ou sejam: 5 por cento do total da precipitação: 20 por cento apenas da água utilizada provém do subsolo, o que explica a existência de um sistema complexo de barragens e de reservatórios necessários para captar e reter as águas de superfície, principalmente as dos cursos dágua.

Se assim ocorre, por que essas queixas generalizadas de crise de água?

Uma das razões é o aumento da população; outra é o pedido incessantemente mais considerável, consequência natural da melhoria de nível de vida. Uma população muito densa e uma indústria florescente implicam, geralmente, num aprovisionamento local insuficiente e a obrigação de captar fontes distantes.

Uma terceira razão, finalmente, da penúria de água, é a insensatez do desbarato, a indiferença quase criminosa com que são consumidas as reservas subterrâneas e poluídas as águas da superfície.

Lemos, em "Potencialidade", que são necessárias trinta toneladas de água para fazer crescer um alqueire de trigo, cem toneladas para manufaturar uma tonelada de aço e cêrca de mil litros para um quilo de "raon".

ADMIRÁVEL MISTURA DE RAÇA



ADMIRAVEL mistura de raça encontramos no sangue de Mohana, que é considerada a melhor atriz do cinema indiano. Seu verdadeiro nome é Maria De Frates. Filha de um português e de uma indiana, desposou um oficial em serviço da ONU e reside em Genebra, com o marido e um filho. Iniciou sua carreira cinematográfica em Bombaim (Índia) em 1947. Até hoje já apareceu em dezenove filmes. O último acaba de ser completado em Roma.

Essas cifras nos dão uma idéia do que será possível produzir quando novas descobertas tenham sido feitas e venham a receber uma aplicação industrial.

Segundo um relatório da Sociedade Americana de Adução de Água, os diversos canais de distribuição exigem mais de 60 milhões de litros dágua por dia e a irrigação — essa a cifra mais importante — 440 bilhões.

Dessa maneira compreendemos, fàcilmente, que a Califórnia — cujos dois terços da população reside em sua metade agrícola meridional, que apenas recebe o têrço da totalidade das chuvas — luta incessantemente para conseguir a água indispensável.

Atualmente, está em curso um projeto para levar ao sul da Califórnia a água do rio Columbia, que fica a 1.850 quilômetros de distância.

Examinando a questão sob um ângulo técnico. "Potencialidade" repele a distilação da água do mar por ser onerosa. A exploração das nuvens por meio de iodureto de prata não chega a se constituir. uma solução, pois não está positivamente provado que produza outro efeito que o de fazer cair em um local a chuva que iria fatalmente cair em outro. (Perdoe-nos o prof. Janot, mas é "Potencialidade" quem diz...) o que não modifica de nenhuma maneira a totalidade dos recursos.

O que, realmente, é necessário é uma melhor utilização das águas dos riachos e da infiltração, o que deve ser entregue ao cuidado dos especialistas.

* *

ÊSTE MUNDO LOUCO

UM grande agricultor do Estado de Novo México, solicitou ao Exército norte-americano o «favor» de destruir com uma bomba atômica, a enorme montanha que atrapalha os seus trabalhos de plantações, em suas terras, pois que assim evitaria enorme trabalho de arrasamento por meio de máquinas.

Um cientista belga recomenda que as autoridades mandem lançar bombas atômicas em tôdas as minas de carvão, a fim de transformá-las... em minas de diamantes.

Um físico de Brooklyn recomenda que sejam usadas bombas atômicas, a fim de abrir uma via navegável, através do Pólo Norte.

Outro físico, êste de Estocolmo, declarou que «uma simples medida, tal como a de pintar as superfícies das casas com uma tinta resistente ao fogo, poderia constituir suficiente proteção contra os efeitos da bomba atômica»...

VIDA DIFÍCIL



SOB Solomon, conhecido artista circense norte-americano, em sua primeira exibição, realizada em Munich, Alemanha. Solomon se lança de uma altura de 33 metros num pequeno depósito de água com apenas 5 m de diâmetro e 2 de profundidade e, no instante em que salta, deitam fogo a alguns litros de gasolina derramado sôbre a água! Como no conto de Somerset Maugham, não faltarão assistentes movidos pela intenção de não perder o momento em que falhe e encontre morte horrível.

QUEM SOFRE DE ENXAQUECA?

UM inquérito realizado com 4.634 pessoas revelou que 65 por cento dentre elas sofriam de enxaquecas, segundo afirma um relatório publicado na «Revue de l'Allergie».

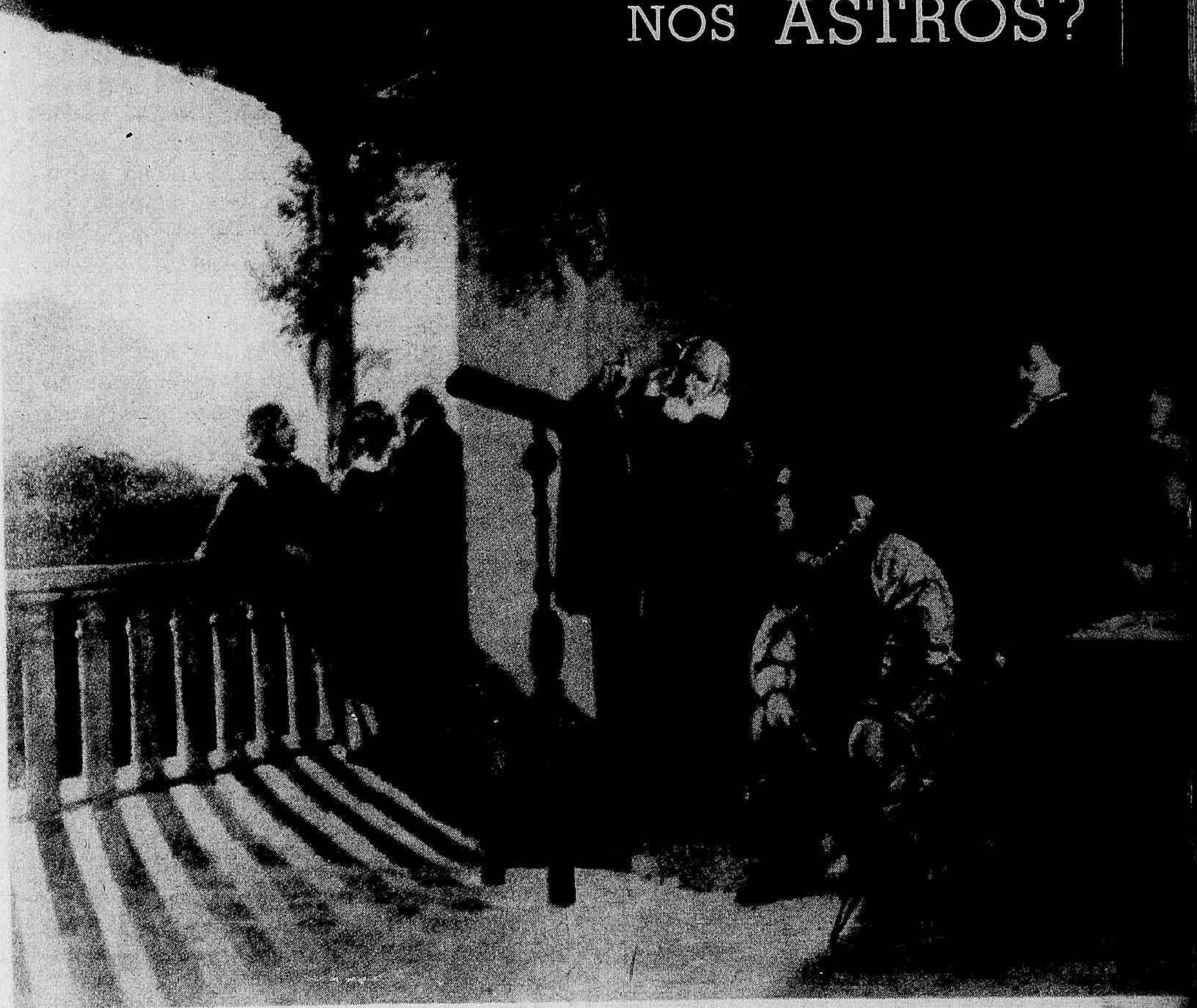
Tais enxaquecas são mais freqüentes nas mulheres, nos jovens adultos, nos celibatários e nos membros das profissões liberais ou que ocupem postos de direção.

Apenas dois sôbre dez, aproximadamente, consultam o médico a êsse respeito. Verificou-se, além do mais, que, em um número bastante significativo de casos, êsses pacientes pertenciam a famílias sujeitas a alergias.

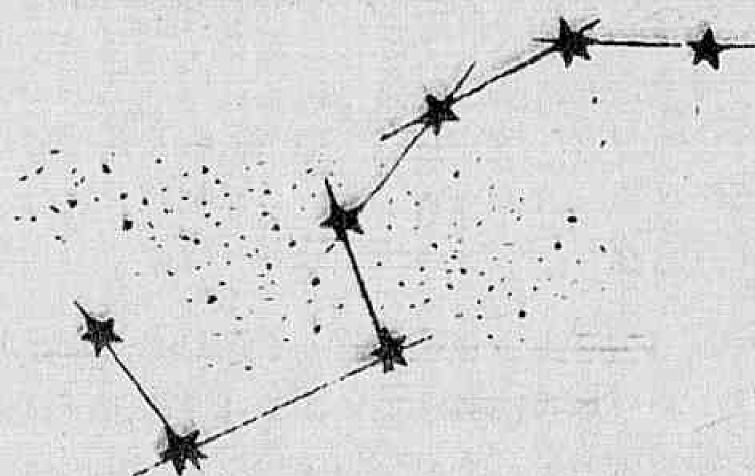
Outro inquérito, realizado no Hospital de Montefiore, em New York, revelou que de 400 casos de enxaquecas causadas por conflitos afetivos, 70 por cento dos pacientes eram mulheres.

O temor do Senhor é a santificação da ciência. A religião guarda e justifica o coração; ela lhe dá gôsto e alegria. (O Eclesiástico, Cap. I, vs. 17 e 18.)

LERÃO OS ASTRÓLOGOS A PRÓPRIA MORTE NOS ASTROS?



Galileu Galilei mostra a Milton as maravilhas do céu.



O futuro sempre inquietou os homens. E as mulheres (talvez por causa dos homens) também se preocupam com o assunto. O sexo masculino sempre procurou saber (talvez por causa delas) tudo o que se relaciona com o próprio futuro. E a cada dia, o futuro se transforma em passado, isto continuando *indefinidamente*. Um dos maiores curiosos foi Hitler. Sucederam-se, a seu serviço, os quatro astrólogos seguintes: Johann Hanussen, Elizabeth Ebertein, Therese Neumann e Karl Kraft. Todos renovaram para o ditador as tradições astrológicas dos conquistadores da História e conheceram estranho destino.

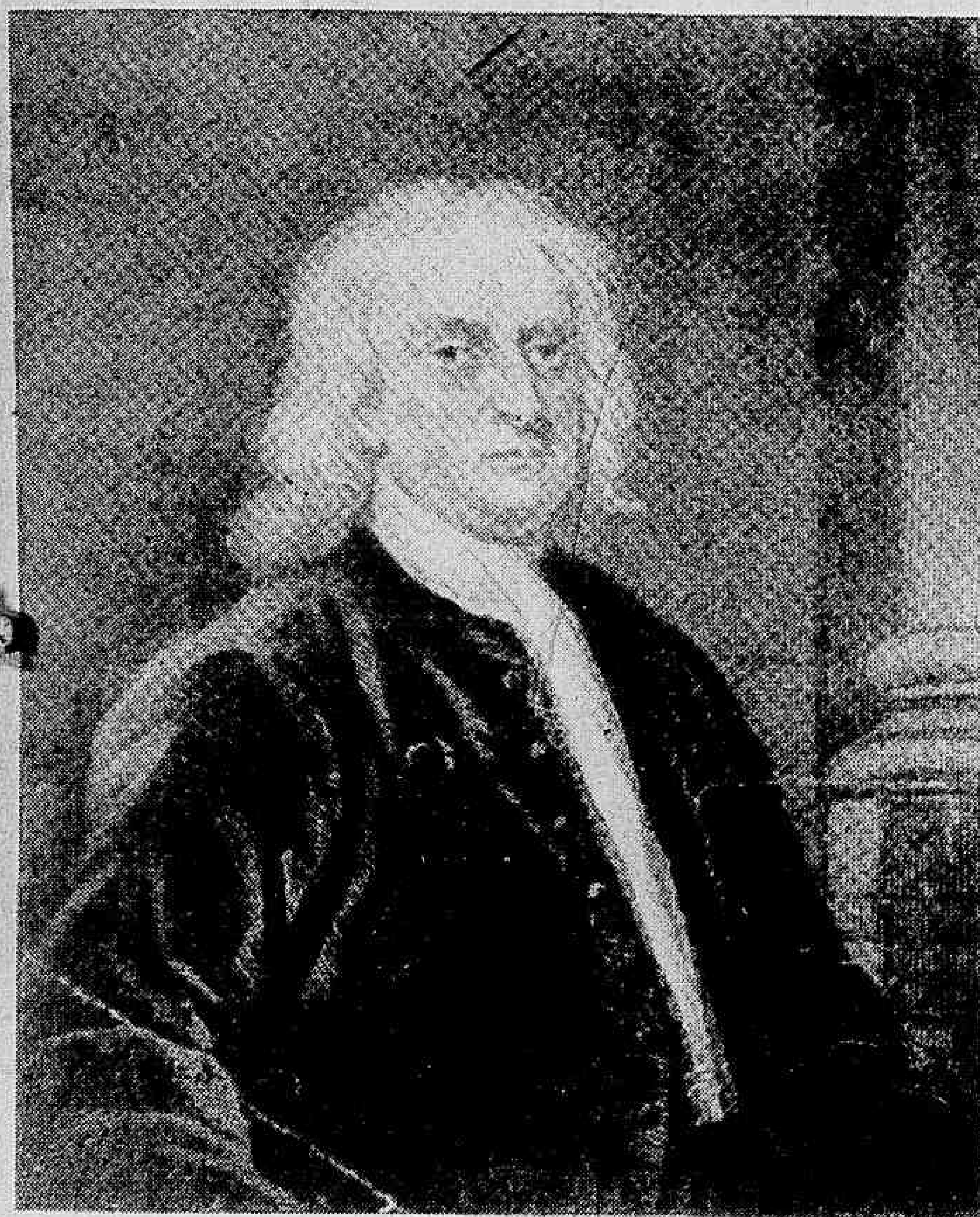
OS ASTRÓLOGOS TRÁGICOS — Johann Hanussen entrou para o serviço de Hitler em 1932. Previu para êle um fim brutal e uma queda que principiaria sete anos após o comêço da ascensão. Himmler o considerava *um hipnotizador*, e supunha

A Astrologia passou por

que êle exercia uma influência *excessiva* sôbre Hitler. Assim, em 6 de abril de 1936, Hanussen foi misteriosamente assassinado.

Elizabeth Ebertein foi convocada por Himmler. Suas predições ficaram secretas, mas sabe-se que ela aconselhou Hitler a construir o ninho de águia em Berchtesgaden, a fim de obedecer a uma imposição astral. Supõe-se que ela não se arriscou a emitir previsões importantes, o que explicaria a sua demissão por parte de Hitler. Para se vingar, escreveu, em 1938, um livro que anunciava a guerra e fazia insinuações relativas à morte do ditador. Morreu, *sùbitamente*, um ano depois.

Theresa Neumann, a estigmatizada de Konnersrenth, a substituiu. Esta pequena paralítica, nascida em uma sexta-feira santa, recuperou a visão e a saúde no dia da canonização de Santa Teresinha. Tôdas as sextas-feiras santas, ela ostentava nos pés e mãos as feridas sangrentas de Cristo. Hitler ia vê-la frequentemente para ouvir profecias. Parece que Teresa teria feito a Hitler uma importante revelação, quando êle a visitou em 11 de março, dia em que foi ordenada a invasão da Áustria. Depois, os jornais anunciaram a morte de Theresa Neumann. Falou-se, em seguida, do seu simples desaparecimento ou de um esconderijo, na Suíça. Esta hipótese era a verdadeira, pois que não tardou a reaparecer, após a derrota do Fuehrer.



Isaac Newton (1642-1727) grande cientista e matemático, ao qual devemos a lei da gravitação universal.

Finalmente, Karl Kraft entrou para o serviço de Hitler, no início da guerra. Seria êle quem indicava a Hitler o momento propício para as ofensivas? O alto comando ocidental acreditava nêle a tal ponto, que, durante meses, usou um astrólogo aliado, o capitão Louis Woll, para estudar o horóscopo de Hitler. O capitão Woll conduziu a guerra com dureza. Por causa de uma entrevista que concedeu a um jornal inglês, fazendo referências ao astrólogo do ditador, Kraft foi prêso, sob a acusação de ter sido *indiscreto*, e morreu em Buchenwald.

O capitão Woll teria chegado a descobrir o sistema ofensivo hitlerista graças ao horóscopo do Fuehrer? Faltam provas para afirmá-lo. A queda de Hitler foi bastante anunciada...

Todavia, perguntam os incrédulos, quem não prevê a queda de um ditador, quando o mundo inteiro está contra êle? Seja como fôr, Hitler tinha um mau planêta no seu campo astral: Urano, que lá se achava no momento da remilitarização da margem esquerda do Reno e durante o *Anchluss*.

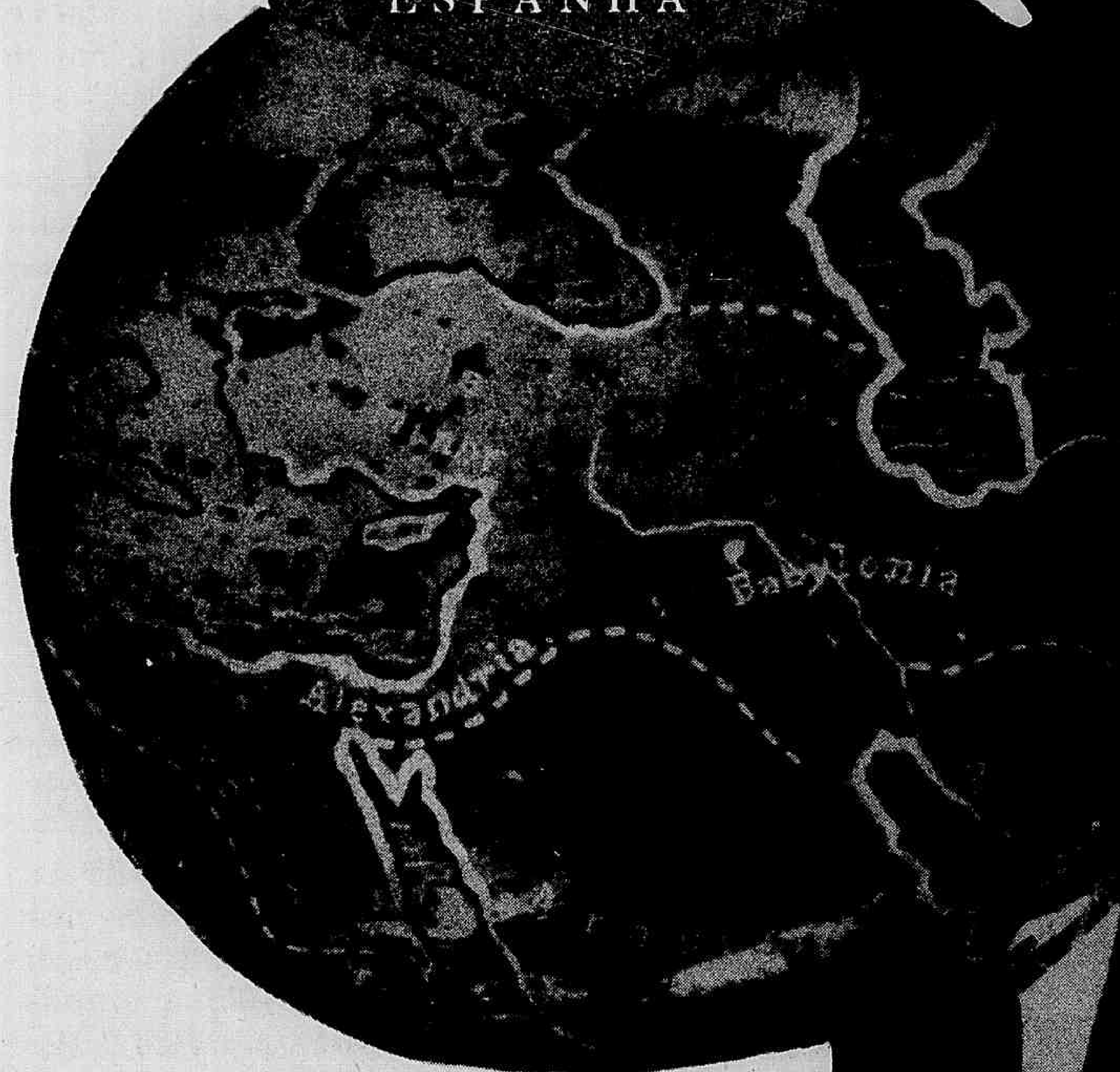
A terceira confluência de Marte e Urano fôra prevista para março de 1940. Em abril, Hitler atacou.

Na mesma ocasião, Stalin consultava astrólogos, sendo Bogomolov muito acatado por êle e Molotov. Apenas Vishinsky nãonão o apreciava.

TUDO COMEÇOU 4.000 ANOS ANTES DE CRISTO! — Não parece que essa *fome de futuro* possa ser aplacada algum dia. Pois acontece que a Astrologia, quatro mil anos antes de Cristo, já era uma

aqui

CALDÉIA
EGITO
GRÉCIA
ITÁLIA
FRANÇA
ARÁBIA
ESPANHA



"ciência poética", com que os antigos buscavam clarividência.

Na época, os astrólogos apenas *flertavam* com as estrêlas. Os caldeus, cujos trabalhos eram os mais avançados, conheciam o trajeto dos astros errantes. Já assinalavam a possibilidade de existência de planêtas que constituíam o sistema solar. De onde provinham os seus conhecimentos?

Talvez de um povo muito mais antigo, localizado perto do Mar Cáspio, e que teria, primeiro que todos, julgado que o céu responderia a qualquer pergunta. Mas ninguém sabe informar ao certo.

Todos os astrólogos dizem, convictos, que os signos do Zodíaco são visíveis nas ruínas antigas e nos objetos encontrados em escavações. Duas traduções hieroglíficas permitiram a reconstituição de uma pequena história da astrologia.

Partindo da Caldéia, atingiu o Egito, onde, segundo o abade Moreux, os livros de Thot são os mais antigos tratados de



Nicolau Copérnico (1473-1543), astrônomo polonês.

astrologia. A seguir, a doutrina passou para a Grécia, sob o nome de Hermes.

Um mestre, Berose, deixou o Continente para abrir, em uma ilha, famosa escola, onde se ensinava a "astrologia dos caldeus".

Acorreu gente de tôdas as partes para estudar profecias. Berose não firmava horóscopos, mas apenas os presságios referentes aos períodos favoráveis a uma declaração de guerra ou conquista de um trono.

PTOLOMEU, O PRIMEIRO ASTRÓLOGO "OFICIAL", ERA GREGO — Na Grécia, a astrologia perdeu seu caráter clandestino. Qualquer pessoa podia ser astrólogo e comentar, abertamente, os acontecimentos assinalados no céu.

Cláudio Ptolomeu veio do círculo dêstes alfarrabistas. Entre 168 e 128 A.C., Ptolomeu se ocupou com a astrologia, a matemática, a cronologia, a ótica e a música. E não foi tudo: traçou uma geografia que ainda era impressa no século XVI e, pela primeira vez no mundo, esboçou um *sistema astral*, que ficou conhecido como o sistema de Ptolomeu.

Da Grécia, a astrologia ganhou Roma. Os imperadores empregavam inúmeros astrólogos, demitindo-os se não acertavam *infalìvelmente*.

A astrologia atingiu o apogeu depois de Cristo. Os papas não foram os últimos a adotá-la. As doutrinas astrológicas, conservadas pelos árabes, enraizaram-se na Espanha. Depois das Cruzadas, invadiram o Ocidente. Reis e príncipes, nunca seguros do futuro, pagavam os astrólogos a pêso de ouro, nessa época da História. Tais astrólogos representaram papéis nem sempre honestos, mas sempre de extrema importância, nas côrtes européias.

Cardan e Tycho Brahé foram célebres astrônomos e astrólogos e, um dia, vinda da Itália, Catarina de Médicis chegou a Paris, escoltada por numeroso grupo de astrólogos.

NOSTRADAMUS FÊZ PREVISÕES RELATIVAS A QUÊ? — De todos os astrólogos, Nostradamus foi o que fêz — e ainda faz — correr mais tinta. Médico provinciano, combateu com remédios secretos, as epidemias de Aix e Lyon, em 1533, sendo tão bem sucedido que seus colegas, invejosos, hostilizaram-no. Escreveu, então, suas profecias, tornou-se o médico de Carlos IX e teve um filho que também fêz profecias. Como estas não se realizassem, êle prenunciou o incêndio de uma aldeia próxima de Privas... e lhe deitou fogo!

Todos os curiosos se curvam sôbre as célebres "Centúrias", constituídas de profecias compostas de quadras tão misteriosas quanto alegóricas. E já foram, tôdas, interpretadas: desde a última fase quente do Período Pleistoceno, até à queda de Hitler.

Couderc cita as diversas interpretações da mais famosa quadra de Nostradamus:

A grande estrêla brilhará sete dias,
Uma nuvem fará surgir dois sóis,
O grande mastim uivará a noite
[inteira,
Quando o sublime pontífice mudar
[de terreno.

Também anuncia, ao que parece (nova estrêla), um desdobramento do sol, o terror de um cão e a emigração de um pontífice em época indeterminada. A última interpretação foi a seguinte: a grande estrêla representaria Mussolini porque a sorte das armas lhe foi favorável *durante sete anos*. Os dois sóis representariam, respectivamente, Hitler e Mussolini e o grande pontífice seria Roosevelt, que ordenou o desembarque na África do Norte.

Um pouco mais de um século, antes, a mesma quadra tinha sido interpretada com relação à glória de Napoleão, que também mudara de território.

Todo êste passado, de caráter científico, permitiu a Keppler dar à astrologia e à astronomia o seu completo desenvolvimento, o qual, pela primeira vez, atingiu o campo comercial.

DIFICULDADES FINANCEIRAS FIZERAM NASCER OS HORÓSCOPOS — Klepper foi um sábio que nada ficou a dever aos atuais. Mas, à custa de procurar, acabou sentindo o encanto poético dos planêtas e adquiriu a certeza de que êstes *tinham influência sôbre o mundo*.

Na mais importante de suas obras, emite a opinião de que *há uma perfeita harmonia entre os planêtas e os sêres humanos, por ocasião do nascimento*.

Baseando-se em antigos símbolos, estabeleceu teorias e suas respectivas interpretações. Sua ruína constante e as dificuldades com as espôsas (a primeira enlouqueceu, deixando-o com cinco filhos, e a segunda lhe deu mais sete) impulsionaram-no ao trabalho. Conseguindo um importante cargo público, aproveitou para "tirar horóscopos" do pessoal da Côrte.

Os sábios reconhecem, hoje, a imensa importância de sua obra, mas, sendo realista, o censuram por ter descambado para a astrologia.

Como se já previsse tal reação, Klepper fustigou-os desde 1594:

"Creio que todos aquêles que condenam completamente êste campo da ciência (a astrologia) como sendo uma futilidade, erram, iludidos por seus argumentos. Ignorantes, sábios medíocres, mendigos da popularidade e mesmo teólogos, são, como é o caso de Di Pico (de Mirandola), indivíduos pobres de espírito."

DESCARTES DECLAROU GUERRA À ASTROLOGIA — O tempo passou. Newton se matriculou em Cambridge "para estudar matemática e verificar o que havia de verdadeiro na astrologia".

Desde então, os matemáticos a incluem na poesia. Os cálculos, o estudo técnico e, finalmente, a famosa "Razão de Descartes", provam a existência de uma vida astral. Mas há relutância em reconhecer, nos astros, o poder de influir na vida humana.

A filosofia de Descartes condena os astrólogos, que *não sabem e não podem provar* a existência de sua "ciência". Por fim, a *verdade* de Descartes:



S. Tomás de Aquino acreditava (contrariando o dogma cristão) que os astros exerciam influência sôbre a humanidade e cada um de nós, particularmente.

— É preciso que se afirme só o que é evidente, o que nunca possa ser pôsto em dúvida.

E tal afirmativa parece decidir a questão.

Os astrônomos se dedicaram a brilhantes trabalhos, condenando os astrólogos. E é fato bem conhecido que a



Hitler obedecia cegamente aos conselhos de seus astrólogos. Teve vários, sendo o principal Johann Hanussen. Dizem que atacou em abril porque em março houve a terceira confluência de Marte e Urano.

maioria das profecias dos astrólogos não se realizaram *à risca*. E que, em muitas ocasiões, os seus erros lhes custaram a cabeça.

Tibério mandou matar os seus astrólogos, por ter comprovado a falsidade de suas assertivas. Luís XI queria encarcerar Galeotti porque êle se enganara. Stoeffler previu o fim do mundo, por meio de uma inundação, durante o mês de fevereiro de 1524. O astrólogo Cardan teve graves aborrecimentos na Côrte britânica, vinte anos mais tarde. Havia tirado o horóscopo do jovem Eduardo XI, então com quinze anos de idade, profetizando-lhe uma longa vida. O jovem príncipe morreu no ano seguinte. Para desculpar-se, escreveu: "O futuro de uma pessoa não pode ser previsto só com o seu horóscopo".

O astrólogo de Catarina de Médicis profetizou para esta a morte no lugarejo chamado Saint Germain, o que a forçou a fugir, durante boa parte de sua vida, dos locais que tivessem aquêle nome. Morreu em Blois.

Outro astrólogo, Napper, anunciou o fim do mundo para 1786 e Colonne previu a morte de Voltaire aos trinta e quatro anos de idade, atingindo o filósofo, porém, sessenta e quatro anos!

A OPINIÃO DE UM SOCIÓLOGO — Afirma o professor Bouthoul, catedrático de "Hautes Études Sociales", da Sorbonne:

"Devemos considerar a astrologia como uma tendência característica do espírito humano. O futuro nos angustia e tentamos adivinhá-lo. A astrologia, como tôdas as demais formas de adivinhação, atrai, particularmente, os espíritos inquietos — denominados Saturnianos por Verlaine — e floresce em épocas de aflição e insegurança, como a atual.

"Não creio ser justificável o ensino da astrologia nas escolas. Já basta que se lecionem com as ciências abalizadas.

"Compara-se a astrologia à psicanálise e, sem dúvida, esta se dedica à leitura de símbolos. Mas, apesar de tudo, a segunda permanece com uma forma de análise psicológica. Ademais, a psicanálise não tenta adivinhar o futuro e se restringe a descobrir os pontos obscuros da psicologia humana.

"Todavia, não é preciso ser severo com a astrologia. Não sendo uma ciência, pode ser considerada uma arte. A contemplação dos astros, o esfôrço para compreender nosso destino e os impulsos de nossa alma são coisas belas e emocionantes."

O PONTO DE VISTA DA IGREJA — Declara o padre Riquet: "Para responder a esta pergunta seria preciso, primeiro, estabelecer o que se entende por astrologia. Se, por meio dela, se pretender ler nos astros o que vai acontecer, como se tudo aqui em baixo fôsse guiado pelo movimento astral, sem que houvesse a menor interferência por parte dos homens,



Se Stalin consultava astrólogos, sendo Bogomolov muito acatado por êle, Vishinsky não os apreciava.



Nostradamus previu o advento de Benito Mussolini, sua glória de sete anos e seu fim trágico...

tal concepção se choca com o dogma cristão do livre arbítrio. Mas podemos admitir, como já o fizeram ilustres sacerdotes, como São Tomás de Aquino, que *os astros exercem certa influência sôbre o temperamento, compleição e, portanto, comportamento dos sêres humanos*. Daí, uma possibilidade de prever as tendências que êles, *possivelmente* e não *infalivelmente*, apresentarão, porque podemos, ao que parece, nos dominar, orientar e afastar as influências cósmicas ou astrais sôbre o organismo.

Mas isto não se refere ao valor dos prognósticos que se pretende tirar de uma ciência tão hipotética. Seria imprudente confiar cegamente."

A OPINIÃO DO ROMANCISTA — Informa Paul Vialar, presidente da "Sociedade dos Homens de Letras", de Paris.

"Um dia meu amigo Wladimir Porché me prometeu fazer o que êle chamava "meu cálculo". A promessa durou muito tempo, durante os seis anos que passamos juntos, até ao armistício de 1945. Não sei se foi porque eu começara a crer nos astros... mas nunca lhe dei os elementos para o cálculo, porque eu testemunhara uma aventura inquietante:

"Foi há alguns anos. Wladimir Porché e eu tínhamos terminado nossa gestão no "Radio d'État". Ocupávamos, ambos, um escritório pequenino, na rua Grenelle.

Um dia, um jovem nos procurou: vinha ver Wladimir, para pedir o horóscopo. Wladimir aceitou a proposta, já que era versado no assunto, porém, só quinze dias mais tarde foi que, durante um almôço, êle me confiou sua preocnpação:

— Fiz o cálculo do rapaz que me veio ver e achei que êle deveria ter morrido em 16 de junho de 1924. Não compreendo isto! Em todo o caso, não sei o que responder a êle.

Quando o rapaz voltou, falou-se, primeiramente, de coisas sem importância, até que veio à baila o assunto que nos preocupava. Wladimir arriscou, finalmente:



Voltaire, cuja morte foi prevista por Collone para os 34 anos de idade, viveu, no entretanto, até aos sessenta e quatro anos.

— Bem, meu amigo, a verdade é que você já devia ter morrido em 16 de junho de 1924.

O consulente espoucou em gargalhadas, mostrando que estava vivo, por meio de batidas no próprio peito. Por fim falou:

— Tive, porém, um irmão gêmeo que morreu... em 16 de junho de 1924.

Qual a opinião do leitor?

ÊSTE MUNDO LOUCO...

CRISE DE BEIJOS — Um numeroso grupo de mulheres de Chicago, tendo à frente uma senadora, acaba de fundar o Clube do Beijo Matinal, alegando que é preciso combater o desinterêsse dos maridos, à hora do café, quando se mostram mais interessados em ler os jornais, comer e sair apressadamente.

REUNIAO — Em Richmond, George Washington e Benjamin Franklin voltaram a encontrar-se... quando seus automóveis se chocaram violentamente, numa rua.

CONSCIÊNCIA — Ao Escritório Pró-Velhice Desamparada, de Illinois, chegou, recentemente, uma carta, assinada por Cirus Pendleton, que dizia: — «Por favor, cancelem a pensão de minha avó. Ela acaba de contrair núpcias com um cavalheiro, que é diretor de uma emprêsa de petróleo."

SIM. EM TÊRMOS AMÁVEIS!

TAMBÉM na Escócia ficou decidido dar às crianças aulas de educação sexual. As autoridades públicas reconheceram a utilidade dêsse ensino, embora se mostrem amedrontadas quanto à «etiquêta» que deva ser colada a êsse curso. Por isso, procuraram longamente uma que fôsse menos brutal.

Sucessivamente propuseram: «Cursos de Saúde», «Palestras sôbre o nascimento», «Conversação sôbre a vida», para, finalmente, ser adotado o rótulo: Biologia.

— Não foi má a escolha — comentou um dos que tomaram parte na difícil discussão. — Mas, se desejarmos ir até ao fim do nosso pensamento, só nos resta decretar que a atriz cinematográfica Marylin Monroe tem um «biology appeal» formidável!

★ ★

UM BIGODINHO QUE RENDE...

VÁRIAS vêzes, por semana, a polícia militar da zona americana de ocupação, na Alemanha, interpela e pede os documentos ao mesmo homem. Êsse suspeito permanente se chama Heinrich Nool e seu crime é o de se parecer com Hitler — mesmo topete caído e mesmo bigodinho.

— Trate de pentear o cabelo de outro modo e de raspar essa escovinha de unhas sob o nariz — aconselham as autoridades. Porém o sósia do Fuehrer faz questão de continuar como está.

— Nos tempos do III Reich — diz êle — os nazistas me forçaram a cortar os cabelos e a raspar o bigode. Hoje estamos numa nova democracia e tenho o direito de fazer o que bem desejar. Que culpa tenho se meus cabelos caem sôbre os olhos e se me considero melhor com êste bigodinho?

Embora, por ocasião da chegada das primeiras tropas aliadas, tivesse que apelar para o testemunho de centenas de cidadãos, para provar que sempre vivera naquela cidade, embora sempre incomodado pela polícia, Heinrich Nool continua resistente.

Aliás, tem para isso uma excelente razão: espera obter, dessa forma, um contrato para filmar na Áustria ou em Hollywood, onde não tardarão a fazer filmes «históricos» sôbre o Fuehrer.

— Será a primeira vez em que meu bigodinho me dará outra coisa além de aborrecimentos... — concluiu Nool.

O DIÁRIO DE FELIX LANE

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Começa o "Diário de Felix Lane" com a primeira página de seu livro de apontamentos, na data de 20 de junho de 1937, quando o autor anuncia que vai matar um homem que não conhece, nunca viu, ignorando tudo sôbre êle: nome, aspecto, profissão, etc. Mas vai tentar descobri-lo e matá-lo, porque êsse desconhecido, guiando um automóvel de marca e número ignorados, atropelou e matou seu filho único, de sete anos, com o qual se recolhera a uma casa de campo, após perder a espôsa. Na Polícia não há indícios, nem nos arredores da aldeia onde o fato ocorreu. Por isso começa a raciocinar, a fim de descobrir como agiria, êle próprio, no lugar do atropelador.

Indagando cautelosamente consegue saber, por um lavrador que um automóvel foi lançado num pantanal, poucas horas depois do atropelamento de seu filho. Nêle iam um cavalheiro e uma conhecida atriz cinematográfica, Lena Lawson, seu companheiro se chama George. Decide então visitar o estúdio onde Lena trabalha, porém não antes de se transformar em Felix Lane, autor, para esconder sua identidade como Frank Cairnes.

---

8 DE JULHO:

Vigilância inútil, ontem. Mas, esta manhã, a môsca importuna se deixou prender na teia de aranha! E que môsca! Encanecida, enrugada, enfraquecida pela idade... Penosa recordação! Minha imaginação de autor do romance policial muito havia trabalhado em redor da carta anônima, que emanava incontestàvelmente de uma pessoa culta. Eu imaginara, como culpados possíveis: o pastor, o professor, a empregada dos correios e mesmo (que êles me perdoem) Peters e o general Shrivenham! Uma prova de deformação profissional, essa escolha do suspeito menos provável. A realidade foi muito mais simples.

O portão do jardim rangeu ligeiramente cêrca de quatro e meia da manhã. O dia apenas apontava. Uma forma imprecisa avançou pelo jardinzinho em passos lentos e temerosos, a princípio; depois entrou a correr à maneira de um gato, que leva um ratinho entre os dentes.

Uma mulher! Uma mulher idosa, parecendo-se espantosamente com a senhora Teague, de longe.

Desci a escada, de quatro em quatro degraus e abri a porta de entrada no momento em que um envelope caía na caixa de cartas. Não era a senhora Teague. Era a senhora Anderson. Eu já devia ter suspeitado. A maneira como ela me evitou na rua, sua solidão de viúva sem filhos, seu instinto maternal insaciado e que se voltara para Martie... Tudo a designava. Mas estava tão apagada, tão envelhecida, tão inofensiva, que eu não havia, jamais, pensado nela.

Censuro minha rudeza, agora que minha cólera desapareceu. Sem que eu pudesse lutar contra isso, o veneno de suas cartas me atacara o sangue. Ouviu-me sem uma palavra, piscando muito os olhos, como se acabasse de despertar de um pesado sono. Depois desatou a chorar. Você sabe, amigo leitor, como êsse gênero de espetáculo desencadeia a fera interior; acumulamos crueldade sôbre crueldade, para afogar os remorsos e o rancor contra si mesmo. Não tive piedade — confesso para vergonha minha. Finalmente, a senhora Anderson se afastou, silenciosa como uma sombra. Atirei-lhe uma última flecha nas costas:

"Eu a entregarei à polícia, se recomeçar!" O homem é, às vêzes, um animal cruel. Mas, na verdade, ela não deveria, nunca, escrever aquêles horrores. Ó, Deus, como gostaria de poder ir juntar-me a meu filho!

9 DE JULHO:

Deixo o "cottage" amanhã. Frank Cairnes desaparece e Felix Lane se instalará no apartamento mobiliado de Maida Vale, um subúrbio de Londres, que eu alugara em sua intenção. Nada permitirá (assim espero), estabelecer uma ligação entre êles. Nada... salvo o ursinho cego de Martie, que trago comigo. Creio haver tomado tôdas as disposições úteis, pe-

cuniárias e outras. Anunciei à senhora Teague minha intenção de permanecer em Londres durante um certo tempo — ou de viajar — e dei-lhe instruções para enviar a minha correspondência. Ela guardará o cottage durante minha ausência. Para ali voltarei algum dia? O mais sensato seria, evidentemente, vendê-lo, mas falta-me a coragem. Martie viveu anos felizes ali! Que farei, depois? Que faz um assassino, após cumprido o seu trabalho? Começa a escrever romances policiais? Isto me parece impossível. Chega, com certeza, seu sofrimento diário. Portanto, não devo preocupar-me com antecedência.

Tenho a impressão de que a marcha dos acontecimentos me fugiu. Fazer de modo que as circunstâncias nos ponha em ação, é o único partido que se oferece aos irresolutos e sensitivos como eu. Não procuremos um outro sentido para os velhos "clichés" tais como "queimar os navios" e "cruzar o Rubicon". A maior parte dos homens de ação que a História anotou eram grandes nervosos.

Não posso entrever a possibilidade de que a pista Lana-George seja falsa. Não teria, jamais, a coragem de recomeçar da estaca zero. Enquanto espero, o trabalho não me há de faltar. Preciso criar o personagem de Felix Lane para meu uso, dar-lhe uma família, características, um passado... Devo ser Felix Lane, sob pena de despertar a desconfiança de Lena ou de George. Quando meu personagem estiver "no ponto", minha barba terá crescido e farei minha primeira visita à British Regal Films, Inc. Fechemos êste jornal, por hoje. Creio ter estabelecido uma boa linha de conduta com relação a Lena. Minha barba a seduzirá? Onde já ouvi gabar as virtudes afrodisíacas das barbas? Vou fazer a experiência.

20 DE JULHO:

Minha primeira visita ao estúdio. Que dia, Senhor! Preferiria, mil vêzes, trabalhar no inferno ou mesmo num asilo de loucos do que num estúdio. O calor, o ruído, a atmosfera artificial que torna os sêres de carne e osso tão irreais como os cenários... Um pezadelo. Juntem a êste que se tropeça a cada instante ora num cabo elétrico, ora nas pernas dos inumeráveis extras, condenados a encolher-se como pulgas, o dia todo, tais como as desgraçadas criaturas descritas por Dante.

Mas não antecipamos. Fui recebido por Callaghan, para o qual Holt me fornecera um cartão de apresentação. Um rosto pálido e emaciado, olhos febris e inquietos por trás de óculos de lente forte, cabelos ralos e cinzentos, calça de flanela; pouco asseado, descuidado e aparentemente muito capaz. Seus dedos, amarelados de nicotina (enrola um cigarro enquanto consome outro entre os lábios) não ficam um segundo imóveis.

— Está interessado por algum detalhe particular ou deseja percorrer todo o estúdio? — perguntou com a maior cordialidade.

Em minha inocência escolhi a "volta completa". A visita pareceu durar horas e horas. Callaghan se lançou numa explicação técnica ininterrupta; espero que minha barba tenha escondido um pouco a incompreensão do meu espírito. Callaghan é conscioso e isso foi o que provou. Minha pequenina provisão de receptividade estava totalmente esgotada após meia hora de caminhada sôbre cabos elétricos, entre a luz ofuscante dos projetores e pessoas apressadas. Seja dito, entre parênteses, um carreiro ou um sargento instrutor seria imediatamente reconhecido no estúdio por sua conversação macia. E, do comêço ao fim do dia, procurei Lena Lawson com os olhos, sentindo uma dificuldade crescente para evitar pronunciar o seu nome.

Callaghan concedeu-me um armistício, à hora do almôço. Falamos de romances policiais em geral e da impossibilidade de adaptar os melhores ao cinema. Êle havia lido dois dos meus, mas a identidade do seu ator o deixava perfeitamente indiferente. Felizmente, para mim, que receava perguntas embaraçosas. Holt lhe explicara, no cartão, que eu desejava documentar-me para um novo livro e êle indagou porque eu escolhera o seu estúdio para realizar minha aprendizagem. Agarrando a ocasião pelos cabelos, se

assim posso dizer, respondi-lhe que o último filme que eu vira, "Os joelhos da arrumadeira", era uma produção da British Regal Films Inc.

— Oh! Uma idiotice— declarou Callaghan. — Eu teria jurado que o senhor fugiria do estúdio responsável por uma película tão ordinária.

— A principal intérprete não era má... Como se chamava? Lawson, creio. Sim... Isso mesmo. Uma figurinha bem interessante.

— Leva Lawson não é má com manequim de lingerie — respondeu meu interlocutor desdenhosamente — Ela se julga uma segunda Harlow, cá entre nós. Essas pequenas são tôdas umas convencidas.

— Tem o temperamento de uma futura estrêla?

— Não. Apenas uma linda mulher.

— Essas estrêlas, segundo ouvi dizer, são muito caprichosas... Isso é verdade?

— São impossíveis, meu caro senhor. Essa Lawson, por exemplo, nos tem dado uma série de aborrecimentos. Mas está mais calma, ùltimamente...

— A que atribui essa transformação?

— Não sei... Um desgôsto amoroso, talvez. Ela atravessou uma crise de depressão nervosa... Foi durante o inverno, se não me falha a memória. Tivemos até que interromper os trabalhos por uma quinzena. Pode acreditar, meu caro. Quando um diretor encontra a principal artista chorando pelos cantos, o filme fica sèriamente comprometido.

— Foi assim tão grave? — perguntei, esforçando-me por dominar meu tom de voz.

Janeiro. Crise nervosa... Uma nova prova a juntar às demais. Callaghan me fitou com olhar penetrante, antes de responder:

— Sim. E ficamos alarmados. Weinberg tratou de conceder a Lena uma licença de oito dias, para tratamento de saúde. Agora, felizmente, parece haver recuperado o equilíbrio...

— Ela está hoje, aqui?

— Não. Está filmando um "exterior". Será que está enamorado pela nossa Lena, meu caro? — concluiu com um sorriso malicioso.

Afirmei que minhas intenções eram puramente as de um fã... e também as de um escritor. Desejava estudar de perto uma atriz de cinema, para poder retratá-la melhor, em meu próximo livro. E, mais, ainda: Escreveria o livro de maneira a ser possível, mais tarde dêle extrair um filme do qual a própria Lena viesse a ser a principal intérprete. Callaghan se deixou convencer pelas minhas explicações? Duvido muito. Mas pouco importa que êle me julgue interessado por Lena por um interêsse passional ou profissional. Tenho que voltar ao estúdio amanhã, quando êle me apresentará à estrelinha. Essa perspectiva me deixa nervoso como um colegial... O mundo das atrizes é coisa que desconheço totalmente.

O primeiro passo está feito. Verdadeira estopada. Não sabia o que dizer a Lena, que, para ser franco, quase não me deixou tempo para abrir a bôca. Estendeu-me distraìdamente a mão, lançou um olhar sôbre minha barba e lanlou-se imediatamente numa longa diatribe contra um indivíduo de nome Platanov, dirigindo-se a Callaghan e a mim.

— Quer saber da última dêsse miserável Platanov? — perguntou ela, exigindo nossa atenção — Telefonou-me quatro vêzes na noite de ontem. Não me queixo das atenções, é claro, mas como não en-



— Seus documentos!

louquecer quando não se pode dar um passo sem ser sequida e o telefone não cessa de chamar? Aliás já me queixei a Weinberg. Platanov é um verdadeiro flagelo. Acreditam que teve o topete de ir à estação, esta manhã? Felizmente eu lhe dissera que meu trem partia às nove horas, quando, na verdade, partia às cinco. Se vissem como êle andou correndo pela estação! Êsse homem é um verdadeiro pezadelo. Será possível que êsse indivíduo imagina que ainda tenho alguma coisa para dizer?

— Não seria o único... — respondeu Callaghan, sorrindo.

— Pedi a Weinberg que telefonasse para a embaixada, a fim de expulsar êsse indesejável. O país é pequeno demais para nos conter a ambos, êle e eu. Se êle ficar, eu mesma partirei. Mas êsses Judeus se ajudam entre si, como os ladrões de feira. Uma vassourada à Hitler não nos faria mal, embora eu não aprecie nem a ditadura nem a esterilização. Mas, como estava dizendo...

Lena Lawson estava agora mais calma. Sua maneira de se dirigir a mim tinha agora qualquer coisa de encorajadora. Ignoro — e talvez jamais possa saber — se êsse "miserável Platanov" pertence a uma organização especialista do tráfego de brancas, se é apenas um empresário, um agente do G.P.U. ou simplesmente um admirador importuno. Êsse pequeno mistério faz parte do mundo artificial que eu acabava de descobrir. Impossível saber onde o filme acaba e a vida real começa. O monólogo de Lena permitiu que eu a examinasse à vontade. Era de uma vivacidade não isenta de encanto. Se estava mais calma, ùltimamente, fiquei imaginando quão difícil seria suportá-la, antes de janeiro. Senti uma certa surprêsa ao vê-la tão parecida com a "Polly" do filme. Isto, aliás era o que eu devia esperar, pois que o plantador a reconhecera imediatamente. Um narizinho rebitado, bôca maior que a normal, um diadema de cabelos dourados, olhos azuis... Com exceção da bôca, seus traços eram finos e contrastavam com sua expressão zombeteira. Mas êsses inventários são inúteis, pois jamais li uma descrição física que me permitisse formar uma idéia nítida do modêlo. Dir-se-ia, vendo-a como se apresentava aos meus olhos, que não tinha qualquer pêso sôbre a consciência. Talvez eu me enganasse. Mas não! Recuso admitir esta possibilidade.

É uma das duas últimas pessoas que viram Martie com vida — pensava eu, enquanto a observava — Não sentia, porém, nem aversão nem rancor... Simplesmente ardia de impaciência para saber mais, saber tudo. Ela se voltou, enfim, para mim, enquanto dizia:

— Fale-me do senhor, agora, Sr. Vane.

— Lane — retificou Callaghan.

— O senhor é autor, então? Adora os romancistas! Conhece Hugh Walpole? Que talento! Mas o senhor corresponde melhor que êle à idéia que sempre fiz de um autor.

Não encontrei o que responder a êsse ataque direto. Não podia desviar os olhos de sua bôca, que sempre se abria quando o interlocutor começava a falar, como se procurasse adivinhar o que êle ia dizer... É uma particularidade sedutora. A opinião de Callaghan sôbre Lena Lawson me surpreende: "Uma linda pequena, apenas". Frívola, de acôrdo. Porém alguma coisa mais...

Procurava ainda uma resposta menos tola, quando alguém gritou por seu nome. Era chamada para filmar. Desespêro! Sentindo que me fugia a ocasião que tanto aguardara, tive a coragem de lhe pedir que aceitasse um convite para almoçar comigo, em dia próximo, "em Ivy", pois adivinhara suas preferências. Lena Lawson olhou-me, pela primeiro vez, como se enfim notasse a minha presença. A seguir, aceitou com um entusiasmo que me lisonjeou:

— Com prazer. Sábado... Pode ser?

Está assim tudo combinado. Callaghan me atirou um olhar ambiguo e nos separamos. Mas, pergunto agora: qual será minha linha de conduta? Inspirai-me, Senhor! Conduzir a conversa para automóveis e homicídios por imprudência? Hum... Estou decidido, agora. Mas sei, de antemão, que as despezas com o meu inquérito serão elevadas. Lena tem apetite insaciável e prevejo que o caminho até o

misterioso George será forrado com notas de cinco libras.

Pelo tom destas linhas, o leitor pode adivinhar meu otimismo. E tem razão. Sinto que estou progredindo na pista que descobri.

24 DE JULHO:

Lena Lawson chegou pontualmente ao restaurante. Vestia-se de azul com pintas brancas, pronta para receber alimento e elogios em quantidades iguais. Creio ter bem representado meu papel. Sejamos honestos, sim. Fiz razoàvelmente minha côrte à jovem artista. Em seu gênero é uma criaturinha bastante sedutora. Nada impede que eu alie os prazeres aos negócios sérios, desde que consiga fugir ao enternecimento. Por exemplo: ela apontou duas artistas famosas para a minha admiração. Respondi que Lena Lawson eclipsava as outras mulheres bonitas. Pouco depois, apontei-lhe outro célebre romancista, que se encontrava na sala. Para pagar minha delicadeza, ela declarou que meus livros eram incontestàvelmente superiores. Estávamos quites e tudo caminhava num mar de rosas.

Falei com muita complacência de mim mesmo — de Felix Lane, bem entendido — de meu início difícil, minhas viagens, a herança que recebera e do que rendiam meus livros. Insisti sôbre êsse ponto: para que esconder o montante de minha conta no banco? O dinheiro pode vencer onde minha barba fracassar. A história de Felix Lane se aproxima — e muito — da de Frank Cairnes. Conversei com o prazer inocente de um inocente há muito tempo privado de um auditório, quando uma pergunta de Lena me forneceu, repentinamente, a ocasião esperada.

— Está há muito tempo em Londres? — perguntou.

— Sim. Divido minha vida entre Londres e as viagens. Trabalho melhor aqui mesmo que em outro qualquer lugar. Mas, na verdade, prefiro a vida do campo. A voz do sangue, provàvelmente... pois sou originário do Gloucestershire.

— Gloucestershire? — repetiu ala — Ah...

Observei suas mãos. As mãos são mais eloqüentes que o rosto, principalmente numa atriz. Vi que as unhas de sua mão direita mordiam a palma enquanto Lena ficava um instante silenciosa. Não havia mais dúvida, agora. Ela tinha sido vista não distante da minha aldeia, após o "acidente" e havia grandes probabilidades de que George residisse no Gloucestershire. O leitor está seguindo o meu raciocínio? Se Lena nada tivesse que esconder, diria espontâneamente: "Em que parte do Gloucestershire? Tenho um amigo que reside lá". Ou estaria tentando esconder seu romance com George? Pouco provável, pois hoje as atrizes não receiam anunciar suas amizades. Como, pois, explicar seu silêncio senão pelo pensamento de sua presença no veículo atropelador?

— Sim — prossegui — Minha aldeia natal fica pouco distante de Cirencester. Estou sempre pretendendo retornar lá, algum dia, porém sem nunca ter encontrado uma oportunidade.

Não ousei enunciar minha aldeia, receiando amedrontá-la e perdê-la de uma vez. Observei, encantado, por alguns instantes, suas narinas arquejantes e seu olhar fugitivo, depois mudei de assunto.

Imediatamente ela voltou a tagarelar com desenvoltura. Nada solta mais a língua das mulheres como o sentimento de



— De quem você gosta mais, papai? De mamãe... de mim... ou de Ava Gardner?

alívio. Para agradecer-lhe por se haver traído, esforcei-me por ser gentil. Teria protestado com indignação se alguém me tivesse dito, alguma vez, que eu ainda flertaria com uma artista do cinema. Bebemos razoàvelmente, um e outro. À sobremesa, Lena quis saber meu primeiro nome.

— Felix — respondi.

— Felix?

Fêz uma ligeira careta e acrescentou:

— Neste caso vou chamá-lo de Pussy (Em inglês equivalente a gatinho).

— Não tente isso, ou lhe direi adeus para sempre.

— Deseja, então, tornar a ver-me?

— Tenha a certeza de que não pretendo largá-la mais...

A conversação continuou nesse tom ligeiro. Inútil transcrevê-la aqui. Jantaremos têrça-feira próxima.

27 DE JULHO:

Lena é muito menos tola do que parece ou, mais exatamente, tem mais espírito do que eu esperava encontrar numa mulher da sua aparência. Fêz-me passar um mau quarto de hora, esta noite. Saindo do teatro, convidou-me a ir tomar uísque em sua casa. Subi. Pensativa, Lena se deixou ficar, de pé, diante da lareira. Voltou-se repentinamente para perguntar, a queima-roupa.

— Que pretende você?

— Que pretendo?

— Sim. Por que me leva ao restaurante, ao teatro...? Que quer de mim em definitivo?

Balbuciei algumas explicações concernentes ao meu próximo livro.

— Quando vai começá-lo?

— Hein?

— Você me ouviu muito bem. Nada me disse, ainda, dêsse famoso livro e só acreditarei nêle depois de o haver lido.

Fiquei um instante paralisado, convencido de que ela penetrara o meu segrêdo. Julguei, mesmo, distinguir um lampejo de desconfiança, de apreensão e mesmo de mêdo em seus olhos... Mas talvez refletisse um outro sentimento? O terror ditou minha resposta:

— Realmente... tenho em mente um outro projeto, além do livro... confesso. Amei-a, desde que a vi na tela, Lena. Você encheu todos os meus sonhos. Ru...

O temor ajudou-me a dar às palavras os tons de um apaixonado tímido. Ela se aproximou de mim, com as narinas dilatadas, os lábios entreabertos.

Beijei-a. Deveria ter sentido, nesse instante, o remorso de Judas? Confesso que nada disso aconteceu. Por que, afinal, eu me atrapalharia com vãos escrúpulos? Aquilo era um negócio, uma luta... Lena quer o meu dinheiro, enquanto que por minha parte desejo chegar até George. Compreendo, hoje, o motivo da cena que tanto me alarmara; não era uma manobra feminina para levar um enamorado tímido a se declarar. Lena sentira desde o início que o meu livro não passava de um pretexto e queria tirar tudo a limpo. Só errara quanto ao meu fim verdadeiro, felizmente para mim. Tudo corre maravilhosamente. O apaixonado de Lena poderá saborear uma vingança completa.

Ela se desprendeu dos meus braços:

— Creio que você será obrigado a tirar a barba, Pussy. Fazem cócegas e não estou habituada.

Com o tempo você não estranhará. E' impossível sacrificar a minha barba. E' o meu disfarce. Saiba que tem como amigo um assassino procurado pela polícia.

Ela riu, mansamente.

— Mentiroso. Você não poderia fazer mal a uma môsca, gatinho querido.

Mais tarde, ela me dizia:

— Como pude assim "cair" por você? Não é nenhum Adonis, não é mesmo querido? Deve ser a sua maneira de me olhar, as vêzes... Como se eu não estivesse diante de você... Como se eu fôsse transparente...

Comediante transparente, ela própria! Mas gentil, realmente. Juntos, tenho a certeza, ganharíamos o grande prêmio de hipocrisia contra todos os concorrentes eventuais.

29 DE JULHO:

Lena jantou em minha casa, ontem. A noite foi marcada por uma cena extrema-

mente penosa, mas que terminou da melhor forma para os meus interêsses. Graças a Deus. Sem essa discussão, ela não teria provàvelmente falado de George. Mas é um aviso. Tôda negligência de minha parte arriscaria ter consequências fatais para o meu projeto.

Eu procurava refrescos num armário e voltei-me de costas. Ela passeava atrás de mim, continuando seus monólogos animados:

— Então, êsse animal de Weinberg me censurou em têrmos pesados: "Quem pensa que é? Alguma atriz famosa? Ou uma coruja empalhada? Que há com você? Está apaixonada, aposto!", Indignada, respondi: "Se estou apaixonada, com certeza não é por você, velho rabujento! Então êle... Oh! Que quarto adorável, Pussy! E tem um ursinho de pelúcia sôbre a lareira!

Saltei. Era tarde! Lena saía do meu quarto com o ursinho de Martie entre as mãos. Eu esquecera de esconder aquêle brinquedo. Então, perdi completamente a cabeça.

— Entregue-me isso! — ordenei, procurando arrancar o ursinho dela.

— Tira a mão, mauzinho! Ora, vejam só! O grande escritor brinca com bonecos. Vê-se cada coisa! Deve ser da idade...

Fêz uma careta para mim e outra para o ursinho.

— Hum... Então, êste é o meu rival?

— Acabe com essa tolice. Torne a colocar o ursinho onde o encontrou.

— Oh! Como ficou corado. Envergonha-se dos seus brinquedinhos!

— Isto não é meu, tolinha. Pertenceu a um sobrinho... que faleceu. Gostava muito dêle. Vai agora, tornar a colocar?...

— Oh! Agora compreendo. Perdôe-me.

Tinha, agora, outra mulher diante de mim. Uma verdadeira gata, prestes a saltar, com as unhas ameaçadoras. Nunca, aliás, estêve tão bonita.

— Tudo se explica... Não sou digna de tocar no ursinho do seu sobrinho, não é assim? Meu contato poderia sujar o brinquedo, enodoá-lo, hein? Pois, tome! Aqui está... Pode ficar com êle!

O ursinho caiu a meus pés. Fiquei louco de raiva. Bati-lhe com violência. Ela se lançou contra mim, desatinada mas impotente, tal como uma fera apanhada numa jaula. Durante a nossa ligeira luta, o vestido fugiu-lhe dos ombros. Repentinamente seus braços caíram sem fôrças e ela gemeu:

— Oh! Bruto, que você é.

A luta terminou num apertado abraço. A marca dos meus dedos estavam visíveis em uma de suas faces congestionadas.

Mais tarde ela voltou à carga:

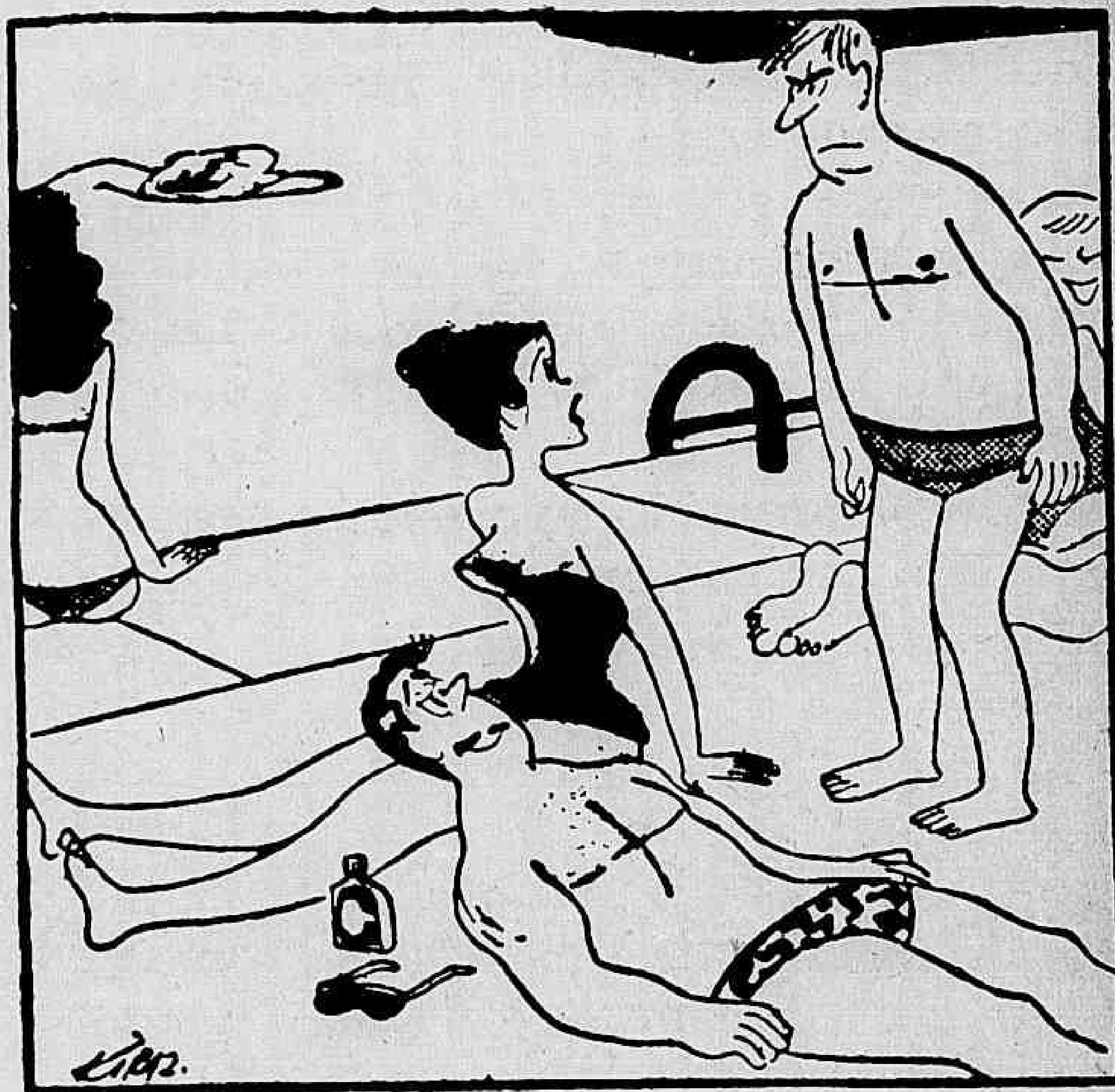
— Sim. No fundo, você me despreza, não é mesmo? Você me considera uma mulhersinha vulgar.

— Vulgar, não digo... Mas temível, isto sim! Veja o que fêz com as unhas, nas minhas mãos...

— Não. Falemos a sério. Você se envergonharia de me apresentar no seu círculo familiar, confessa! Seus parentes desaprovariam... Eu sei!

— Sou sòzinho no mundo. Você mesma... Seria capaz de me apresentar à sua família? Bão, aposto. Aliás somos muito mais felizes assim como somos.

Seus olhos luziram como brasas.



— Eu disse que o lugar era seu, Policarpo! Mas êle prometeu levantar quando você chegasse...

— Tenho uma idéia! Gostaria de ver a cara de George quando...

— George? Quem é George?

— Hum... Não precisa ficar assim com ares de mata-mouros. Ciumento, hein? George não passa de... E' o marido de minha irmã.

— E que tem isso?

— Nada.

— Continue. George é mais do que... um cunhado, para você.

— Sim. Você está com ciúmes. Pussy dos olhos verdes... Se quer mesmo saber, George me perseguia com seus galanteios Eu...

— Êle... *perseguia?*

— Sim. E' história antiga. Respondi-lhe que não era quem êle pensava, que não estava para servir de motivo para uma coisa assim, estragar a felicidade de minha irmã... Veja só! Embora Violeta, cá entre nós, bem que merecia êsse castigo.

— Você não o tem visto, ùltimamente? Êle não a importuna mais, espero?

— Não... Há vários meses que nem sequer tenho visto George...

Senti seu corpo estremecer entre meus braços. Depois ela se distendeu, começando a rir nervosamente.

— "E que me impediria? Seria uma excelente maneira de provar a você que êle não é nem sequer a sombra do meu Pussy... Se fôssemos, juntos, passar uma temporada por aquelas bandas?

— Onde?

— Em Svernbridge, no Gloucestershire. É lá que minha irmã reside, com meu cunhado...

— Mas, minha querida, não posso...

— Pode sim... Você vive sem fazer nada... Não tenha mêdo, que George não vai comê-lo. E' um respeitável pai de família... em aparência, pelo menos.

— Por que deseja ir?

Lena me olhou com um ar repentinamente grave.

— Felix, você gosta de mim? Não. Não tenha mêdo de responder, pois não vou exigir que me peça em casamento. Gosta de mim... a ponto de atender a um pedido que lhe faça, sem começar a fazer muitas perguntas?

— Pois claro.

— Obrigada. Pois saiba que tenho boas razões para retornar a Svernbridge. Mas desejaria ter um companheiro para a viagem.

Sua voz era rouca e hesitante. Seu segrêdo estava na ponta dos seus lábios, nesse instante. Mas, tanto porque eu desconfiava muito de mim mesmo para querer arrancar-lhe o segrêdo imediatamente, quanto porque ainda não chegara ao nível de baixeza necessário, não quis aproveitar a circunstância favorável. Para que, afinal? A atitude da pobre criatura já a traía bastante, principalmente por sua decisão de travar um combate decisivo não contra George, mas contra o pezadelo que a perseguia desde muitos meses. Como tive razão ao escrever, no início dêste diário, sôbre a fôrça irresistível que leva um criminoso a retornar ao local do seu crime. Lena não matou Martie. Mas conhece o culpado, pois estava no veículo. Deseja libertar-se, no local, de uma atração mórbida e que se tornara intolerável. Conta comigo para a amparar no correr dêsse estranho exocismo! Comigo! Oh, suprema ironia da sorte!

— Combinado! — disse eu — Levarei você a Svernbridge no próximo sábado...

Minha voz, por milagre, ficou indiferente.

"Mas... a propósito, que faz George, na vida?

— E' proprietário de uma garage: Rattery e Carfax. Chamava-se George Rattery. Carfax é o seu sócio. Você... Você é um amor, meu Pussy! Consentir em levar-me... Receio apenas que George não lhe pareça muito simpático. Compreende? Não é homem do seu gênero.

Uma garage. E ela receia que êle não me seja simpático. Então, vou conhecer George Rattery!

(Continua no próximo número)

Um fator inadvertido no maravilhoso mecanismo ótico

NOSSOS OLHOS 3-D

Do ponto de vista da complexidade técnica, as películas cinematográficas de três dimensões — chamadas geralmente 3-D são elementares em comparação com o ôlho humano. Com a maior facilidade, sem esfôrço algum, os olhos realizam funções tão complicadas, que não existe máquina que possa reproduzi-las.

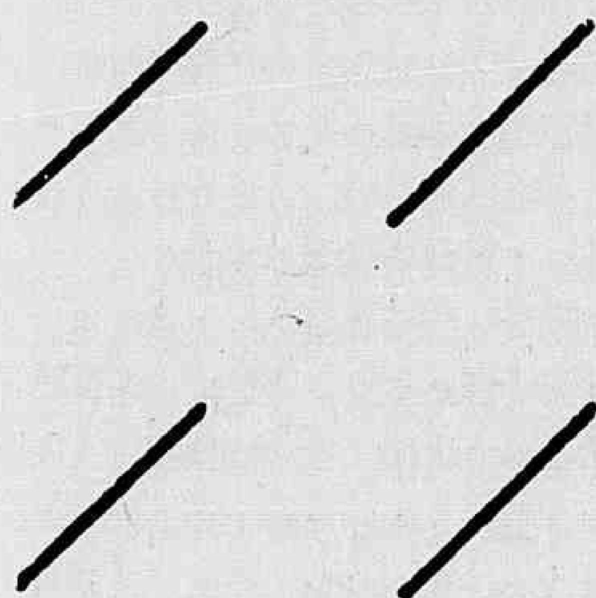
A película fotográfica que recebe uma exposição dupla fica inutilizada, enquanto que os olhos recebem e combinam sem cessar imagens gêmeas. De uma câmara ladeada, obtém-se fotografias igualmente torcidas; ao contrário, se colocamos uma face no solo e olhamos as paredes da sala, continuamos vendo-as direitas. Os olhos registram impressões com a trigésima parte do 1% da luz necessária para impressionar a placa fotográfica mais delicada e ràpida que se logrou fabricar até hoje. O mais assombroso da visão é o mecanismo mediante o qual percebemos a profundidade e a distância, ou seja: o efeito de 3-D ou tridimensional.

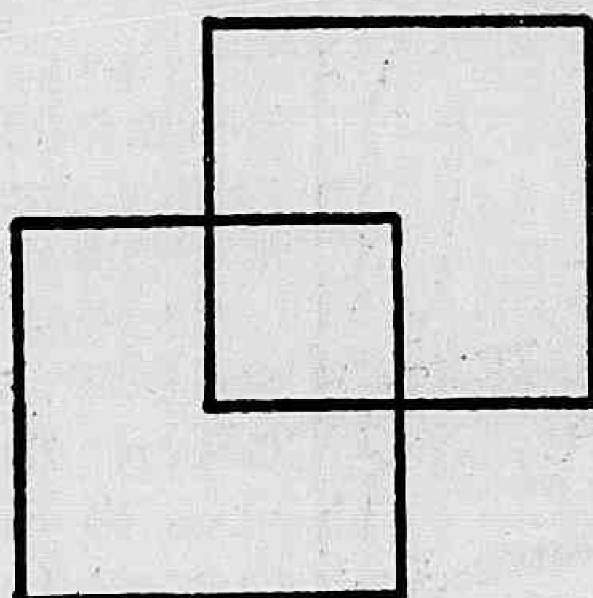
Há mais de 200 anos os homens de ciência buscam a solução desta incógnita, porém foi durante a primeira guerra mundial, quando o problema da percepção de profundidade ganhou grande importância prática. Os aviadores de combate tinham dificuldade em calcular a distância do solo, ao aterrissar. Foram inutilizadas centenas de aviões e, para resolver o problema, foram criados laboratórios especiais.

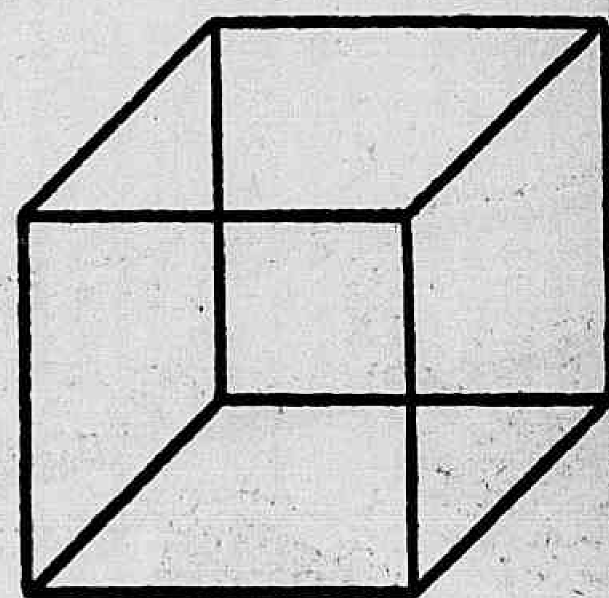
Os estudos seguiam dois aspectos. Primeiro: Como adquirimos a aptidão de perceber a profundidade? Trata-se de um sentido inato, ou é algo que desenvolvemos com a experiência? Segundo: O ambiente físico que nos rodeia tem três dimensões, isto é: que todo o objeto tem longitude, latitude e profundidade. Dos objetos partem raios luminosos que são recebidos pela retina do ôlho. A retina tem apenas duas dimensões e, não obstante, todos nós percebemos as três dimensões das coisas. Como se reconstrói a terceira dimensão perdida na retina?

Os óticos não conseguiram decifrar completamente nenhum dêstes dois enigmas. Sabe-se que a visão tridimensional depende, até certo ponto, dos indícios acumulados pela experiência, movimentos musculares, imagens superpostas e perspectiva no centro ocular.

Os primeiros que enfrentaram êsse problema foram os pintores. Leonardo da Vinci achou sumamente difícil dar a ilusão de profundidade em seus quadros, até que resolveu valer-se dos contrastes de luz e sombra para conseguir o efeito da terceira dimensão. Leonardo emitiu uma interessante teoria: a percepção da pro-


(A)


(B)


(C)

Por si sós, os grupos de linhas A e B produzem efeitos planos; porém combinados entre si (C), surge a impressão de profundidade.

fundidade é uma arte que o homem aprende observando os contrastes.

Os cientistas da época posterior a êle não levaram a sério uma teoria que achavam muito simples. Procuraram — e acharam — complexos fatôres, aos quais atribuíram maior importância. Porém recentes estudos vieram comprovar que a teoria de Leonardo da Vinci, embora insuficiente para explicar a totalidade do fenômeno, não era assim tão falsa. Na figura 1 vemos como podem combinar-se duas séries de linhas bidimensionais em forma tal que aparece a terceira dimensão.

No século XVII, John Locke formulou uma pergunta que os médicos do seu tempo não puderam contestar: Se um adulto, cego de nascença, recuperasse repentinamente a vista, poderia distinguir imediatamente a diferença entre o cubo e a esfera? Sendo a percepção de profundidade uma aptidão herdada, o homem não necessitaria de experiência para distinguir entre um corpo cúbico e outro esférico. Mas, na realidade, os adultos cegos que lograram ver, graças a alguma intervenção cirúrgica, têm dificuldade em diferençar a esfera do cubo, e não é raro que levem semanas antes de que possam ter a visão de profundidade, que consideramos natural.



Concurso de beleza...

Conta-se o caso de um homem de 30 anos, cego de nascença, que aprendera a ir por tôda parte sòzinho. Trabalhava como estafeta de um armazém de comestíveis e fazia constantes entregas a domicílio, num bairro bastante extenso.

Foi operado e, quando lhe retiraram os curativos, viu pela primeira vez em sua vida. Mas não pôde reconhecer os objetos que tinha diante dos olhos. Durante várias semanas, seus movimentos foram mais lentos e cuidadosos do que quando não via. Entre os cegos que vêem pela primeira vez ocorre, constantemente, que não podem distinguir os bordes verticais de um corpo cúbico, sem tocá-los com os dedos.

São muitos os exemplos que demonstram a necessidade de aprender a julgar os efeitos de luz e de sombra. Existem, por outra parte, vários indícios similares, que Leonardo da Vinci desprezou, mas que atualmente os cientistas acreditam que ajudam a calcular as distâncias. Por exemplo: a experiência nos ensina que os objetos próximos podem ocultar proporções de outros, mais distantes, enquanto que êstes não podem ocultar os mais próximos; quanto maior pareça um objeto conhecido, mais próximo está; se um objeto dá a impressão de estar sôbre outro, não quer dizer que se acha suspenso no ar, mas sim que está mais longe; se um objeto mostra ao mesmo tempo partes escuras e partes brilhantes, sua superfície não pode ser plana, mas sim terá ângulos, curvas ou ambas as coisas a um só tempo.

Êstes "indícios secundários" aprendem as pessoas dotadas de vista normal tão paulatinamente, que não dão conta de que se trata de uma aprendizagem. Muitos peritos na matéria opinam hoje como Leonardo da Vinci, afirmando que tais detalhes são os que mais contribuem para a nossa percepção de profundidade.

Há dois séculos, tais conclusões não teriam encontrado aceitação. Em 1709, George Berkeley, que então contava 24 anos de idade, publicou sua sensacional tese relativa a sua nova Teoria da Vista. Descartou, como coisa de pouca importância, os indícios complicados e declarou **que a côr e o brilho são os únicos elemen-**

tos básicos da visão, e que a percepção de profundidade provém da interpretação inconsciente de certos movimentos musculares na estrutura do ôlho. A teoria expressada por Berkeley não era tão original como êle acreditava, já que no século IV, antes da era cristã, Euclides observara que os olhos convergem quando enfocam um objeto próximo. Descartes, no século XVII, por sua vez, afirmou que os movimentos dos olhos podem expressar-se em fórmulas matemáticas. De acôrdo com sua hipótese, os olhos "tateam a distância, valendo-se do ângulo de convergência, como um cego pode tatear a distância, utilizando um bastão em cada mão."

Muitos oculistas contemporâneos consideram que os movimentos musculares contribuem para a visão tridimensional; êstes fenômenos musculares, por outra parte, são muitíssimo mais complexos do que se havia suposto.

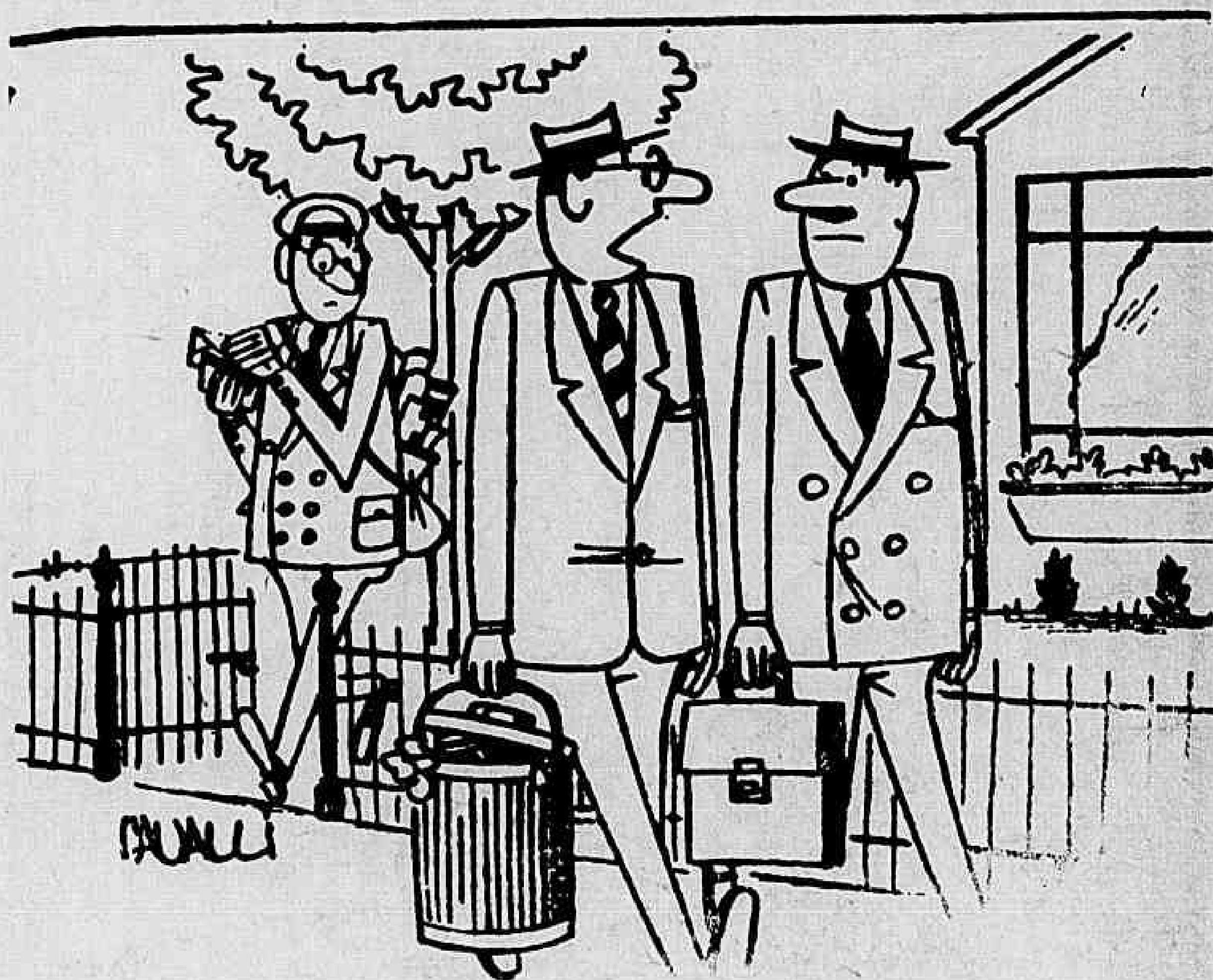
Quando queremos enfocar a vista em um objeto, há determinados músculos que agindo sôbre o ôlho o movem na direção justa; para que a imagem seja clara, o cristalino se torna mais grosso ou mais fino, segundo convenha; por sua vez, a pupila se contrai ou se dilata para que penetre a devida intensidade de luz.

A pessoa de vista normal não sente estas contrações musculares nem ajustes do ôlho, que obedecem a um mecanismo cerebral subconsciente. No entanto, alguns dêsses movimentos podem ser medidos. Foi possível comprovar, realmente, que os músculos do ôlho se movem em proporção direta à distância do objeto que fitamos, dentro de um campo visual que não passe de 6 metros. Êstes movimentos musculares persistem, mesmo quando se perde a visão de um dos olhos. Muitos dos importantes músculos oculares são extraordinários e msua constituição, e alguns dêles terminam em diminutos órgãos especiais — pode haver até 30 num pequeníssimo músculo — cujas funções ainda não são inteiramente conhecidas. Um mínimo reajuste nesses pequeninos músculos transmite importantes sinais ao cérebro.

Alguns opinam que embora sejam muito importantes tais movimentos musculares — como também o que se aprende com a experiência — são de importância secundária em comparação com as imagens sobrepostas, que recebemos pelos dois olhos. Até princípios do século XVII acreditaram os especialistas que o cristalino do ôlho servia de receptor, e foi Kepler quem demonstrou que, na realidade, o cristalino é uma lente que enfoca a imagem na retina.

Sòmente em 1833, foi quando começaram a compreender a dupla função da vista normal do homem. Os olhos distam uns 7,5 centímetros, entre si, e cada um constitui um aparelho ótico completo, de modo que cada ôlho contempla o mundo exterior de sua própria órbita. Em conseqüência, o cérebro recebe duas séries simultâneas de impressões, sobrepondo-se as imagens nas porções centrais.

Para demonstrá-lo podemos fazer uma simples experiência. Fechemos o punho e coloquemo-lo diante dos olhos, a uns 15 centímetros de distância. Alternando com um ôlho aberto e outro fechado, contemplemos o nosso punho. Devemos repetir a experiência, movendo o punho para diferentes distâncias. Observaremos que não podemos ver imagens iguais, com ambos os olhos, e que quanto mais próximo estiver, maior será a diferença entre as imagens. A seguir contemplemos o punho com os dois olhos a um só tempo e observaremos que o que se vê é uma combinação das diferentes imagens.



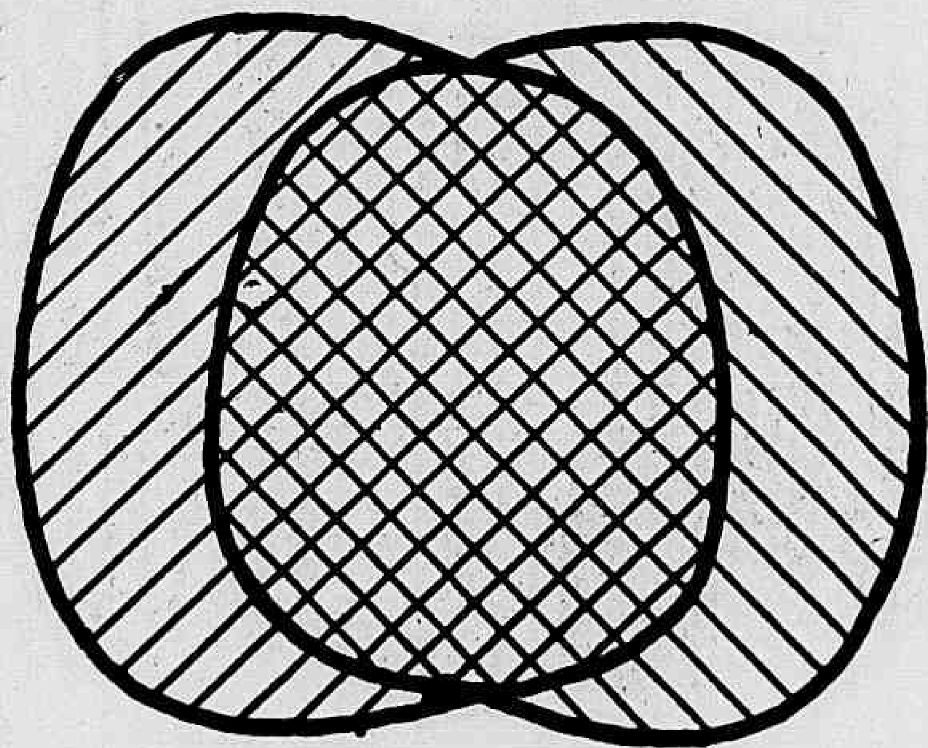
— Maricota vai ficar zangadíssima, pois não sei mais o que foi ela pediu que eu fizesse ao sair de casa!

A superposição dos campos visuais também pode ser demonstrada de outra forma. Tomemos duas coisas idênticas — duas moedas, por exemplo — e coloquemo-las em uma fôlha de papel, a uma distância de uns 7,5 centímetros, entre si, bem alinhadas. Fixemos a vista na ponta de um lápis colocado no ponto médio entre as duas moedas. Mantenhamos a vista no lápis e, pouco a pouco, levantemo-lo para a ponta do nariz. Ao fazer tal movimento notaremos que as moedas se aproximam entre si, chegando a confundir-se numa só imagem, de maneira que apenas veremos uma moeda.

Sir Charles Wheatstone dedicou um cuidadoso estudo ao problema da visão clara, não obstante a superposição dos campos visuais. Inventou o estereoscópio, que vem a ser como o bisavô do cinema em 3-D. Sir Charles ficou convencido de que a percepção de profundidade se deve, justamente, à disparidade da imagem.

A forma em que se sobrepõem as imamens na visão foi objeto de minuciosas investigações. Na figura 2 estão representados aproximadamente os campos visuais, e a parte sombreada corresponde à porção visível com os dois olhos.

A recepção de imagens duplas não se limita às partes afetadas pela distância entre os olhos de cada indivíduo. Existiria esta limitação, se a cabeça e os olhos permanecessem imóveis, mas na realidade tanto a primeira como os segundos se movem quase constantemente. Cada vez que movemos a cabeça de um lado para outro ou de cima para baixo, por insignificante que seja o movimento, e cada vez que os olhos vão de um objeto para outro, são produzidas imagens superpostas. Se fôsse possível expor uma chapa fotográfica da mesma maneira que a luz impressiona a retina, a placa ficaria estragada em poucos segundos; mas o aparelho ótico humano tem a misteriosa faculdade de filtrar os borrões. Eis o exemplo: ao ler uma linha de imprensa de um livro de largura corrente, os olhos mudam três vêzes de foco, e o leitor recebe imagens dos bordos e do centro do campo visual. Se os olhos fôssem como placas fotográficas, poderiam produzir três séries de imagens superpostas.



Campos visuais aproximados do ôlho direito e esquerdo, quando se fita um objeto a 5 metros de distância. Veremos imagens superpostas de tôda a área sombreada.

Dado que a impressão recebida por um indivíduo é clara, é evidente que os olhos possuem algum delicado mecanismo para integrar essas imagens superpostas. Ninguém sabe nem em que consiste nem como funciona, porém com inteira segurança êsse misterioso mecanismo há de desempenhar um papel importante na visão tridimensional.

Entre os peritos alguns sustentaram a teoria de que a percepção de profundidade e de distância é produzida pelo espaço entre os olhos de onde provém a superposição das imagens. Esta hipótese ficou desvirtuada em numerosos casos. Por exemplo: Wiley Post era um aviador habilíssimo e não tinha dificuldades em aterrissar e manobrar um avião, embora tivesse um só ôlho. Guilfoyle, um "ás" da RAF, na Segunda Guerra Mundial, demonstrou possuir uma percepção exata de profundidade, sem perceber imagens superpostas, embora também fôsse caôlho.

Foram realizados ensaios que demonstram que o uso de óculos pelos aviadores navais, para impedir a superposição de campos visuais, causava, de início, uma tendência para nivelar muito alto, porém êsse defeito era logo corrigido e a aterrissagem se realizava sem dificuldades. Observou-se também que há animais como o coelho e o rato, cujos olhos estão situados de maneira que não ocorre a superposição de imagens visuais. Enquanto o coelho não move a cabeça não pode ver com o ôlho direito nenhuma porção da área que vê com o esquerdo. E, no entanto, o coelho se arranja muito bem neste mundo tridimensional.

Era necessário, pois, buscar um quarto elemento contribuinte para o fenômeno da percepção de profundidade, que fôsse comum tanto às pessoas dotadas de boa vista em ambos os olhos como àquelas que tinham apenas um ôlho. E, finalmente, verificaram os técnicos que êsse elemento era... o nariz! Situado entre os olhos, tão constante e tão conspícuo... e havia passado inadvertido!

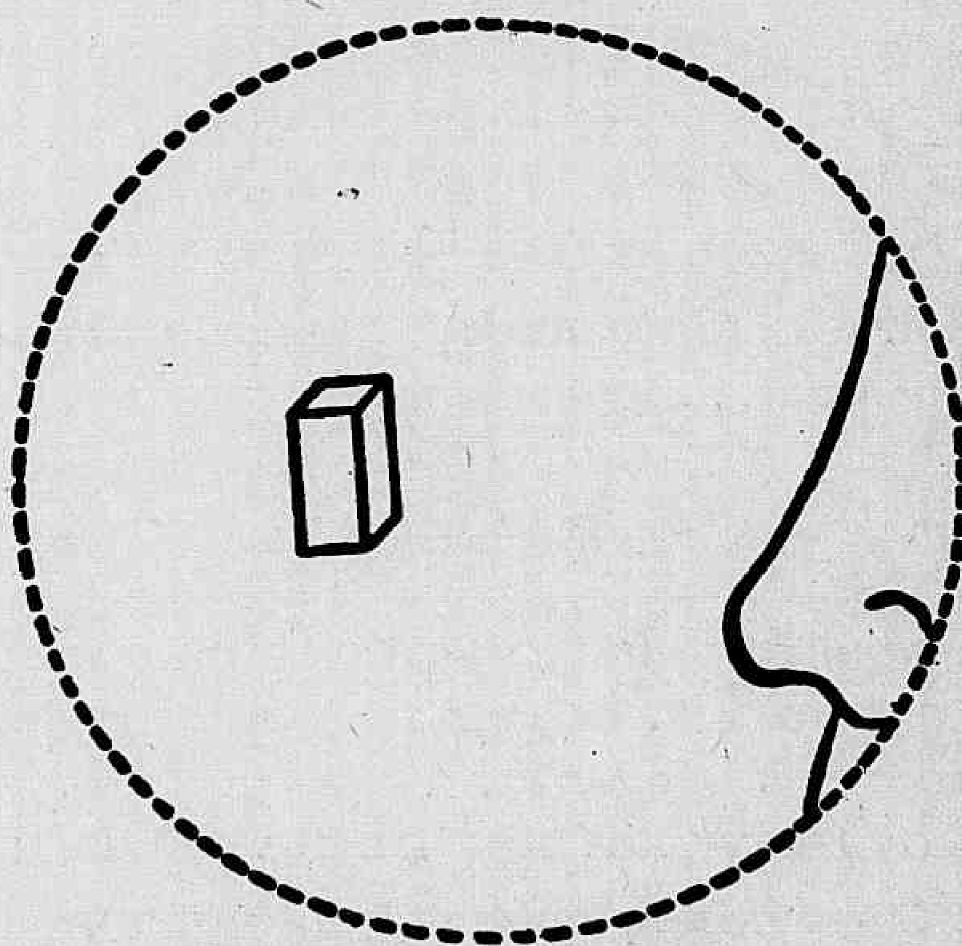
Se o leitor quiser convencer-se disso, deve fazer esta experiência: Fechar um ôlho e colocar a mão a 15 ou 20 centímetros do rosto. Mover os olhos (verificará que o ôlho fechado também se move) procurando percorrer todo o campo visual. Observará, então, que a ponta do nariz sobressai por cima dos contornos do campo visual. A seguir, dirigir os olhos para a mão. Então verá que o nariz ainda se distingue, embora ordinàriamente, não devesse ser visto. Alternando, primeiro com um ôlho aberto e depois com outro, procurar olhar numa direção em cujo campo visual nada veja do nariz. Quando estiver plenamente consciente de que nessa direção não vê o nariz, abrir os dois olhos. Então há de ver que não poderá deixar de ver o nariz, qualquer que seja a direção para a qual dirija o olhar.

O mecanismo da percepção de profundidade calcula as distâncias e as dá a conhecer ao cérebro, realizando comparações automáticas e constantes, embora inconscientes, entre o nariz (distância conhecida) e os outros objetos que aparecem no campo visual (distâncias desconhecidas).

Comprove o próprio leitor a habilidade dos olhos para verificar comparações automáticas. Deve fazer esta experiência: Num quarto completamente escuro introduzir um objeto luminoso, porém muito fraco, que não chegue para iluminar as paredes... e o próprio nariz — a esfera luminosa de um relógio pode servir. Pedir a alguém que apanhe o relógio luminoso e o vá afastando do leitor, lentamente, desde uma distância de um metro, mais ou menos. O resultado será que o leitor terá dificuldade de apontar as alterações de distância de menos de 15 centímetros, embora em condições normais com facilidade diria as variações de apenas alguns milímetros. Isto significa, que, contando com um estímulo apenas, e privado de distâncias conhecidas, com as quais possa comparar a distância incógnita, a visão tridimensional funciona mal ou não funciona.

Na visão normal de três dimensões, parece que os elementos mais importantes são: a referência inconsciente do nariz, como ponto básico; a experiência com sombras, luz e outros indícios que aprendemos a utilizar desde a infância; os movimentos musculares; e, finalmente, as imagens superpostas. Porém o fato de que conheçamos a existência e os efeitos de todos êsses complexos fatôres, só intensifica o mistério da visão sem explicá-lo. O homem apenas pode medir um dêsses fatôres a um tempo; porém o mecanismo visual compreende todos êles simultâneamente, num instante, e sem nenhum esfôrço consciente de nossa parte.

Talvez logrem os técnicos combinar diversos aparelhos mensuradores em uma só máquina capaz de reproduzir as funções que nosso aparelho ótico realiza com a maior naturalidade. Porém atualmente nada há nem em existência nem em projeto que possa, sequer, ser comparado com o maravilhoso funcionamento do ôlho humano, obra do Desenhador do Universo.



Campo visual que é dominado pelo ôlho esquerdo do autor. A vista se enfoca na caixa de fósforo pregada na parede, a uns 45 centímetros de distância e um pouco abaixo do nível do ôlho. Além da porção do campo visual ocupado pelo nariz, a curva do lábio superior proporciona um «indicador de profundidade» secundário.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

«Amo com estremecido afeto o meu idioma; forcejo por me não tornar cúmplice com os que com acinte o desprezam e desdoiram; apraz-me o doce convívio com os melhores escritores, folheando-os com mão diurna e noturna.» — CARNEIRO RIBEIRO

NOTAS DO MEU FICHARIO

I — DA CORRELAÇÃO

Correlação é processo especial de subordinação.

Há vários processos de correlação, entre os quais devemos ressaltar:

a) o decorrente da existência de conjunção correlativa, e que observamos no seguinte passo:

"Em tão poucos anos de vida logrou tantos séculos de virtude | *que* a gloriosa memória das suas ações será eterna ocupação da posteridade."

(Diogo Barbosa)

Observe-se o *que* relacionado com o advérbio *tão*.

b) o decorrente da existência de jôgo de palavras:

"E | como estamos acostumados a ver | *que* as cousas valem *tanto mais* | *quanto maiores* são os esforços e sacrifícios | com que são obtidas | a conseqüência é | que o destino da humanidade será *tanto mais* elevado | *quanto mais* profundos e dolorosos são os sofrimentos humanos."

Note-se: *tanto mais... quanto maiores; tanto mais... quanto mais*.

II — DO PLEONASMO

A repetição de um têrmo torna o sentido mais claro, a linguagem mais forte, o estilo mais elegante.

É o que vemos nos trechos abaixo:

" *Estas flôres*, magia de um jardim instantâneo, *estas flôres*, em que se desentranha, ao contacto da Bahia, o berço, que me afogastes com a vossa ternura, que me guardastes com a vossa vigília, que me perfumastes com as vossas virtudes, *estas flôres* são vossas: recebei-as."

(Rui Barbosa)

"Religião divina, misteriosa e encantadora, *tu*, que dirigiste meus passos na vereda escabrosa da eloqüência, *tu*, a quem devo tôdas as minhas inspirações, *tu*, minha estrêla, minha consolação, meu único refúgio, toma esta coroa..."

(Mont'Alverne)

Observamos, no texto de Rui Barbosa a repetição do têrmo *estas flôres*; no de Mont'Alverne, a do pronome *tu*.

O têrmo que repete outro recebe a denominação que lhe cabe; acrescida do adjetivo pleonástico: *sujeito pleonástico, objeto direto pleonástico*, etc.

III — DA ANTEPOSIÇÃO

É comum a anteposição de têrmos ao conectivo oracional.

Exemplo:

"A estrada que atravessa essas regiões incultas desenrola-se à maneira de alvejante faixa, *aberta que* é na areia, elemento dominante na composição de todo aquêle solo."

(Taunay)

Aberta que é, isto é, porque é aberta.

IV — DOS EXPLETIVOS

As expressões *foi que, é que, será que* podem constituir meros expletivos, como nos seguintes passos:

"*Foi* nesse século XVI *que* se esculpiu o côro da Igreja de São Jaques em Diepe."

(Eduardo Prado)

No período acima, só existe uma oração: o *foi que* é simples expletivo.

"E quando *é que* o Brasil começou a existir para o resto do mundo?"

(Eduardo Prado)

Também no exemplo acima só existe uma oração (é que = expletivo).

JOSÉ RICARDO NETO

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM SETEMBRO DE 1954

1 — QUARTA-FEIRA: — O Brasil decide manter o preço mínimo do café e com isso espera desanimar os que, nos Estados Unidos, se esforçam por baixar mais e mais êste produto. — Dissolvida a Junta Governativa da Guatemala. — Anunciada a conclusão da troca de prisioneiros na Indo-China. — Visita a China comunista uma delegação do Partido Trabalhista Britânico. — Empossado o dr. José Costa Pinta nas funções de Ministro da Agricultura. — Empossado o sr. Aramys Athayde no cargo de Ministro da Saúde e o prof. José Cândido Mota Filho no cargo de Ministro da Educação.

2 — QUINTA-FEIRA: — A Inglaterra declara ser partidária da formação de um exército alemão dentro do Pacto do Atlântico. — Índia e Portugal marcam o dia 7 próximo, para início das negociações entre os dois países. — Descoberta vasta rêde de espionagem comunista nas Filipinas. — Novos atos de terrorismo contra os franceses, na Tunísia. — Homenageado na Câmara e no Senado o Legado Pontifício Cardeal Piazza. — Designado o general Francisco Borges de Oliveira Presidente da Fundação Brasil Central.

3 — SEXTA-FEIRA: — Protesta a Rússia contra a formação de um Exército Alemão ocidental. — Em conseqüência, o gabinete Mendès-France sofre forte abalo, sendo substituídos vários ministros. — Os comunistas abrem o fogo de suas baterias pesadas contra o baluarte nacionalista de Quemoy, receando-se que êsse seja o início do ataque geral contra Formosa. — O premier Nehru, da Índia, referindo-se a uma nota inglêsa de protesto contra a política indiana com referência a Goa, declara que "a nota inglêsa não interessa ao seu país, que não mudará de atitude sôbre o assunto". — Aprovada a indicação do sr. Alim Pedro para a Prefeitura do D. Federal, pelo Senado.

4 — SÁBADO — Mais profunda do que a princípio, a crise na Europa Ocidental em face das discussões sôbre o sistema de defesa, sendo a contrariedade maior causada pela retirada da França. — O general Jean De Castries é libertado pelos indochineses, após três meses de cativeiro quando caiu o baluarte de Dien Bien Phu, do qual era comandante. — Inaugurada a



O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

À venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo



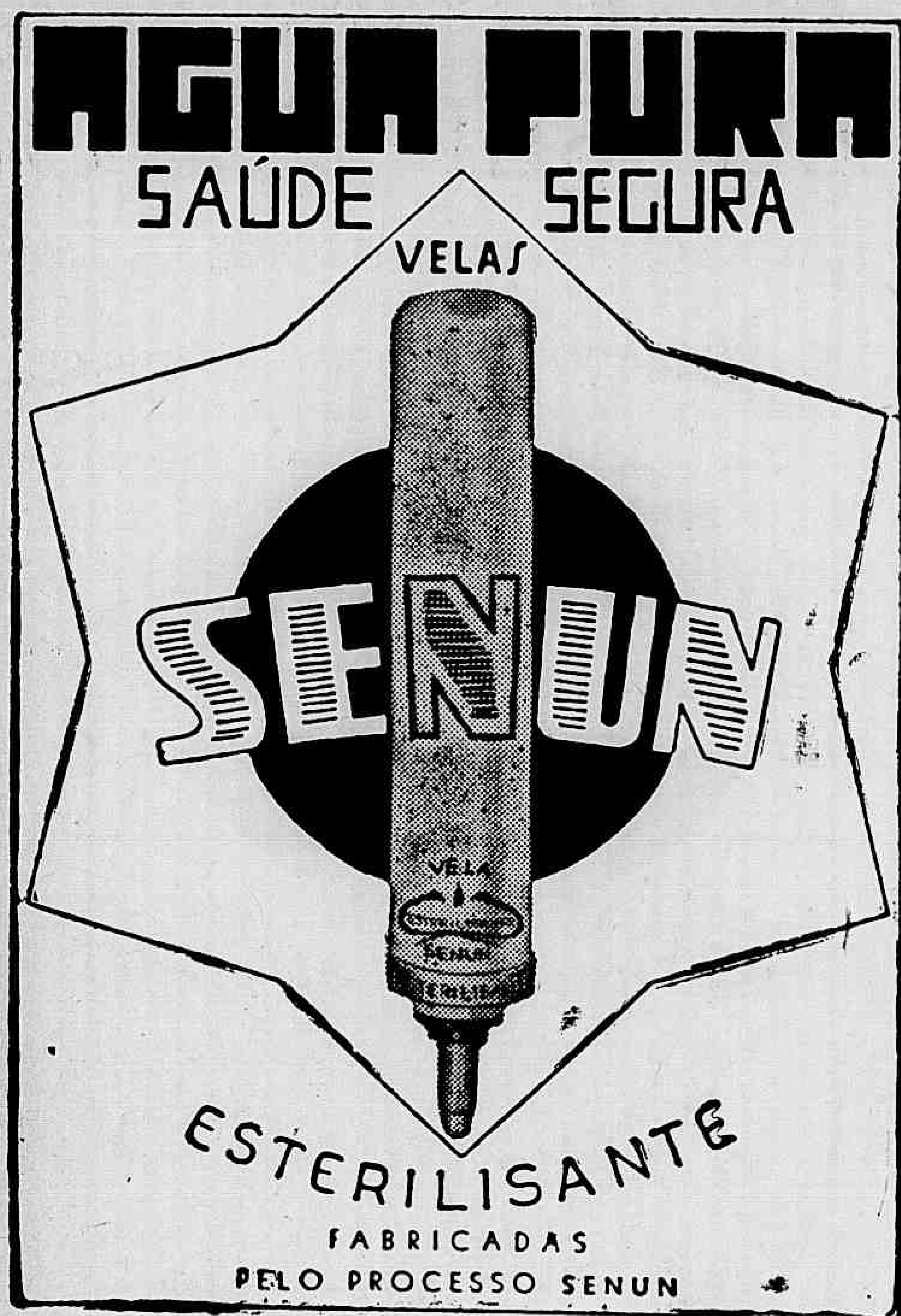
Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....



conferência franco-tunisiana visando um novo *modus-vivendi*. Enquanto isso continuam os ataques aos cidadãos e autoridades francesas. — A VII Esquadra Norte-Americana pronta para defender Quemoy de um ataque da China Comunista. — Severas medidas para combater a infiltração comunista na Nicarágua. — Nomeado o engenheiro Alim Pedro Prefeito do D. Federal . — Nomeado para a presidência do Banco do Brasil o sr. Clemente Mariani. — Falece nesta capital o ministro aposentado do S. T. Federal, dr. Antônio Pires de Carvalho e Albuquerque.

5 — DOMINGO — O presidente Eisenhower anuncia que os Estados Unidos e outras seis nações decidiram constituir um fundo comum de informações e materiais destinados ao desenvolvimento internacional da energia atômica para fins pacíficos. — Navios de guerra soviéticos, em manobras no círculo ártico abrem fogo contra pacatos navios da Dinamarca. — Gigantesco incêndio destrói a quase totalidade da cidade de Halpcha, com 70 mil habitantes e situada próxima da fronteira iraniana.

6 — SEGUNDA-FEIRA: — Repelido o protesto russo contra a liberdade concedida à Alemanha ocidental para constituir um Exército. — Winston Churchill dirige pessoalmente os esforços do seu país no sentido de fortalecer o Pacto de Defesa da Europa "quase arruinado com a teimosia francesa". — Por sua vez, o sr. Foster Dulles declara estar otimista quanto à pronta formação de um bloco de defesa para o sudeste da Ásia. — Nomeado o sr. Paulo Boppe de Figueiredo, diretor do I.P.A.S.E..

7 — TÊRÇA-FEIRA: — Aviões nacionalistas chineses, em revide ao bombardeio das baterias comunistas, afundam uma centena de juncos de guerra da China comunista e o pôrto de Amoy. — A Índia continua recusando permissão para o envio de observadores neutros para Goa. — Entre os 64 países representados na Assembléia das Congregações Marianas, a ser inaugurada por Pio XII, figuram a Rússia, a Ucrânia, a Polônia, a Hungria, a Tcheco-Eslováquia e a Albânia. — Realizado nesta capital o desfile militar de Sete de Setembro, participando fôrças de terra, mar e ar, num total de 30 mil homens.

8 — QUARTA-FEIRA: Ampliado o Pacto de Defesa do sudeste da Ásia, significando que o Paquistão e o Laos estão incluídos no mesmo. — Crise ministerial do Líbano com a renúncia coletiva do gabinete Abduliam Yafi. — Novas ondas de aviões nacionalistas chineses atacam Amoy para desbaratar a anunciada ofensiva contra Formosa. — Posse do general Canrobert Pereira da Costa na chefia do Estado Maior das Fôrças Armadas. Chega a esta capital o sr. Henry F. Holandas, sub-secretário-adjunto dos Estados Unidos.

9 — QUINTA-FEIRA: — Grande terremoto, na Argélia, causando perto de mil mortes, atingindo principalmente a cidade de Orleansville. — Na troca de notas sôbre o metralhamento de um avião nor-

te-americano por caças russos, os Estados Unidos declaram que "êsses tipos de incidentes ameaçam a manutenção da paz e da segurança internacionais". — Crise política no Egito, sendo suspenso de tôdas as funções, por decisão do Conselho da Revolução, o major Salah Salem, Ministro da Orientação Nacional.

10 — SEXTA-FEIRA: — A Rússia declara, no Conselho de Segurança da ONU que "os Estados Unidos deturparam deliberadamente, com fins de provocação o incidente ao largo da Sibéria, no qual um avião norte-americano foi abatido por caças russos". — Reassume suas funções como ministro da Orientação Nacional do Egito o major Salah Salem. — Enquanto a conferência luso-indiana não se inicia, novos contingentes de voluntários penetram nas possessões portuguêsas. — Registrados mais 60 abalos de terra na Algéria, no setor de Orleansville, de onde a população foge em pânico. — Visita a Câmara o chanceller de Portugal, sr. Paulo Cunha. — Nomeado o cel. Hélio Braga para a presidência da COFAP.

11 — SÁBADO — Recolhidos até a presente data 1.287 cadáveres em Orleansville, sendo dêsse total 40 de europeus. Continuam os tremores da terra, estando a população sem dormir há 48 horas, em ininterrupto alarme. — O sr. Eden declara estar otimista quanto à solução dos problemas da Europa Ocidental, criados pelo rearmamento da Alemanha. — Exonerado da presidência do I.A.P.C. o sr. Rodrigo Barjas Filho.

12 — DOMINGO — As eleições para renovação da Dieta do Schleswig-Holstein, Alemanha, infligem nítida derrota ao Partido Cristão Democrata do Chanceler Adenauer, permitindo aos sociais-democratas a reconquista do primeiro lugar, que haviam perdido em 1953. — Segundo o Times de Londres, "o melhor processo para estudar a situação econômica do Brasil é compará-la com a da Argentina". — Novas agitações sociais trabalhistas no Chile.

13 — SEGUNDA-FEIRA: — Inaugurado em Paris o V Congresso Internacional de Transfusão de Sangue. — A "interlíngua", idioma formado de vários idiomas, alcança êxito extraordinário entre os dois mil e tantos delegados ao Segundo Congresso Mundial de Cardiologia, reunido em Washington. — O Japão é açoitado por grande furacão, sendo destruídas 300 casas sòmente em Tóquio onde 30 pessoas estão desaparecidas. — Passa de 1.600 o número de mortos retirados dos escombros de Orleansville, na Argélia.

14 — TÊRÇA-FEIRA: — Anthony Eden desenvolve tremendos esforços para salvar a comunidade européia da defesa, afir-

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O MAIS ANTIGO DO RIO DE JANEIRO

Capital .... Cr$ 90.000.000,00
Reservas .... Cr$ 83.000.000,00

Matriz:

RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Tel. 43-8966

AGÊNCIAS:

Distrito Federal:

COPACABANA — Av. Copacabana, 1.155
MÉIER — Rua 24 de Maio, 1.355
S. CRISTÓVÃO — Rua S. Luís Gonzaga, 45
TIJUCA — Praça Saenz Peña, 9
URUGUAIANA — Rua Uruguaiana, 7
RIACHUELO — Rua Riachuelo, 387
MADUREIRA — Est. Portela, 44-A
Estado de S. Paulo: S. PAULO — CAPITAL

TÔDAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS INCLUSIVE CÂMBIO

SEÇÕES ESPECIALIZADAS PARA GUARDA DE TÍTULOS E VALORES

mando que irá até o extremo de sacrificar o atual plano econômico da Inglaterra. — O presidente Carlos Ibañez, do Chile, pede ao Congresso drásticos poderes de emergência a fim de acabar com as greves que paralisam a produção de cobre, estrangulando os transportes e os Bancos. — O govêrno iraniano toma severas medidas para combater a infiltração comunista no Exército. — Continua o Japão a sofrer os efeitos do furacão que agora ataca a ilha de Hokkaido, no extremo norte do país. — No Estado do Maine, tradicionalmente democrata nos últimos 25 anos, o democrata Edmund S. Muskis derrota o governador republicano Burton Gross. — Grande reforços nacionalistas chineses enviados para a ilha de Quemoy — Troca de notas, no Itamaraty, relativas ao Ajuste Comercial luso-brasileiro.

15 — QUARTA-FEIRA: — A França exige dá Inglaterra "garantias contra o renascimento do militarismo alemão". — Novos tremores da terra na Argélia. — Decretada a lei marcial na província de O'Higgins, Chile, a fim de combater o flagelo das greves. — Em Haarler, Holanda, é lançado ao mar o navio Presidente Vargas, de 18.000 toneladas e destinado a uma companhia de navegação do Brasil. — O sr. Henry Smith, membro da Comissão de Energia Atômica, afirma que "os Estados Unidos possuem tal estoque de bombas atômicas, que responderiam com uma fôrça simplesmente esmagadora a qualquer ataque". — Reeleito Mao Tse Tung presidente da China comunista. — Instalado em Estocolmo o III Congresso Internacional de Medicina. — Nomeado diretor geral do DASP o sr. Jair Tovar. — Nomeado diretor geral do DASP o sr. Jair Tovar. — Nomeado o sr. Henrique de Toledo Dodsworth presidente da Caixa Econômica Federal. — Empossados como governadores dos Territórios Federais do Rio Branco e Guaporé, os srs. Salvador Pinto Filho e major Paulo Neves Leal, respectivamente.

16 — QUINTA-FEIRA: — Declara o premier indiano, sr. Nehru, que a Índia quer negociar diretamente com Portugal, sem necessidade de terceiros. — Moscou anuncia novas experiências com bombas atômicas. — Volta o Papa Pio XII a ser atacado por distúrbios gástricos. — Mais dois abalos sísmicos na Argélia, completando o arrasamento de Orleansville. — Muito difícil a situação interna do Chile.

17 — SEXTA-FEIRA: — Estados Unidos e Inglaterra, unidos numa ofensiva no sentido de harmonizar os interêsses das diferentes nações do Pacto de Defesa da Europa. — Desmente o Brasil qualquer alteração no valor do Cruzeiro. — Com a presença do Presidente da República, o Instituto Benjamim Constant comemora o seu primeiro centenário de fundação.

18 — SÁBADO: — Adail Stevenson inicia a campanha democrática, atacando o govêrno de Eisenhower, declarando que chefia um partido eternamente dividido e que só se mostra unânime quando se trata de beneficiar a interêsses inconfessáveis. — Explode no "Nautilus", o primeiro sub-



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhaúma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO



marino atômico, um tubo condutor no correr de experiências com as instalações de bordo. — Revela-se que o Papa Pio XII não está enfêrmo mas apenas fatigado. — Nomeado interinamente ministro da Fazenda o sr. Eugênio Gudin.

19 — DOMINGO: — Renunciam nove ministros do gabinete do premier Nao Dinh Dien, do Vietnan, agravando-se sobremodo a situação interna dêsse país. — Encerrado o VII período de sessões da ONU. — Suíça e Bélgica assinam convênio de intercâmbio de conhecimentos atômicos.

20 — SEGUNDA-FEIRA: — Regressa a Washington, bastante otimista quanto à ação anglo-norte-americana para solução da crise política na Europa Ocidental, o sr. Foster Dulles. — Volta o Papa Pio XII a ser atacado de soluços — Assinado no Irã, o convênio do petróleo com um consórcio internacional. — Considera-se quase resolvido o problema de Trieste, fato que é comentado com geral agrado na imprensa italiana e iugoslávia.

21 — TÊRÇA-FEIRA: — Inaugurados os trabalhos da IX Assembléia Geral da ONU, imediatamente ocupada com a disputa leste-oeste, sôbre a China comunista e o rearmamento da Alemanha. — O general Nguyen Van Hihm, chefe do E. Maior Vietnamita confirma que o imperador Bao-Dai aprova sua oposição ao govêrno Nao Dinh Dien e que se considerava chfe de Estado, acabando com o poder do Exército. — A Inglaterra oferece sua influência como mediadora do conflito entre Israel e a Jordânia. — O chanceler Adenauer insiste na necessidade da admissão da Alemanha na Otan, como medida acauteladora dos interêsses europeus. — Nomeado o sr. Elmano Cardin presidente do I.B.G.E.

22 — QUARTA-FEIRA: — Washington revela oficialmente a breve solução do problema de Trieste. — A oposição italiana pede a imediata renúncia do govêrno em conseqüência do escândalo dos entorpecentes. — Começa a reagir o café nos Estados Unidos, melhorando sensìvelmente os preços no mercado internacional. — Todo o Chile sob o "estado de sítio".

23 — QUINTA-FEIRA: — Fontes autorizadas francesas anunciam que a Rússia melhorou substâncialmente o potencial combativo de suas fôrças. — Numa terrível explosão de gasolina em Bittisburgo, subúrbio de Coblença, Alemanha, morrem 24 técnicos e operários, havendo 12 pessoas desaparecidas e 50 feridos graves. — Seis marinheiros poloneses pedem asilo político na Inglaterra. — Aviões nacionalistas prosseguem o intenso bombardeio das posições comunistas de Amoy.

24 — SEXTA-FEIRA: — Em Nova York, o ministro da Fazenda, sr. Eugênio Gudin. — Revelado que o Brasil está produzindo 20% do trigo de que necessita. — Monsenhor Armando Lombardi, atual núncio em Caracas é nomeado núncio no Rio de Janeiro. — Nomeado diretor do Serviço de Assistência a Menores, o dr. Guilherme Romano.

25 — SÁBADO — Havendo melhorado dos soluços, o Papa se volta novamente para os seus trabalhos, atendendo às várias delegações de peregrinos norte-americanos e aos membros do Congresso Internacional de Geodésia. — O premier italiano, Mário Scelba, obtém um voto de confiança, apesar das dificuldades criadas para o seu gabinete com o escândalo dos entorpecentes, mais conhecido como "o

Alívio rápido para
HEMORROIDES
Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada ManZan
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo.

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO
Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo
Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....

(Favor escrever em letra de fôrma)

ENDERÊÇO ....

CIDADE .... ESTADO ....

Escândalo do Século". Chega a esta capital, o sr. Larcase Bernardin, novo embaixador do Haiti.

26 — DOMINGO: — A "Conferência dos Nove, ora reunida em Londres, apresenta uma importância decisiva para a Alemanha e para a Europa", declara o chanceler Adenauer. — O sr. Clement Attlee, líder trabalhista britânico diz que "A China comunista é dirigida por um govêrno de idealistas". — Mil duzentas e quarenta e sete pessoas morrem afogadas, no Japão, em conseqüência de dois naufragios provocados pelo tufão que há uma semana varre o país.

27 — SEGUNDA-FEIRA: — Adenauer esperançoso de que a Conferência dos Nove "encontre o caminho justo e que êste só poderá trazer melhores esperanças para a Alemanha". — Criticados severamente pela imprensa conservadora londrina os sete delegados trabalhistas que acabam de regressar da China comunista. — Mil cento e oitenta pessoas, das quais 56 estrangeiras, morrem no naufrágio do ferry-boat Doya Maru, no norte do Japão. — Depois de vencer a crise provocada pelo "Escândalo do Ano", o gabinete Scelba enfrenta uma tentativa comunista para derrubá-lo na Câmara dos Deputados. — Uma Comissão Federal de Investigação recomenda que o senador McCarthy seja censurado pela Câmara Alta.

28 — TÊRÇA-FEIRA: — Espera-se como certa a concessão de autonomia à Alemanha Ocidental. — Reunido em Roma o XIV Congresso Internacional de História da Medicina. — Desaba em Sta. Teresa um prédio de apartamentos, matando quase duas centenas de moradores. — Considerado restabelecido o Papa Pio XII. — Expulsos da China comunista dois missionários portuguêses. — Cento e quinze mortos na Índia, em consequência de desastre ferroviário. — Proibidas em Madri as cerimônias do ano santo, judeu.

29 — QUARTA-FEIRA: — A Inglaterra se compromete a manter fôrças no continente europeu, a fim de vencer a última resistência francesa contra o Pacto de Defesa Européia. — Fontes aliadas esperam para três dias a solução do Problema de Trieste. — Falece em Washington o senador Pet McCarran, co-autor da controvertida lei de imigração. — Revela o premier Nehru que a Índia ocupará Goa de qualquer maneira, em caso de conflito mundial. — Volta a tremer a terra em Argel, enquanto Honduras se vê assolada por uma inundação causada por uma tormenta tropical.

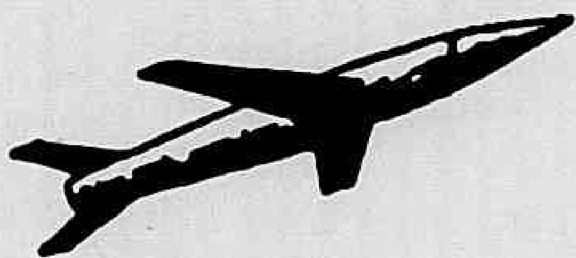
30 — QUINTA-FEIRA: — O premier Scelba obtém novo voto de confiança, apesar da tenaz ofensiva comunista na Câmara italiana. — Entregue oficialmente à Marinha norte-americana o "Nautilus", que é o primeiro submarino atômico em todo mundo. — Volta a Rússia, no Conselho de segurança e pela palavra do sr. Vishinsky, a propor a eliminação das armas atômicas e limitação dos demais armamentos. — Nomeado o Marechal José Pessoas Cavalcanti de Albuquerque presidente da Comissão de Localização da nova Capital Federal.

3.500 QUILÔMETROS À HORA...
15.000 METROS DE ALTITUDE...

E' O FOGUETE RACIOCINA

Não tem outro objetivo além de matar e destruir. Nenhum bombardeiro pode escapar ao seu ôlho eletrônico. Logo depois de ser disparado, avança sôbre prêsa com uma rapidez três vêzes maior do que a do som. Seu cérebro-autômato, dotado de reflexos ultra-rápidos, é capaz de frustar qualquer artifício do inimigo.

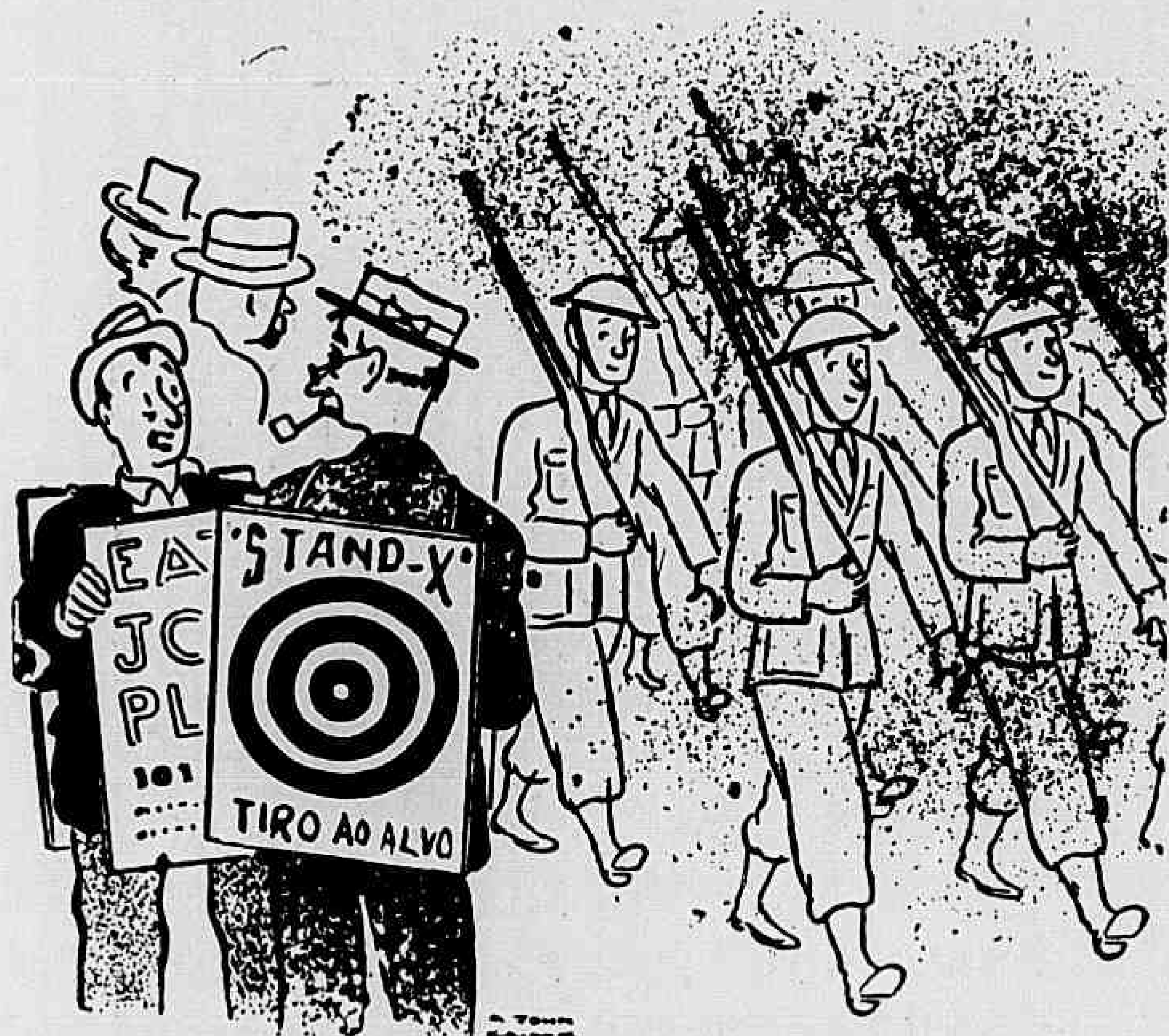
Com oito metros de comprimento, pesando uma tonelada, o novo foguete evo-



lui como uma abelha. Sua mobilidade é sem limite. Nenhum organismo humano poderia suportar suas curvas, seus mergulhos e "loopings". Nenhuma asa de avião jamais resistiria a tal contorsionismo super-sônico. O novo "matador de bombardeiros", da aviação britânica, nunca perde o seu objetivo.

Tal a revelação sensacional feita recentemente por Mr. Duncan Sandys, ministro da Aeronáutica da Grã-Bretanha. As experiências sôbre o novo e diabólico engenho foram feitas na base de Aberporth, no sul da Inglaterra, e uma ordem de fabricação já foi dada a uma série de usinas especializadas. Diversos prototipos e certos modelos da série serão transportados para a Austrália, no próximo mês, para uma prova em Woomera, centro britânico de experiências atômicas.

Êste primeiro foguete, ainda suscetível de grandes aperfeiçoamentos, coloca a In-



— No seu lugar, eu pediria um aumento de salário, pois êsse é um trabalho arriscado.

A
CENA
MUDA

• Nova
• Moderna
• Diferente
• Colorida

EM TÔDAS AS BANCAS

TRABALHOS GRÁFICOS

★ LIVROS
★ FOLHETOS
★ PROSPECTOS
★ BULAS
★ RÓTULOS
★ CARTAZES

E QUALQUER SERVIÇO DO RAMO GRÁFICO
TRABALHO RÁPIDO E LIMPO

Cia. Editôra Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — TEL. 22-8647 — RIO

glaterra à frente das potências mundiais, na estrategia anti-atômica.

Impulsionado por quatro motores auxiliares, à reação, de que se liberta ao atingir a velocidade máxima de 3.500 km/h, o projetil deve ser incorporado a um novo sistema de defesa anti-atômica das Ilhas Britânicas. Sua missão capital será a de interceptar os bombardeiros atômicos inimigos antes de que êstes possam lançar as respectivas bombas.

Um serviço de localização magnética advertirá as bases aéreas britânicas da aproximação de aparelhos inimigos. Caças supersônicos partirão ao seu encontro, carregando o aterrador foguete, que libertarão no momento oportuno.

Esta nova tática suprime, portanto, a vantagem esmagadora dos modernos bombardeiros, capazes de voar a altitudes inacessíveis aos caças. O foguete, ("prolongamento" do caça), saberá *esquadrinhar* a estratosfera e *limpá-la*.

Tal inovação poderia muito bem marcar o fim do bombardeiro em uma futura guerra. Mas o gênio humano, que nunca se cansa de conceber novos engenhos de destruição, não descobrirá uma bomba-foguete, sem pilôto, capaz das mesmas *performances* que essa nova arma defensiva britânica?

Se esta previsão se realizar, tornar-se-á realidade a *guerra por compressão de botões*.



— De que lado você acende?

QUEBRA CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR

DR. LAVRUDINHO
SECRETÁRIO

ANO XXXVIII — N.º 20 — NOVEMBRO — 1954
DICIONÁRIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS — DE LIDACI — MONOSSÍLABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA

SENDO ESTA SEÇÃO DE DIFUSÃO DO CHARADISMO, NÃO PUBLICA TRABALHOS DIFÍCEIS

LOGOGRIFOS

— 57 —

Quando Jesus nasceu na sin-
[geleza,
Na doçura da **noite** de Natal, —
[1, 9, 8, 4, 1, 9
Ao mundo dando exemplo de
[pobreza,
Entre um boi e um **jumento**,
[num curral, - 5, 6, 3, 7, 1, 2

Guiado pelo rútilo fanal
Com que Deus ilumina a na-
[tureza,
Desde a **colina**, célere o zagal,
[— 1, 6, 3, 8, 2
Alma simples em zêlo ardente
[acesa,

Para **invocar**, primeiro entre os
[mortais, — 5, 4, 3, 9, 8,
Num gesto que profundo amor
[encerra,
O Salvador que nas palhinhas
[jaz,

Enquanto hino suave os céus
[invade:
"Glória a Deus nas alturas, paz
[na terra
A todo homem que tem **boa**
[vontade".

J. D. Mingo - Senhor do Bonfim

— 58 —

Se dá **lucro** a empreitada,
[3, 9, 7, 5, 6, 7
Ninguém **vence** o seu Honório
[6, 4, 5, 9, 4,
Com seu **severo** jeitão.
[2, 1, 3, 10
Pois topa qualquer parada
Ela se vai **palavrório** 8, 10, 5, 7
Ela se vai **confusão**.

Laranjeirense - Laranjeiras — Sergipe

CHARADAS CASAIS

— 59 — Duas —

Bagaço não é rolete,
Baiúca não é mercado,
Pêlo de pano encrespado
Não é fio nem **filête**

Dr. Barreto Cardoso - **G.C.N.** - **C.E.S.** - Maceió

60 — Quatro — Depois de ter **desfraldado** a bandeira, tôda a marinhagem estava **cansada**.

Bisilva - Manaus

61 — Duas — **Desejosa** do teu perdão, **enxugo** as lágrimas que te fiz derramar.

Bereco - **G.C.N.** - Recife

62 — Três — É **condição** exigida, a identidade do hóspede naquela estância.

Cysneirense - Muriaé

63 — Cinco — Não tolero pessoa **excessiva no luxo** e nem tão pouco indivíduo **prolixo**.

Cysneirense Júnior - Muriaé

64 — Cinco — Atitude **atrevida** teve o indivíduo **confiado**.

Cydar

65 — Três — Encontrei um **antigo canhão de ferro cujos projetis eram pedras** naquele velho forte **fundado sôbre rochas**.

Dr. Legnar - Urupes

66 — Três — Tôda **pessoa**



INSUFICIÊNCIA RENAL

Para uma boa saúde, é indispensável que tenhamos os rins em perfeito funcionamento. Quando isso não acontece, as impurezas e toxinas que deviam ser por êles eliminadas pela urina, permanecem no organismo, causando-nos sérias dores.

É por esse motivo que as Pílulas De Witt, altamente recomendáveis no tratamento dos rins, normalizando o seu funcionamento, facilitando, também, o trabalho do aparelho urinário, são de comprovada eficiência, nos distúrbios provenientes do mau funcionamento dos rins e irregularidades urinárias.

Pilulas DEWITT
Para os Rins e a Bexiga

muito alta e magra, quase sempre faz **má figura em público.**
Edur G. Monteiro - Cuiabá

67 — Seis — Só um **imprudente** namora mulher **volúvel.**
Ecebê - Maceió

68 — Duas — A mulher ficou com o **semblante** triste quando ouviu a narração daquela **história** comovente.
Farani - A.C.C.B. - Salvador

69 — Quatro — Com essa nova **experiência** você **tira tôda resistência do cavalo, fazendo-o fiel e manso.**
Fiote - Cuiabá

70 — Duas —
Há uma cantiga
Que diz em seu côro:
"Casamento é o **fim.**
De todo **namôro".**
Jàsbar (tem) - B. H. - M.G.

Ao caro confrade Jayreis

71 — Duas — Um **gole** de conhaque esquenta até a **garganta... da roldana.**
Manduca - A.C.C.B. Salvador

72 — Três — O jôgo não só **vicia** como avilta o homem e só lhe traz **prejuízo.**
Nomísio Nuno - Feira de San-[tana

73 — Quatro — Foram feitos um para o outro: êle **mandrião,** ela **velhaca.**
Oarcim - Rio

74 — Três — **Muito boa** a sua dissertação sôbre o crime **perfeito.**
Jovaniro - Rio

ENIGMAS

— 75 —
Nesses meus últimos instantes
meus olhos fecho com piedade,
com afeto sentido,
para que tudo o que era dantes
eu lembre ainda com saudade...
o rosto a ti **unido...**
Lisboa - Ordisi

— 76 —
Minha sogra tem a mania
De jogar sempre no bicho,
Seja de noite, ou de dia,
Satisfaz o seu capricho.
A um seu pedido danoso,
Jogar no gato ia eu,
E um tira **malicioso,**
Me seguiu e me prendeu.
Uedath - Fonseca, Niterói



JÚVENTUDE
ALEXANDRE


— 77 —
Estão as varas de "espera"
No ribeirão afamado;
Os peixes em debandada
Já pressentem o corsário.
Logo uma vara se agita;
Está cativo um dourado
Que se lança rio acima,
Corre e pula rio abaixo...
O **comensal** todo alegre,
Pescador de boa estréia,
Vai comer gostoso peixe
Em pantagruélica ceia.
Onde?
Roama - Guapiaçu

— 78 —
No princípio a luz brilhante
De um afeto verdadeiro.
Depois vem o mensageiro
De uma notícia chocante...

Eis que desaba o edifício
Que o sonhador levantara,
E então da ventura rara,
Não resta o menor **indício.**
Gil Vírio - Andradina

— 79 —
Uma só letra, magrinha,
Resolve o caso presente;
Meta a cara, vá à frente,
Procure ver se **adivinha.**
Bereco - Recife

CHARADAS NOVÍSSIMAS

80 — Três — uma — Geralmente o cabelo de um moço não **encanece,** todavia **onde** moro há o de um **que encaneceu.**
Cysneirense Júnior - Muriaé

81 — Duas — duas — **É puro** o **ser humano** que tem sentimentos de nobre **fidalgo.**
Dr. Legnar - Urupes

82 — Três — uma — **A traição** causa **nojo,** ainda mesmo que parta de um **desafeto.**
El Príncipe - Uberaba

83 — Uma — duas — **O pobre,** de gestos **simples,** fàcilmente se acostuma na **cadência** da vida.
Emidlej - ACCB - DSP - P. A.

84 — Uma duas — **Renda** não é vocábulo **desagradável** ao **ouvido** do **avaro.**
Gomes Júnior - Maceió

85 — Duas — duas — É difícil encontrar-se um homem valente que não goste de cachaça.

Heron Silpes - Canavieiras

86 — Duas — duas — É grave a **responsabilidade** dos políticos que estão a **corroer** a nação e **manchar** a democracia.

Florentino - João Pessoa

87 — Três — uma — É preferível topar uma **briga** do **que** enfrentar uma **onça pintada**.

Malba Tantan - P.S. Santos

88 — Três — uma — Sentes **repugnância sòmente** quando estás **aborrecido?**

Olin - P.S. Santos

89 — Duas — duas — O **benzedor, curandeiro** usa **arma ofensiva** quando faz **benzedura.**

R.A.C.H.A. - **Rio**..

90 — Uma — duas — **Logo** que passamos a **estaca** encontramos o **oásis**.

Seamva - Santos

91 — Uma — três — De **pessoa de má índole** e de porte **muito pequeno,** fuja dela como do **diabo**.

Santorum - Rio

92 — Duas — duas — Estorou tremendo **barulho** entre **pessoas importunas** que bebiam na **tasca**.

Tonnew - Rio

93 — Três — uma — Uma **deformidade física** quase sempre **provém** de **um** tratamento **defeituoso**.

Zigomar - **T.R.E.** - B. Horizonte

94 — Duas — uma — **Puni** o trabalhador com **disposição** para não **trabalhar.**

Pompeu Júnior - Botucatu




A sua vivacidade, a sua alegria permanente, tornaram-na a creatura mais adoravel do mundo. E ela diz sempre: - "Devo minha alegria contagiante á saúde perfeita e a saúde á Emulsão de Scott". Em minha casa todos fazem uso da Emulsão de Scott, do mais puro óleo de fígado de bacalhau, rica em vitaminas, cálcio e fósforo, o tônico ideal para crianças, moços e velhos


EMULSÃO DE SCOTT

TÔNICO DAS GERAÇÕES

CHARADA ANTIGA

— 95 —

Numa noite **tenebrosa,** — 2
A vovó, tôda **enrugada,** — 3
Leva a netinha medrosa
Bem segura, pela estrada.

J. D. Mingo - S. do Bonfim

CHARADAS SINCOPADAS

96 — Três (duas) — **Na cunha que se encrava no tôpo de um madeiro que se está serrando para facilitar a serragem** é que se **bate**.

Ordisi - Lisboa

97 — Três (duas) —
A educanda melindrosa
Sendo amante da ginástica
Rema, **salta, joga,** nada,
E cônscia de ser formosa,
Exibe a vetusta plástica
De elegância requintada.

Dr. Barreto Cardoso - G.C.N. - C.E.S. - Maceió

98 — Três (duas) — **Fazer travesseiros** continuadamente, vem **dar origem** a um resultado, talvez funesto.

Conde de la Fère - ACCB - Salvador

99 — Três (duas) — **Circunstância** deveras imperiosa impedem-na de dar o giro habitual.

Cysneirense - Muriaé

100 — Três (duas) — Com que **ligeireza** êle pegou aquela **pequena moeda Persa de cobre!**

El Príncipe - Uberaba



101 — Três (duas) — Em geral a mulher que gosta de luxo e vaidade, não cuida bem de seus afazeres domésticos.
Emidlej - ACCB - DSP - Pôrto Alegre

---

102 — Três (duas) — **A escuridão do pecado a muitos oprime.**
Gomes Júnior - Maceió

---

103 — Três (duas) — Não é sôbre o diabo que exponho minha teoria.
Heron Silpes - Canavieiras

---

104 — Três (duas) — Não quero **pedaço** de **nenhuma coisa!**
Jasbar - T.E.M. - Belo Horizonte

---

105 — Três (duas) — Ninguém **suporta** um **indivíduo importuno.**
Florentino - João Pessoa

---

106 — Três (duas) — Quem **engana** vive em temores.
KTQZ - S. Paulo

---

107 — Três (duas) — O **torcícolo** muito **aflige** a quem o tem.
Malba Tantan - P.S. - Santos

---

108 — Três (duas) — Logo que comprei a **araruta** por prêço exorbitante, um **fiscal** desfarçado que a tudo assistia, multou o vendeiro.
Ismenia - Recife

---

109 — Três (duas) — No **lugar onde** se **abrem sepulturas**, encontrei uma **espécie de lima de serradores.**
Nomísio Nuno - Feira de Santana

---

110 — Três (duas) — **Pequenas fábulas** pequenas **palavras.**
Uedath - Niterói

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

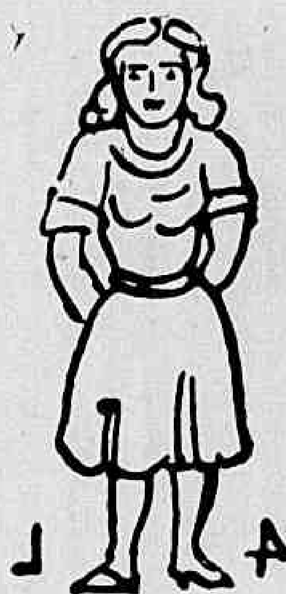
ENIGMA FIGURADO

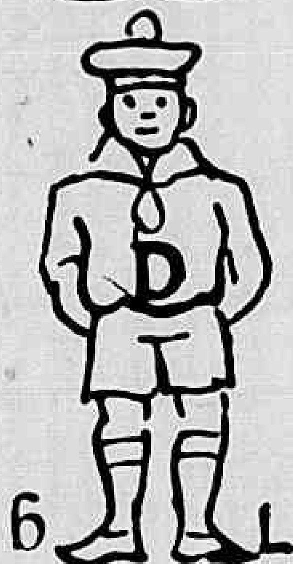
— 112 —

Aos confrades novatos como eu





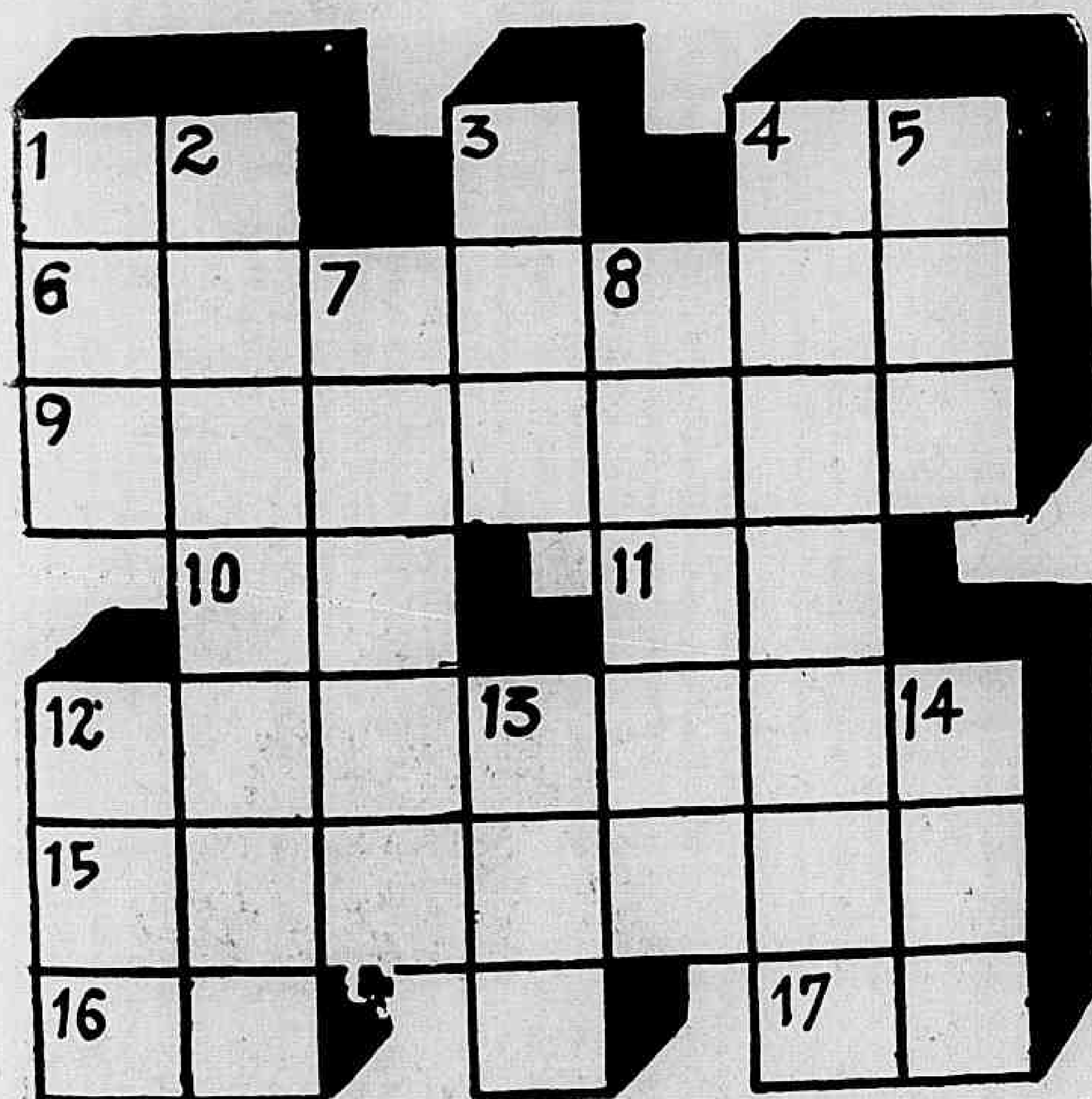




Paulistinha - Rio

Voz.

Problema n.º 3

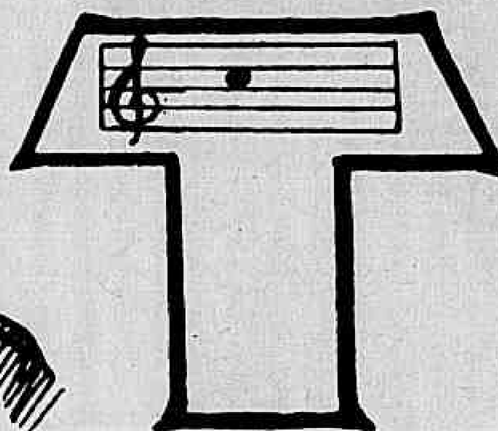


Radge - G.C.N. - Recife

ENIGMA PITORESCO

— 111 —







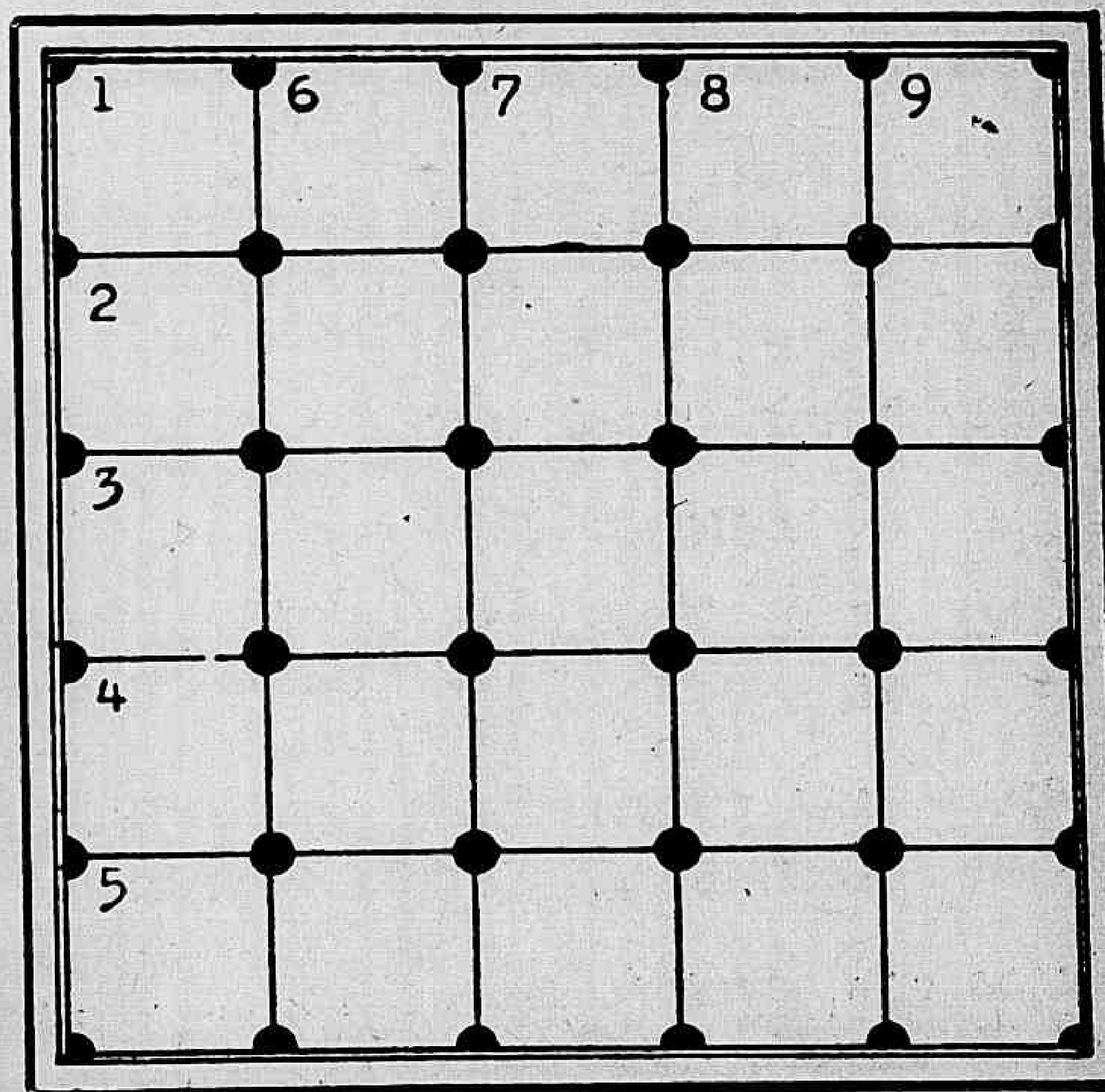
Don Ruy

Horizontais — 1 Tumor; 3 — Primeiro; 4 — Pref. ausência; 6 — Hospedado; 9 — Labrega; 10 — Zomba; 11 — Simb. do Célcio; 12 — 8.º Rei de Juda (Simões); 15 — Manchado; 16 — Modo; 17 — Rio da Sibéria.

Verticais — 1 Apenas; 2 — Assustar; 3 — Narciso amarelo da França (Simões); 4 — Tornado ditoso; 5 — Afetuosa; 7 — Misturar com ópio; 8 — Mágoa; 12 — Governanta; 13 — Não; 14 —

Problema n.º 4

Ao cruzadista Bereco



Zigomar - T.E.M. - Belo Horizonte

Horizontais — 1 — Aveia; 2 — Vaso grego em forma de chifre ou de cabeça de animal; 3 — Cava e joeira a areia das ostreiras para recolher pérolas ou o aljôfar; 4 — Dirigi; 5 — Separa.

Verticais — 1 — Nome que no Amazonas dão ao Canidé; 6 — Agente transmissor de doença; 7 — Origem filológica; 8 — Planta da família das cactáceas; 9 — Nome próprio feminino.

NÃO

Não deixe de mandar colaboração.

Não escreva colaboração ou recados nas listas de soluções; Não mande listas de soluções escritas nas páginas da revista;

Não mande palavras invertidas, nem c por ç nos problemas de palavras cruzadas;

Não mande lista depois do prazo;

Não deixe de assinar cada trabalho que deve também trazer seu pseudônimo e explicação de truques;

Não mande colaboração que não seja verificável nos dicionários adotados;

Não mande logogrifo em prosa e sim em versos originais;

Não mande verbo por substantivo e vice-versa;

Não esqueça de mandar um desenho com as soluções de seu



COM ÊLE EM CASA É MUITO FÁCIL GANHAR

Cr$ 1.000,00...

RESULTADO DA «VISITA-SURPRÊSA»

DOMINGO NO "O RADICAL"

SEGUNDA-FEIRA NO "CORREIO DA NOITE" e "O MUNDO"

O MELHOR PARA OS MÓVEIS

VENDAS PARA O INTERIOR DO PAIS

PEDIDOS AOS REVENDEDORES: Telefones: 32-9309 e 32-9415 Av. Rio Branco, 137 - sala 616 RIO

problema de palavras cruzadas, ambos podem vir mesmo a lápis.

Não deixe de comunicar a mudança de seu endêreço.

Não deixe de obedecer a estas regras.

ALMANAQUE DO CÍRCULO ENIGMÍSTICO CARIOCA

Apareceu pela primeira vez o "Almanaque do Círculo Enigmístico Carioca".

Sob a direção de **Atenas**, é um vasto repositório de bons trabalhos assinados por "astros" do charadismo — São 180 páginas de bom papel e bem impressas.

O endêreço do Círculo é rua da Quitanda, 47 - 4.º andar — sala 11.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos as seguintes:

Jornalzinho do Charadista, órgão de divulgação da praxiterapia especializada — Colônia Juliano Moreira; **Revista de Palavras Cruzadas**, desta capital; **Cruzadismo e Charadismo**, órgão do Círculo Enigmístico Carioca; **Norte Charadista**, de Recife; **O Charadista**, da Tertúlia Edipica de Lisboa; **Edipismo e Palavras Cruzadas**, de Estremoz, Portugal; **O Enigmista**, revista literocharadístico, de São Paulo; **Artigas**, órgão do Centro Enigmístico do Uruguai, de Montevidéu; **Seleções Recreativas**, sob a direção de Sílvio Alves; **Almanaque do Círculo Enigmístico Carioca** e outras.

Daremos com muito prazer quaisquer informações sôbre estas publicações.

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 3 de outubro.

Antomar (João Pessoa) — Inscrito com muito prazer, gratos pela colaboração enviada. O endêreço da Tertúlia Edepica de Lisboa, é Caixa Postal 386.

R. Kurban (S. Paulo) — Agradecidos.

Gil Vírio (Andradina) — Recebemos sua carta de 21 de setembro; em nome de todos nós, muito obrigado.

José Coelho Vieira (Maceió) — Estamos esperando.

Roama (Guapiaçu - São Paulo) — O seu prêmio foi devolvido com a nota do correio de que mudou-se dessa localidade, mande o seu novo endêreço.

Janota (Santos) — A turma cá de casa já nota a sua ausência.

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Maranguape, 15 e endereçada ao diretor desta seção.

DR. LAVRUD

B É L - H O R M O N

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......

NOME..........

RUA.......... Nº. ....

CIDADE..........

ESTADO..........

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

COMO É FÁCIL SABER TUDO

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS

PEQUENA ENCICLOPÉDIA POPULAR

BIOGRAFIA DE TODOS OS SANTOS E PERSONALIDADES HISTÓRICAS E LEGENDÁRIAS

PEHAR, deus tibetano, inspirador dos astrólogos divinos, chamados tcheitchens ou defensores da lei.

PEIROL, trovador provençal, nascido no burgo de Peirol, próximo de Clermont-Ferrand, em meados do século XII. Foi, a princípio, protegido por Roberto I, delfim de Auvergne e, depois, ao regressar de longas viagens, passou para a côrte dos marqueses de Montferrat. Compôs numerosas canções românticas e duas notáveis **sirventes**. Numa faz fervoroso apêlo a seus compatriotas em favor das Cruzadas (1189) e, na segunda, deplora a retomada de Demietto pelos Serracenos (1221).

PE-JIN-FU, autor dramático chinês, do século XIII. Compôs quinze peças de teatro. A Queda das Fôlhas de U-Thong, seu melhor drama, tem como tema a revolta do Tártaro Ngan-Luchan, contra o imperador Hiuen-Tsong.

PEKAKHIAH, rei de Israel, sucedeu a seu pai, Menakhem, em 737, e foi assassinado no ano seguinte por um de seus generais, chamado Pekhakh.

PEKHAKH, filho de Remalich, general israelita do século VIII, antes de nossa era. Assassinou Pekakhiah, filho e sucessor de Menakhen e proclamou-se rei de Israel (736). Reconheceu-se vassalo de Rezon II, rei de Damasco e ambos reunidos atacaram Achaz, rei de Judá. Êste chamou em seu socorro o rei da Assíria, Tiglatphalazar II, que tomou de Pekhakh as cidades de Galaad e da Galiléia, assim como as terras da tribo Nephtali, transportando tôda a sua população para a Assíria (734). Pekhakh conservou o país de Semaria, que governou sob a soberania do vencedor. Foi assassinado em 729 e substituído por Heshia.

PELÁGIO I, papa (555-560), arquidiácono de Roma, associou-se a tôdas as resistências como a tôdas as submissões do papa Vigílio às ordens de Justiniano. Êste o elegeu, após a morte de Vigílio. Amigo do patrício Narsos, dedicou-se, com êle, a destruir os chismáticos, na Itália. Manteve relações com Quildeberto, rei da França. Nomeou o bispo de Arles seu vigário na Gália.

PELÁGIO II, papa (578-590), nascido em Roma em 520. Romano de nascimento, embora fôsse, segundo uns cronistas, de origem gótica, foi eleito quando Roma se encontrava sitiada pelos Lombardos contra os quais cuidou de suscitar adversários. Com o imperador Maurício foi êle o artífice da expedição de Quildaberto contra êles, tentou (inùtilmente) reunir os bispos da Itália, que persistiam na cisma aos dos três capítulos, e protestou contra o título do patriarca eucumênico, tomado pelo patriarca de Constantinopla.

PELÁGIO, autor da heresia contra a graça, que se intitula, por isso mesmo, pelagianismo; nascido na Grã-Bretanha (ou, talvez, na Irlanda) em 360, morto na Palestina, em 430. Acreditam certos cronistas que se chamava Morgan, palavra que em céltico significa «marítimo» e que êle trocou pelo de Pelágios, Pelágio, que, em grego tem o mesmo sentido. Levava uma vida ascética, sem ter recebido as ordens. Após visitar as igrejas do Oriente, permaneceu em Roma, de 401 a 410, onde expôs suas opiniões pessoais sôbre a graça, que se opunha à doutrina de Sto. Agostinho. Com êste teve uma entrevista na África (411) e dali se dirigiu para Jerusalém, enquanto que seu discípulo, Celestius, dava grande publicidade à doutrina de seu mestre, atraindo sôbre êle os rigores da Igreja. Pelágio terminou seus dias na Palesitna, depois de haver sido, em 424, expulso de Jerusalém pelo bispo Prayle. Compôs, em latim, um Tratado sôbre a Divindade, uma Coletânea de Textos da Escritura, intitulada Livro das Testemunhas, uma Exposição das Epístolas de S. Paulo e uma Carta a Demedríade.

PELÁGIO (em espanhol Pelaye) primeiro rei das Astúrias, morto em 737. Sob o reinado do último rei visígodo, Roderico, a Espanha fôra conquistada pelos árabes (711-715). Grande número de nobres e de bispos godos se refugiaram nas Astúrias e escolheram rei D. Pelaye, talvez descendente dos antigos reis godos, talvez de raça hispano-romana (os árabes o chamavam Belai-El-Reumi). Pelágio permaneceu nas montanhas chamadas Picos da Europa. Sob o govêrno pacificador do emir Abd-al-Aziz, dirigiu-se a Cordoba, para tratar com os conquistadores, mas a Abd-al-Aziz, sucedeu o belicoso El-Hherr-Ben-Abd-el-Rehman, e a guerra recomeçou. Pelágio derrotou na jornada que ficou lendária de Cueva de Santa Maria de Covadonga ao emir Alkhamah. Assim a dinastia visigoda ressuscitou no pequenino reino asturiano. Pelágio morreu em 737 e teve como sucessor seu filho Favila. Em 1901, rica basílica foi inaugurada em Covadonga, em memória da vitória de Pelágio.

PELÁGIA (Santa), ilustre penitente, nascida em Antióquia em 430, morta nos arredores de Jerusalém, em 457. Exercia em Antióquia a profissão de artista cômica, quando um sermão de Nennus, bispo de Edessa, a converteu (453). Depois de vender todos os seus bens e de receber o batismo, retirou-se para os arredores de Jerusalém, sôbre o monte das Oliveiras, onde construiu uma célula e onde se penitenciou até o fim dos seus dias. Festejada em 8 de outubro.

PELÁGIA (Santa), mártir em Tarsa, durante a perseguição de Deocleciano. Festejada em 4 de maio.

PELÁGIA (Santa), mártir em Antióquia, em 304, com a idade de quinze anos. S. João Crisóstomo pregou duas vêzes seu panegírico em Antióquia e uma basílica lhe foi dedicada em Constantinopla. Festejada em 9 de junho.

PELASGOS (Mit.) — Herói apenino da raça dos Pelasgos. Admite-se a existência de várias personagens dêsse nome. O mais conhecido era um rei da Arcádia, antepassado dos Licaônidas, civilizador do seu povo.

PELEU (Mit.) — Rei lendário de Iolkos, filho de Eaque, rei de Egina e da ninfa Endeia, filha de Chiron. Com seu irmão Relamon, matou outro irmão, Phokos, foi expulso de Egina, refugiando-se em Phtia, junto do rei Euritien, cuja filha, Antígona, desposou. Numa caçada ao javali de Calidon, matou involuntàriamente seu cunhado, refugiando-se em Iolkos, junto do rei Acasto, que o purificou. A espôsa dêste rei se apaixonou por Peleu e, sendo recusada, acusou — e perante o marido — de haver tentado seduzi-la. Acasto ordenou que Peleu fôsse exposto, amarrado no monte Pelion. Peleu pôde fugir e, ajudado por Jasão e Dioscuros, apoderou-se de Iolkos, matou Astidamia e Acasto, tornando-se rei da cidade. Tendo Antígona morrido do desespêro, Peleu casou com a nereida Thetis, na gruta de Chiron, sendo presenteada pelos deuses. Peres Eris (a Discórdia), que esqueceram de convidar, ali surgiu inesperadamente, lançando a famosa maçã de ouro, com a inscrição: À mais bela! que indiretamente causaria a guerra de Tróia. De sua união com Peleu, Thetis teve um filho: Achiles. Não tardou a deixar o marido, reunindo-se a suas irmãs, Nereidas. Peleu teve velhice miserável, sendo destronado durante a guerra de Tróia.

ADÃO

(*Continuação da página* 53)

— O mesmo desejo — disse Sousa. — Que tenha saúde e que chegue a pesar tanto quanto eu! Pelo menos impõe respeito...

— Peter era o nome de um famoso cirurgião — explicou Heinz — ... tio do garôto. Já é morto. Karl era como se chamava meu pai.

— Pois salve Pete K. Netman! — disse Sousa, com uma curvatura.

— Pete! — disse simplesmente o *barman*, esvaziando seu cálice.

— E também bebo à saúde da sua filhinha... a que acaba de nascer — disse Heinz.

Sousa concordou, sorrindo:

— Aqui vai um gole para ela... Deus que a abençoe!

— E agora proponho um outro *drink*, pela vitória no nosso clube, ontem! Vamos! Todos a um só tempo. Hip, Hip, Hurrah!

Heinz, sem bem entender, imitou os outros dois, batendo os calcanhares à alemã e erguendo bem alto o braço que sustentava o cálice. Estava disposto a tudo. Até a beber à saúde da raça humana, à qual pertenciam os Knechtmanns.

— Aqui vai pelos "Gigantes"! — anunciou Sousa.

— Pelos "Gigantes"! — confirmou o *barman*.

E, voltando-se para Heinz, convidou:

— Beba, homem! Não me diga que não torce pelos "Gigantes"!

— Não... — confessou Heinz, desapontado. — Não entendo de *base-ball*. Lamento...

Porém, os dois outros homens não pareciam mais pensar nêle.

— Agora mesmo, nem posso pensar em esportes. Todo o tempo de folga será para o garôto... — tentou explicar, ainda.

O *barman*, agora, falava quase de costas para Heinz, todo interessado em conversar com Sousa.

— Você leu? Tiraram Fain do time e escalaram Pierce. Isso obriga Minoso a deslocar-se para a esquerda. Não sei se foi boa tática... Que diz?

— Não sei... Às vêzes, essas coisas dão bom resultado...

— Quem êles deviam afastar do primeiro time... é o Brown! Não vou com a maneira dêle correr!

Heinz estava só, novamente, com dez metros de balcão vazio, entre êle e os dois homens... Uma distância equivalente a um continente, tanto se haviam esquecido dêle.

Acabou de beber sem prazer e saiu sem ruído.

Na estação do *subway*, onde aguardaria o trem que o levaria à casa, na Zona Sul, o ar alegre de Heinz reapareceu ao avistar um companheiro de trabalho passeando vagarosamente com a namorada, uma garôta que parecia anã ao lado dêle, que quase chegava aos dois metros de altura. Estavam conversando e rindo, caminhando bem agarradinhos.

— Harry! — gritou Heinz, correndo ao encontro do colega. — Imagina, Harry... Imagina o que acaba de acontecer...

Harry, espadaúdo, de rosto quase quadrado e nariz curto, olhou para baixo, para Heinz, sem esconder sua surprêsa.

— Oh! Olá, Heinz? Que aconteceu, homem?

A garôta, a seu lado, abria a bôca, perplexa, tentando descobrir de onde saíra aquêle homenzinho, que os obrigava a parar em hora estranha e de maneira estranha. Heinz percebeu a surprêsa quase escandalizada da moça e tratou logo de explicar, com os olhos brilhantes de entusiasmo:

— Um bebê, Harry! Minha espôsa acaba de ter um filho!

— Oh! — exclamou Harry. (Ofereceu a mão enorme e calosa.) — Minhas felicitações. (A mão estava inerte.) Espero que tudo tenha corrido bem, Heinz; perfeitamente bem! (Retirou a mão que estendera para Heinz e cruzou-as à frente do próprio corpo, esperando que o outro dissesse mais alguma coisa.)

— Sim, sim... Tudo bem, graças a Deus — disse Heinz. — Foi há umas duas horas... Quatro quilos e cem gramas! Oh! Nunca me senti tão feliz em tôda a minha vida, Harry!

— Oh! Compreendo isso, Heinz. Você deve estar muito feliz, sim.

— Naturalmente! — falou a mocinha.

Houve um longo silêncio, com os três olhando-se e dobrando ora uma perna ora outra.

— Foi uma boa notícia — disse Harry, quebrando o silêncio.

— Foi, realmente — declarou Heinz, baixando a cabeça. Depois levantou-a para explicar: — Bem... Era isso o que eu queria dizer a você.

— Obrigado... Tive muito prazer em saber — disse Harry.

Houve novo silêncio, desagradável.

— Amanhã tornaremos a falar, na lavanderia — disse Heinz, recuando, um tanto desajeitado, para o banco em que antes se instalara, mas com as faces e o pescoço vermelhos, sentindo que agira como um tolo.

Ouviu a companheira de Harry dizer qualquer coisa para o companheiro e em seguida rir francamente.

De volta a casa, ao seu pequeno apartamento, verificou que era muito tarde. Mais de três horas da madrugada. Estava fatigado, mas começou a falar para si mesmo, para a pia do banheiro e para a cama. Falava em alemão, uma língua

que havia jurado nunca mais tornar a falar.

— Êles nem ligam importância... Estão todos muito ocupados; muito mesmo. E nasceu uma criança! — exclamou em tom quase raivoso. — Mas que significa isso? Quem seria tão estúpido para estar falando sôbre isso? Para pensar que há alguma coisa de importante ou de interessante nisso?

Abriu a janela; estava uma noite de verão e êle esticou o olhar sôbre aquêle mundo de telhados feios, de encanamentos e caixas dágua, tudo acinzentado pelo luar.

— Somos muitos, neste mundo... e todos vivemos à parte, muito afastados — murmurou Heinz. — Que tenha nascido outro Knechtmann, ou O'Leary ou Sousa... Quem se preocupa com isso? E por que alguém se preocuparia? Que diferença faz? Nenhuma, por certo!

Estirou-se sôbre a cama que esquecera de fazer, aquela manhã e, com uma crescente amargura a lhe secar a garganta, finalmente, adormeceu.

DESPERTOU às seis, como sempre. **Tomou uma xícara de café e com um enraizado senso de anonimato, empurrou e foi empurrado no trem que o reconduziu à cidade. Em seu rosto não havia emoção. Era um rosto igual aos demais, parecendo incapaz de se surpreender ou maravilhar, de sentir alegria ou temor, ou ódio.**

Caminhou boa porção da cidade, até ao Hospital, com a mesma indiferença, com o mesmo ar cinzento e neutro e desinteressado de qualquer cidadão: como uma parte da cidade.

Na Maternidade tinha o mesmo ar pausado e calmo dos médicos e das enfermeiras, pelos quais cruzou. Quando, finalmente, foi conduzido à sala das parturientes, onde Avchen dormia entre paredes de lençóis, caídos do teto, sentiu apenas o que sempre sentia em sua presença: amor e imensa gratidão.

AVCHEN... (Tocou-a, de leve, num ombro.) Avchen. Você está bem, Avchen?

— Mmmmmm? — murmurou Avchen. (Seus olhos se entreabriram ligeiramente.) Heinz! Oh, Heinz!

— Querida, você está bem?

— Sim, sim... — cochichou Avchen. — Estou bem. E o bebê, Heinz?

— Perfeito. Perfeito, Avchen.

— Êles não puderam nos matar, não é mesmo, Heinz?

— Não puderam.

— E aqui estamos vivos... e com um filho!

— Sim.

— Nosso filho, Heinz... (Abriu totalmente os seus olhos escuros e profundos.) É a coisa mais maravilhosa que já aconteceu, não é mesmo?

— Sim — respondeu Heinz. — Sôbre isso não pode haver dúvida. Absolutamente nenhuma! E os Knechtmann continuarão!

— Continuarão, sim... E por tudo isso pode beijar-me... *Adão.*



MIL PALAVRAS DIÁRIAS

ARNOLD Bennett, o popular escritor inglês, morto há cêrca de um ano, costumava dizer: — Escrevo, como poderia cozinhar, fabricar remédios ou trabalhar como operário.

De fato, Arnold Bennett se impusera a obrigação de escrever por dia um certo número de palavras — **mil, no mínimo**. E durante quarenta e cinco anos tratou de não falhar a essa média. Em 1907, anunciou que havia escrito um romance de 200.000 palavras.

Em 30 de agôsto de 1908 anotou em seu diário: — «Terminei uma nova obra às 11 e 30 da manhã. São 200.000 palavras.»

Ao término do seu último ano de vida, escreveu no mesmo diário: «Total de palavras, em todo o ano findo: 353.250. Não posso queixar-me.»

Com essa sua avalanche de palavras, Bennett conseguiu juntar uma grande fortuna e conquistou a estima de ilustres contemporâneos como H. G. Wells, Joseph Conrad, Somerset Maugham e Bernard Shaw.





— Aprendi êste "toque" ontem. É para a alvorada.

EU SEI TUDO

Nº 450 — Ano XXXVIII Nº 6 — Novembro — 1954

S U M Á R I O

Aventura à Meia-Noite 7
Divórcios à americana 11
Para a noiva do «Gangster» 12
A Maior de Tôdas as Explosões 13
Conselhos de uma quitureira 18
Reservado 18
Por que não fazem? 19
São coisas da vida 19
Estômago? Intestino? O que significam as dores «de ventre» 20
Para os trabalhadores e para os preguiçosos também 22
Os mitos escolásticos e a realidade: Pode o Artista Capturar o Espetáculo da Vida? 23
Aprendam a trabalhar 29
Os virus, invisíveis inimigos (Vitalidade extraordinária, uma nova técnica) 30
O Berço Real 36
A mulher é mais fiel que o homem? — Respondem os médicos 38
A fôrça de um juramento (Romance, continuação) 39
Adão (conto) 47
Preparem um bonito Natal 54
Negócios da Broadway (conto) 55
A «Boa Resposta» do mês 57
O Barco de Cheops e a Maldição de Tut 58
Explicação difícil 59
A Europa mudará de clima 60
Nomes curiosos 63
Se eu fôr eleito 64
Ôlho por ôlho 64
A Pista Diabólica 65
O mistério das Galapagos 71
Trabalho de um só dia 71
Anúncio 71
Estampas norte-americanas: O «Cara e Coroa» (de espinhos) do Menino Norte-americano 73
E o Marciano venceu 76
Vai faltar água na Terra? 77
Admirável mistura de raça 77
Vida Difícil 78
Quem sofre de enxaqueca? 78
Podem os astrólogos prever a própria morte? 79
Êste mundo louco 86
Sim. Em têrmos amáveis! 86
Um bigodinho que rende 86
O Diário de Felix Lane (Romance, continuação) 87
Um fator inadvertido no maravilhoso mecanismo ótico: Nossos olhos em 3-D 95
Nos Domínios da Gramática 100
Memento Eu Sei Tudo. Setembro de 1954 101
15.00 metros de altitude... 3.500 quilômetros à hora... E o foguete raciocina 107
Quebra-Cabeças — Charadas 109
Como é fácil saber tudo: Dicionário de Nomes Próprios.. 115
Mil palavras diárias 117

CORRESPONDÊNCIA

ODILON MAIA (São Paulo). O assunto não cabe nesta revista. Aliás as ilustrações anunciadas não foram recebidas nesta redação. Gratos.

★

APARÍCIO DAS CHAGAS BERTOK (R.G. do Norte). — Foi publicado integralmente. Não existe em livro. Não temos coleção completa. Se quiser esclarecer os números que faltam em sua coleção, talvez seja possível resolver o seu problema.

★

GRACITA FONTES (D. Federal) — Ainda uns nove meses. Não há nas livrarias, pelo menos em português. Gratos.

★

SÉRGIO MAURÍCIO SAMMARTINO CARREGAL (D. Federal). — Desconhecemos endurêço mais detalhado, afora o local em que reside, apontado no artigo. não seria para o amigo mais fácil dirigir-se à sede da ordem, em Paris? Lamentamos não poder informar melhor.

CAPA

Apesar do tempo, no Distrito Federal, estar cada vez mais incerto, com as estações saltando umas para dentro de outras, a verdade é que vai começar a chamada temporada de praia. Por isso a nossa alegoria está muito a propósito, com esta cena do garôto que foge da barraca para ir brincar ao sol...